

O PRÓXIMO  
MINUTO

ROBSON  
PINHEIRO

PELO ESPÍRITO ÂNGELO INÁCIO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



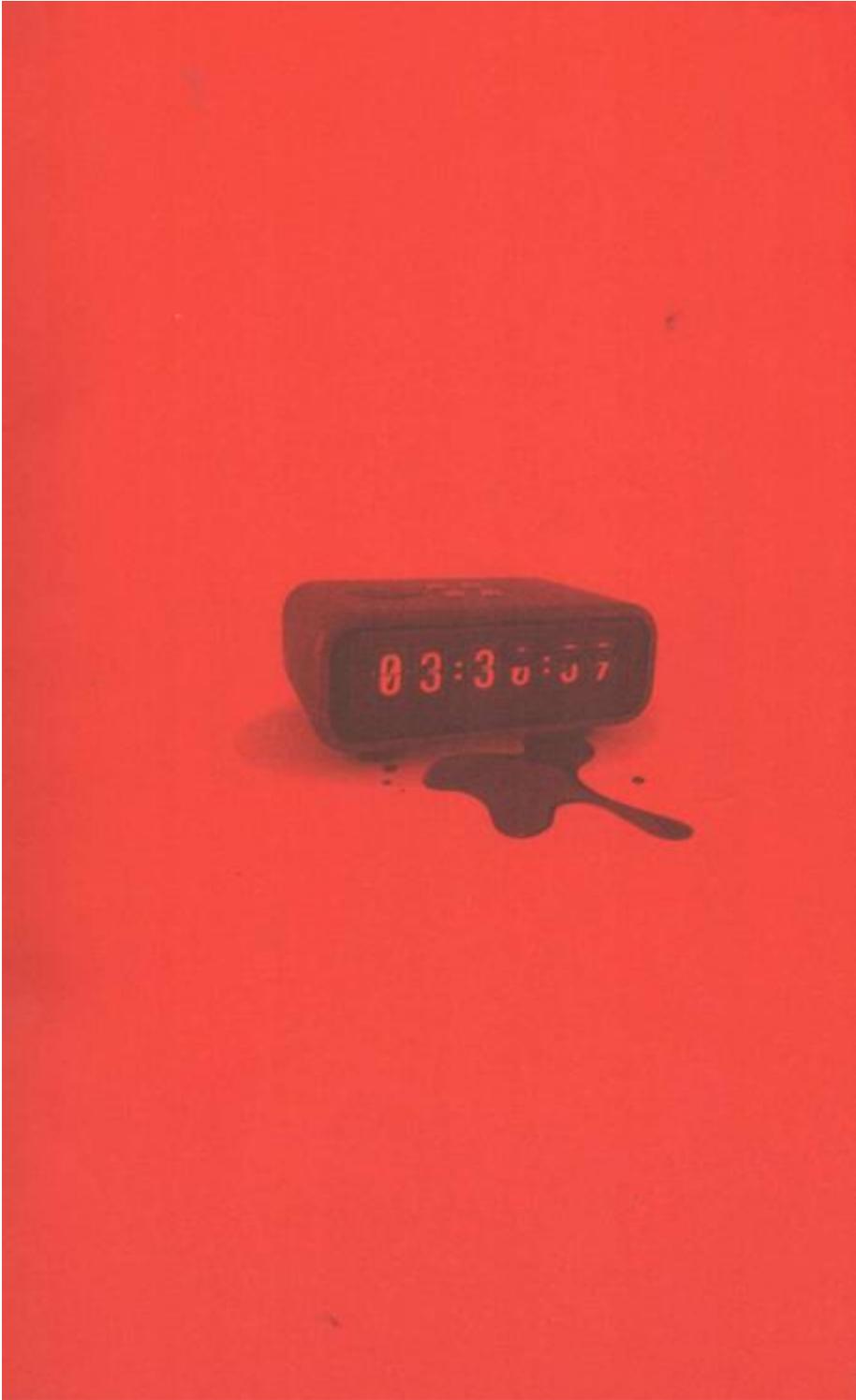
O PRÓXIMO  
MINUTO

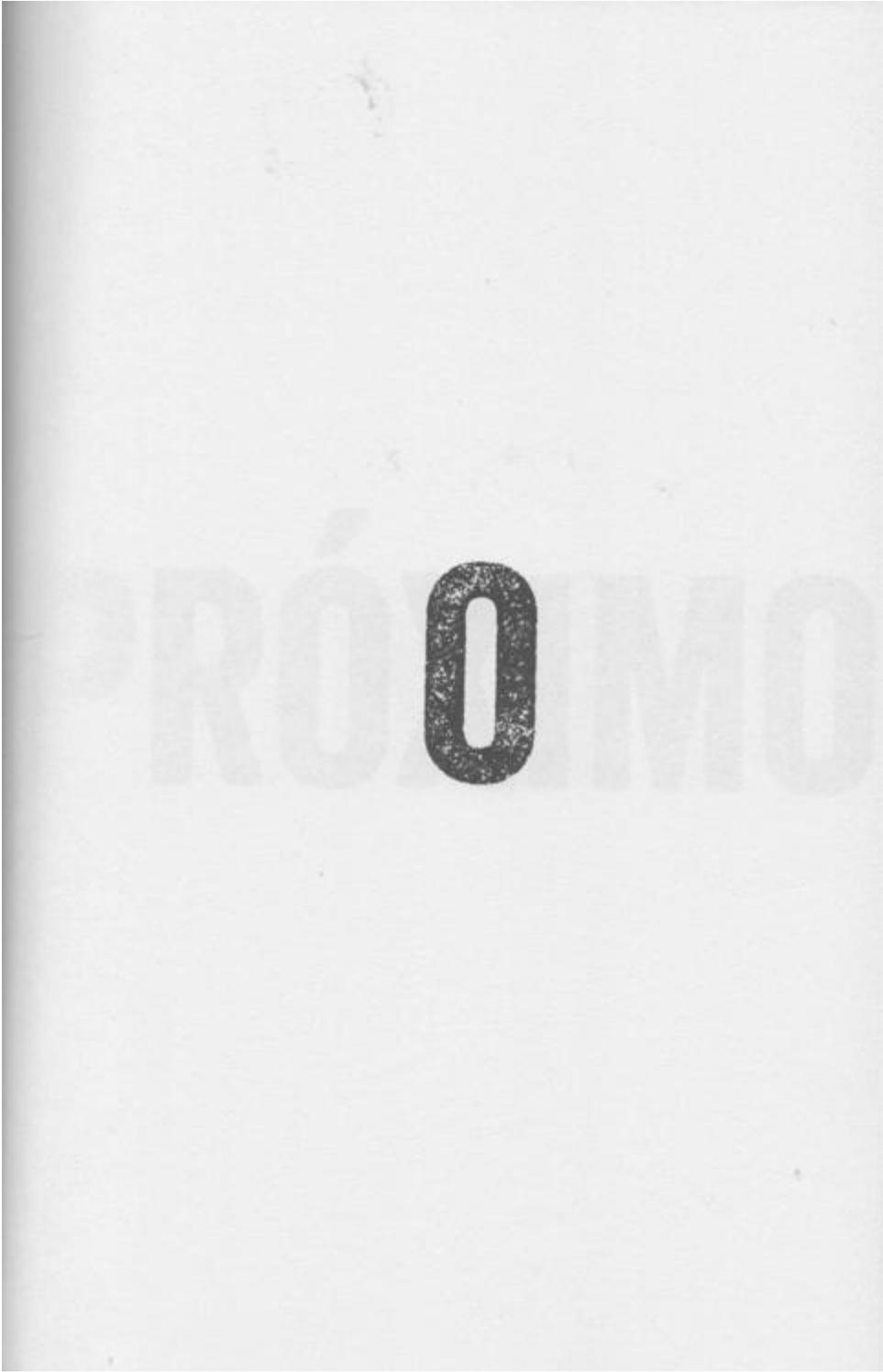
ROBSON  
PINHEIRO

PELO ESPÍRITO ÂNGELO INÁCIO



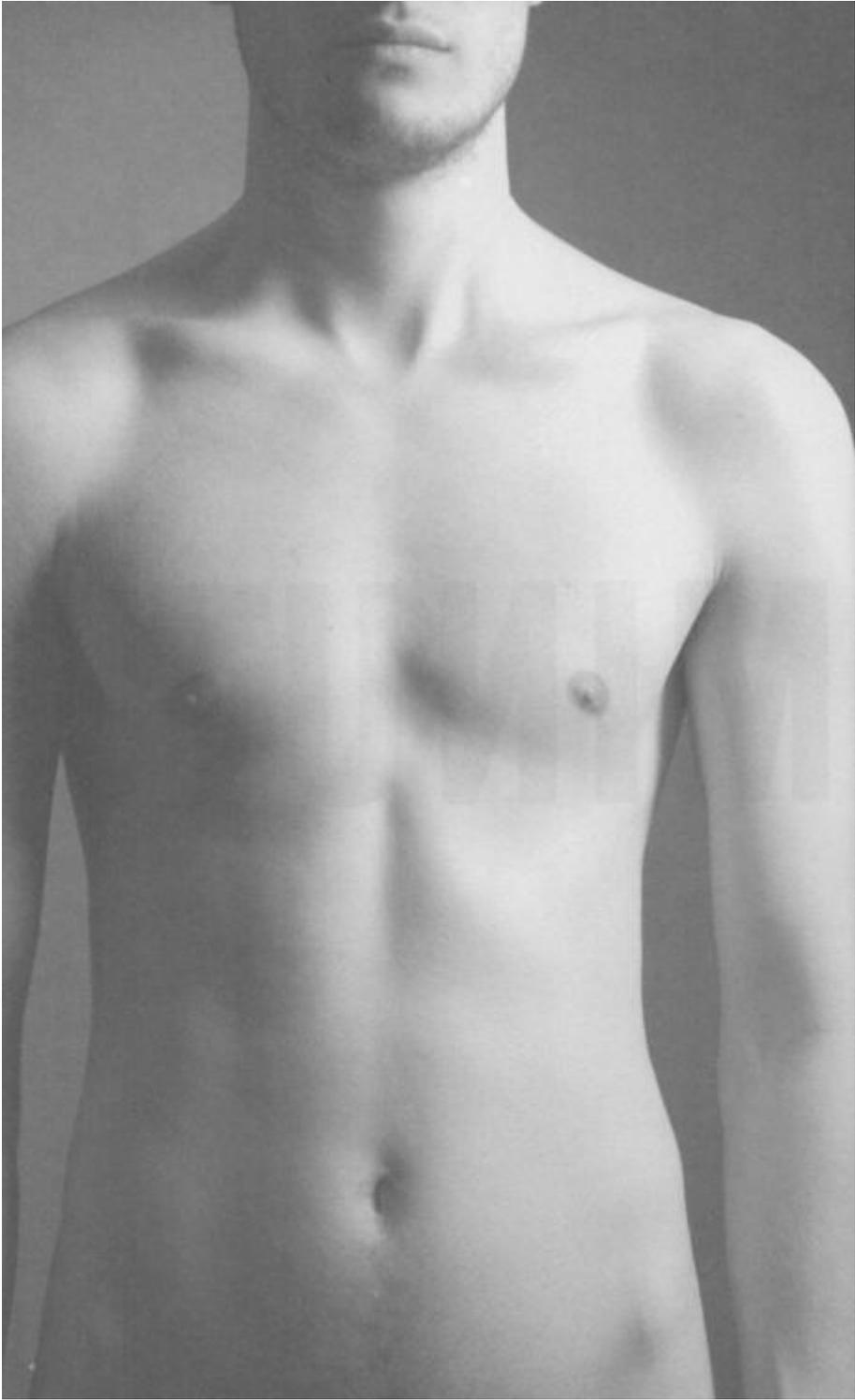
O PRECONCEITO e o medo  
do diferente e da diversidade  
desapropriam o ser da dignidade,  
matam a vida que floresce sensível  
e plural. Os personagens deste livro,  
reais, sofrem ultrajes  
e revelam sua alma ao leitor.  
Tiram suas máscaras,  
despem-se do pudor religioso  
e fundamentalista e se desnudam  
num clamor contra o preconceito  
e a discriminação.  
Eis o próximo minuto de uma  
história diferente, sensível,  
que propõe verdadeira  
inclusão espiritual.





**PRÓXIMO**

**MINUTO**





---

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance espírita : Espiritismo 133.9

Inácio, Ângelo (Espírito).

O próximo minuto / pelo espírito Ângelo Inácio ;  
[psicografado por] Robson Pinheiro. – Contagem, MG :  
Casa dos Espíritos Editora, 2012.

ISBN 978-85-99818-24-4

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance  
espírita I. Pinheiro, Robson. II. Título.

12-13854

CDD-133.9

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)



FOTO DO AUTOR

Douglas Moreira

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

EGB

1ª edição | novembro de 2012 | 10.000 exemplares  
2ª reimpressão | novembro de 2012 | 5.000 exemplares

*Copyright* © 2012 Casa dos Espíritos

**CASA DOS ESPÍRITOS EDITORA**

Rua Floriano Peixoto, 438

Contagem | MG | 32140-580 | Brasil

Tel./Fax: +55 (31) 3304-8300

editora@casadosespiritos.com

www.casadosespiritos.com

**EDIÇÃO, PREPARAÇÃO E NOTAS**

Leonardo Möller

**CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO**

Andrei Polessi | Audaz

**REVISÃO**

Laura Martins

**O PRÓXIMO  
MINUTO  
ROBSON  
PINHEIRO  
PELO ESPÍRITO ÂNGELO INÁCIO**



**casadosespíritos**

**Os direitos autorais desta obra Foram cedidos gratuitamente pelo médium Robson Pi-**

**nheiro à Casa dos Espíritos Editora, que é parceira da Sociedade Espírita Everilda Batista,**

**instituição de ação social e promoção humana, sem fins Lucrativos.**

**C o m p r e e m v e z d e c o p i a r . C a d a r e a l q u e v o c ê d á por um livro espírita viabiliza as obras**

**sociais e a divulgação da doutrina, às quais são destinados os direitos autorais: possibilita**

**mais qualidade na publicação de outras obras sobre o assunto; e paga aos livreiros por es-**

**tocar e levar até você livros para seu crescimento cultural e espiritual. Além disso, contribui**

**para a geração de empregos, impostos e. consequentemente, bem-estar social. Por outro**

**lado. cada real que você dá pela fotocópia ou cópia eletrônica não autorizada de um livro**

**financia um crime e ajuda a matar a produção intelectual.**

**Nesta obra respeitou-se o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (IQQO). ratificado em 2008.**

Um deus grego vindo de Nova Iorque, 20

**2**

Um dia qualquer, 3h31 da madrugada, 48

**3**

Entremeios, 88

**4**

3h32 da madrugada da vida, 116

**5**

Na dimensão mental, 154

**6**

Que é preciso para ser homem?, 188

**7**

Enfrentando os traumas, 222

## SUMÁRIO

### **O PRÓXIMO MINUTO**

*pelo espírito* **ÂNGELO INÁCIO**, 17

## 8

Sombras, paisagense imagens soturnas, 246

9

Saindo do armário, do maia, da ilusão, 284

# 10

Despertamento, 304

11

**O** filho pródigo, 332

12

**O** despertar de duas vidas, 374 XIV

13

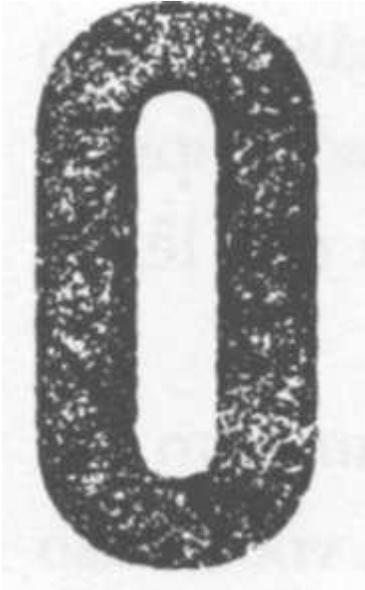
Renascido para amar, 398

14

3h33 da madrugada, 4:34

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 473**





## **O P R Ó X I M O M I N U T O**

*pelo espírito* **ÂNGELO INÁCIO**

**PRÓXIMO MINUTO** de sua vida pode ser o resto de sua vida. Um minuto apenas e muita coisa pode mudar no mundo; muitas decisões tomadas e muitos fenômenos ocorrem no plane-

***já***

ta e apenas 60 segundos. E apenas um minuto, mas esse tempo pode ser longo se você estiver atrasado para pegar um avião, ônibus ou trem. É muito importante e delicado,

caso você operca. Em um minuto, muitos problemas podem ser evitados, e muitos desastres, minimizados.

Para o espírito, para o homem que enfrenta o desafio da morte, o próximo minuto pode representar a salvação, pode significar a total transformação de sua vida, seus conceitos e sua visão do mundo. Trata-se apenas de um minuto, mas a eternidade é feita de minutos e segundos. Cada um deles pode ser marcante para o resto de sua vida, de cada vida no mundo.

O tempo não espera ninguém, mas a percepção do tempo depende, em muito, da necessidade ou da eventual urgência que você tem, bem como da importância que você atribua

## XVIII

cada um dos fatos que constituem sua vida.

Em um minuto, mais de 12 bilhões de litros de água são despejados no oceano apenas pelo

Rio Amazonas. Num único minuto, a atmosfera descarrega cerca de 7 mil relâmpagos sobre o planeta. Milhões de litros de água descem pelas Cataratas do Iguaçu neste minuto em que lê esta página.

Mas o que pode representar um minuto em sua vida? Como seria um minuto para você, caso estivesse no último momento de sua existência? Como você encararia um minuto, caso pudesse evitar a morte de uma pessoa - a sua, por exemplo - ou a de sua mãe, de seu filho; de alguém a quem ama, afinal?

Qual o valor de um minuto?

Em um minuto, pode-se modificar para sempre a rota de uma vida e definir-se o futuro de um ou de muitos; e o destino do mundo, quem sabe, em um minuto poderia ser decidido, apenas como o apertar de um botão.

**O** valor do minuto ou do próximo minuto

dependemuitodasituaçãopessoal,daurgênc  
ia

quesetem,damaneiradeseviver;enfim,da-  
quiloqueéimportanteparacadaum.Nopró-  
ximominuto,tudopodeserdiferenteparavo-  
cê,paramim,paraomundo.

Então,caroleitor,aproveitebemseupró-

XIX

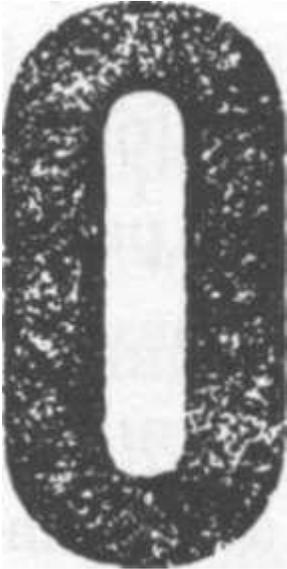
ximominuto,porque,depoisdele,vocênunca  
maisseráomesmo.

**ANGELO INÁCIO**

*Belo Horizonte, 2 de novembro de 2012.*

1

UM DEUS  
GREGO  
VINDO DE  
NOVA  
IORQUE



**AVIÃO SOBREVIOU** a Cidade Maravilhosa, preparando-se para pouso. Embaixo, o Cristo Redentor rapidamente deslizava à esquerda da aeronave enquanto o Pão de Açúcar preenchia a paisagem, emoldurando a Baía de Guanabara, entre tantos outros pontos turísticos que preservavam a beleza da paisagem carioca. O contraste das favelas podia ser visto logo em seguida, enquanto se realizava a aproximação. Assim que recebeu a autorização para

pousar, o piloto conduziu a aeronave em direção

à pista do Aeroporto Internacional Antônio Car-

los Jobim ou, simplesmente, Galeão.

Ralph estava feliz em retornar ao Brasil, esta terra encantada. O clima tropical era um capítulo à parte, pois ele delirava diante do calor do ambiente e da gente fogueira, que sabia muito bem arrancar sambas e fazer carnaval mes-

mo diante das mais sérias dificuldades sociais e econômicas. Medindo 1,8701, magro, elegante e discreto, Ralph era uma figura que impressionava quem o visse. Sorriso amplo emoldurando a face, estampava na fisionomia um misto de sedução e sensualidade de pouco disfarçados por sua

alegria contagiante. Estava com saudades do Brasil, da família e de alguns amigos que fizera nessa terra maravilhosa. Esperava ficar mais

tempo desta vez.

Enquanto oaviãotaxiava, emoções fortes pareciam aflorar; Ralph, por um momento, pareceu vacilar, sem saber ao certo o que se passava em seu íntimo. Um sentimento estranho tentava

irromper da alma e emergir em meio à alegria de rever amigos e familiares. Lágrimas quase vi-

nham à tona, mas Ralph se conteve assim que o comissário de bordo anunciou a chegada e deu as boas-vindas aos passageiros. O tumulto no in-

terior da aeronave começava, quando a maioria dos passageiros se preparava para desembarcar.

Ralph deixou-se envolver pela situação, permitindo-

tindo que as emoções se suavizassem diante da

24

iminênciadodesembarque.

Kelly estava radiante na companhia de Hugo,

o irmão machista, porém muito amado. No fundo, ela temia pelo reencontro de Hugo e Ralph, pois da última vez que ele vier ao Brasil, ocorreram discussões e mais discussões entre os dois primos. Contudo, com a interferência da mãe e de Kelly e Hugo, as coisas se acalmaram, transformando-se numa espécie de paz armada.

Kelly amava o primo norte-americano e há muito o aguardava. Além dos parentes próximos, os dois haviam desenvolvido uma amizade intensa, de tal modo que Kelly se sentia à vontade para conversar com o primo sobre os problemas pessoais e íntimos. Já Hugo só vier ao aeroporto por insistência de Kelly, que inventou que seu carro apresentava problemas elétricos e, portanto, precisava da ajuda do irmão para buscar

o irmão Ralph no Galeão.

O aeroporto estava regurgitando de gente naquele horário. Kelly gostaria muito de ter tra-

zido noivo Dany, a fim de que conhecesse o primo logo em sua chegada. Estava tudo acertado,

porém Dany se sentiu indisposto no último momento. Alegava um mal-estar súbito e inexplicável; algo, talvez, puramente emocional. Tudo

bem. Kelly resolveu que apresentaria o noivo a

prima na festa surpresa que preparara para ele,

25

juntamente com alguns amigos de Ralph. Seria o

momento ideal.

Ainda no aeroporto tentou descontrair Hugo,

que se comportava de maneira a deixar clara a

sua aversão pelo primo. Aliás, como ele dizia, não

tinham nada contra o primo, o que o incomodava

era seu comportamento - segundo Hugo, abominável.

Depois de muito insistir e de algumas

brincadeiras, Kelly conseguiu arrancar um sorriso-

so dos lábios do irmão, o que ajudou a tornar o momento do reencontro um pouco menos tenso. Ela mal podia esperar pelo primo. Hugo, no fundo, também sentia ciúmes da ligação tão intensa entre Kelly e Ralph. Muitas vezes, chegava em casa e lá estava a irmã ao telefone, falando com o primo de outro continente. As conversas, geralmente, duravam longo tempo. Hugo desejava que a irmã se comportasse com ele da mesma forma como a mãe com o primo. Havia dentro de Hugo certa decepção e, ao mesmo tempo, ciúmes da amizade que cultivavam a irmã e Ralph. Além disso...

Ralph finalmente apareceu em meio às pessoas que desembarcavam, com o carrinho repleto de bagagem. O sorriso largo, acompanhado da elegância no vestir, chamava a atenção tanto de Kelly quanto de outras pessoas. Hugo não deixou de notar o charme do primo e desejou se-

cretamente ser um pouco mais elegante. Ralph chamava a atenção - isso ele não podia negar.

Quando Hugo e Ralph se encontraram, a tensão se estabeleceu. Kelly, efusiva, abraçou o primo com todo o carinho que poderia expressar em suas atitudes, da forma mais explícita possível.

Hugo, por sua vez, quase se sentiu ofendido com o olhar do primo ou - quem sabe? - com a elegância e o charme que o destacavam em meio à gente ali presente.

- Olá, Hugo! - pronunciou o visitante, visivelmente feliz por chegar ao Brasil e encontrar parte da família.

- Você, como sempre, está chamando muita atenção - Hugo resmungou para o primo, numa forma grosseira que evidenciava certa inveja e ciúme da irmã.

- Puxa, primo, não vá me dar um abraço?

Eu o incomodo tanto assim? - falou Ralph, a pro-

ximando - se para abraçar Hugo, que se sentiu  
aconchegado nos braços do rapaz.

Enquanto os braços do primo o envolviam,  
Hugo sentiu-se ao mesmo tempo preenchido e  
muito inquieto. Decididamente, não queria se  
ex -

por assim. Acreditava - ou procurava se convencer -  
que todos o olhavam para o primo por saber  
re m que ele era *gay*. Embora Ralph não deixasse

## 27

transparecera orientação afetivo-sexual, ao me-

nos não de forma tão nítida e patente, assim mesmo Hugo o via desse modo.

Sabendo Ralph do jeito machista do primo brasileiro e do quanto o incomodava a presença e o jeito tão carismático, decidiu abusar um pouco, olhando para Kelly, que se divertia com o

re encontro:

- Puxa, você está um charme, primo! Olhe que, senão fossemos parentes tão próximos, de repente...

Hugo corou completamente; sentiu o mundo ruir aos seus pés de vergonha. Para ele, era como se todos ao redor tivessem ouvido a conversa - que, a bem da verdade, foi absolutamente dis-

creta - e passasse ma encará-lo. Não sabia com

o  
se comportar.

Kelly interveio na situação, em meio a um

largo sorriso de Ralph, que logo a abraçou. En-

quanto se dirigia ao estacionamento, Hugo  
fez

de tudo para ficar alguns passos atrás, pois não

queria ser visto como primo de maneira algu-

ma. Afinal, ele era um *boiola*, e decididamente

não se dava bem com essa gente, conforme pen-

sava e afirmava constantemente à irmã. Contu-

do, o sentimento que nutria pelo primo não era

exatamente de raiva ou aversão. Embora tives-

se dificuldade em reconhecer, sentia muito mais

ciúmes da proximidade de Ralph com a irmã do

28

que realmente horror ao primo. Aliado a isso,

considerava - o secretamente muito bonito pa-  
ra

os padrões da sua roda de amigos. E essa beleza o incomodava, pois Ralph chamava a atenção de moças rapazes, indistintamente. Mesmo

conservando uma atitude relativamente discreta, a simples presença do primo deixava-o incomo-

dadosobremaneira. Mas Hugo não sabia o que realmente o perturbava tanto. Ou sabia? O fato é que se sentia muito incomodado.

Dirigiam-se a Ipanema, onde Kelly e Hugo moravam, quando Ralph confessou aos primos que não se sentiria à vontade no apartamento de ambos, tendo em vista o incômodo evidente do primo. Sabendo disso, antes mesmo de embarcar, reservara um aposento num hotel próximo, e ali se sentiria muito mais à vontade.

Kelly olhou-meio de lado para Hugo, como a repreendê-lo, mas compreendeu a atitude de Ralph.

No fundo, Hugo sentia-se aliviado com essa

atitude do primo, embora procurasse interpretar a situação de outro modo, pensando:

"Aposto que preferiu ficar no hotel para estar mais à vontade com seus machos... Vergonha para a família! Não quero nem saber o que meus amigos pensariam se o conhecessem. Bem, fica

## 29

melhor assim, pois a ínenhum dos meus amigos precisará conhecer esse boiola!"

- Que está pensando, tão calado assim, meu irmão? Ficou feliz ao ouvir a notícia de que Ralph não se hospedará conosco?

- Claro que não, Kelly! Você não me conhece direito - Hugo ficou ainda mais incomodado.

Temia que seus pensamentos estivessem transparecendo, como que sendo devassados pela ir-

mãe, quem sabe, pelo primo.

Com um gosto sagargalhada, Ralph não perdia a oportunidade de provocar. No percurso

do carro pela Av. Vieira Souto, Ralph comentava

elegantemente a respeito dos rapazes que via ao longo do caminho:

- Preciso visitar mais o Brasil... Parece que

o pessoal da quite muma saú de incrível!

E, abanando-se com as mãos, como as es-

pantarocaloradvindodeuma fonte imaginá-

ria, não bastasse o calor da Cidade Maravilhosa

,

complementou:

- Meu Deus! Que calor!... Isso aqui inspira

agente a tirar a roupa, não é, Kelly? Não con-

ceboficar no Rio com toda esta roupa no corpo.

Kelly riu gostosamente, pois sabia que o co-

mentário tinha por objetivo importunar o irmão.

- Não se preocupe, meu querido primo -

acrescentou ela, mordaz. - Em breve você tira-

rá tanto a roupa e tantas vezes que nem se dará

30

conta de que está fazendo todo este calor.

Novas gargalhadas, como se os dois estives-

sem combinando a participação em alguma aba-

ladasó para provocar Hugo, que, àquela altura

,

estava a ponto de gritar de tanta raiva. Sim, o incômodo evoluiu para a raiva, duramente contida. Ainda bem que Kelly se assentara à frente do automóvel, que era conduzido pelo irmão, enquanto Ralph se acomodara no banco de trás. Ele sabia como sua presença era indigesta e, se fosse ao lado de Hugo, talvez a situação se complicasse ainda mais.

Após deixarem o primo no belo hotel em Ipanema, Hugo e Kelly se despediram, prometendo retornar em breve para buscá-lo. Afinal, ainda naquela noite Kelly promoveria um encontro para comemorar a chegada da tão esperada de Ralph.

Convidara alguns familiares e amigos, inclusive alguns amigos de Hugo, sem que este soubesse. A noite chegou, e a luz da Lua conferia um toque especial à cobertura do apartamento,

que fora preparada para a recepção ao visitante. Com discrição e extremo bom gosto, Kelly se esmerou na decoração do ambiente. Não eram muitos os convidados, porém foram escolhidos a

dedo. Com certa vontade de dar uma lição no irmão, que se tornara bastante rude, Kelly fez questão de convidar três amigos dele.

31

- Você é louca, Kelly! Convidou o Sebastian e aqueles dois?... E não queria que conhecessem o boi do meu primo, de jeito nenhum. E logo o Jean? E não tem trava na língua. Pelo amor de Deus, o que você fez? É alguma vingança contra mim?

- Ora, meu irmão - respondeu Kelly, disfarçadamente, enquanto recebia os convidados -  
,  
você sabe muito bem que adoro nosso primo. Aliás, nem sei por que sente tanta raiva dele, assim! Você era meu amigo há alguns anos,

quando ainda adolescentes... De repente, você se

mostra assim, tão inquieto com a presença dele.

- Você está enganada, irmã! Nunca fomos amigos. Nunca! Ele vinha a nossa casa duas vezes ao ano e não tinha com quem conversar. Eu, por outro lado, tinha segundas intenções: queria aprimorar meu inglês. Só isso; mas nunca fomos amigos, como pensa.

- Você tem ciúmes, Hugo! Admita. Todos os olhares se voltam para Ralph quando ele passa; mulheres e homens. Isso o incomoda. Como você dá uma degalãe conquistador, mulherengo convicto, não admite que haja alguém que

concorra com você, mais ainda: que as mulheres

preferiam ficar ao lado de Ralph, que é *gay*, do que ao lado de quem diz ser hétero...

- Digo, não; eu sou!

- Se é tão bem resolvido assim com sua sexualidade, por que se desconcerta tanto na presença

de Ralph? Setenta e cinco anos de idade sobre sua sexualidade, sobre sua orientação afetiva, por que não se deixa levar pelo humor das brincadeiras do nosso primo? Por que se incomoda tanto com o sucesso que ele faz aonde chega?

Sem responder a comentários da irmã, Hugo apontava a roda de pessoas, amigos e familiares em torno do primo, que parecia se divertir.

- Veja como ele está tentando se passar por macho. Parece até que as mulheres são míopes. Não enxergam direito? Está na cara, pra qualquer um, que ele é bichona. Ou será que elas querem convertê-lo?

- Que é isso, meu irmão? Ralph chegou hoje mesmo de viagem e, afinal, todos estavam esperando por ele, com exceção do Sebastian, do Jean e do Felipe, que ainda não o conheciam. Mas,

quanto à conversão, você sabia que quase toda mulher morre de vontade de converter um *gay* e transformá-lo em hétero, né? É quase uma fantasia nossa. Então, todo o charme do nosso primo e a forma comolidada com todas nós, mulheres, e que adoramos, não deixam de exercer um fascínio sobre nós. Veja a Bia, por exemplo, está o tempo todo abraçada com ele; não desgruda.

- Ela sabe a respeito dele. Porque está dan-

33

do em cima assim, descaradamente?

- Ah! O mistério das mulheres, meu irmão...

- disse Kelly, suspirando, enquanto preparava um *drink*. - Ou como vocês, homens, diriam: tirar uma casquinha não faz mal a ninguém. Vai que dá certo!

- Que nojo!... Vocês medão arrepio.

- Que é isso? Olhe como seus *amiguinhos*

estão se divertindo na conversa com nosso pri-

mo. Vá lá também, senão quem vaidar que falar é você.

Hugotevedeadmitirquesuaatitudedepoderia despertar a atenção dos amigos. Aproximou-se do círculo de pessoas que conversavam com Ralph. O primo, para zoar com ele, aproveitou o momento e propôs um brinde:

- Quer brindar aos meus primos Hugo e

Kelly - todos elevaram as taças de champanhe ao ar, a partir do convite do rapaz. - Aos primos muito queridos, quem receberam com tanto carinho e prepararam esta recepção.

A alegria foi geral. E, para espanto e indignação de Hugo, e para agravar seu ciúme, um dos seus amigos pessoais, Sebastian, adiantando-se a qualquer um que pretendesse algo parecido, ofereceu-se a Ralph:

- Assim que terminarmos, quero lhe mostrar alguns lugares interessantes. Em Ipanema abriu

uma balada que vale a pena você conhecer. Serei seu acompanhante nos dias em que estiver aqui. Kelly olhou discretamente para Hugo, sem se pronunciar. Um sorriso discreto passou em seus lábios, o que não ficou despercebido por Ralph.

- Claro que aceito de bom grado sua oferta.

Afinal, fiquei tantos anos sem vir ao Brasil que nem sei onde estão os melhores lugares.

- Ah! Se quiser ficar mais à vontade, tenho dois carros. Deixou um com você, caso queira. Assim, não precisa alugar nenhum nos dias em que permanecer aqui no Rio.

Hugo ficou boquiaberto com a oferta do amigo. Todos sabiam quanto ele era apegado a seus carros. Ele tinha um **BMW** de luxo e um Lamborghini. Ambos eram a coisa mais preciosa e de que Sebastian mais tinha ciúme na vida. Jamais o emprestava. Aliás, quem quer que tivesse um daqueles dois carros dificilmente os emprestaria,

sobretudo para um recém-conhecido. Mas Sebastian... Hugo não entendia. Será que seu amigo também era *gay*? De forma alguma! Isso jamais! Sebastian era um *playboy* conhecidíssimo na noite de Ipanema e andava com as mulheres mais lindas... Não poderia em hipótese alguma ser um *gay* e ruído. Hugo levantou-se sem saber o que fazer ou dizer, deixando à mostra sua

35

inquietação.

- É claro que você vai aceitar a oferta de Sebastian, não é Ralph? - indagou Kelly, interessada em enturmar o primo para que ficasse mais à vontade.

Um pouco desconcertado, pois não sabia o que o amigo do primo pensava a respeito do tipo de balada que gostaria de conhecer, Ralph consentiu assim mesmo, diante da insistência da prima.

- Claro que sim! Será muito bom ter companhia, principalmente que tenha bom gosto e conheça a noite carioca...

Algumas das mulheres estavam molhadas, pois acabavam de perder a chance de acompanhar Ralph. Ao menos é o que pensavam. E como uma ou outra conhecia a fama de Sebastian, deduziram que ele levaria o visitante a conhecer

as mais belas mulheres escarionadas. Kelly, percebendo

o descontentamento das amigas, logo procurou

criar uma distração, chamando todos para a área externa, de onde poderiam observar melhor o movimento na orla. Sebastian fez questão de ficar conversando com Ralph no mesmo lugar

onde estavam.

- Há quanto tempo mesmo você não vem ao

Brasil, Ralph?

- Puxa... Creio que há uns sete ou oito anos;

36

talvez, dez.

- Ah! Então tem muito a conhecer por aqui.

Sem me permitir, levei você a um dos lugares

mais badalados da zona sul carioca...

- Puxa! - falou Ralph meio sem jeito, ten-

tando disfarçar que estava sem graça e, ao mes-

-

mo tempo, querendo sondar o novo amigo. - Se-

rá muito bom, pois nem sei mais como andar por

aqui. Com tanta gente bonita nessa cidade ma-

ravilhosa, temo ficar desprotegido.

- Não precisa se preocupar - disse Sebas-

tian, aproximando-se ainda mais de Ralph, qua-

se tocando-o. - Estarei por perto, se permitir,

sem querer ser indiscreto. Garanto que não irá

se arrepender, e na sua proximidade poderá ser

muito promissora. Aliás, por acaso não quer es-

-

ticar um pouco esta noite e ir lá em casa escolher

o carro que mais lhe agrada?

Ralph, se estava desconfiado de algo, agora tinha certeza. Estava levando uma cantada do amigo machão do primo. Meu Deus - pensou

Ralph -, esses caras com fama de garanhões, hoje em dia, ainda resistindo tão pouco...

Levantando-se quase que bruscamente, fez menção de ir ao encontro da prima, que estava reunida com as amigas e os demais convidados na área aberta da cobertura.

- Vamos pensar nisso hoje ainda - respon-

37

deu ele. - Prometo avaliar sua oferta. Mas preciso ver como estarei a o final desta festa, pois cheguei hoje mesmo e Kellyn em meu tempo de descansar da viagem.

Dando um largo sorriso, Ralph saiu em direção às meninas, queria de alguma coisa que observavam embaixo, na orla de Ipanema, a

qual não estava assim tão distante do prédio onde se encontravam. Sebastian seguiu Ralph de perto, esboçando colocar o braço sobre seu ombro, como se fossem velhos amigos. A desculpada não bastou para livrar Ralph da companhia do novo amigo. É claro que o gesto não passou despercebido por Kelly e muito menos por Hugo, que saiu do ambiente quase sem fôlego, descendendo a mandare deixando os convidados na cobertura.

- Então espero você decidir - disse Sebastian. - Qualquer coisa me fale, pois estarei à inteira disposição. E não pense em recusar o carro. Faço que está o de que aceite minha oferta.

- Sim, sim, vou pensar seriamente... - aquiesceu Ralph, buscando desconversar e não deixar

transparecer para os demais o teor inesperado da conversa como amigo do primo.

Assim que Hugo desceu para o outro pavil-

mento, impaciente e inquieto por causa da atitude do amigo Sebastian, jogou-se no sofá da

38

sala de estar. Seus pensamentos estavam em ebulição diante dos sentimentos e emoções que vinham à tona. Parece que a visita de Ralph desencadeou as reações relacionadas a vários confli-

tos duramente reprimidos em seu interior. Que estava acontecendo com ele? Que tipo de pensamento emergiu suavemente? Tinha estado tão seguro de si nos últimos dez anos que jamais

imaginaria lidar com emoções tão conflitantes como as que via aparecer. Fechou os olhos durante um suspiro profundo, suavemente, em meio a esse turbilhão de eventos marcantes, regressou dez anos. As lembranças, por mais incô-

modas que fossem, eclodiam com toda a força, e Hugo não conseguiu detê-las. Ou não queria,

apesar de aparentar o contrário.

Sua memória registrou um dia qualquer de verão, em que se divertia com o primo Ralph numa praia do Rio de Janeiro. Notou que muitos garotos olhavam para o primo de maneira diferente, e Ralph, um garoto de 18 anos, olhava e sorria sensuais, exercia certo fascínio sobre ele próprio e também sobre muitos meninos e meninas seus conhecidos. Sempre a íam juntos quando

do Ralph vinha ao Brasil como o tios ou mesmo sozinho. Aproveitava para treinar seu inglês nas conversações com o primo. O dia chegou ao fim e os dois se dirigiram ao sobrado onde,

39

ca, moravam Hugo e sua família. Kelly era especialmente chegada ao primo e isso deixava Hugo muito incomodado, pois parecia que os dois disputavam a amizade de Ralph. Desde os primeiros encontros com o primo, Hugo notara a

atenção que as meninas lhe dirigiam. Então, des-

culpava-se, usava a presença de Ralph também

para tirar partido das meninas. E Ralph parecia não se importar. Ou quem sabe jogasse com as emoções do primo, que também tinha 18 anos, como ele. No fundo, no fundo, quem manipulava quem? Parecia que Ralph se deliciava com a situação. Era malicioso. E, enfim, nem Kelly, naquela época, muito menos Hugo, sabiam qual

era o jogo de Ralph. Ele gostava mesmo de meninas ou meninos? Quem sabe, dos dois? Até então, Hugo não se preocupava mais do que qualquer outra pessoa. Simplesmente ignorava as próprias emoções e sensações. Nada mais. Pelo

menos até ali.

Jogado sobre a cama do quarto, naquele dia

distante Hugo esperava Ralph tomar banho en-

quanto conversavam num volume alto, a fim de sobrepor a voz de ambos ao barulho do chuveiro. Quando Ralph saiu do banheiro com algumas gotas de água ainda escorrendo pelo corpo qua-

sem musculoso - na verdade, um corpo mais para definido do que para malhado -, Hugo estreme-

40

ceu ao ver o primo trocar de roupa à sua frente. Os pensamentos foram muito além do habitual. Ficou paralisado diante da figura da rapaz, que parecia se despir lentamente, talvez querendo

provocar algo no primo, que, tinha certeza, o olhava de algumamaneira. Quando Ralph se virou, já vestido com um calção branco que lhe realçava a cor bronzeada, Hugo tentou esconder o olhar ou desviá-lo. Mas o sorriso quase libidinoso e malicioso do primo não o deixou disfarçar. Foi surpreendido pelo olhar pleno de magnetismo. E, por um instante, Hugo pareceu

perder completamente os sentidos. Atirou-se com

toda a força em direção ao primo e, agarrando-o pela cintura, beijou-o longamente - o que foi imediatamente correspondido por Ralph. Hugo

não sabia dizer quanto tempo se passou durante

o beijo a que se entregara, mas, ao se afastar do primo, suado, ofegante, e antes que o apelo sexual fosse algo irrefreável, saiu correndo feito

louco. Dirigiu-se à praia mais próxima e continuou correndo por longo tempo. Os pensamentos

afogueados, a emoção e a ebulição. Era como

se quisesse correr da atração que a se irresistível

que não conseguira reprimir, correr do que sur-

gia dentro de si mesmo. Não sabia como encara

o primo novamente. Em algum momento,

porém, teria de voltar para casa, o mesmo lugar

onde ele se hospedava. Mas, definitivamente, não

ficaria no mesmo quarto onde Ralph dormia. De forma nenhuma. E como encarraria a irmã? E se Ralph tivesse contado tudo para ela? E não era *gay* não poderia ser confundido com um. Em hipótese alguma!

Aprensivo e com o coração apertado, Hugo finalmente dirigiu-se para o sobrado da família, após uma ou duas horas. Os pais viajavam na companhia dos pais de Ralph; logo que chegou, encontrou a irmã e o primo juntos, rindo gostosamente, com senada houvesse acontecido.

Ralph não contara nada a Kelly. Mas disso Hugo só saberia anos depois. Por muito tempo, ficou preocupado pensando se a irmã saberia de alguma coisa, do ocorrido entre ele e o primo. E, para mascarar a situação íntima, decidiu arranjar uma namorada, investir nas baladas mais audacio-

sas; a partir de então, teve muitas garotas, muitas mulheres, criando fama de machão, de hétero convicto e praticante. Era o orgulho do pai. Ralph voltar para a terra natal; como oprimido permaneceu o mais silencioso possível, não dando chance a nenhuma conversa, manteve-se tranquilo, sem forçar qualquer situação entre ambos. Kelly, por suavez, deduziu que os dois tivessem tido alguma discussão na praia naquele dia. Como Hugo não escondia seu ciúme em re-

## 42

lação à proximidade do primo com a irmã - na verdade, essa atitude ocorria mais devido ao medo do que poderia ser revelado a ela -, ambos se mantiveram afastados.

As recordações de Hugo foram perturbadas quando Ralph desceu as escadas rapidamente e

o chamou, interrompendo o fluxo da memória:

- Venha, primo! As meninas estão esperando. Todas perguntam por você.

- Veado desgraçado! - insultou o primo sem o menor pudor. Ralph foi pegado desprevenido e sen-

tiu-se chocado com as palavras duras do primo.

Sem dizer palavra, Ralph subiu as escadas, atônito com a reação de Hugo. Depois de despistar, alegando estar extremamente cansado e com dor de cabeça, despediu-se de todos, deixando

Kelly intrigada.

Sebastião o acompanhou, depois de muita insistência, até o hotel. Dentro do carro, não aguentando mais, Ralph explodiu em pranto. Chorou copiosamente. Sebastião parou o carro num

acostamento qualquer e esperou que o novo amigo se

acalmasse. A situação favoreceu a proximidade de ambos. Abraçando Ralph, Sebastião

acariciou seus cabelos, passou o braço em torno de seus ombros e, sentindo seu perfume, deixou-

-se embriar com a sensação de paz que invadiu a ambos naquela madrugada. Beijaram-se ali mesmo -

43

mo, num misto de carinho, ternura e paixão

inspirado pelo momento que Ralph vivenciava.

Sebastião permaneceu em silêncio; não pergun-

tounada, respeitando a emotividade do compa-

nheiro. Apenas pronunciou umas palavras:

- Quando você quiser falar alguma coisa, estarei aqui. Quero que se sinta à vontade. Acima de tudo, quero ser um amigo com quem possa contar.

Sebastian deixou Ralph no hotel, furtando-se a tentar qualquer aproximação mais íntima,

que provavelmente seria inconveniente naquele

momento de sensibilidade. Apenas deixou com

ele seu número de telefone.

Alguma coisa mudaria para sempre na vida

daquelas pessoas. De Ralph, Sebastian, Hugo e

Kelly. E de mais algumas pessoas também, em

outras cidades, em outros lugares. Só que, naquele

momento, nenhuma delas sabia denada. Eram

tão somente folhas levadas pelo vento do destino.

**DEPOIS QUE TODOS SE FORAM**, Kelly procurou

irmão para conversar. A situação entre ambos não era lá muito boa. Kelly intuía que alguma coisa ocorrera entre o irmão e o primo.

- Fale, Hugo, vamos! Destrave essa língua e me conte o que aconteceu - disse num tom mais

44

firme que o habitual.

- Aconteceu o quê? Por acaso sou agora responsável por tudo que aconteceu nesta casa? **O**ve  
a -

dinho saiu cansado, chateado ou choramingando, e agora sou eu o culpado pela cansação dele?

- Puxa, meu irmão, nem sei o que pensar de você. Com tanto rancor assim e um histórico tão

complicado como o seu, não sei onde sua vida vai desembocar, como se fosse um rio cheio de detritos de raiva e ódio.

- Você não tem nada a ver comigo então

queromaissaberdeRalph.Nãomechamepara  
nenhumeventoemqueeleestejapresente.

-Maselenãofeznadacomvocê!Nãopode  
aomenossermaiseducado,atenciosoou,tal-  
vez,menosintolerante?-aspalavrassaíamda  
bocadeKellycomumlaivoderancorcontrao  
irmão,deraivamesmo,poisquetodosospres-  
entesaoevento,pretensamenteumarecepção  
paraoprímo,perceberamalgodiferenteentre  
HugoeRalph.

-Masquedroga!Jogamaculpaemmimpor  
tudooqueacontecenestafamília!-protestou  
Hugo,defendendo-se.

Atéentão,afamílianegavaadmitirqueHu-  
goseentregavaàsfarras,àsbaladasmaisinten-  
sas;dedeterminadotempoparacá,haviaseen-  
volvidocomalgumasdrogasmais pesadas. Isso

45

preocupavaseriamenteafamília.Porém,nin-  
guémfalava disso. Haviaumaproibiçãoótácita

de tocar no assunto abertamente. Acreditavam

que, não falando no problema, ele deixaria de existir. O que todos não desconfiavam é que o

interior de Hugo era um vulcão prestes a entrar

em erupção. Ele estava em permanente confli-

to com sua identidade sexual, atormentado pelo

teatro que se impunha e encenava a fim de ocul-

tar o drama interior que o consumia. As recorda-

ções claras na noite, vívidas como nunca,

foram agotadas' água.

Dia a dia, Hugo se a fundava mais em descul-

pa e fantasias, alimentando uma ilusão que po-

deria levá-lo diretamente ao fundo do abismo.

O método que escolheu para fugir de si mesmo

eram as drogas, o sexo aventureiro com muitas

mulheres, usando-as como fuga, como objeto se-

xual, sem satisfazer-se, sem encontrar-se. Hugo

pedia socorro através de suas atitudes. Os desre-

gramentos a que se entregava era mo clamor por

ajuda, a linguagem não articulada de quem lança

vamão para dizer que estava infeliz e perdido.

Kelly, muito sensível à situação do irmão,

tomou uma atitude que, para um momento como

aquele, era inusitada; algo que não se poderia

esperar da parte de seus pais. Hugo jamais

esperaria que, em meio a uma discussão, à slá-

46

grimas que começaram a brotar dos olhos da ir-

mã, ela tivesse uma iniciativa dessas. Gritando

e chorando ao mesmo tempo, Kelly agarrou-se

ao irmão; abraçando-o fortemente, enquanto ele

também chorava, quase em convulsão, ela falou,

modificando o tom de voz:

- Hugo, meu irmão, olhe pra mim!... Saiba

baque e te amo. E te amo, meu irmão! Seja o

que for que esteja acontecendo, pode contar comigo. Você sabe disso, não sabe?

O irmão, em prantos, desvencilhou-se de seus braços e, olhando firmemente em seus olhos, embora com os seus próprios mareados de lágrimas, esboçou dizer alguma coisa, mas resolveu

sair. Pegou as chaves do carro e saiu para um lugar qualquer. Correndo feito louco, passou num

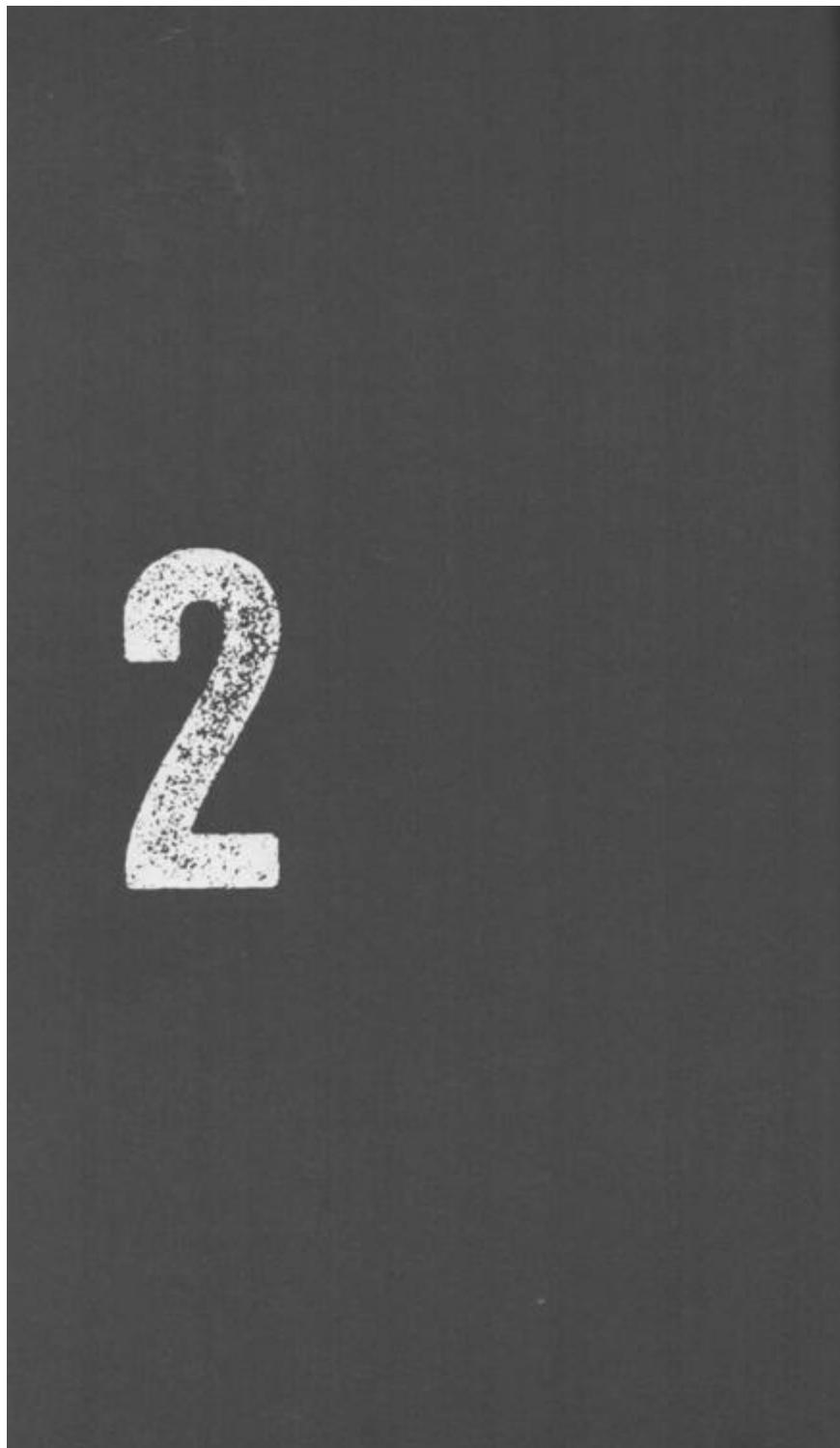
malhada que viu pelo caminho e tomou algumas bebidas, numa mistura incomum até mesmo para ele. Em seguida, entrou novamente no veículo e deu partida. Hugo preferiu fugir, fugir de si mesmo, de sua irmã, de sua realidade. Não poderia aceitar os sentimentos, os próprios de se-

jos, e escolher reprimir as emoções da maneira

que sabia, chafurdando-se ainda mais na lama de suas escolhas, que poderiam levá-lo a conse-

quências drásticas para si mesmo.

47



UM DIA  
QUALQUER,  
3H31 DA  
MADRUGADA

**A**S PRAIAS, a paisagem natural assombrosa, o Corcovado, o Pão de Açúcar: o Rio de Janeiro continuava a ser uma cidade maravilhosa. Apesar dos devaneios de seus habitantes, a cidade era atraente. Contudo, o trânsito às vezes se mostrava caótico, mesmo nas regiões em que predominava a beleza natural. Conviviam a natureza exuberante e a frenética vida urbana, com a louca corrida pela sobrevivência.

Após uma noitada cheia de emoções fortes e algumas bebidas para nublar a situação de desespero íntimo, o veículo corria pela Linha Vermelha com seu único ocupante. O consumo excessivo de álcool fazia com que ele já não dominasse completamente a máquina. Mesmo assim, sentiu necessidade de correr cada vez mais, embriagando-se na velocidade alucinante à qual se entregava como numa viagem psíquica provocada pelas drogas ou, talvez, numa atitude francamente suicida, embora irrefletida. Entre o ruído da música estridente e os carros que rodavam na pista, o veículo parecia deslizar, embora governado por alguém que já não mais se governava.

Hugo nem percebeu quando saiu da Linha

# RIO DE JANEIRO

Vermelha etomou caminhoporumamarginal, entrando no fluxode trânsito demaneiraalucinante. Amentedorapazconduutor doveículo não conseguiu coordenar mais, com precisão,

os movimentos necessários para evitar acidentes.

Dentro do automóvel, alucinado com os excessos daquenoite, Hugotraziaa alma atormentada por mil ideias que emergiam desi. Asemoções vinham à tona arrebatando a máscara duramente mantida, a qual caía sob o efeito do álcool e de outras substâncias tóxicas ingeridas antes, na tentativa de maquiarseu conflito íntimo.

Pensamentos, emoções e desejos contraditórios povoavam o panorama interior de Hugo.

## 52

Nas telas da memória, ele via as imagens das mulheres com as quais dormira e que, para ele, representavam apenas objetos sexuais destinados a sufocar o torvelinho de emoção e desejos que não tinha coragem de enfrentar. Aliás, ele não tinha vontade de enfrentar-se. Entregava-se a desregramentos da sexualidade como fuga da realidade íntima.

No instante seguinte, vinha-lhe à mente a figura de Ralph, o primo que vivera de Nova Iorque, o qual Hugo teimava em evitar e rechazar, devido à avalanche que irrompia dentro de si à simples lembrança da pessoa de Ralph, que tornava patentes sua condição de fragilidade emocional. O primo deixava-o à mercê de sensações descontroladas, com as quais não sabia li-

dare, por isso, recusava enfrentá-las.

Era em meio a esse vaivém de emoções e sentimentos, culpa e castigo interior que o clima mental de Hugo estava forjado.

Revoltado consigo mesmo e com o mundo - o seu mundo -, o rapaz não notou que, à sua frente, o sinal havia se modificado de amarelo para vermelho. A última coisa que percebeu de forma

mais ou menos lúcida foi o poste à sua frente, contra o qual o veículo já se chocava com toda a força, transportando-o do estado alterado de consciência, forçado pelas drogas, à inconsciência -

53

cia mais profunda, a que o acidente o induzia.

Sopros de pensamento, fragmentos de memória e emoções petrificadas ante o susto, o pavor -

o trauma vivido vinha-lhe à mente vez ou outra.

Hugo parecia se diluir por inteiro naquele

estado íntimo tormentoso, ao qual se entregava

enquanto toda a cena do acidente boiava nas imagens que se passavam em sua visão interior, entre cortada pelo barulho da sirene da ambulância que o transportava ao hospital mais próximo.

Parecia que o fim havia chegado. Mesmo as imagens fugidias cessaram por completo, ainda dentro da ambulância. O corpo desfalou de vez.

## **BAIXADA FLUMINENSE**

**DESDE MUITO TEMPO** se dedicava à fé evangélica.

Tornara-se pastor de uma vertente do movimento

pentecosta e há alguns anos fundara a própria igreja, tentando transformar a vida sua e dos filhos e esposa num exemplo de dedicação, conforme sua visão da Bíblia. Mas o convívio familiar não fora exatamente aquilo que

imaginara. **O** demônio tentava a todo custo botar

sua alma a perder, usando um dos filhos, segundo acreditava, para atingir seu ministério divino.

Justamente o filho ao qual devotava maior amor parece que se rendera aos ardis de Satanás, que

54

arrebatara a sua alma para as fileiras do inimigo.

Já na adolescência, o filho demonstrava traços de um desvio comportamental impossível de

ser admitido por um servo de Deus, segundo entendia e defendia a interpretação de sua igreja.

Muitas vezes pregara no púlpito a respeito dos pecados, da interferência maligna, satânica, que deveria ser extirpada do meio do povo de Deus, de sua igreja. E que os salvos jamais poderiam

ser corrompidos pelas artimanhas e pelos dardos inflamados do Maligno. Até perceber que aquele

filho, até então o eleito para prosseguir no ministé-

tério, a quem ensinaria o ofício pastoral, mostrara-se mais sensível que os demais. Enfim, ora-paz declarou-se abertamente *gay* para a família.

Longos períodos de jejum e oração, correntes de descarrego e outros métodos foram empregados com o objetivo de afastar o demônio do mita do filho, que estava cada vez mais se distanciando dos conselhos cristãos dados pelo pai. A esposa, silenciosa, acatava cegamente os ditames do marido, pois a Bíblia asseverava que a mulher deveria ser totalmente submissa ao homem. Mesmo discordando do chefe da família, ela o obedecia, pois, além do mais, era ele o pastor daquelerebanho. E no seu silêncio e omissão, deixou o filho entregue aos piores momentos e tormentas decorrentes do fundamentalismo do pai e pastor.

55

Adir havia desenvolvido um sério problema cardíaco. A angina se instalara, e, no radicalis-

modo de suas convicções, ele não admitia tratamento médico algum. Jesus haveria de curá-lo a qualquer custo. Não permitia, também, quem u-

lh e re filhos procurasse em socorro médico. Que se entregasse a Jesus, e ele os curaria. Como algumas enfermidades não se curavam, dizia que e

não havia mentregue o coração plenamente.

Quanto ao filho *gay*, bem, a violência o-

méstica transformou-se em algo comum no coti-

diano do rapaz, e talvez a expulsão de casa fosse

para ele, entre os males enfrentados, o menor de

todos. Fora acolhido generosamente por uma fa-

mília de Petrópolis com a qual fizera amizade e

encontrar a grande afinidade.

A direxpsou o filho de casa ainda antes que

completasse 18 anos de idade. Não admitiria um

filho que depusesse contra sua profissão de fé e

que, além disso, fosse a prova viva de que Jesus não "curava" a homossexualidade. Afinal, os sodomitas, os homossexuais, em sua corrente religiosa, eram considerados perdidos, afastados de Deus, e a prática homoafetiva, abominável, digna do fogo do inferno. E ponto final. A partir daquele momento, tinha somente dois filhos. O terceiro fora banido, deserdado, embora perante a comunidade de fiéis declarasse que tinha ido m

56

o mundo exterior. Num das pregações, acentuara: - O mundo está perdido. Satanás é dono da vida de milhões de pessoas. Vejam, meus irmãos, o que dizem as Escrituras sobre Sodoma e Gomorra. O pecado dessas cidades foi exatamente o pecado do sexo, de homens que gostavam de ou

tros homens; de homens que dormiam como outros homens. E vejam, meus irmãos muito amados, que Deus varreu aquelas cidades da face da Terra. Aleluia! Por essa mesma razão, na atualidade, a maioria das cidades mais famosas, mais populosas do mundo, serão devastadas pelo cálice da ira de Deus. Aleluia! A Bíblia afirma: terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo. Oh! Glórias! Aleluia! Assim, o pecado dos sodomitas, do sexopraticado com pessoas do mesmo sexo, é a grande e terrível maldição que atrairá a ira de Deus no final dos tempos.

Sem maior fundamento do que a interpretação pessoal do texto bíblico, A dir pregava e condenava com fervor enquanto suavemente se recordava do filho. Se a coração, reprimindo a culpa e tudo o mais que sentia pelo filho, manifestava

as emoções descontroladas e em ebulição na forma de dor física. O teor severo da pregação servia a dois propósitos. A o tempo que dissimulava a situação que vivia familiarmente, em casa, era

também uma maneira de justificar a própria de-

57

cisão, atribuindo mais à punição divina e menos

à esfera pessoal a atitude de banir e deserdar o filho querido.

Os dois outros filhos saíram de casa e foram

assumir cada qual seu próprio ministério, em outras cidades. Eram servos de Deus, conforme o

pai acreditava e a eles se referia. Enfim, nunca

mais recebera qualquer notícia do filho expulso;

já mais tivera coragem de procurar saber por onde

andava, e embora secretamente ansiasse por isso.

Em seu coração, tinha saudades; em sua mente e

seus pensamentos, sentia vergonha por haver tido

um filho *gay*. Mas ele, o pastor das ovelhas divinas, nem sequer dera tempo de o filho amadurecer seus sentimentos; não esperara o filho adquirir maturidade e vivenciar sua afetividade. Era uma abominação. Expulsara-o como a alguém quem não

merecesse jamais misericórdia, como quem cometera um crime hediondo. E tudo em nome de Deus, o Pai que era todo justiça e bondade.

Alguns anos de muita discussão no lar se passaram; a revolta da mãe e mulher com a separação do filho parecia alcançar patamares

antes nem sequer imaginados, de tal maneira que ela se distanciava da própria igreja que ajudara a fundar. O lar do pastor Adir desmoronava a passos largos, e ele mesmo, enfraquecido e cheio de culpas, forjou o clima propício à própria ruína.

58

"Meu Deus! - pensava. - Que está aconte-

cendo comigo? O velho coração parece vacilar .

Me salva desta hora, Senhor! Ah! Meus filhos, meus dois filhos queridos... Que vai ser de vocês sem seu pai para cuidar de sua salvação?"

E clamava, alto e bom som:

- Oh! Senhor, eute imploro, não me chames agora! Eu preciso ficar por mais tempo na Terra. Demorei tanto para construir a igreja, converter tantas almas ao Senhor, agora, na hora

de usufruir tudo isso, cá estou, preso ao leito, sentindo-me só, abandonado pelos filhos que o Senhor me deu...

" Não tem problema! Não importa! Na verdade, eles não me abandonaram. Todos estão crescidos, educados e são missionários. Precisam

levar a frente a obra que comecei. Por isso, foram reunidos no Senhor. Meus filhos! Todos estão no caminho certo, no caminho do Deus vivo.

"Ai! As dores..."

Mas o silêncio já não bastava:

- Socorro! Socorro! Alguém me ajude!

As imagens da vida do Pastor Adir passavam-lhe diante dos olhos. Era como num filme no qual ele era o protagonista e, ao mesmo tempo, o espectador de si mesmo. Os minutos se passavam, transformados em horas, e a aflição dos derradeiros momentos era algo difícil de ad-

## 59

ministrarse em uma fé firme e inteligente.

- O sangue de Jesus tem poder! . . . Que está acontecendo comigo, Senhor? A Bíblia não diz que o Senhor salva e cura? Por que não me cura? Por que não me cura deste mal?

A mente culpada ouviu vozes; A dirviavultos envolvendo-o, chamando-o, puxando-o para fora

do corpo. Era um misto de culpa e crise psicótica. Nesse estado de enfermidade da alma, da mente doentia, o velho pastor se apegava cada vez mais às interpretações pessoais das Escrituras. Não abriamãode suas crenças mais arraigadas, estruturadas no fundamentalismo evangélico.

"Essas vozes que ouço . . . serão o coro dos anjos? Será que o Senhor veio me buscar? Ah!

Meus filhos, meus filhos! Graça a Deus eu os conduzi para a salvação."

**O** pranto convulsivo rompeu as barreiras da encenação para si mesmo. A máscara de salvo e de santidade compulsória não resistiu às dores e tormentas que se avizinhavam; o temor substituiu de imediato a maquiagem que encobria a face interior de sua alma.

"E quanto a Carlos? Que será dele? Como eu gostaria que o Carlos também tivesse se salvado... Mas ele se recusou a seguir os caminhos do Senhor. Resolveu se entregar ao inimigo das almas, ao poder do Diabo. E não podia deixar

60  
xar que ele contaminasse a família e maculasse a obra tão abençoada que então começava a ser erguer. Mas os outros filhos, esses sim! Eles se entregaram completamente ao Senhor e ouviram  
minha voz."

Aquela altura, dores e falta de ar produziam tormentos maiores. A taquicardia se estabeleceu,

enquanto a pressão arterial demonstrava que o corpo estava no limite de suas resistências. Era apenas uma questão de tempo.

No íntimo, o pastor enfrentava-se em meio a angústia, apreensão e amargura. O medo da morte e do inferno somado à incerteza de um céu que

pregar durante toda a vida pintava um quadro desolador, tormentoso. Tudo isso consumia, enquanto os pensamentos já não se sucediam de modo racional. Era apenas lampejos, pedaços

de si, que a memória da mente eterna lançava no restante de consciência e lucidez.

A lembrança do filho Carlos o atormentava especialmente. Era o bastardo - ou pior, o renegado, aquele que se apartara da fé *escolhendo* comportamento proibido, diferente. Por causa dessa *escolha* maldita, merecia, também, uma resposta diferente. Fora aliado da convivência familiar. No entanto, agora que Adir se aproxima-

ma v a i n e x o r a v e l m e n t e d o s m o m e n t o s f i n a i s d a  
61

e x i s t ê n c i a , a d ú v i d a p a r e c i a s e r a m a r c a q u e t e i -  
m a v a e m r o m p e r a s b a r r e i r a s í n t i m a s . T e r i a a g  
i -

d o c o r r e t a m e n t e c o m o f i l h o C a r l o s ? - n ã o t i n h a  
c o r a g e m d e f o r m u l a r a h e s i t a ç ã o e m v o z a l t a . E  
o s d o i s o u t r o s f i l h o s , a o s q u a i s d e d i c a r a a v i d a , o  
a m o r e o c o n h e c i m e n t o ? S u m i r a m t o d o s ; n ã o t i -  
n h a n o t í c i a s h a v i a a l g u m t e m p o .

E n t r e o s f r a g m e n t o s d e e m o ç õ e s , p e n s a m e n -  
t o s , i n q u i e t a ç ã o e s e c u l p a s , o s u s p i r o f i n a l .

E s t a r r e c i d o , d e s f a l e c i d o , t r a z i a i m a g e n s c o n -

g e l a d a s n o s o l h o s , q u e r e f l e t i a m , n o m o m e n t o  
d e r r a d e i r o , a a f l i ç ã o í n t i m a . P a r e c i a m v i t r i f i c a -  
d o s , c o m o s e t r o u x e s e m i m p r e s s a , n a s p u p i l a s  
,

a v i s ã o d o f i l h o a b a n d o n a d o . E n f i m , a c u l p a s e  
e s t a b e l e c e r a d e m a n e i r a i n t e n s a , q u a s e i n f e r n a l .

C h e g a r a o t é r m i n o , c o l o c a n d o p o n t o f i n a l à

utilidade do corpo. Entretanto, a continuidade  
e  
daquela vida era atestada pelas reticências que  
o morrer parecia grafar nas páginas da existên-  
-  
ciade Adir...

Muito embora a morte venha para todos em  
algum momento da linha do tempo, o desencar-  
ne, o desligamento da matéria, da carne e das  
questões terrenas é conquista de bem poucos.

O corpo entrou em convulsão, indicando que a  
morte veio, mas não o final. Aquele era apenas  
o começo de um capítulo novo no livro da vida.  
Nada mais, nada menos. Nas telas da memória,  
ouvia alguém chorar de longe:

62

- Pastor Adir... Pastor Adir...

Naquele instante, os olhos se fecharam pa-  
ra o mundo dos chamados vivos. Agora, abria-s  
e

a alma para o enfiamento de si mesma. Prisioneiro num lapsos de tempo, A dirmergulhava num mundo próprio de culpa e autopunições. Era m 3I131 da madrugada numacidade de qualquer da Baixada Fluminense.

## **SÃO PAULO**

**AVIATURA CHEGARA** sem prévio aviso. Aqueles que representavam a justiça e se investiam de uma autoridade muitas vezes questionável de-  
ceram de revólver empunho, gritando e agredindo todos que encontravam no entroncamento de uma determinada rua com uma avenida de grande movimento. Não distinguíamos moradores do local, os transeuntes ou aqueles que faziam ponto no esquema perigoso de comércio do corpo da alma.  
Era um ponto de prostituição. Há muito que

aquele local era frequentado por garotos e garotas

de programa, os quais aprenderam a sobreviver

com a venda de seus corpos. O clima psíquico fazia com que o ar parecesse irrespirável, devido ao rebaixamento vibratório. Estranho odor era

percebido no ar, por qualquer um que ali passasse. Mas nem todos estavam ali devido ao comércio

dos sentidos. Muitos iam em viagem de seu trabalho, em direção a algum ponto de ônibus, ou buscavam um táxi, a fim de ir para casa, já que o metrô não circulava naquele horário.

Por outro lado, muitos homens e mulheres desfilavam por ali como que embriagados pela rede de prazeres ou pela facilidade do comércio

incomum. A vida noturna era intensa, e as drogas, barganhadas de forma natural, a troco de um punhado de reais ou de ofertas outras, à se-

melhança de um leilão dos sentidos e dos corpos.

Tão logo a polícia apareceu, cada um dos frequentadores sentiu-se ameaçado e reagiu, cada qual à sua maneira. Alguns procuraram simplesmente disfarçar, caminhando serenamente até desaparecer num dos cruzamentos ou no escuro de algum abrigo. Outros agiram mais subitamente, correndo desvairado sem meio aos gritos e ao tumulto. Dois dos patrocinadores do êxtase sensorial, porém, traficantes de drogas, reagiram de conformidade com as emoções descontroladas. Houve um tiro, vários tiros, que ninguém conseguiu, em meio à batida policial, determinar de onde vinham ou quem foi o autor do primeiro disparo.

A polícia respondeu à altura, no entanto não

64

demonstrou nenhum escrúpulo ao descarregar

suas armas. Por todo lado, desespero e aflição.

Um aguerre interna que povoou as mentes das

dezenas de habitantes que perambulavam por ali. Paloma vinha caminhando lentamente, até então. Saía da boate na qual apresentava um *show*. Era transformista e aprendera a ganhar a vida dessa maneira. Durante o dia, trabalhava como estilista de uma grife conhecida na capital. A noite, principalmente nos finais de semana, aumentava seus rendimentos realizando apresentações artísticas em casas noturnas. Isso garantia o sustento, mas os recursos serviam sobretudo para patrocinar seu *hobby* predileto: ajudar as amigas em dificuldades - mulheres, travestis e transexuais. Paloma construía o Palácio de Cristal, nome que dava à instituição ou à mansão que mantinha para abrigar e amparar as meninas da noite, aquelas que eram desprezadas pelos homens bons e por aqueles que estavam preocupados em manter o *status* familiar. Suas meninas, muitas vezes enfermas ou visíveis -

mente sob a ação de entorpecentes, eram amparadas e socorridas em sua Casa de Cristal, e dali encaminhadas a médicos e outros profissionais de saúde que Paloma patrocinava no silêncio, sem fazer alarde e sem divulgar seu trabalho. Tudo isso era mantido como dinheiro de suas

## 65

apresentações artísticas e a ajuda de alguém que querias manter no anonimato.

Entretanto, Paloma não vendia o corpo, não fazia comércio do sexo. Ela era artista e, como tal, ganhava a vida em meio ao brilho das luzes e ao aplauso daqueles que apreciavam suas apresentações.

Assim que virou a primeira esquina, Paloma - assim gostava de ser chamada quando em apresentação - ouviu o primeiro tiro. Alguém passou por ela, quase jogando-a no chão. Momentos antes ainda lembrava, enquanto andava, as cenas

de sua adolescência, trazendo na alma a angústia pelo passado que se refletia em seu comportamento atual. Contudo, a corrida desenfreada

das pessoas fez com que reagisse instintivamente

te. Correutambém. Não sabiaparaonde.  
Comoestavaaindavestidacomostrajesda  
últimaapresentação,deprontofoiconfundida  
comumdostravestisquefaziampontonolu-  
gar. Palomase mostrouapavoradadianteda  
açãodospoliciais. Eramuitaviolênciaparasu-  
a  
almadeartista. Elanãoestavahabituadacom  
avidanasruas;nãofrequentavaoslugaresde  
prostituição. Apenasgostavadeseapresenta-  
r  
vestidademulher,representando,nospalcos  
de  
casasnoturnas. Palomaeraumapessoadifere-  
n-  
te,comumcomportamentotambém diferente.

66

Sensíveldealmaedecorpo; umaestrelaencas-  
teladanumcorpohumano.  
Derepente,recebeuum soco no rosto e cam-  
baleou; um dos policiais a confundira com os

prestadores de serviço da noite. Tentou prosseguir, mas foi violentamente impedida. Gritou, tentou despertar a atenção do policial, mas em vão. Recebi a pontapé e era arrastada em direção ao camburão. Os tiros pareciam, aos poucos, diminuir. Porém, antes que Paloma fosse coagida a entrar na viatura policial, arrastada, agredida e fragilizada, uma bala foi disparada. Sem alvo certo, o projétil acertou em cheio a região próxima a ocorrência do transformista, do homem, da mulher, da artista da noite paulistana. Ninguém sabia de que revólver a bala partira. Ninguém ali conhecia o passado ou a intimidade de Paloma. O sangue jorrava de seu peito. Nesse momento, o policial que arrastava Paloma percebeu que fora salvo pelo transformista outraves-

-

ti, como ele supunha. A bala do revólver o teria acertado em cheio, caso não encontrasse Paloma em seu percurso. Ela teria se jogado à frente do

guarda para livrá-lo? Tudo parecia que sim, mas ele não acreditava, não tinha absoluta certeza.

A viatura corria pelas avenidas, na tentativa de chegar ao hospital mais próximo. O poli-

67

ciais não vislumbraram que sua ação teria aquele desfecho. Um dos guardas, atingido no braço,

sangrava. Um artista de alma sensível partia,

deixando o corpo físico imóvel, estendido na via-

tura policial.

O guarda siamão hospital tentado socorrer o colega de trabalho. Palomava oava. Pairava mais além, como uma pomba de alma embriada ante a luz das estrelas. Abaixo, ficaram as luzes

dacidade. Sua alma parecia divisar as luzes que

se tornavam distantes; na mente desfilavam as

imagens das pupilas, das pessoas que ajudava

motivando preocupação em meio ao estado alterado da consciência, da alma de Paloma. Mais e mais tinha a sensação de subir. Via agora as estrelas e parecia estar bem próxima delas. Estava em êxtase, enquanto imagens e sensações se sucediam em sua memória espiritual. Seu corpo parecia mais diáfano, menos sólido, mais luminoso. E as estrelas recebiam como se fossem luzes da ribalta, luzes de um grande palco estruturado em meio ao firmamento. As estrelas!... Será que agora ela seria uma estrela também? Entre lembranças do passado, cobranças íntimas, *flashes* de luz, vozes e aplausos, Paloma partiu temporariamente do palco da Terra. As cortinas se fecharam, e mais uma tofinda na apresentação ou representação de uma vida. Seria a morte ou era apenas um marco em sua vida, para um breve recomeço? Naquele momen-

to, ela não sabia dizer. Apenas sentia, percebia intimamente, por meio de leve intuição, que algo -  
ra, nos camarins da consciência, deveria limpar  
a maquiagem, tirar a máscara e mirar o espelho da própria alma. As luzes de um período da existência física se apagaram. Agora, Paloma seria tanto o personagem como a plateia e o diretor da própria vida.

Nesse exato instante, os relógios marcavam 3h31 da madrugada do mesmo dia, do mesmo ano em que se desenrolaram os demais eventos.

CURITIBA

A DEPRESSÃO INSTALARA-SE PLOTICAMENTE. Ela

havia procurado médicos e psicólogos. Ingeria medicamentos fortes havia já algum tempo. Trinta e sete anos de vida física se esvaíam pouco a pouco. Intensa amargura, revolta pela vida

e contra a sociedade: assim eram as circunstâncias na vida de Patrícia.

Sentimentos diferentes, estranhos, começaram a ser percebidos na adolescência. Porém, a educação que recebera, rígida, castradora, impediu

que ela pudesse ao menos analisar racionalmente

69

as emoções que trazia como características profundas de seu psiquismo. Mas... o tempo foi passando. No afã de viver dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade, Patrícia até tomou

iniciativa de namorar alguns rapazes, embora lhe

fosse impossível aprofundar os relacionamentos.

Algo mais forte do que ela parecia repelir suas tentativas de aproximação com o sexo oposto.

O preconceito e o pavor de se descobrir, mais

ainda se declarar lésbica geraram dúvidas  
atrozes. Durante anos a fio, reprimir a sexualidade e evitar o prazer diferente que seu corpo lhe poderia proporcionar. A tradição espírita ortodoxa da mãe e a falta de uma formação cultural mais ampla de ambas limitavam as possibilidades de conversar abertamente sobre o assunto.

Somente depois de muito tempo é que Patrícia chegou à conclusão de que era preciso muito coragem para se admitir *gay* ou lésbica para a família. Mas as circunstâncias fizeram com que se calasse. Era tão grande a dependência emocional; tão avassalador o medo de que viria algum dia a enfrentar, caso se visse sozinho a vida...

Um dia confessou a um amigo médio e *gay* que frequentava a mesma comunidade que ela:

- **O** preconceito é tão grande em nosso meio religioso, que tenho a sensação de que estou condenada a esconder este desejo e me esconder atrás dele para sempre.

70

- Nem sei o que falar, Patrícia. Trabalho como médium e, sinceramente, não tenho nenhuma facilidade de comentar ou compartilhar com ninguém sobre mim mesmo. Permaneço inquieto e, acho que por isso mesmo, minhas habilidades na área da mediunidade parecem não "decolar";  
é como se eu estivesse travado. Não desenvolvo nenhum de meus projetos no campo da espiritualidade.

- Imagino o que você enfrenta por aqui, meu amigo. Agora que você vai embora, que pretende ir para São Paulo, quem sabe por lá encontre

outramentalidade no meio religioso e na cidade, como um todo? Aqui, no Paraná, acho que tudo é mais conservador. Quanto a mim, ficarei comigo mesma. Sem você por perto, não terei com quem me abrir.

Respirando um pouco, como que a absorver forças para prosseguir em suas lutas, César, o amigo de Patrícia, retomou os pensamentos:

- Muitas vezes me vejo obrigado a me comportar, no centro espírita, de maneira hipócrita.

Confesso que, senão me portar como a maioria,

tenho medo de ser taxado de antídoto trinário, de-

se equilibrado ou obsidiado. Imagine! Ainda hoje

tenho imensa dificuldade em admitir o simples ato da masturbação. O preconceito que gira em torno das questões sexuais é tanto que, em um

71

encontro sobre sexualidade ao qual compareci,

o orador, sem o saber, acabou dando força para que meu próprio preconceito se fortalecesse ainda mais. Saí de lá acreditando piamente que o ato da masturbação atrai obsessores. E nem posso dizer que eu fiz do conceito de homossexualidade... Saí me sentindo um lixo! E o agravante é que, como fui representar a instituição nesse tal encontro, acabei adotando um comportamento e um discurso totalmente diferentes do que penso, na realidade. Eu me hipocrisiada qual não vejo como me livrar...

- Como assim, César? Mas você é tão aberta...

- Não mesmo, Patrícia! De jeito nenhum.

Agora mesmo estou cheio de dúvidas. Ao longo dos anos, acabei por adotar um discurso moralista para me esconder, movido pelo medo de ser rejeitado no ambiente espírita. Criei uma espécie de proteção em minhas falas e palestras, de mo-

do anãomelembrardosmeusprópriosques-  
tionamentos. Então, passeiaengrossarafileira  
daquelesoradoresqueachamporbematacara  
condutahomossexual, dizendo - a frutoda açã  
obsessiva, ereafirmando, ainda, quemasturb  
a -

çãoaatraiobsessores e formaumquadromental  
desensualidadeeerotismo, oquefacilita oaces-  
so devampirosespirituais...

72

- MeuDeus, César! Nãoacredito!

- Issomesmo, minhaamiga. Porisso, não  
aguentomaisessamáscara, queestá mefazendo  
muitomal, eacreditoquetambémaquem me  
ouve em discursos ou palestras. Nãotenho forças  
nem coragemderompercomestesistema religio-  
so que pensa assim. Essa é a razão principal que  
me fez resolver iremborapara São Paulo. Dei-  
xareitudo aqui e vou recomeçar a vida em outro  
lugar, emboracheiodeculpas, além de pensa -

mentos e raciocínios que considero inadequados

ou errados. Mas não sei que outro caminho tomar; não aguento mais. Espero que por lá consi-

ga alguém ou algum grupo espírita que me ajude a renovar meus conceitos e opiniões. Mas aqui...

Patrícia perdia assim o único amigo com quem podia confiar mais abertamente seus

desejos e sua maneira de ser. Embora o amigo alimentasse muitas dúvidas e tivesse adotado um discurso moralista para os demais, experimentando conflitos abrasadores em decorrência disso, era alguém com quem tinha condições de conversar vez ou outra. Enquanto César, cheio de tormentas, partiu para outro estado, Patrícia

não teve coragem de romper com a situação com

a qual vivia. Acabou entregando-se à depressão,

que dia a dia ganhava terreno em sua alma.

A dificuldade de questionar a si mesma, de

73

enfrentar a situação castradora e opressiva criada em torno da sexualidade transforma a pessoa

em carrasco da própria alma. Não entender a própria identidade sexual, não abordar a sexualidade de maneira sadia e coerente com os senti-

mentos, a emoção e a afetividade vivenciado é

o mesmo que não conhecer os limites e os desejos

pessoais; é tornar-se impotente para fazer a re-

volução na própria vida, o que tornaria a pessoa

vitória e realizada no âmbito afetivo.

Muitos que não tiveram a coragem de rom-

per com o preconceito tornam-se amargos em

o momento de suas vidas, devido a questões

de ordem social, religiosa ou familiar; muitas

vezes, quando têm filhos, acabam reproduzindo com eles o contexto rígido, intolerante e discriminatório a que foram expostos, o que só faz perpetuar a infelicidade de todos.

De maneira semelhante, em agrupamentos sociais e religiosos, essas pessoas adotam discurso incentivador da repressão das energias afetivas, a pretexto de incentivar seus seguidores a serem mais santos e bem resolvidos, mais equilibrados e corretos que os cidadãos comuns. Na verdade, a maioria dos que defendem essa cartilha reprime em si mesmos a afetividade e recusam-se a admitir sua sexualidade para si mesmos e perante os outros. Então, o discurso homofóbico

74

é a atitude castradora, punitiva e escancarada

damente preconceituosa constitui em máscaras,

muitas vezes usadas pelo indivíduo para escon-

der-se, para aqui a própria condição sexual, que ele não tem coragem de admitir viver de maneira nobre e sadia.

A mãe de Patrícia, rígida em seus princípios, por mais que amasse a filha, à sua maneira, não sabia se adaptar às ideias novas e ao progresso.

Por isso, tinha enorme dificuldade em suprir ou mesmo compreender as necessidades emocionais

daquela a quem criara de maneira rigorosa, dentro

das limitações que tinha, inclusive de ordem cultural. A mãe a amava e sofria calada, muitas vezes; revoltada, outras, pois não sabia como conduzir a própria filha ante os sentimentos, e moções e desejos diferentes que via brotar em cada dia - e a cada momento morrerem junto

com Patrícia.

Um ou outro olhar de mulher fazia Patrícia estremecer. Mas não! Não podia se permitir um comportamento dessa espécie. Precisava se controlar emocionalmente - pensava muitas vezes -, como se isso fosse possível.

Patrícia digladiava consigo mesma. A tormentada das lutas íntimas, agravada pela ausência de César, a única pessoa com a qual tinha certa liberdade, foi aos poucos transformando a pers-

75

nalidade de Patrícia. Lentamente, ela se deixava levar pela amargura. Uma tristeza apalidamente percebida, de início, parecia se avolumar à medida que o tempo passava. Idas e vindas a psicólogos, depois psiquiatras e, até mesmo, a gurus,

igrejas e pastores apenas acentuavam a disposição íntima da alma masculina aprisionada

no corpo de mulher. O psi quismo de Patrícia não combinava de forma nenhuma com a morfologia

orgânica. Isto é, não vivia apenas a atração por mulheres, duramente contida, mas se identificava com o gênero masculino, num provável caso de transexualidade. Determinada a reprimir asolaros impulsos naturais, ela converteu-se

no maior impedimento à procurada felicidade .

Pouco a pouco a depressão se instalava,

a profundando a amargura e a revolta. De alma atormentada, profundamente mal resolvida com

a própria sexualidade - e, por conseguinte, com

todos os aspectos da vida -, Patrícia atingira o ápice de sua existência conflituosa. Era completa

a dependência emocional em relação à mãe, que, a esta altura, dispensava a cuidadora sem tempo integral à filha enferma, sobre o leito.

Os médicos não descobriam a causa da doença. A própria mãe não sabia o porquê de a filha estar definhando, pois tinha severas limitações de conhecimento e cultura para compreender a

76

situação. A pressão arterial, notadamente alterada,

resistia a todas as tentativas medicamentosas

como o intuito de regularizá-la. O coração apresentava crescimento indevido, causando sérios transtornos para o equilíbrio físico. Os rins, funcionando de modo irregular, já não cumpriam sua função. Patrícia estava inchando a cada dia,

e a medicina não era capaz de ajudá-la.

Foi nesse estado de abalo físico e psicológico

que, naquela noite, o coração resolveu dar a última batida, poucas semanas após Patrícia completar

37 anos de idade. Ataques cardíacos - dizia a mãe. Finalmente, o corpo físico não aguentou a pressão interna das emoções soterradas aqui -

querpreço. Era como se a alma de Patrícia explodisse, ao abandonar o corpo em caráter definitivo. Tudo o que reprimira durante a vida física vinha à tona de maneira avassaladora, explosiva,

descontrolada.

Patrícia parecia pairar, flutuar, enquanto sua consciência tentava de todas as maneiras juntar

os pedaços de si mesma, de emoções, sentimentos, angústias e revoltas íntimas. Agora teria tempo, muito tempo para rever e avaliar sua vida.

Elavivia,apesardamorteealém dasepultura.  
..

**O** relógio do tempo marcava exatamente

3I131 da m a d r u g a d a .

77

# SALVADOR

**NA CAPITAL BAIANA, O** barulho das sirenes incomodava profundamente. Sentia-se balançando de um lado para outro, jogado, chacoalhado; estava atormentado. Ainda repercutia em seus tímpanos, agora ultrasensíveis, o estampido da arma que alguém disparou. Estava numa ambulância a caminho do hospital. Não sabia quem o havia socorrido. **O** estado delirante parecia agora ser a situação normal de sua mente, pois via vultos, ouvia vozes; tudo indicava que chegara ao fim.

Lances de sua vida emergiam do psiquismo, transformando-se em *flashes* para logo depois formar imagens e cenas *ideoplásticas*, ou seja, originadas pelo pensamento. Assistia assim mesmo em cada uma das etapas de sua vida, as

Lances de sua vida emergiam do psiquismo, transformando-se em *flashes* para logo depois formar imagens e cenas *ideoplásticas*, ou seja, originadas pelo pensamento. Assistia assim mesmo em cada uma das etapas de sua vida, as

quais se sucediam na forma de imagens mentais,  
s,

enquanto a ambulância o transportava para o  
pronto-socorro mais próximo.

Jovem, alto, de olhos claros, sempre teve  
uma aparência que chamava a atenção de moças  
s

era pazes. A boca carnuda e moldurando um far-  
to sorriso exercera a tração sobre meninos e me-  
ninas por onde quer que andasse.

Desde bem cedo aprendera a tirar proveito

78

da bela aparência, beneficiando-se ao exibir o  
corpo. As frequentes ofertas de dinheiro e mor-

domias logo conquistaram e, de sedução em

sedução, foi-se lançando no mercado como exe-

cutivo do prazer. Aprendeu a vender o corpo, a

vida, a virilidade. Desde a adolescência desco-

-

briu que a vida o dotara de intensa força vital,

que canalizou para a realização e a promoção do

prazer sexual.

Cedeu ainda mais; após alguns meses se entregando ao comércio do próprio corpo, adentrou o mundo das drogas. O montante arrecadado mensalmente com a prostituição já não era

o bastante para sustentar os gastos com cocaína, cocaína e, depois, a heroína, da qual se fez escravo. Veio a necessidade de roubar para

manter o vício.

Para a família, sempre afirmou que traba-

lhava em comércio internacional, devido às di-

ferenças de fuso horário, a empresa onde pres-

tava o serviço operava nos três turnos. Essa farsa

justificava as noites que passava fora e os dias em

que chegava, muitas vezes, a nascer do sol. Co-

mo costumava contribuir regularmente com a  
-  
gum dinheiro, isso acalmava a maioria, embora  
a mãe desconfiasse de que o filho estivesse envol-  
vido com algo inconfessável. Procurara o mari-  
-  
do para falar a respeito de seus receios e preo-

79

cupações, mas encontrou uma barreira imens-  
a,  
um silêncio inquebrantável. Assim, acomodou-  
-se e, justificando-se perante a consciência por  
meio da atitude refrataria do esposo. Passou a  
ignorar as próprias intuições acerca do filho, de  
que algo estava errado com a conduta dele. Se-  
rá que o país abia e se calava? A namorada do  
rapaz dava mostras nítidas de estar a par de al-  
gum coisa, mas nada comentava, também. Tu-  
-  
do se passava como se houvesse um acordo táciti-  
-  
to em vigor, uma proibição no ar, que ninguém

conseguia romper.

O rapaz vendera não somente o corpo, mas também a alma. Os poucos valores internos adquiridos no contato com a família foram diluídos ou ofuscados à medida que se envolvia com as drogas. O corpo, sem resistir ao abuso a que foi submetido, logo passou a apresentar sinais de desgaste, tal como uma máquina a qual se exige além da capacidade.

Ronie fora chamado por um cliente que desejava satisfazer-se numa noite em que pretendia atingir o máximo da alucinação dos sentidos, inclusive com o uso de entorpecentes. O pedido vier na hora exata em que Ronie precisava de mais dinheiro para comprar drogas e abastecer-se por um período. Sendo assim, armara um plano para extorquir preciosos metal do cliente

80

que atenderia na aquela madrugada.

As cenas eram vívidas, e parecia que uma

força sobre-humana o obrigava a rever cada pas-

so. Já não sabia se estava de posse do corpo ou

fora dele. Era aquilo tudo uma de suas viagens

alucinógenas? Também não poderia responder à

pergunta que emergia de sua consciência. Prati-

camente não se dominava mais.

A cena continuava a suceder-se uma após

a outra. Via a si mesmo entrando em determina-

do bar para o tal encontro. Após algumas roda-

das de uísque, do qual pouco bebia ou apenas es-

boçava experimentar, por é m induzindo o cliente

a goles intensos, resolveu dar o golpe. Ou melhor,

preparava-se para o golpe final. Virou-se para o

lado dissimuladamente e pôs algum a bebida que

daria a o cliente rico. Por é m não percebera, em

nenhum momento, que o homem estavaacom-

panhado. Duas outras pessoas o observavam no

instante em que batizara a bebida. Pretendia dar o golpe que representaria sua salvação, segundo acreditava. Tratava-se de crime conhecido como

*boa noite, Cinderela*, célebre e temido entre boêmios e frequentadores de casas noturnas.

Ao erguer o copo preparado na direção do cliente, foi violentamente abordado por aqueles que o observavam e já lhe conheciam a fama. O

81

soco foi tão forte que Ronie caiu no chão, rolando de dor. Mas o preparo físico o fazia resistente, e ele levantou-se imediatamente, já com a mão em

punho. O burburinho foi geral, enquanto apontapésegarrasvoavamdeumladoparaoutro.

Do cliente, só via o vulto sendo retirado do local, e, atordoado, parecia ver em câmera lenta uma arma ser apontada em sua direção. Por um instante, sentiu-se paralisado. Outras pessoas que

havia sido sua vítima e também estava ali, ajudando o cliente a se liberar do *boa noite, Cinderela*, um golpe no qual o indivíduo, sob o efeito da droga, tem os pertences roubados, quando não é assassinado. Aqueles que escapam veem-se com a saúde profundamente comprometida, às vezes com lapsos de memória, devido à droga ingerida em altas doses, até porque geralmente acompanhada de grande quantidade de bebida alcoólica. Além de, evidentemente, experimentar forte abalo emocional.

Destavezos planos de Ronie foram por água abaixo. De nada adiantaria o corpo sarado e fabricado nas academias ou os olhos prenhes de pujante magnetismo animal. Ainda em câmera lenta, divisou a arma e o disparo fatal. Desmaiou. Ou, quem sabe, morreu?

Tudo estava muito confuso e suavemente.

Tentava a todo custo movimentar-se sobre a macada ambulância que atendera ao chamado de 82

emergência, mas os maravilhosos corpos não respondia às ordens mentais. Apenas o filme, a repetição de cada ato que vivera. Era constrangido

a rever cada detalhe. Um túnel iluminado, imagens que mais pareciam um pesadelo, e algo diferente que ocorria consigo e em torno de si. Seria a morte? Abala havia acertado o coração?

De repente, as cenas foram se tornando mais vagarosas, até desaparecerem por completo. R

o - nie, agora, percebia um estranho silêncio.

Porém, tudo se passou em questão de minutos ou, talvez, segundos. Um forte turbilhão parecia arrancá-lo definitivamente do corpo. Se n -

tia-se sugado por um túnel repleto de luzes que

se alternavam entre sombra e escuridão; uma espécie de buraconeiro, incrustado de holofotes ou algo semelhante, o qual fazia a ligação entre o aqui e o mais além. Não tinha qualquer controle sobre a situação.

O medo incomum, o pavor e um pranto convulsivo expressavam o desespero ante o inevitável. Agora tinha certeza de que não era apenas uma viagem causada pelo uso das drogas. Algo mais sério acontecia. O túnel de luzes coloridas absorvia todo o resquício de matéria da qual se impregnava na qual estava mergulhado. Partículas que partes minúsculas do seu corpo se soltavam, embora se sentisse ainda inteiro, mas

83

inteiro sob outro ponto de vista. Segundo presentia, despregavam-se placas de matéria orgânica do próprio organismo. Sentia-se livre de algo que não podia definir. Contudo, a mente, a

consciência encontrava-se cada vez mais pesada.

Verdadeiramente pesada. Então, veio a certeza

absoluta, final, a sentença inexorável: acreditava

piamente que estava morto, apesar de continuar

pensando. O saber-se plenamente fora do cor-

po sobre veio exatamente às 3h13 da mesma noite

de todos os demais acontecimentos em cidades

centenas de milhares de quilômetros dali.

## **SÃO PAULO**

**SÃO PAULO ESTAVA** regurgitando gente: era o

dia em que ocorria a Parada Gay. César chegara

recentemente à cidade e ainda não se enturma-

ra. Hospedava-se em um hotel próximo à região

central. Deitar na cama mais simples do hotel

que conseguira pagar com os escassos recursos

financeiros trazidos de sua cidade natal. Ainda

nã o s a b i a s e p a r t i c i p a r i a o u nã o d a P a r a d a . N o  
e n t a n t o , m e s m o q u e t i v e s s e d e c i d i d o , e s t a v a e x -  
t e n u a d o , m u i t o c a n s a d o nã o s o m e n t e c o m a v i a  
-

g e m , m a s p o r q u e a m e n t e , e x c i t a d a , f e r v i l h a v  
a

d e i d e i a s e e m o ç õ e s , n a q u e l e m o m e n t o e m q u e

84

p r o c u r a v a s e l o c a l i z a r , e n q u a d r a r - s e n a n o v a  
v i -

d a q u e e s p e r a v a t e r , a p a r t i r d e e n tã o .

D e i t o u - s e , c o m o s e d e i t a r a e m t a n t a s o u t r a s  
n o i t e s . M a s h o j e , e s p e c i a l m e n t e , a c o n t e c i a a l g o

d i f e r e n t e . M u i t o e m b o r a o b a r u l h o d o l a d o d e

f o r a , n a r u a , d a m u l t i d ã o q u e s e r e u n i a a q u i e

a l i e m a l g u n s a m b i e n t e s n o t u r n o s , C é s a r c o n s e  
-

g u i u p e g a r n o s o n o . M a s nã o e r a u m s o n o i g u a l a

o u t r o s s o n o s . P e r c e b i a u m l i g e i r o f o r m i g a m e n t o

p e r c o r r e n d o o c o r p o , c o m o s e p e q u e n a s f o r m i g  
a s

c a m i n h a s s e m s o b r e s u a p e l e . S e n t i u o b r a ç o d i -

reito parecendo levitar, de maneira que não conseguiu coordenar os movimentos. César definitivamente experimentava algo que jamais vivera,

nem mesmo nas reuniões mediúnicas que costumava

freqüentar.

Estariam morrendo? Quem sabe, tendo um

**AVC**? Não sabia dizer, pois o fenômeno era in-

sólito e não havia experimentado nada parecido até então. Seu corpo, agora, todo vibrátil, balan-

çava-se de um lado para outro, como se estivesse deitado numa rede. Ou não era seu corpo? Seria

seu espírito, que ensaiava projetar-se para fora

do corpo, num fenômeno para normal? A sensação até poderia ser agradável, não fosse o pavor que o dominou. Tentou a todo custo movimentar

braços, pernas ou qualquer parte do corpo. Em

vão. Estava paralisado; pareciam magnetizado de

85

tal maneira que, àquela altura, já não era capaz de sentir-se a si mesmo. Com certeza estava desencarnando. E nem sequer conseguira experimentar a vida de intenso na vida! - pensou.

"Será que mereço sair da vida assim, sem ao menos viver alguma coisa mais profunda? E para onde irei? Para o umbral?"

O medo transformou-se em pânico e não pôde perceber a riqueza do fenômeno que ocorria consigo.

"Ai, meu Deus! Será que vou pro inferno?"

Pro umbral? Será que são meus obsessores que estão me arrastando para fora do corpo? Valha-me, Deus! Me ajude, Doutor Bezerra!..."

Césares boçava um misto de grito e oração, acreditando, agora com absoluta convicção, que

vivenciava o processo de desencarne. A mente conturbada, cheia de culpas infundadas e ba-

seada unicamente na orientação espiritual deficiente,

fez com que sofresse a margurassem que tivesse feito algo para tanto. A culpa, os problemas mal resolvidos da emotividade e os tabus incorporados às crenças pessoais formaram um

clima mental complexo, que vinculou César a determinadas situações ou condições. Como sempre -

lhante atrais semelhante, ele foi arrastado magneticamente, algemado a certos problemas e à dimensão mental, energética ou outra qualquer, 86

na qual encontraria outras pessoas que, como ele, precisavam de reflexões produtivas, a fim de amadurecer e despertar.

3



UM PLANO MAIS SUTIL, invisível aos olhos humanos, diversos personagens se reuniam, nos bastidores da vida.

Poderiam ser classificados como espíritos- familiares, seres que não são nem santos, nem anjos, apenas humanos que vivem fora do corpo físico, no período entre vidas, mas ainda inseridos no panorama humano da civilização extrafísica.

- Em breve veremos algumas almas se encontrarem para, juntas, desbravarem desafios íntimos e comuns - disse certo mensageiro, que

sereuniacomamigosinteressadosnafelicidade

dedeterminadogrupodejovens.

- Parece que são mentes entrelaçadas por vivências em comum, culpas estilizadas nas máscaras que carregam até não aguentarem mais

- observou um dos mensageiros, orientador par-

- ticular à eum à os personagens que de desempenhavam papel momentâneo no palco da vida, no mundo físico.

- Tenho minha atenção voltada para um deles, especialmente. Temo que o estado emocional

possa levá-lo a um provável suicídio. Isso complicaria muito suas emoções, que, a esta altura, já estão comprometidas.

- Veremos o que é possível fazer. Contudo,

não devemos ignorar que nossos amigos têm de

escolher os próprios caminhos; são eles que es-

-

-

-

-

-

-

creverão a história de suas vidas. Embora caiba a nós prestar auxílio, não podemos impedir que vivam cada experiência, que sorvam cada gota do veneno ou experimentem o sabor do elixir que elaboraram. Cada um precisa enfrentar-se. Quem sabe, nesse encontro de almas, de seres em busca da própria felicidade, alguns deles possam encontrar o caminho melhor e mais excelente, aquele que os fará descobridores da felicidade?

- Não sei bem se nós mesmos encontramos a felicidade... Talvez estejamos fadados a procurá-la por toda a eternidade, trocando de corpo, vida e experiência, até que algum dia possamos

92

nos descobrir por inteiro. Que possamos brilhar, enfim, sem este peso que algumas experiências na Terra trazem.

- Também sei que demandará longo tempo

- falou outro espírito - até que tenhamos respostas satisfatórias para as questões concernen-

tes à sexualidade. Porém, como já caminhamos um pouco mais na compreensão de alguns desses problemas que afetam diretamente nossos amigos na Terra, creio que podemos inspirá-los em seus desafios.

- Não podemos nos esquecer de que somos apenas *espíritos familiares* - lembro um dos seres invisíveis. - Como tais, mesmo que tenhamos certa responsabilidade sobre a condução de nossos afetos, que enfrentam seus dilemas, temos de convir que nossas limitações são sérias. Não somos anjos. 1

- Quem sabe não é exatamente por isso que estamos aqui, observando e tentando auxiliados? Exatamente por que não somos anjos nem conhecemos nenhum anjo do lado de cá da vida. Possivelmente, tenhamos de ajudar nossos amigos, que vivem seus dramas e dilemas, justamente a se descobrirem humanos. Afinal, não é

para isso que todos nascemos na Terra, de modo que aprendamos a ser humanos, na mais exata aceção da palavra?

- Concordo plenamente - revelou o outro ser. — Vamos observar, inspirar e ajudar quanto pudermos. Devemos estar cientes de que cada um dos nossos pupilos, se assim posso dizer, traz uma marca íntima de sofrimento, decorren-

te de séculos de lutas, de acertos, construções e castrações mentais. São espíritos que naturalmente refletirão os padrões mentais forjados ao longo de sua trajetória, das experiências que cultivaram tanto durante a vida atual quanto nas muitas que tiveram. Além do mais, deve ser bem

1 Cf. **KARDEC**, Allan. *O livro dos espíritos*. I ed. esp. Rio de Janeiro:

**A**

## **F E B .**

2005. p. 317-330, itens 489-521.

claro para nós, a fim de ajudar adequadamente, que o sexo, neste momento histórico pelo qual passa a humanidade, é o grande desafio para o espírito inserido na experiência física.

- Não entendo que quer dizer ou aonde deseja chegar com essa observação.

— E que, para essas pessoas com as quais lidamos de forma mais direta, o sexo e a sexualidade parecem ser um desafio muito maior e mais amplo até mesmo que o desafio da própria vida e da morte. Estão atrelados ao passado, quando

fizeram escolhas, e elegeram determinada forma

de viver que repercute ainda hoje, em pleno século XXI, na maneira de encarar o cotidiano.

94

Em certo sentido, pode-se afirmar que suas fa-

mílias, suas conquistas, seus ideais e sua religião

o resumo - seja o desafio do sexo. Não quero, com

isso, dizer que estão vivendo num circuito fe-

chado de pensamentos, mas que as situações de

suavida não chegarão a bom termo, não encontrarão solução enquanto não resolverem essas-

épicas de nó carmico. A vida sexual de todos eles

parece representar muito mais do que uma sim-

ples vivências sexual, ou seja, é protagonista, e

não secundária no cotidiano de cada um. Veem-

-se repletos de tabus, preconceitos, ideias equi-

vocadas e, por conseguinte, culpa, muita culpa,

que foi gerada pela educação familiar, religiosa

e social a que se submeteram.

- Você quer dizer que, enquanto não enfrenta-

tar em seus problemas e dificuldades de ordem

sexual, naquilo que afeta diretamente suas emoções, estarãofadadosarepetirasmesmasexperiências, até os resolverem?

- Não é bem assim. Tentarei explicar melhor. Toda vez que qualquer um de nós, os seres humanos em geral, deixamos algo mal resolvido em nossa trajetória, parece que não conseguimos crescer. Um homem começa a caminhada, seja na vida afetiva, profissional ou noutro âmbito qualquer; entretanto, quando falta pouco para atingir suas metas de felicidade e realização, algo parece dar errado e tudo desmorona. Vez atrás de outra, a experiência se repete - e vemos esse processo suceder com várias pessoas, em diversas partes do mundo. Há quem julgue que é magia que fizeram contra ele, que o azar o persegue ou, ainda, que Deus não gosta dele. No entanto, ao observarmos essa avalanche de situações conflituosas ocorrendo com diferentes

indivíduos, podemos encontrar um denominador comum. E que deixaram algo nitidamente mal resolvido em suas vidas, em sua caminhada. Seja por que não se perdoaram por algo que julgaram ter feito de maneira incorreta ou antiética, seja por que deixaram de pedir perdão a alguém a quem prejudicaram e, para tais pessoas, esse pedido seria crucial. Ou, então, trazem situações mais complexas que poderiam ter enfrentado, mas recuaram e desistiram.

- Compreendo - falou o companheiro do mundo invisível. - Então é a isso que você chama de nó cármico...

- Isso é apenas um termo do qual me utilizo, devido à precariedade do meu vocabulário.

Em resumo, é algo assim. Uma situação mal resolvida pode representar um nó, uma pedra no caminho da pessoa; enquanto ela não retorna, enfrenta o desafio e se recompõe intimamente,

fazendo as pazes consigo mesma, não consegue  
e 96

avançar, atingir a felicidade ou a meta preciosa  
a

para sua alma. No caso presente, nossos amigos  
têm algo em comum: a sexualidade. E nós, tam-  
bém, temos algo em comum com eles, do contrá-  
rio não estaríamos aqui, auxiliando-os da form  
a

com o podemos.

- Entendo, meu amigo. Olhando para mim  
mesmo, sei que deixo algumas questões, diga-  
mos, em aberto, pois me faltam elementos par  
a

poder enfrentar-las. Sei que assim permanecem  
,

até uma próxima reencarnação, quando, quem  
sabe, terei mais condições de retomar meus pro-  
jetos de vida.

- Eu também - falou o outro espírito. - Vi m

da última experiência terrena com alguns des  
a -

fios; não souber reunir forças nem conhecimento a fim de superá-los.

- Vejam que os integrantes deste grupo de encarnados que reunimos apresentam situações semelhantes entre si. Neste momento, por mais desafiadoras que sejam suas lutas e guerras íntimas, são apenas humanos. Estão em busca de felicidade e realização. Alguns deles, por caminhos mais longos e, quem sabe, mais sinuosos. Mas, como diz um companheiro mais experiente: "Não estão só aqueles que amam". E eu acrescento: Não importa o tipo de amor, ou a forma de amar. **O** que importa é que amem; que continuem na busca pela felicidade, como nós. De nossa parte, precisamos apenas ampará-los ou, até, enquadrá-los de acordo com esta ou

aquela opinião. Que cada qual descubra o próprio caminho, que o conduzirá à realização interior, independentemente de sua forma de conceber a felicidade.

Em dado momento da conversa entre os habitantes do Invisível, um dos integrantes do grupo perguntou:

- Qual sua opinião, caro Samuel, sobre os espíritos que, ao estagiarem no corpo físico, passam pela experiência da homossexualidade?

- Este é um tema delicado, meu caro Nestor.

Creio, sinceramente, quem merece profundo res-

peito de nossa parte ao abordá-lo. Antes de tudo, carece da compreensão de algum termos, a fim de que não geremos mais dúvidas ou mesmo recaiamos em erros de interpretação, tão comuns

a quem se mantém na superficialidade do assun-

to. Primeiro, alguns termos empregados como

si-  
nônimos de homossexualidade precisam ser bem

compreendidos, pois não são adequados, já que se referem a outros tipos de comportamento ou

identidade energético-espiritual.

- Você disse *energético-espiritual*? Nunca vi

esse termo antes. Poderia esclarecer? 98

- Pois bem, meu amigo. Na Terra, entre os

mais experientes no assunto ou mais esclareci-

-  
dos, é comum distinguir entre identidade sexual

e orientação sexual, que são duas coisas diferen-

tes. A identidade sexual diz respeito a como o in-

divíduo se sente em relação ao sexo morfológico

.  
Ele pode se verem descompasso ou se sentir em

harmonia com o tipo biológico do corpo que ha-

bita temporariamente.

" Explico melhor. Quando o espírito reencar-

n a n u m c o r p o m a s c u l i n o , p o r e x e m p l o , m a s s e  
s e n t e u m s e r f e m i n i n o , s u a i d e n t i d a d e s e x u a l d i -  
f e r e , p o r t a n t o , d a i d e n t i d a d e f í s i c a o u b i o l ó g i c a .  
D i z - s e h a v e r a í u m c o n f l i t o d e g ê n e r o . D e o u t r o  
l a d o , q u a n d o a a l m a r e e n c a r n a n u m c o r p o f e m i  
-  
n i n o e s e u p s i q u i s m o t a m b é m s e r e c o n h e c e c o m o  
u m s e r f e m i n i n o , p o d e m o s d i z e r q u e a i d e n t i d a -  
d e s e x u a l s e i g u a l a à m o r f o l ó g i c a , d o s e u c o r p o .  
P o r t a n t o , a i d e n t i d a d e d o s e r p s í q u i c o p o d e , e m  
a l g u n s c a s o s , s e r d i f e r e n t e d a q u e l a a p r e s e n t a d a  
p e l o c o r p o e m q u e h a b i t a . J á a o r i e n t a ç ã o s e x u a l  
p o d e s e r e n t e n d i d a c o m o s e n d o o d i r e c i o n a m e n -  
-  
t o d o d e s e j o s e x u a l e d a a f e t i v i d a d e p a r a p a r c e i -  
r o s d o m e s m o s e x o o u d o s e x o o p o s t o . Q u a n d o  
f a l o e m i d e n t i d a d e e n e r g é t i c o - e s p i r i t u a l , r e f i r o -  
- m e a a l g o m u i t o m a i s p r o f u n d o d o q u e o s s i n a i s  
m e r a m e n t e f í s i c o s e p s i c o l ó g i c o s ; r e p o r t o - m e a  
99 t o d o o a r s e n a l d e c o n h e c i m e n t o s a r q u i v a d o s  
n o

corpomental do indivíduo."

- Então, pode-se entender que alguns nas-  
cem com a identidade energética-espiritual  
dife-

rente da identidade física e que isso pode ser al-

go programado anteriormente, isto é, no período  
entre vidas, também denominado [erraticida.de?2](#)

— Pode ser que sim, pode ser que não, meu

amigo Nestor. Nem tudo é programado. Como

regrageral, pelo menos ante o que temos souvi-

do do lado de cá, da parte de benfeitores mais

experimentados, a programação reencarnató-  
ria<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Cf. ibidem, p. 197, item 224.

<sup>3</sup> Cf. ibidem, p. 216-226, itens 258-273.

ocorre sim, mas obedece a certos fatores. Entre

eles, o esclarecimento e o mérito do espírito reen-

carnante, além da tarefa específica que o indiví-

duo deve realizar na sua próxima etapa na Terra,  
a,

se é este o caso. Do contrário, é preciso refletir.<sup>4</sup>

" Imagine um espírito comum, que não tem nenhum conhecimento de questões espirituais mais amplas, talvez por isso mesmo, nenhuma atividade programada. Em determinada ocasião, ele se aproximou de um casal em plena realização do ato íntimo; dois parceiros sexuais, portanto. Muitas vezes, esse espírito é, por assim dizer, capturado magneticamente pelas forças sexuais que são exsudadas ali; nesse enlace magnético,

# 100

vê-se a atividade das energias geradoras do corpo físico-

co, em plena ação no útero feminino. A verdade é que milhares de seres encontram-se nessa condição de uma concepção mais automática, mais

da lei e menos fruto de intervenção e programa -

1 A leitura apressada do texto indicado na nota anterior pode levar a uma interpretação errônea, tomando-se o princípio geral como sendo

válido para qualquer caso. Em resposta à primeira questão de Kardec

sobre a escolha das provas, lê-se: "Ele próprio [o espírito] escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-ar-

bítrio". A partir disso, há quem acredite que sempre se planeja a reen-

carnação. Adiante, Kardec mesmo rejeita essa hipótese, que lhe parece

insensata, ao indagar: "Como pode o Espírito, que, em sua origem, é  
ção espirituais. Ele nasce, morre e reencarna -

nam, sem ao menos ter consciência do processo pelo qual estão passando. São como os nômados,

que vivem do lado de cá da vida, mas não sabem que já morreram ou desencarnaram. Nasce no

mundo das formas por imperativo da lei de atração dos corpos, segundo o mecanismo das leis divinas, em grande parte direcionados pelas leis

físicas, inscritas e sintetizadas no **DNA** dos pais.

"Ante essa realidade, podemos observar espíritos comprometidos na área da sexualidade que precisam reencarnar e acabam atraídos para a formação de novos corpos. Eles não chegam

# I O I

ra ma escolher, p e l o m e n o s n ã o c o n s c i e n t e m e n t e ,  
o t i p o d e c o r p o o u a e x p e r i ê n c i a p e l a q u a l p a s -  
s a r ã o . E i s q u e n e s s e s c a s o s , m e u c a r o N e s t o r , a s  
l e i s f í s i c a s q u e r e g e m o n a s c i m e n t o b i o l ó g i c o j á  
e n t r a r a m e m a ç ã o , e a m ã e , p o r e x e m p l o , p o d e r á

c o n c e b e r u m c o r p o m a s c u l i n o d e u m b e b ê s a u -  
d á v e l , d o p o n t o d e v i s t a b i o l ó g i c o . M e s m o a s s i  
m ,

s i m p l e s , i g n o r a n t e e c a r e c i d o d e e x p e r i ê n c i a , e s c o l h e r u m a  
e x i s t ê n c i a

c o m c o n h e c i m e n t o d e c a u s a e s e r r e s p o n s á v e l p o r e s s a e s c o l h a ? " .  
O s

e s p í r i t o s l h e e s c l a r e c e m , c o n f i r m a n d o q u e t u d o d e p e n d e d a  
m a t u r i d a -

d e d o s e r : " D e u s l h e s u p r e a i n e x p e r i ê n c i a , t r a ç a n d o - l h e o c a m i n h o  
q u e

d e v e s e g u i r , c o m o f a z e i s c o m a c r i a n c i n h a . D e i x a - o , p o r é m , p o u c o a  
p o u c o , à m e d i d a q u e o s e u l i v r e - a r b í t r i o s e d e s e n v o l v e " ( i b i d e m , p .  
2 1 6 ,

2 1 9 , i t e m s 2 5 8 , 2 6 2 . G r i f o n o s s o ) .

o espírito que se aproximou, naquele momento do enlace magnético sexual, poderá ser um espírito de mentalidade, experiências e psiquismo feminino. Embora entendamos que tudo que

ocorre no mundo está dentro do planejamento

divino e nada seja alheio à sua vontade, esse tipo de reencarnação não obedece a um planejamento -

to efetivo de alguma entidade mais esclarecida

ou dos prováveis mentores do espírito reencarnante.

Houve mais o cumprimento de uma necessidade do que a execução de um planejamento -

-

to detalhado. 0

"Resultado: quando o espírito abre os olhos

e toma consciência da nova vida, já ocorreu a

## 102

união inevitável do espírito com a matéria. E ele nasce com a morfologia em dissonância com o psiquismo."

- Puxa, Samuel! A situação pode ser muito mais complexa do que imaginamos ou do que normalmente se ventila por aí. Posso entender, então, quem nem sempre há um planejamento e encarna -

tório e que a maioria dos seres que reencarna no planeta pode nem saber o que se passa?

5 " [Deus] pode impor certa existência a um Espírito, quando este, pela

sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando vê que tal existência servirá para a

purificação e o progresso do Espírito" (idem. item 262a).

- Sim, provavelmente se possa afirmar que mais de 50% - isto é, a maioria — dos seres que desencarnam e encarnam hoje, na Terra, nem

sabemo que se lhes ocorre. Permanecem tão mergulhados em interesses próprios da esfera material que, ao chegarem do lado de cá da vida, continuam acreditando que estão vivos entre os vivos. E ao renascer, a maior parte nem cogita a reencarnação, tampouco compreende o que sucede. São os conhecidos sonâmbulos. Andam, vivem e caminham entre os desencarnados num plano bem próximo a da matéria; por isso, dada a semelhança entre esse plano e o da matéria, não os sabemos distingui-los, pois o plano material é

103

a única coisa que conhecem. Nem sequer tiveram o mínimo interesse em perceber e esclarecer a respeito dessas diferenças.

"Sendo assim, como podemos imaginar, simplesmente, que haja um processore encarnatório

programado para todos os seres, sem levar em  
conta o esclarecimento, o comprometimento e o

maturidade psíquica de cada um? Planejamento

efetivo existe, é claro, mas me aventure a afir-

mar que esse tipo de planejamento é para quem

tem uma tarefa a desempenhar, seja no campo

espiritual, científico, artístico ou outro qualquer,

quem mereça um investimento mais detalhado e

exija um programa reencarnatório, a fim de ofe-

recer recursos à realização de um trabalho divi-

namente inspirado e preparado. É para quem

deixará as marcas na história do mundo, da hu-

manidade, mesmo que seja sem grande notorie-

dade, numa comunidade familiar ou outro do

gênero. Enfim, é para quem conquistou esse ti-

po de interferência espiritual por menorizada ou

para quem é alvo da intervenção de alguém de

mais amplos recursos, que lhe abonou ou avali-

zou a reencarnação."

- Mas não existe o caso de algumas pessoas, reencarnadas como homossexuais, em que houve -

ve planejamento para que a experiência se desse nessas circunstâncias? 104

- E claro que sim, amigo! Mas podemos entender que foram fatores distintos, a depender da época e da cultura, que levaram este ou aquele espírito a optar por uma vivência assim. Primeiro porque, quando o espírito é consciente de sua realidade íntima, ou um pouco mais lúcido a respeito, sabe de antemão que, em determinada época da humanidade, ele terá este ou aquele tipo de prova a escolher renascendo -

o *gay*, homossexual, bissexual ou transgênero.

Por exemplo, aqueles que viveram a condição homossexual nos anos 1920 ou 1930 experimentaram desafios bastante diferentes daqueles espíritos que a mesma condição viveram a oreen -

car nos anos 1980, sobretudo em sociedades  
ditas ocidentais. Paralelo semelhante pode ser  
feito ao se comparar a condição social do ho-  
mossexual na Roma ou na Grécia antiga e, no  
extremo oposto, em países de maioria islâmica,  
na atualidade.

"Portanto, podemos entender que, se algum  
espírito optou por um corpo morfologicamente  
em desacordo com o psiquismo, mesmo nas-  
cendo em culturas de menor tolerância, é porqu  
e

julgo que a experiência lhe serviria como fator  
reeducativo. Enfrentar as dificuldades inerentes  
à sociedade e à religião naquele contexto pode  
ria

105 atuar como forma de limitar seus impulsos,  
ca-

so tenhachegado à conclusão de que tais impul-  
sos mereciam reajuste. Porém, certamente não  
são as mesmas razões que o movem na hipótese

de reencarnar no século XXI ou mesmo nas últimas décadas do século XX, a não ser numa cultura mais isolada e tradicional. Como sabemos, a partir dos anos 1990, e talvez desde uma ou duas décadas antes, houve relativa abertura ment

social e mesmo religiosa, tendendo para a aceitação da aquilo que a sociedade condenava, de modo geral, e até via como doença."

- Agora compreendo melhor, Samuel! Então, podemos afirmar que os espíritos que reencarnam na época atual, em circunstâncias semelhantes,

têm outros objetivos, a o menos nos casos em que houver planejamento reencarnatório.

- E isso aí! De qualquer modo, na atualidade existem desafios os mais diversos acerca da sexualidade, os quais podemos analisar por o

troprisma. Um dos maiores problemas nos dias

atuais, principalmente entre espiritualistas, são

certos conceitos disseminados de forma irresponsável,

sem levar em conta os transtornos e males

que, de modo lento e progressivo, vêm causando e causarão, em médio e longo prazo.

Dando um tempo maior para a reflexão oportuna,

a fim de que os outros espíritos pensem,

juntamente com Nestor, Samuel prosseguiu: 106

- Falo de médiuns, oradores e dirigentes

espirituais que divulgam ou tentam incutir na

mente de seus admiradores do público em geral

que são assexuados, que nunca fizeram sexo

na vida ou que sublimaram as energias sexuais

.

Tal atitude é objeto de preocupação de elevados

mentores da espiritualidade, tendo em vista o erro

que significa a mera repetição do discurso de

castidade da igreja tradicional, propagado por

expoentes de ideias que deveriam ser renovadoras, e não conservadoras.

" Advindos de um passado em que se comprometiam demasiado com desvarios, que en-

chem suas mentes de culpa, e nas quais ainda

ecoamos conceitos religiosos repressivos, ex-

cludentes e errôneos cultivados, esses expoentes

tentam dar a impressão de que são diferentes -

alguns, até, missionários ilibados - e por isso não

fazem sexo. Como se aqueles que fazem sexo, se-

jam homossexuais ou heterossexuais, estivessem,

por essa razão, distantes de uma espiritualida-

de erroneamente concebida nas mentes de pre-

tenso missionários da infelicidade humana. Ou

como se praticar sexo fosse uma coisa imunda,

indesejável ou impura, alimentando, assim, a ar-

caicamentalidade medieval, infelizmente ainda

tão em voga, que divide o mundo entre sagra-

107 do e profano e associa o sexo ao profano. Ora, o

celibato do discípulo foi posto em xeque desde

Lutero, desde o advento do protestantismo, no

século XVI; vamos assistir a um retrocesso desses

em pleno século XXI?"

Respirando fundo, como se quisesse contra

indignação com a difusão de um equívoco desse

porte, continuou:

- Com esse tipo de desinformação que pres-

ta o movimento espiritualista, tais lideranças

acabam por sustentar e fomentar ideias distor-

cidas sobre a sexualidade humana. Muita gente

aporta nos templos espiritualistas cheia de con-

flitos íntimos e em franco desequilíbrio emocional,

que advêm da ignorância sobre este e outros

temas. Lá chegando, percebe que a comunidade

tem como parâmetros a castidade ou a sublima-

ção, quando não houver recomendações veladas ou

explícitas de que o melhor é reprimir seus impulsos sexuais. Como resultado, acaba por apor-

fundar suas dúvidas, acentuando culpa e fortalecendo ideias errôneas acerca da sexualidade.

- Ficopensando, Samuel - disse agora outro dos invisíveis, Arthur. - Se esses expoentes

estiverem mesmo falando a verdade, isto é, que nunca tiveram experiências sexuais, chega a imaginarse não precisam de tratamento psiquiátrico ou acompanhamento psicológico. Pois

é muito difícil de acreditar nisso que conta me 108 divulgam; no fundo, deve ser apenas para parecerem diferentes ou mais elevados.

- Esse papo de terem sublimado as energias sexuais é algo descarado, descabido. **O** que isso quer dizer, afinal? Que a libido foi totalmente canalizada para outros aspectos e, portanto,

to, não há relacionamento, masturbação e nem sequer desejo? E isso é tido como saudável, no atual contexto da experiência humana? Imagine só! Recordo o que dizemos orientadores evolutivos da humanidade, sobre o sexo ser a última coisa que conseguiremos elaborar plenamente, a fim de conviver com essa força de maneira harmônica e pacífica, ao longo dos futuros milênios. Então, só me resta concluir que essas pessoas querem, com suas afirmações, é sugerir que estão mais evoluídas, à frente da maioria.

- É como disse, certa vez, um expoente das ideias espíritas: "O espiritismo é religião de católicos fracassados". Entendo essa afirmativa, sobretudo quando sei que quem propala irrefletidamente coisas assim, defendendo uma santidade irresponsável e compulsória, na maior parte das vezes é ex-religioso, ex-freira ou ex-padre reen-

carnado. Não se contentando em a trapalha a vida dos antigos pupilos e paroquianos com os abusos praticados e os conceitos retrógrados e

109 de turpados que difundiram sobre sexo e, tam-

bém, sobre a falsa virtude dos santinhos forjados pela Igreja, reencarnaram para continuar prestando um desserviço à causa de Jesus. Como outrora, querem alimentar a crença na superiorida-

de e na santidade de lideranças religiosas, que, exatamente como nos casos de sacerdotes, bispos,

cardeais e papas, não resistem ao mínimo exercício do bom senso e da razão.

Agora, respirando mais fundo ainda, Samuel retomou o pensamento:

- Precisamos, então, encarar a sexualidade humana, em suas variações e formas de manifestação, como algo natural, e não emprestar pes-

tão grande à questão, gerando culpa e acentua-  
n -

do os dramas da aqueles que estão a caminho do  
descobrimto interior. Sexo, homoafetividade,  
homossexualidade, masturbação, bissexuali-  
dade,

erotismo: nada disso jamais foi pecado nem tam-  
pouco atraí obsessores, como afirmam alguns, até  
porque pecado é uma concepção católica,  
forjada

como intuito de coibir o pensamento, a análi-  
se, a consciência e as atitudes humanas da que-  
les que se submetem à influência dessa expressão  
de religiosidade. De forma equivalente, usamos  
conceito e a existência de obsessores - isto é, de  
espíritos que estabelecem relações infelizes com  
encarnados - exatamente como os padres de an-  
tigamente utilizavam a figura do diabo, como  
no

objetivo de coibir a liberdade de expressão e a  
felicidade alheia, já que se sentem infelizes, de

algumamaneira.Mas,convenhamos,aidadeda  
a

ignorânciájápassouhá muito!Aidadedama-  
nipulaçãomentaleemocionaleculturalporpa  
rte

dos religiosos foialgomarcantena história me-

dieval;porém,estamosemplenoséculoxxi...

Muitoemboraaindahajaespiritualistasusando

asmesmasmáscarasdeséculosatrás,paralisa-

dosengessadosnotempo.

-Épossívelcompreenderessaposturatañoul-

trapassada,presenteemalgumas pessoas,quando

consideramosopesodaculpaqueacompanhaa

tradiçãojudaico-cristã,aolongodemaisde2mil

### III

anos-falouArthur.—Equandocomparamos es-

setempocomosmenosde dois séculos de espi-

ritualismo,numsentidomaisamplo,épossível

entenderporqueamaioriadosquehojecoor-

denamuitosmovimentosdeesclarecimento da

humanidadeainda precisa se libertar de conceitos obsoletos, que embotamentetantotanto quanto a caminhada de muita gente.

Voltando-se para Nestor, Samuel falou, da forma como se fala, sem barreiras, a um amigo de longa data:

- Todostrazemosopassadocomprometido com as questões da sexualidade, seja como heterossexuais, bissexuais ou homossexuais que são

condições nas quais transitamos a longo das existências. Não há santos entre os desencarnados, por mais que esse fato decepcionenúmero

tãogrande de espiritualistas. Nem mesmo entre os chamados mentores, quemuitos médiuns e adeptos parecem ter beatificado e canonizado,

de modo a dar mais *status* a seus dirigentes es-

pirituais e sugerir que são mais elevados que os demais. Somos todos apenas humanos.

"Muito discurso que se ouve aqui, do lado de cá da vida, principalmente entre espíritos ainda apegados ou afeitos ao modo de vida católico ou religioso extremista, talvez até possa soar bonito, mas apenas como discurso, em si. Porém, sinceramente, quero ver quando esses mesmos espíritos, santificados compulsoriamente pelos valores que lhes foram imputados por seus médiuns, estiverem reencarnados. Como dizem na Terra: na prática, a teoria é outra..."

Continuando a fala, agora mais recheada de emoção, para seus ouvintes do Invisível, Samuel

prosseguiu:

- Eu mesmo, como bem me lembro - e como me lembro! -, trago da minha última existência na Terra muitas lembranças difíceis, quero montar a os meus primeiros momentos de infelici-

dade, naquela encarnação, quando confronto

com as deturpações e os preconceitos da cren-  
112

çã e o pentecostal, da forma como era cultivada no círculo familiar em que me criei. Ao longo do tempo, inconformado com as diretrizes que recebera e que me marcaram profundamente a existência, modifiquei o rumo de minha vida, absorvendo os ensinamentos do moderno espiritualismo, na interpretação do Evangelho segundo a ótica espírita. Só então é que consegui relativa liberdade mental e certa tranquilidade,

embora ainda permanesse a grilhoada de determinados conceitos difundidos por alguns expo-

sitores da que las ideias renovadoras. Os novos ensinamentos que absorvi demoraram a criar massa crítica em mim, de forma a capacitar-me a reconhecer e determinar a ideia espírita e

começava o ponto de vista a respeito dela, nem sempre enriquecedor.

- Quer dizer, então, que você nem sempre esteve na posição em que se encontra hoje? -  
questionou Nestor.

- Que posição, amigo? Aqui sou apenas mero aprendiz; nada mais. Não sou mentor, segundo o termo que se emprega no movimento espiritualista... Graças a Deus! Assim, me sinto mais livre, mais humano e igual aos outros, com quem convivo. Sou um espírito familiar, apenas isso. Aliás, a maioria dos chamados mentores não passa de espírito familiar, que deseja o bem daqueles que

»3

lhes são caros, os quais ficaram na outra margem da vida. Tanto quanto você e os demais, vejo-me

como alguém simplesmente humano, que precisa

se dedicar, e muito, ao estudo, a fim de praticar aquilo que aprende na escola da vida.

- Ah! Mas você é diferente. Já estudei muito mais do que a maioria de nós aqui; isso está implícito em suas palavras. Não pode negar que já é um instrutor de um grupo de espíritos, do lado de cá da vida.

- Instrutores não são anjos nem santos, Arthur! Trata-se apenas de um papel que desempenho, de uma palavra que define meus encargos por aqui. Nada além disso! Todos trazemos desafios, problemas, complexos ou mesmo obstáculos criados em nossas experiências. E conhecimento, puro e simplesmente, não significa elevação. Quem muito conhece, muito está comprometido, ou muita responsabilidade tem. Sem colocar um ponto final no assunto, mas apenas dando uma pausa para melhor observar os amigos encarnados como os quais lidavam de forma mais direta, Samuel encerrou a etapa de discussões com o comentário:

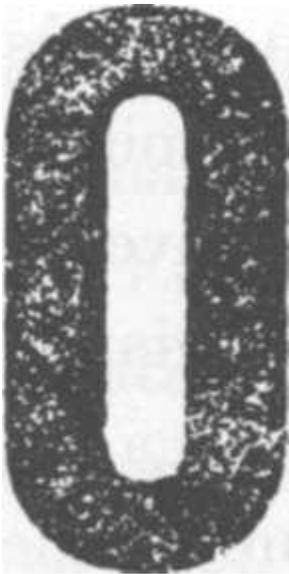
- É preciso concentrar nossa atenção nos dramas de nossos amigos encarnados. Eles estão em situação delicada e merecem nosso concurso, embora devamos permanecer ocultos, por en-

114

quanto, observando o que fazem e o que está por trás de suas palavras, intenções e atitudes. Eles precisam se encontrar, ou a o menos para se fugir com tanto ímpeto, mas, para isso, o caminho pode ser longo. Pode ser de apenas um minuto... Quem sabe nesse minuto a eternidade se esconda, o tempo pareça dilatado e as oportunidades se renovem? Vamos, observemos o que ocorrerá no próximo minuto das vidas de nossos amigos.

4

# 3H32 DA MADRUGADA DA VIDA



**AMBIENTE ESPIRITUAL** fora esculpido pelo calor e ardor das emoções conturbadas daqueles espíritos. Medos, angústias, sentimentos, esperança e expectativas de cada um deles contribuíram para plasmar a atmosfera psíquica na qual se viam envolvidos. Prisioneiros das próprias dificuldades íntimas, da culpa abrigadamente, elaboraram inconscientemente o ambiente espiritual ou fluídico ao redor. Final, a substância plástica da matéria astral assume a forma que amente e as emoções lhe im-

primem. Tanto o aspecto purgatorial quanto o celestial, assim como as cadeias que a grilhoam a criatura no Além, constituem meros reflexos de sua mente. Quanto mais se crê, mais se vê. Contudo, as paisagens paradisíacas ou infernais, sensíveis ou grosseiras não refletem uma realidade permanente. Tudo é passageiro. Tudo é projeção das sombras e das luzes que irradiam do ser. A mente prisioneira da culpa, do remorso ou das angústias de uma existência mal definida ou mal resolvida exterioriza a paisagem íntima e torna-se si. Da mesma forma, a mente sadia, que se esforça por cultivar emoções nobres e elevadas, projeta ao redor as imagens condizentes com a qualidade da vida mental superior. Através de mil formas, de mil vidas, o ser eterno vai aprimorando o psiquismo em meio às contingências da vida material, social e familiar. Detentor de uma riqueza interior inestimável, o

espírito investe nas sucessivas vidas, estagiando nas diversas expressões da forma, conforme a necessidade particular do momento evolutivo que atravessa. Homem e mulher são apenas aspectos exteriores necessários ao mundo da forma, 1 e nem sempre a fisiologia representa o ser psicológico aprisionado nos limites do corpo. O sexo, patrimônio sagrado do espírito, é expressão da polaridade íntima e aguarda os séculos e milênios para ser compreendido. A vivência da sexualidade será, dessa forma,

## I 2 C

uma questão comportamental profundamente

ligada às matrizes psicológicas construídas ao

longo das vidas sucessivas. Não há como padronizar o comportamento como expressão do ser

imortal, uma vez que a variedade de tão grande de criaturas e de experiências não nos permite uma

visão acertada, ampla e profunda da situação í-

tim de cada um. Tampouco é possível estabelecer

regras rígidas para comportamentos, ideias e

pontos de vista, classificando-os entre o que é e o

que não é normal ou aceitável. Não há como dizer que este tipo energético ou aquela identidade

1 Cf. ibidem, p. 173-174, itens 200-202.

de afetiva e sexual seja a mais correta ou a única

forma de expressão do ser.

Em cada vivência, uma aprendizagem; em cada atitude, uma experiência. Bem e mal deixam de ter a conotação moralista e legalista para ceder lugar ao comportamento ético dos seres que se emancipam mais e mais na escola da vida.

Muitas vezes, indivíduos veem-se reféns de medos, angústias e pesares; outros, em plena fase de aprimoramento íntimo, libertam-se de tabus

e preconceitos, ampliam conceitos, e assim, elaboram

o clima mental e emocional em que viverão, de acordo com a maneira como transitaram

121

na última existência física.

As prisões invisíveis - porém, reais - que

cerceiam a pretendida liberdade são apenas a projeção do lado obscuro, que emerge do incon-

ciente profundo. Tal projeção determina o limite da ação de cada um. E porque o ambiente espiritual, físico ou social é o reflexo vivo do mundo íntimo.

Sem escapar a essa realidade universal é que

Patrícia, Paloma, Hugo, Ronie, César e Adir aportaram em outra dimensão da vida, em bebidos e memórias, crenças, dúvidas e conquistas pessoais. Estavam numa espécie de transição entre as dimensões da vida; localizavam-se num plano onde, devido à sua extrema maleabilidade, a realidade interior se fazia facilmente palpável.

Um sétimo personagem se encontrava ali, e outros mais, invisíveis, imperceptíveis, como intuito de recebê-los ou, quem sabe, compartilhar suas experiências.

Sentindo-se prisioneiros, embora sem celas nem grades, mas também sem nenhuma possi-

bilidade de fugir perceptível naquele momento,

pouco a pouco foram se revelando intimamente.

Como que envolto numa rede invisível, numa espécie de teia de aranha, que o cercava por inteiro e coibia movimentos mais amplos, ouviu-se a voz, quase um grito, dorapaz:

- Onde estou? Que desgraça é esta que me 122 aprisiona? - perguntou Ronie, ainda com fortes imagens mentais do que lhe ocorrera.

- Quem são vocês? - gritava, sem obter resposta imediata.

Ao examinar a substância que o envolvia, concluiu que se tratava de algo parecido com uma teia de aranha, porém feita de material pegajoso. Somente com grande dificuldade conseguiu se desvencilhar da matéria que o dominava,

mas parecia-lhe que uma força descomunal o ar-

rastava de novo para a aquela armadilha. Porém

a força parecia não ser externa, mas interna. Era

algo que emanava dele próprio, pôde notar. To-

madodeimensa angústia, logo percebeu que não

estava sozinho ali. Havia vultos - outras pessoas

ou outras almas.

Em determinado lugar, em meio ao lusco-

-fusco do ambiente, jazia Patrícia, deitada em

posição fetal, gemendo baixinho.

Ajoelhado mais além, Adir, o pastor, parecia

balbuciar algo como sílabos, acostumado a fa-

zer uma oração puramente mecânica. **O** desespero íntimo parecia se avolumar.

- Onde estou? Será isto aqui o portal do in-

ferno? Não pode ser! Não pode! Eu fui salvo. **O**

Senhor está testando a minha fé...

Adir saía correndo de um lado para o outro,

na tentativa de sair daquela situação, encontrar

123

uma porta, uma resposta ou explicação em seus conhecimentos limitados. Em vão.

Hugo parecia estar prestes a perder o juízo.

Vezou outra da vagargalhadas, que se seguiam

logo após sintensopranto. Paloma, quieta, cabisbaixa, parecia mergulhada em seus próprios pensamentos e recordações. Não sabia onde estava.

Não queria saber. Tinha a mente funcionando em circuito fechado: pensava na própria

vida. Refletia.

Empé, alguém os observava. Seria apenas uma pessoa a mais, ou várias que os observavam? Não podia precisar. Pelo menos, não por enquanto. Não via o vulto, o ser diretamente, mas o percebiam. Sabiam que eram observados.

Era apenas uma sombra? Uma aparição? Todos pressentiam sua presença, mas ninguém o conhecia, também não se conheciam. Mas será que queriam se conhecer?

- Quem são vocês? Onde estou? - continuava Ronie a gritar, a se exasperar. Tomando uma atitude, levantou-se meio cambaleante; segurando as pessoas ao redor, sacudia uma a uma seus companheiros, estranhos entre si.

- Acordem, reajam! Estamos todos metidos neste lugar e vocês aí, parados? - berrava, agitava-se e exprimia seu inferno interior através das atitudes violentas. Tentava a todo custo

124

obter uma reação daquelas pessoas que estavam com ele, compartilhando o espaço. Ou não seria um espaço, seria uma situação? Não importa. Naquele momento, nem Ronie nem os demais

se quersonhavam como que estava acontecendo.

Nãohaviamsepreparadoparaessarealidade.

Emmeioàstentativasdedespertaraquelas

pessoas, um suspiro foi ouvido. Um suspiro pro-

fundo, alto, perceptível, quemexeucomtodos.

Ficaramapavoradosdiantedodesconhecido.E

comonãoviamapessoaaquapartiuosuspi-

ro, otemoraumentouexponencialmente.

Ummistodemedoepavorpareceuacordar

alguns, enquanto Ronie parou, silenciou, tentan-

do perceber mais alguma coisa.

- **O** sangue de Jesus tem poder! - bradou

Adir, alto e bom som.

- Só faltava essa! - disse Ronie, entre o de-

boche e o desespero. - Um religioso, talvez um

crente miserável preso aqui comigo... Eutenho

que aguentar cada uma, viu? Numadesgraça

dessas e ainda me vem um maldito crente...

- Você ouviu aquele suspiro profundo? -

perguntou Adir.

- Claro que ouvi! Não estou surdo!

Pensando um pouco mais, complementou:

- Ou melhor, não sei se ouvi ou se percebi.

125

Mas foi algo assustador.

Patrícia, recolhida em seu mundo particular, ameaçou despertar, erguendo a cabeça, para logo depois deitar-se novamente. Ou melhor, cair sobre a quele solo indefinível. Ela sentia um odor dificilmente suportável; lembrava fezes, podridão, algo assim. Mas será que os outros também sentiam a mesma coisa?

Hugo parou em meio a uma gargalhada; petrificado, acordou do seu transe privado. De onde viera a gargalhada? De que local? De quem? Não sabia se o que ouvira era real ou um trote de seu subconsciente.

- O que está acontecendo? Onde estou?

Olhou à volta e só então percebeu os outros.

Corrigiu-se:

- Onde estamos? Que lugar é este?

Ronie adiantou-se:

- Onde estão as paredes deste lugar?! - fa-

lou, perguntando a qualquer um, apontando p  
a -

ra o pastor Adir. - Já notaram que aqui não tem  
paredes?

- Sim - respondeu alguém. - Já tentei ultra -

passar certo limite, mas não consegui. Sempre  
que penso chegar a um lugar, estou de volta ao  
ponto de partida. Que lugar é este afinal? **O** que  
nos aconteceu?

Paloma foi a próxima a se manifestar, q u a s e

l e n t a m e n t e , depois de despertar de suas reflexões.

## 126

- Acho que morremos todos. Somos almas do outro mundo, e isso aqui é o purgatório... Ou

- falou agora mais pausadamente e quase em um tom baixo - o inferno particular de cada um de nós.

- Mais uma... - ouviram Ron e Debochar. Perceberam logo a presença de Paloma, que se erguia consertando a peruca. A dirimidamente interfereu na fala de Paloma:

- **O** purgatório não existe. A Bíblia não fala dele. Mas acho que algo grave nos aconteceu. Mas não morremos, não. Se estamos todos conscientes...

- Quem é você? - perguntou Hugo.

- Meu nome é Paloma. Não sei ao certo como vim para aqui, mas de uma coisa tenho certeza: estamos fora do mundo. Talvez mortos, tal

vez sonhando; quem sabe num pesadelo?

A voz de Paloma dava a impressão de ser

um misto de voz de homem e de mulher. Um

tom mais grave que o habitual, que ela conse-

gui a disfarçar apenas levemente. Mas isso não

passou despercebido de Hugo e Ronie.

- E um travesti... - murmurou Hugo para

Ronie. **O** desgraçado é um boiolar mesmo.

- Então ele está certo - respondeu Ronie

com um olhar de deboche para Paloma e quase

ignorando a observação do companheiro de in-

127

fortúnio. - Estamos mortos, e no inferno!

**O** comentário e a atitude dos dois refletiam o

desprezo e, ao mesmo tempo, o preconceito.

Paloma levantou-se cambaleando e foi em

direção a Patrícia, que jazia deitada, ainda. P

as-

sou a mão em seus cabelos, sacudiu-a levemente

,

na tentativa de acordá-la.

Neste instante, novo suspiro se fez notar.

Dessa vez, mais profundo, mais forte e perceptível do que antes. A reação de todos foi do mais puro e autêntico pânico. Correram mesmo, para

lá e para cá, na tentativa de se libertarem daquela situação. Porém, retornavam sempre ao mesmo

lugar. Pareciam mantidos àquele ambiente diferente, surreal.

Seria aquela uma prisão espiritual? Talvez, o portal do inferno de cada um? Ou foram abduzidos, de alguma forma que não sabiam explicar -

car? Quanto mais corriam de um lado para outro, tentando encontrar uma saída possível, mais

se deparavam consigo mesmos e chegavam a lugares nenhum. Talvez estivessem todos reféns de suas memórias, de sua própria mente? Mas, se era assim, como se encontraram todos, sem que

nem sequer se conhecessem antes? Quem os reu-

nira ali? Ainda não haviam atentado para certos detalhes. Não sabiam que todas as pessoas ali reunidas traziam uma característica em comum.

Aliás, sabiam muito pouco de si mesmos. Enfim,

128

não adiantava correr, pois não havia saída, seja lá o que fosse aquele local ou aquela dimensão.

De qualquer modo, o medo, o pânico tomara conta de todos ou quase todos. A presença de alguém mais, que apenas podia perceber através

de outros sentidos, por sensações incomuns, era quase algo palpável, real, mas não perceptível pelo olhar; pelo menos ainda não. A visão de

todo estava restrita, profundamente restrita a si próprios, e suas percepções, estritamente ligadas

aos problemas e limitações de cada um. Mas o medo pairava como um fantasma, e a dúvida, como um vulto, perseguia a todos.

Num recanto qualquer ou numa situação semelhante, de repente, quase num passe de mágica, apareceu um rapaz, não se sabia de onde.

Era César, que parecia haver sido abduzido, transportado para o local comum ou a dimensão mental da qual todos se encontravam cativos. Chocado, apavorado, sentia-se deslizar, quase escorregar pelo solo invisível. Aliás, nin-

gué mais ainda havia percebido um solo, um chão, no sentido literal. Sabiam caminhar ou deslizar sobre determinada superfície; entretanto, o que era em cima e embaixo naquela situação?

César chegou e trouxe mais pânico ao contexto em que todos se viam. A forma como se

materializou no ambiente dava a impressão de

que ele era um fantasma, uma aparição que, de um momento para outro, transformou-se em alguém tangível, palpável, mas não menos assustador.

Havia algo diferente em César. Ele, quase sem sentidos, quase sem se dar conta do que ocorria, ou sou perguntar. E a voz que emitiu foi uma voz diferente, também. Gutural, era quase um sussurro:

- Onde estou? Estarei morto? Quem são vocês, que se arrastam para aqui? Meu Deus, estou perdido, num limbo? Numbral?

- Outro perdido, como nós. Pensei que a aparição que estamos vivendo - queixou-se Hugo,

exalando desespero, mágoa profunda era invaincontida. - Mas, não! Outro miserável que aparece

donada pra atormentar ainda mais nossa vida.

- Quem são vocês? De onde vêm? - perguntou o recém-chegado.

- Somos como você: miseráveis, perdidos ou, então, um bando de gente abduzida por algum **ET** desgraçado que nos jogou aqui de fora.

Adiantando-se aos demais, Paloma se apresentou, oferecendo uma ideia que talvez pudes-

se ajudar:

- Sou Paloma. Somos sete pessoas ao todo, com você. Também não sabemos como chegou aqui?

Tem alguma ideia de como ir para este lugar?

## 130

Quem sabe podenos ajudar? Quem sabe se tentarmos recordar o que aconteceu conosco pode-

remos nos auxiliar? Pelo menos tentar lembrar as últimas coisas que nos ocorreram antes de irmos para cá.

Balbuciando, quase chorando, o rapaz respondeu, prestes a clamar por socorro:

- Meunome é César. E, sinceramente, não sei como vim para neste lugar. Vocês não têm nenhuma ideia? Se chegaram aqui antes de mim, talvez saibam de coisas que não sei ainda...

- Lembro-me de ter saído da boate onde eu trabalhava. Eu sou um artista, um transformista, e trabalho na noite para arrecadar fundos e manter algumas pessoas necessitadas de auxílio.

Além disso, gosto muito do que faço. Me realizo

nos palcos.

- Travesti! Você é uma travessa, é isso. Conheço bem esse tipo... - falou Ronie, agredindo Paloma. Parece que ele a dotava um tom mais agressivo toda vez que se dirigia a ela.

- Para com isso, ô grandão! - protestou Hugo, embora não nutrisse nenhuma simpatia por Paloma. - Você fala o tempo inteiro contra travestis, contra quem você nem conhece ainda e vive gritando. Afinal, se é tão correto assim, tão santinho em macho como quer fazer parecer, por que se inquietat tanto? Porque fica atirando pe-

# 131

dras, agredindo? Não estamos todos na mesma?

Não estamos tentando entender o que se passa por aqui, entre nós?

- Isso mesmo! - falou César entrando na conversa, a princípio timidamente. - Quem sabe tentando recordar, refazer os passos de cada um antes da chegada neste lugar não podemos juntar os pedaços de recordação e formar uma ideia mais exata do que é este lugar ou no que estamos metidos?

Olhando para Paloma, que estava quieta, quase cabisbaixa, pois sentira-se agredida mais uma vez, César prosseguiu:

- Continue a falar. Vamos, talvez encontremos um denominador comum nas histórias de cada uma aqui.

- Boiolas!... - resmungou Ronie, calando-se

em seguida.

- Bem, como eu dizia antes, sou artista. Mas também trabalho como estilista numa empresa de moda, numa grife conhecida da capital paulista. Lembro-me apenas que ia saindo do meu ambiente de trabalho e não tive tempo sequer de trocar de roupa ou retirar a maquiagem. Recebi um telefonema de uma das meninas que tento auxiliar. Ela estava desesperada, precisando de socorro, pois havia tomado uma dose excessiva de droga. Estava caída num canto de ruada

132

uma região horrorosa de acidez. Eu me dirigia para lá, por isso nem pensei em retirar a peruca, a maquiagem ou as roupas que fazem parte de um personagem que represento. Assim que virei a segunda esquina, ouvi tiros e um monte de pessoas fugindo, gritando feito loucas. Nunca  
havia passado ali naquela hora, principalmente

ap é ; j a m a i s p e n s e i e m t r a n s i t a r n a q u e l e l o c a l .

F o i e n t ã o q u e f u i a g r e d i d a p o r u m g u a r d a , u m p o l i c i a l . C a í n o c h ã o , e o r e s t a n t e o c o r r e u t ã o d e p r e s s a q u e n e m m e d e i c o n t a d o s d e t a l h e s . S e n t i a l g o n o p e i t o , a l g u m a c o i s a q u e r a s g a v a o m e u p e i t o . **O** i n t e r e s s a n t e é q u e m e t o q u e i , p r o c u r e i a p o s s í v e l f e r i d a e n ã o e n c o n t r e i n a d a e m m e u c o r p o q u e e x p l i c a s s e a q u e l a s e n s a ç ã o . S e i a p e -

n a s q u e d o r m i , o u d e s m a i e i , p a r a a c o r d a r , l o g o e m s e g u i d a , n e s t e l u g a r , j u n t o d e v o c ê s .

Q u a s e e m p r a n t o , P a l o m a f o i l o g o p e r g u n t a n d o , t a l v e z p a r a s i m e s m a :

- S e r á q u e m o r r i ? S e r á q u e m o r r e m o s ? . . .

F o i o q u e m e p e r g u n t e i o t e m p o t o d o , d e s d e q u e c h e g u e i . N ã o s e i q u a n t o a v o c ê s , m a s , q u a n t o a m i m , t e n h o c o n v i c ç ã o d e q u e n ã o e s t o u m a i s n o m u n d o d o s v i v o s .

- E s t á l o u c a ! V o c ê e s t á d r o g a d a , p o r a c a - s o ? S e v o c ê e s t á m o r t a o u s e s e n t e c o m o t a l , e n -

tão quer dizer que todos nós estamos? Não pode ser! Jamais! - falou Adir, quase aos prantos, pois

133

agora parecia que o desespero vencera a barreira

da sua fé, da sua máscara de fé ou de culpa.

- Claro que esta... - começou Ronie, corrigindo-se ante o olhar de censura dos demais. -

Claro que Paloma pode estar certa. Eu me lembrotambém: estava num bar, fui correndo ao encontro de um cliente que queria um programa de última hora...

- Programa? - perguntou Hugo, ao mesmo tempo que Paloma. - Que tipo de programa o levaria a um bar? Por acaso...

- Não! Vocês não entenderam. Não é isso que pensam... - tentou disfarçar Ronie. - Sou um executivo e trabalho com prestação de serviços

a alguns ricos da capital baiana...

- Peraí! Então, você veio de Salvador? -

perguntou Hugo, profundamente inquieto, re-

lacionando o que Ronie e Paloma haviam dito. -

Se Paloma veio de São Paulo, eu vim do Rio de Janeiro e você, de Salvador, como pode? Viemos todos de lugares diferentes e estamos presos na mesma situação?

O silêncio se fez de repente, como se todos estivessem pensativos ou tentando entender o quebra-cabeças.

- Eu vim de Curitiba - falou César. - Quer dizer, me mudei para São Paulo recentemente. E os outros?

134

- Já verifiquei com os outros - disse Paloma.

- O pastor Adiré da Baixada Fluminense. Sobre Patrícia, não consegui saber. Ela está numa espécie de coma.

Rompendo o silêncio que novamente se estabeleceu, Ronie continuou o relato:

- E me lembro de um abrigo no bar onde estava. Depois, em meio a toda confusão, parece que minha mente viajou feio e senti alguma coisa penetrando-me, uma bala, um disparo de alguma arma, além de pedaços de memórias ainda relativas à briga em que me envolvi. Nada mais!

- Afinal, o que você estava fazendo, mesmo? Disse que era um programa qualquer? Por acaso você é garoto de programa? Isso? - perguntou Hugo, visivelmente interessado na história de Ronie, encarando-o firmemente.

O interlocutor ficou totalmente indefeso ante o olhar inquiridor de Hugo e os olhares dos demais, que o encaravam. Não conseguia responder; não conseguia negar. Isso foi o bastante para que todosoubessem que estava mentindo.

- Então, você é garoto de programa!... É is-

so! - falou Hugo, num tom inconfundível de reprimenda, de acusação.

- E porque, então, você tentava o tempo inteiro me recrutar, me discriminando e me confundindo com um travesti? Mesmo que eu fosse

## 135

um travesti, mesmo que venDESSE meu corpo, c

o -  
mo é que você se achana condição de apontar  
meus possíveis erros se você próprio vende o cor-  
po? E ainda se diz executivo... - falou Paloma,  
agora num tom mais intenso, numa forma de se  
expressar antes não percebida nela.

- Eu sou o que sou e ninguém tem o direi-  
to de me punir, de desrespeitar meu estilo de vi-  
da. Ninguém aqui pode me censurar. Eu vendo  
o que é meu, o que me pertence e pronto - falou  
batendo no peito várias vezes, fazendo gestos e  
vociferando palavras, como se isso fosse inspi-  
rar mais respeito.

**O** pastor Adir, aproveitando as revelações de  
cada um, não perde tempo para emitir seu juí-  
zo e dar sua interpretação da situação:

- São todos uns perdidos! São pecadores,

prostitutos e sodomitas, filhos do pecado e da maldição. Só não entendo o que ocorreu comigo.

Porque Deus me puniu me deixando aqui, preso com um agente do demônio, filhos do pecado, como vocês?

- Ora, ora, engula suas palavras, crente dos infernos! - vociferou Ronie, que parecia não ter trava na língua. - Se você está aqui e se estamos todos mortos, como diz essa bichinha, então porque você é tão pecador quanto nós. E em meio a gargalhadas, mais de desespero

136

e nervosismo, mas também como defesa, Ronie perguntou, em tom de provocação, tentando tirar a atenção de si:

- E qual é o seu pecado, santinho do pau oco? Qual a sua culpa para estar a trelado a nós?

- Eu fui batizado no sangue de Jesus. E tu e o homem a alma lavada no sangue do Senhor.

Após breve silêncio constrangedor, todos executaram um suspiro, um fôlego de alguém que parecia ouvir a todos e que certamente registrara o que Adir havia dito. O pavor novamente tomou conta de todos, inclusive de César, que havia chegado há pouco. E novamente o silêncio, a aparente calma, que escondia a tormenta de cada um, o medo que os dominava.

Rompendo o silêncio, talvez para se distrair do temor pelo desconhecido, Adir tomava a palavra, quem sabe em vergonha de por haver se portado de maneira tão pretensiosa perante os demais, talvez para disfarçar a falta de equilíbrio, de compreensão do momento pelo qual todos passavam, quem sabe...

- Eu senti dores no coração. Desde muito tempo vinha sofrendo com a angina e pensei sinceramente que Deus haveria de me curar. Sempre

acreditei e preguei que Jesus cura e liberta... mas eu não fui curado! - demonstrava sua amargura e decepção num pranto quase convulsivo. - Pen-

137

sei que, me entregando ao Senhor, ele me livraria da enfermidade. Não queria procurar um médico, pois, se eu o procurasse, isso significava atestar a impotência da minha fé e do poder de Deus de curar e libertar. Não procurei nenhuma ajuda humana, pois acreditei que o poder do Espírito Santo me curaria e o sangue de Jesus me lavaria de todo o mal. Ah! Como eu estive enganado! - novamente, o pranto convulsivo. - Senti a morte chegar bem perto, senti que a vida ia embora do meu corpo, mas eu sei que não morri. Eu estou vivo, aqui, conversando com vocês; portanto, não posso ter morrido. Além disso, se estamos juntos, tem algo de muito errado nesta situação.

- E o que está errado, pastorzinho? O quê?

- interferiu Roni e de maneira sarcástica, esbar-  
rando em Adir propositalmente.

- É que a Bíblia promete o paraíso para  
quem aceitar Jesus! E se nós morremos de ver-  
dade, o que eu faço aqui, junto com pecadores?  
Com pessoas perdidas, como os filhos do inferno,  
do Satanás?

- Acontece, meu amigo - interferiu agora o  
recém-chegado César -, quem parece que to-  
dos a quite mos um denominador comum, ou a o  
menos a maioria, já quem todos falaram ain-  
da. Temos algum mal resolvido com relação  
às nossas vidas. Ao que parece, a o menos Palo-

## 138

ma e Roni etê malgo em comum, alguma coisa que os mantêm prisioneiros a este local. Só precisamos saber se os outros de nós também temos os mesmos motivos ou as mesmas coisas em comum a serem resolvidas.

- E o que teríamos em comum, conforme você pensa? **O** que você tem em comum conosco?

- Não sei bem ainda, mas acho que temos de descobrir. E descobrir nossa pendência talvez seja a chave para nos compreendermos e compreender o que está se passando. Quanto a mim, sou espírita, ou fui espírita, caso esteja morto, como talvez esteja. E sei que tenho muitas coisas não resolvidas dentro de mim. Principalmente em matéria de sexo, que sempre foi algo carented e de resolução em minha vida religiosa. Sempre encarei o sexo como algo complicado e me

privei de inúmeras oportunidades de me relacionar com outras pessoas. E me puni não me permitindo viver minha sexualidade. E, agora

que talvez esteja morto, não há como esconder mais. Não há como não admitir para mim mesmo o quanto me castrei em nome da interpretação doutrinária à qual me habituei.

- Então você acha que todos nós estamos aqui porque temos alguma dependência na área sexual? É isso mesmo que acha? - perguntou Hugo interessado no assunto e já um tanto preo-

### **! 39**

cupado consigo mesmo.

- Não sei se todos têm algo em comum nessa área, mas, quanto a mim, precisava desabafar. O impacto do desencarne, as sensações pelas quais passei, vendo-me sair do meu corpo... Foram muitas as tentativas de mexer os braços e as pernas, de conseguir falar ou gritar, me comu-

nica rde algum jeito. Essas tentativas se mostraram infrutíferas; não pude mover o corpo e, enfim, me vi flutuando fora dele, como se eu fosse um fantasma.

- Eu vivo cê se materializando diante de nós.

Parecia uma fumaça, uma aparição ou, quem sabe, uma mecha de algodão mais sutil que foi se juntando e formando o seu corpo atual, a sua aparência... - interferiu Paloma, convicta de que todos estavam desencarnados, mortos, e eram almas do outro mundo.

- Então é isso mesmo! Estou morto, desencarnado, e todos aqui também. Não há como viver. Eu uma vez que estou desencarnado, sinto uma grande angústia, uma espécie de cobrança interna ou culpa. Parece que não vivi plenamente e que deixei algo muito precioso passar despercebido.

- Vocês são do inferno, isso sim! - interveio o pastor Adir, num tom de reprimenda.

- Você é que parece do inferno!! - senten-

140

ciou Hugo quase aos berros. - Você é o quemais acusa a todos, o único que se considera santo

e bem-resolvido. Fala, pastor, fala o que o pren-

de a nós. Pense bem e diga-nos: qual a culpa que

você traz escondida dentro de você? - desafiou-

-o, agarrando o pastor pelo colarinho e jogan-

do-o no chão ou naquilo que se assemelhava a

um solo. Palomateu socorrer o missionário

morto, desencarnado, como acreditava, mas ele

se recusou.

- Não! Não me toque, sua pecadora, seu pe-

cador desviado de Deus! Parece meu filho Carlos

.

Afastou-se de Deus e agora quer parecer boazi-

nha, bonzinho. Me deixa que eu não mereço con-  
-  
viver com pecadores como você.

- **O** que aconteceu com seu filho Carlos? Fa-  
le, antes que eu o faça morrer uma segunda vez.

Fale, crente das profundezas! - gritou Hugo, sen-  
do contido por Paloma, que o agarrou firmemen-  
te, impedindo que fosse mais agressivo com Adir.

- Pare, Hugo! Você não pode ficar tão re-  
voltado assim... Ainda não sabemos tudo o que  
precisamos saber. Você precisa se controlar.

Hugo derramou-se em pranto convulsivo.

Chorou muito e deixou-se sentar no chão à frente  
de Paloma, que o amparava nos braços enquanto  
to eles se desfazia em lágrimas. Adir levantou-s  
e

141

e, erguendo a cabeça numa atitude visivelmen-  
te

orgulhosa, declarou:

- Eu o expulsei de casa. Carlos foi a vergo-

nhadafamília. Ele desviou-se dos planos do Senhor; mesmo com todas as correntes de oração e jejum, mesmo com as unções do Espírito Santo, ele não foi curado. Tive de mandá-lo embora de casa, senão ia comprometer a obra do Senhor, o meu ministério.

- Então você expulsou o próprio filho de casa e ainda se diz um pastor, um representante de Jesus? Possui um ministério divino? Que desgraça é essa de ministério que você representa?

- Ele era sodomita. Carlos gostava de outros homens. Era um pecador declarado; mesmo que ainda não tivesse completado a maioridade, já estava predestinado ao fogo do inferno. Eu não poderia permitir que ele maculasse a família nem o trabalho que eu realizava na igreja.

- Meu Deus! Então eu sei, agora, o que eu não atodos. A culpa, as coisas não resolvidas que deixamos para trás, as escolhas e decisões que

geraram a culpa que carregamos... César tinha

razão! - falou Paloma, levantando-se e deixando

Hugo no local onde estivera chorando.

- Que culpa que nada! Eu não tenho culpa

nenhuma, não me sinto culpado. Eu fiz o que era correto. Sinto às vezes é a falta do Carlos... -

confessou Adir.

### **1+2**

- Falta ou culpa? Você por acaso sabe onde ele se encontra? Procurou saber para onde seu filho foi depois que o abandonou, ou melhor, que o expulsou de casa? Tem ideia de atormentar pela qual ele pode ter passado ou passa ainda, por ter sido desprezado, devido ao seu preconceito miserável? - perguntou Paloma, manifestando sua

indignação ante o que ouvira de Adir. - Então é

isso mesmo! Talvez seja a culpa que nos une,

ou as questões sexuais não resolvidas que deixa-

mo para trás.

- Eu não sinto culpa nenhuma - repetiu o pastor. - Nenhuma! Essa coisa de culpa é invenção de gente perdida. O sangue de Jesus me lavou de todo pecado, de toda culpa...

- É... Talvez isso seja verdade, pastor Adir.

Talvez você esteja apenas com remorso e não se sinta culpado, ainda... Abandonar o próprio filho, ser homofóbico, fazer aceitação de pessoas e ter um deus que escolhe quem vai ser salvo baseados na sua cartilha pessoal, num sistema de crenças bastante ultrapassado e, acima de tudo,

excludente... Quem sabe seja isso mesmo! - falou César, revoltado com a posição e a arrogância

do pastor.

- Eu, por mim - complementou Paloma - ,

jamais ia querer ser salva. Prefiro o inferno mil

vezes, caso ele exista, do que ter de conviver com

# 143

peçoas salvas e com esse tipo de pensamento como o seu, Adir. Viver num céu cheio de crentes homofóbicos, preconceituosos, arrogantes e intolerantes, sem nenhuma consideração para com as pessoas da própria família? Não, pra mim não serve. Prefiro ficar no inferno cuidando dos oprimidos e daqueles que foram rejeitados pelo seu deus, ou melhor, pelos que se dizem eleitos... Adir calou-se, ao que tudo indicava, sentindo-se mal com as palavras que proferira. E támbém bastante incomodado com as que ouvira. Parecia nascer um sentimento de revolta contra si mesmo. Começava a se esboçar nele um pouco de remorso, e as lembranças do filho perdido vinham-lhe à memória. Um pouco mais de tem-

po e todos presenciaram o pastor romper os limi-

tes do próprio orgulho, da prepotência e da presunção e cair em lágrimas. Mas estava sozinho.

Ninguém ali se atrevia a ampará-lo, agora. Ele alimentara nos companheiros um sentimento de

aversão contra a sua pessoa. O remorso agora se

instalará definitivamente, e o pranto descia in-

tenso, sem impedimentos.

Aproveitando que o correracom Adirarevelação dos mais secretos sentimentos, Hugo também rompeu a sequência de fatos intragáveis.

Abriu-se, por suavez, provavelmente inspirada

pelas histórias ali partilhadas. Ainda abalado

144

com a possível condição de morto, com as histórias, ou melhor, os dramas de cada um, aventu-

rou - se a falar:

- Vivitoda a minha adolescência revoltado comigo mesmo. Tive uma aproximação quase sexual com um primo - falou com a voz entrecortada pelo pranto, num misto de vergonha e alívio. — Porém, criei uma aversão tão grande, por puro orgulho, por medo de a família e a sociedade me tacharem de gay, que me deixei afundar nas baladas, nas noites das cheias de bebida e droga, a fim de disfarçar meus desejos — estranhos desejos -, entregando-me a mulheres e mais mulheres. Toda vez que sentia dentro de mim o desejo por outro homem - agora chorava profundamente -, e me envolvia com sexo e mais sexo, de modo que as mulheres passaram a ser objeto sexual para mim, apenas isso. Sentia até raiva delas e passei a ser agressivo no sexo, porque não resolviam minha atração por caras, por mais que transasse com elas.

"Tentei a todo custo abafar meus sentimentos, minhas tendências, e para isso usei como arma a agressão contra todos os *gays*. Cheguei a participar de alguns grupos que batiam em *gays*. Ficávamos à espreita em alguma rua próxima de baladas ou de algum barzinho onde se reuniam

145  
niam e, quando um ou outro saía, os seguíamos. Aí eu descarregava todo meu ódio, toda a revolta contida dentro de mim, devido à covardia perante a necessidade de admitir meus desejos mais íntimos e secretos. Espantado e diverso rapazes via nisso uma forma de punição por eu mesmo ser assim e não admitir."

Hugo chorava e era de tal maneira franco, que agora Paloma e Ronie se deixaram comover pela história da rapaz, amparando-os nos braços. Hugo lamentava verdadeiramente as ocorrências das quais fora protagonista. Arrependido, tar-

diamente, segundo acreditava, diluía-se em dor,

angústia e pranto convulsivo.

Passado algum tempo, que todos souberam respeitar, em profundo silêncio, e enquanto Adir chorava por suave vez, sozinho num canto qualquer, Hugo continuou:

- Fui tão miserável comigo mesmo, que noites e mais noites usei drogas, somente com a esperança de abafar esses desejos e sentimentos que emergiam dentro de mim. Criei uma situação complicada entre mim e meu primo, que veio nos visitar há alguns dias. Descontei nele toda a revolta por haver-me iniciado nesse tipo de sentimento, segundo sempre pensei. - Chorava agora ainda mais intensamente, desolado.

- Não se machuque assim, Hugo - disse Paloma, quase maternal. - Ninguém merece um

# 146

sofrimento tão grande .

E Hugo , entre soluços e arrependimento ,

prosseguiu :

- Eu espezinhei o Ralph , meu primo , e disfarcei minha atitude com o discurso de machismo , de ciúmes dele com minha irmã . **O** pior é que ele não foi o culpado de nada . Foi eu que em me atirei sobre ele e roubei um beijo . Eu que tomei a iniciativa , e não o contrário . Agora , depois

de morto , tenho de admitir que sou e estou apaixonado por ele . Eu me odeio ! . . .

Paloma abraçou Hugo , conduzindo-o a um lugar próximo . Afagava-o , tentando consolá-lo ,

mas parecia que a dor do arrependimento havia se instalado nele . Paloma soube interpretar

aquele momento dramático e deixou que Hugo

se recompusse no próprio ritmo.

César, agora profundamente emocionado com tudo que ouvira, com a história de vida de cada um, deixou-se derramar por inteiro, falando mais para si do que para quem estivesse ao seu lado:

- Passei inúmeras noites sem sono, cheio de desejos. Tentei falar com meus pais, mas não consegui; eles não queriam tocar no assunto. S

e -  
xo era tabu, e falar de meus desejos, então, nem se fala. Eles preferiram ignorar que tinha um filho *gay*... Minha mãe até tentava conversar com meu pai, mas eles se recusavam a terminante -

*147*

mente a tocar no assunto. Foi criado o participante -

do da evangelização infantil no centro espírita, tomando passe sem mais passes, me submetendo ao tratamento de desobsessão todos os meses, para "tirar a pomba baixa de mim" - assim meus pais queriam e exigiam. Foi desse jeito até

eu atingir a maioria. Transformei-me num a

pessoa religiosa, quase fanática na tentativa de abafar meus instintos, que eu aprendera a identificar desde os 10 anos de idade.

Caí baixo, quase lento, César falava pausadamente, dando tempo de Ronie ouvi-lo, de Adir

prestar alguma atenção e de Paloma escutar sua a

história, seu drama pessoal, muito embora permanesse ao lado de Hugo.

- Fui informado ou formatado, por um dos oradores espíritas que estive em minha cidade, de que não deveria nem mesmo masturbar.

Quem masturbação atrai a obsessores, que erotismo era porta aberta para a influência espiritual.

Aí entrei num processo de repressão sexual, dos instintos mais básicos, e sentia uma culpa persistente, porque vez ou outra me dava conta de que não conseguia reprimir a energia sexual por

completo. Resultado: acabavam em masturba-

doe, logo após, me lavava, tomava banho e esfregava meu corpo até arder... Tinha vergonha de mim mesmo e afastava-me por períodos ca-

148

davez mais longos dos trabalhos espirituais aos quais estava acostumado, sentindo vergonha de minha conduta. Não tive com quem conversar sobre o assunto, a não ser uma amiga que deixei em minha cidade, a Patrícia.

A tristeza parecia marcar o semblante de César, apenas um jovem cheio de culpa e de ideias equivocadas que lhe foram impingidas, infladas por pessoas de religiosidade contagiosa, cuja visão engessada da vida as faz amordazar os sentimentos mais profundos daqueles que encontram em seu caminho. Fazem os outros de vítimas de sua própria infelicidade, e tudo em nome do bem e da luz. Então logo escutou César pronunciar o

-

me de Patrícia, Paloma acercou-se dele, deixando

Hugo um pouco a sós em suas reflexões.

- Você por acaso falou *Patrícia*? É isso mesmo que ouvi?

- Sim! Patrícia era uma amiga com quem eu conversava frequentemente sobre nossas dúvidas, desabafando. Ela mesma vivia dramas si-

críveis, pois teve uma educação muito castrada -

ra; ela também não se aceitava como era. Eu a deixei numa cidade vizinha a Curitiba e não tive mais notícias dela. Mas sinto saudade de nossas conversas.

Sondando mais um pouco e estimulando Cé-

149

sar a continuar falando sobre a amiga e sua relação com ela, Paloma atreveu-se a mencionar a pessoa quase em estado de coma, ou desmaiada -

danum recanto qualquer daquele lugar insólito, que eles ainda desconheciam do que se tratava exatamente e onde se localizava.

- Chegou junto conosco uma moça; desde que a vimos, está numa espécie de coma. A cada vez ou outra pronuncia algumas palavras desconexas, para depois lançar-se novamente a um estado meio cataléptico. Entre as poucas coisas que falou, disse-me que se chamava Patrícia. Será que você poderia vir comigo e dar uma olhada nela? Quem sabe pode ser sua conhecida? César saiu imediatamente da aparente tristeza que o dominava, quase um adormecimento. Arrancando forças não se sabia de onde, levantou-se e seguiu Paloma. O curioso é que, à medida que caminhavam, constatavam que o lugar não tinha limites; voltavam ao ponto de partida, não importava para qual lado fossem. Tudo levava a

crer que estavam prisioneiros da própria mente.

Veziu outra, imagens fugidias, sons estranhos, como se fossemos próprios pensamentos, apareciam e desapareciam como poeira no canto. Uma espécie de bruma ou neblina estava presente em todo o lugar para onde iam.

Paloma se lembrou do gelo seco, da fumaça que estava habituada nos palcos onde atuava.

Num canto, Hugo continuou engatinhando, refém das recordações, emoções e mistérios que povoavam sua intimidade. Adir falava sem ces-

sar, recitando algum salmo ou oração de forma mecânica, entre um gemido e outro, demonstrando que ainda chorava. Roni exingava, falava

palavrões, sacudia ora Adir, ora Hugo e, mesmo

nessa situação, procurava a todo custo censurar

Paloma, querendo massacrá-la como os mais ba-

ixos adjetivos, que usava a fim de diminuir-la. Di-

zia que ela estava tirando proveito da fragilida-

de dos outros, tentando tirar uma casquinha, a pro-

veitar-se da infelicidade alheia e obter algum

estímulo sexual... Enfim, o quadro era verdadeir-

amente confuso, intrincado, pois cada um, a su-

a maneira, externava emoções, sentimentos sco-

ndados, tradições, culpas, complexos e autopunições.

Só não conseguiram ouvir Patrícia, que es-

tava em algum ponto ali mesmo, junto de todos,

porém prisioneira de seus pesadelos, num coma

induzido pela culpa e pela infelicidade de coma

qual convivia em qual mergulhara. César não

sabia o que fazia ali. Cada vez mais, pensava

estar morto, desencarnado, como Paloma mes-

mo acreditava e, até certo ponto, fizera os outros acreditarem também.

Paloma procurava por Patrícia no intuito de apresentá-la a César e verificar se era a mesma

151

pessoa a quem ele se referira em sua história.

Contudo, por mais que caminhassem, parecia

voltar sempre ao lugar de origem. De repente,

Paloma teve a ideia de sair correndo em direção

ao local onde pensava ter deixado Patrícia pela

última vez. E assim fez. Saiu em disparada, co-

mo se estivesse numa corrida. Em determinado

momento, teve a impressão de que havia rompi-

do alguma barreira.

Não regressara ao lugar de antes. Encontra-

va-se só, sem notar a sua volta aqueles compa-

nheiros que conhecera nesta aventura estranha,

bizarra, inexplicável. Ao redor, imagens, sons,

músicas, que se alternavam, em diferentes esti-

los. Nas imagens que apareciam e desapareciam,

Paloma pôde identificar algo de sua própria vida. Tentava ver-se, perceber seu corpo, mas ape-

na sentia-se viva; não conseguia ver a própria forma, embora vez ou outra se percebesse projetada em meio à fumaça, à nuvem estranha que envolvia e preenchia aquele novo ambiente, cada

vez mais exótico. Estaria prisioneira da própria

mente? Não saberia dizer. Era refém de uma dimensão atemporal? Chegou a pensar assim, pois

parecia que ali o tempo não passava. Poderiam estar naquela dimensão ou situação há apenas uma hora ou há meses e anos. Não havia como mensurar o tempo. Sabia apenas que as ima-

152

gens, sensações e impressões eram oriundas da

própriamente.

Subitamente, uma vez mais se viu de volta ao ambiente inicial. Estava perto de Ronie, e o encontrou desesperado, com a fisionomia quase irreconhecível. Parecia que o garoto de programa

estava como a aparência muito modificada ou se modificando a cada instante. Aquilo era um pesadelo? Era uma peça teatral que algum maluco havia escrito ou era produto da culpa e memórias de cada um deles? Ronie estava apavorado e, quando Paloma tentou aproximar-se ainda mais,

começou a xingá-la, a berrar, descarregando toda a raiva e a fúria sobre ela. Paloma ficou pe-

trificada ao perceber a mudança que se operava na aparência de Ronie. Ele estava desfigurado.

Todos perceberam, todos ficaram boquiabertos,

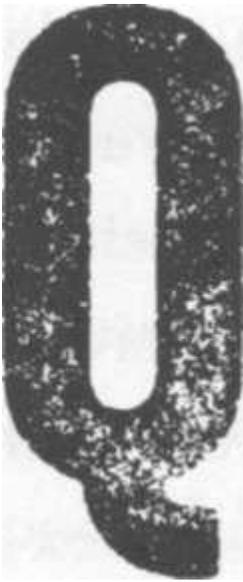
sem saber o que dizer ou fazer.

**153**



0

NA  
DIMENSÃO  
MENTAL



**UE É A MENTE?** Ainda faltam estudos entre os encarnados para definir o que ocorre nos escaninhos da vida mental e emocional. Por mais que a ciência tenha progredido, definindo alguns conceitos e situações, compreendendo certos fatos e ocorrências, a mente humana permanece uma incógnita em inúmeros aspectos. Com o campo vasto a ser desbravado, representa o próximo grande passo nas pesquisas, uma vez que, para de vassar essa dimensão na amplitude

de suas peculiaridades, é preciso sensibilidade e

novos sentidos, novos instrumentos e metodologias, ambos de ordem psíquica, mas que a ciência atual rejeita ou teima em desprezar, a omissão em âmbito oficial.

Perante a dimensão mental, o leigo muito provavelmente adescreveria como um local onde

tudo pode ocorrer, ou quase tudo. Todas as coisas que se imagina possíveis no universo realmente ocorrem nessa dimensão. A mente humana não consegue conceber aquilo que é inconcebível, que

não pode existir ou realizar-se. Essa afirmação pode ser refutada, reinterpretada ou mesmo considerada

absurda, mas fato é que a mente é um campo pouco pesquisado, pouquíssimo explorado

de largamente desconhecido. A tal ponto que se torna a aventura de atestar, com absoluta segu-

rança, que na mente não ocorra este ou aquele fenômeno, a menos se em estudo mais acurado,

taxando-o apressadamente de impossível, tendo

em vista ali operarem leis que constituem verdadeiro mistério a desvendar, pois em tudo diferem

das que regem os planos físico e mesmo extrafísico, na região mais próxima à Crosta. Quem pode garantir que, nessa dimensão, nesse mundo

de pensamentos, de formas mentais, de emoções

mais sutis e habitantes sem forma, não se vejam determinadas situações e não gozem de existên-

cia real certos dramas e histórias de vida, sujeitos

a leis que lhe são próprias? 1

Quando refém da culpa e de memória tra-

## 158

máticas e recalçadas, bem como de emoções não  
o

elaboradas nem resolvidas, de fundo mais com-  
-

plexo, a mente humana pode se sentir prisioneira a

num tempo determinado, num minuto, num se-

gundo, apenas nessa dimensão não física, muito

embora, para a pessoa envolvida, tais instantes

pareçam dramas inesgotáveis, quase eternos. O  
u

seja, um minuto na dimensão mental pode signi-

1 Na dimensão mental, atua o corpo homônimo, tão somente  
mencio-

nado pelo consagrado espírito André Luiz (cf. **XAVIER**, Francisco  
Cân-

dido e **VIEIRA**, Waldo. *Evolução em dois mundos*. 20a ed. Rio de  
Janeiro:

**FEB**, 2002. p. 27, cap. 2). Em livro anterior, no entanto, ele ilustra  
um

desdobramento a que se submete, após o desencarne, a fim de  
visitar a

ficar um tempo bem mais dilatado para quem vivência experiências nesse universo estranho, in-  
sólito, inexplorado e desconhecido da massa de humanos. Um minuto, segundo o ponto de vista de quem se movimenta e atua no plano mental, pode diferir radicalmente da representação temporal desse mesmo minuto na vida habitual, no mundo das formas. O tempo é tão somente um conceito, ainda que a ação e as impressões que produzam no cérebro ou na mente do indivíduo possam ser perpétuas, possam se afigurar duradouras, difíceis de explicar ou compreender. Em suma, a dimensão mental age de forma direta no cérebro humano e na mente, de acor-

## 159

do como panorama que o ser apresenta em seu mundo íntimo. Dependendo das impressões causadas pelas experiências do cotidiano e da carga de culpa que o sujeito carrega, assim como das crenças pessoais, que impregnadamente de ideias, conceitos, opiniões e substâncias não físicas, mas reais, tal será a percepção do contato ou da imersão nesse universo mental. Aquelas impressões, sobretudo quando geradas em mãe, também desencarnada, porém localizada numa dimensão superior, que se depreende tratar-se da dimensão mental (cf. "O sonho". In: **XAVIER**, F. C. Pelo espírito André Luiz. *Nosso lar*. 3a ed. esp. Rio de Janeiro: **FEB**, 2009. p. 215-220, cap. 36).

a e s t a d o s d e e m b r i a g u e z d o s s e n t i d o s e q u a n d o g u a r d a m r e l a ç ã o c o m v i v ê n c i a s q u e d e i x a r a m

profundas marcas na alma, definem o padrão no qual a mente vive, age e reage. Influência semelhante também se verifica nas experiências extravagantes ou extremamente violentas, que

cos-  
tumam acarretar culpa e, como consequência, engendram métodos e sistemas de autopunição nos escaninhos da memória espiritual. Não há como a realidade mental do espírito passar incólume e deixar de sofrer transformações associadas a tais fatores da história pessoal.

Devido a essas e outras razões, muitos indivíduos tornam-se definitivamente prisioneiros da

160

dimensão mental, adquirindo o aspecto de loucura.

É que o cérebro, incapaz de expressar os conceitos e ideias em que o ser está mergulhado, perde-se em meio a um mundo indefinível para muitos, em meio à dimensão puramente mental, porém recheada de emoções mais sutis, embora profun-

damente marcantes.

Outros, ainda, vivem temporariamente nesse outro universo, vivo, de vida latente, e de lá extraem inspiração, absorvem conceitos, ideias re-

novadoras, de modo que, ao regressarem, atuam

conforme o que aprenderam; em outras palavras, transitam entre os planos mental e físico - o tangível, o aparentemente real. Há, também, aqueles que para lá viajam em caráter provisório, mas

sentem-se prisioneiros, como se prisioneiros fossem,

de um universo paralelo, nem físico nem espiritual, algo entre o concebível e o inimaginável.

Em esse mundo, quase indescrevível pelo vocabu-

lário e conhecimento humanos, movimentam-se

por algum tempo, a menos enquanto não esgotam

as possibilidades de reflexão sobre a spec-

tos subjetivos da alma, tais como culpa, medo e castigo, que impingiram a si mesmos.

Nesta última situação, o plano mental poderá se assemelhar a uma prisão sem grades; um mundo-prisão onde o tempo pode pregar uma

# 161

peça, fazendo eclodir uma eternidade num único

minuto. O num único minuto o drama de toda

uma vida ou de várias vidas pode se refletir, num

átimo, num écran de tempo; enfim, uma impressão

ligeira, ocasionada por um abalo estrutural

na realidade individual, o qual denominamos

morte, ou quase-morte, ou impacto pré-desen-

carne. Essa prisão consciencial com frequência

pode atrair outras mentes em igual estado, que

porventura guardem sintonia com o mesmo gênero

de conflito e culpa, formando-se, assim,

uma comunidade baseada em situações mal-re-

solvidas, em problemas a serem solucionados ou

obstáculos a serem vencidos.

Aí está a circunstância em que se reuniram

seres de diferentes procedências; pessoas definitivas ou temporariamente alijadas do corpo físico, nos processos conhecidos respectivamente com morte e desdobramento antefinal, sendo este muitas vezes induzido por situações impactantes, por acidentes ou incidentes na vida de cada ser. Sem contar, ainda, a possibilidade da projeção consciencial lúcida, necessária para reflexões mais profundas ou para o enfrentamento dos desafios íntimos e mentais prementes.

A dimensão mental nem sempre apresenta paisagens.<sup>2</sup> Muitas vezes, tais paisagens não passam de projeção ou fruto da imaginação, alimentada pelos medos e pela culpa; isto é, asso-

## 162

ciam-se a o clima psíquico mais ou menos pesado. Para alguns, a dimensão mental é um palco cheio de luzes; para outros, uma prisão sem gra-

des; segundo outros, ainda, um limbo, umbral, um simples peso de ló ou um inferno particular.

Embora esses indivíduos estejam aparentemente

te juntos, num mesmo espaço dimensional, vivem cada qual sua própria realidade íntima,

1 Para saber mais sobre a dimensão mental, vale consultar a obra in-

dicada a seguir, que, na literatura espírita, é pioneira no que se refere

aos pormenores que traz sobre o assunto (cf. **PINHEIRO**, Robson. Pelo

espírito Joseph Gleber. *Além da matéria*. 2º ed. rev. Contagem: Casa dos Espíritos, 2011. p. 69-81. 115-123, 226-228, caps. 6-7,12, Entrevista:

necessária de ser desbravada, e ela não obede-

ce exatamente a uma programação anterior, promovida por alguma entidade.

Tal é a situação vivenciada por personagens de uma história real, que ocorre unalinhado tempo; transcrita, apresenta-se de forma ass-

citar reflexões sobre os temas e desafios que eles enfrentaram.

Em meio às observações que faziam é que

Samuel ouviu as indagações de Nestor ser em ex-

ternadas de maneira que pudessem, talvez, ex-

primir as mesmas dúvidas de outros companheiros do Invisível:

- Segundo percebo, surgem dúvidas no dia

## 163

a dia que, embora não o formulada explicitamente,

te, a flig em grande quantidade de seres encarnados. Diante disso, queria fazer uma pergunta, Samuel.

- Fique à vontade, Nestor! Enquanto observamos, intuímos e auxiliamos nossos amigos em suas reflexões, respeitando o jeito que cada um tem de manifestá-las, podemos ir conversando, com certeza.

itens 10-11). Mais detalhes sobre o corpo mental, como desdobramen-

to, patologias e tratamentos desse veículo, aparecem noutra obra do mesmo autor espiritual (cf. **PINHEIRO**, Robson. *Consciência*. 2ª ed. rev.

Contagem: Casa dos Espíritos. 2010. p. 24-37. 51-61, 202-208).

Os pensamentos de Nestor fervilhavam, e seus questionamentos giravam em torno dos me-

mo s p r o b l e m a s apresentados pelos c o m p a n h e i r o s  
e n c a r n a d o s , o s q u a i s e r a m o b s e r v a d o s e a u x i l i  
a -

dos d e p e r t o . D a s t a n t a s i n t e r r o g a ç õ e s q u e n o t a -  
va entre estudiosos e p e s q u i s a d o r e s d a v i d a d o  
espírito a i n d a h a b i t a n t e s d o p l a n o f í s i c o , N e s t o r  
foi direto ao assunto q u e a b r i r i a a d i s c u s s ã o :

- C o m o e n c a r a r o p r o b l e m a d a s e x u a l i d a d e ,  
c o n s i d e r a n d o a v i d a d o e s p í r i t o f o r a d o c o r p o ,  
após a m o r t e f í s i c a , i s t o é , n a e r r a t i c i d a d e o u p e -  
r í o d o e n t r e v i d a s ? A o d e s e n c a r n a r , o e s p í r i t o p o d e  
c o n t i n u a r s e n t i n d o d e s e j o s l i g a d o s à v i d a s e x u a l  
e a f e t i v a , c o m o a n t e s , q u a n d o h a b i t a v a a T e r r a ?

## 164

Com um sorriso de profunda compreensão,  
Samuel sabia que a pergunta refletia a dúvida  
de bastante gente, encarnada e desencarnada.  
. E

sabiamais: que bo a parte das pessoas não adm  
i-

tianem sequer analisar a possibilidade de ventila  
da

por Nestor, embora sentissem em si mesma algo  
do gênero.

- Claro que sim! - respondeu o instrutor.

- Nenhum de nós deixou de ser humano pelo  
simples fato de ter desencarnado ou morrido.

Considerando que ainda habitamos um adimen  
-

são ou um plano muito próximo à Terra, na sua  
esfera física, e também sabendo que impulsos,

tendências e vontades nascem primeiramente  
na

mente, 3 podemos compreender melhor que de  
-  
sejo e libido faz parte da vida dos espíritos,  
tanto de desencarnados quanto dos homens. Ao  
desencarnar, a maioria esmagadora dos espíritos  
estagia numa dimensão tão próxima à realida-  
de física que tudo ali reflete o mundo material,  
porém melhorado e mais intenso em tudo. Ou o  
contrário, se preferir: o mundo material reflete a  
dimensão astral, mas de maneira menos vívida e  
elaborada. A civilização e seus atributos - cons-  
truções, desafios, descobertas, avanços, saber,  
ciência e modo de vida - constituem tão somente  
meio reflexo do que se vê do lado de cá da vida.  
Assim também as tendências, os desejos e os im-

# 165

pulsos humanos ; todos estão latentes no espírito

imortal. Entretanto, a forma como se manifesta

e são satisfeitos é quem muda de acordo com a di-

mensão em que se encontra o espírito após o de-

sencarne. Em matéria de sexo, nada é diferente.

Mesmo sabendo a resposta, mas considerando

do que suas palavras seriam transcritas para o

mundo dos chamados e considerados vivos, Nes-

tor resolveu formular mais uma pergunta:

- Então quer dizer que o espírito faz sexo do

lado de cá da vida também?

3 "A mente é a usina diretora que transmite as ordens do espírito e diri-

ge a comunidade orgânica" (**PINHEIRO**. *Além da matéria*. Op. cit. p. 71).

- E por que não? Já se sabe que ele pode se

alimentar, tomar água, aproveitar todas as sen-

sações comuns ao corpo físico; portanto, como seria diferente no tocante a sexo e sexualidade? Ocorre que nem todos manifestam desejos e lhes dão vazão de igual maneira ou com situação mental e emocional equivalente.

Depois de dar um tempo, anotando o sorriso discreto na face de cada interlocutor, Samuel continuou:

- Na dimensão em que nos encontramos, o plano astral, são comuns os mesmos sentidos e emoções; tudo é análogo ao que ocorre na Terra, inclusive as sensações dos corpos espirituais que

# 166

nele habitam. E no mundo astral é comum encontrar mos seres que se satisfazem por meio de trocas energéticas semelhantes às que ocorrem

no mundo das formas. E nesse local ou situação que está a maioria absoluta dos habitantes do orbe, a experimentar sensações de dor, frio, prazer ou quaisquer outras, as quais perduram ou se mostram ainda mais intensas do que no mundo físico. 4

4 "O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é.

pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio.

" Se não assim, não é de se esperar que nossos

corpos espirituais, nesta dimensão próxima de-

mais ao plano físico, a presente morfologia e uso

tã o distantes a s s i m do q u e se dá no m u n d o físico.

A título de e x e m p l o , do l a d o de cá da v i d a t a m -

b é m nos a l i m e n t a m o s , b e b e m o s á g u a e e s t a m o s

sujeitos à m e s m a lei de g r a v i d a d e , p e l o m e n o s

dentro dos limites dessa d i m e n s ã o além-física.

" S a b e m o s que t u d o o b e d e c e aos clichês m e n -

tais, a o m u n d o m e n t a l , à s crenças introjetadas

e m nossas m a t r i z e s d e p e n s a m e n t o . O r a , s e c o n -

s i d e r a r m o s q u e t e m o s i m p r e g n a d o n o s s a m e m  
ó -

ria espiritual c o m e x p e r i ê n c i a s v i v i d a s a o l o n g o

# 167

das e n c a r n a ç õ e s , é coerente inferir q u e o cor-  
p o espiritual r e p r o d u z i r á sensações c o m o essas,  
a p r e n d i d a s por séculos e séculos, desde fome e se-  
de até frio e calor, p a s s a n d o p o r a t r a ç ã o , libido  
nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que  
não

é suscetível de congelar-se, nem de queimar-se. [Porém,] Não  
vemos

todos os dias a recordação ou a apreensão de um mal físico  
produzirem

o efeito desse mal, como se real fora? (...) Toda gente sabe que  
aqueles

a quem se amputou um membro costumam sentir dor no membro  
que

lhes falta. (...) O que há, apenas, é que o cérebro guardou desta [da  
dor] a impressão. *Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga  
ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte*"" ("Ensaio teórico  
da

sensação nos espíritos". In: **KAHDEC**. *O Liro dos espíritos*. Op. cit.  
p.

209, item 257. Grifo nosso).

e as demais reações de ordem sexual, inclusive aquilo que, na Terra, chamamos de tesão ou excitação sexual. Neste plano intermediário no qual nos encontramos, tudo acontece, porém, de modo mais intenso ainda, em relação ao que ocorre no corpo físico. Pelo menos aqui, onde vivemos, é assim." 5

Neste parecia satisfeito com o que Samuel expôs, pois sabia que muita gente no mundo físico tinha suspeitas e até convicções de que ocorreria tudo isso, mas que a ninguém tinha coragem de declarar isso abertamente e discutir o assunto. No entanto, Samuel não havia terminado suas explicações:

168

- Acontece que temos diversas dimensões no planeta, nas quais os aspectos que envolvem

a sexualidade pode ser bastante diferentes do que se vê entre nós, na região espiritual que habitamos. De todo modo, ainda fixando a atenção

nas manifestações de sexualidade entre os des-

5 "Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é

corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois

que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do

que no verão: temo-los visto atravessar chamas, sem experimentarem

qualquer dor. (...) A dor que sentem não é, pois, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque *a dor não se acha*

carneados, é interessante notar fatos como o se-

guinte, a título de exemplo. Um ente querido, do

lado de cá da vida, ao escrever uma mensagem

para os parentes próximos, através da psicogra-

fia, faz ligeira referência ao fenômeno sexual,

que continua ocorrendo com ele, a despeito do que supunha sobre a condição de "morto". Frequentemente, denota não ter muitas explicações

ou entendimento, mas observe o conteúdo das chamadas cartas consoladoras, isto é, as mensa-

gens psicografadas por parentes, em particular

dos recém-desencarnados. Trata-se de espíritos humanos, cuja grande maioria está bem próxima da realidade física, numa dimensão quase mate-

169

rial. Em muitas das cartas, lemos frases do tipo: "Ainda sinto as mesmas necessidades do antigo corpo físico". Ou, então, de modo um pouco mais explícito: "Minha mãezinha querida, meu

paizinho amado, sinto em meu corpo espiritual a

repercussão de antigos desejos e sensações que eu

*localizada é porque não a produzem agentes exteriores. (...) Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito*

por intermédio do perispírito [ou corpo astral] (...). Uma vez morto, o

corpo nada mais sente, por já não haver nele Espírito, nem perispírito.

Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, *porém, como já*

*não lhe chega por um conduto limitado, ela se lhe torna geral" (ibidem, p. 210 - 211, item 257. Grifos nossos).*

julgava próprios do corpo físico". Em palavras assim, cheias de significado e ditas à maneira de cada um, o espírito recém-desencarnado revela a perplexidade ante as reações da natureza sexual,

por vezes questionando o fato de senti-las como antes, no corpo físico. Comumente, isso se deve

à orientação espiritual recebida, que ensinava que se transformar em espírito implicaria perder

por completo a humanidade e deixar de ter sensações e prazeres que, segundo pensava, eram

comuns apenas aos encarnados. Então, o fato de o sujeito encontrar-se do lado de cá como cor-

po espiritual totalmente funcional, capaz de sentir desejo e ter reações como ereção, no caso dos

170

quem mantém a aparência masculina, faz com que

ele fique em dúvida, até, de que já desencarnou.

Dando um pequeno intervalo, sabendo que suas palavras teriam repercussão principalmente

entre os encarnados, Samuel continuou mais um pouco:

- Diante de inúmeras evidências de nossa realidade do lado de cá, podemos afirmar que a maioria de nós, incluindo os mais bem intencio-

nados e os mais espiritualizados entre os ditos

desencarnados, pura e simplesmente morrem os;

ou seja: deixamos o corpo físico na sepultura ou convertido em cinzas pela cremação, mas ainda

não aprendemos verdadeiramente a *desencarnar*.

Não nos libertamos, de modo algum, das impressões dos sentidos materiais. Pois quando conside-

ramos os séculos e milênios em que vivenciamos

experiências em incontáveis corpos, a longo de

mil e umas vidas, entendemos por que nossa mente permanece impregnada das sensações da ma-

téria, das impressões oriundas dos sentidos que

desenvolvemos no contato com o mundo material, por meio do processo já denominado *inte-*

*lectualização da matéria*,<sup>6</sup> Nesse vaivém entre

o mundo extrafísico e o material, não podemos

considerar tais sensações ruins ou desnecessárias;

pel contrário, são muitíssimas necessárias

para desenvolvermos a sensibilidade, o respeito

ao semelhante, ao que é diferente e plural.

"É como se a reencarnação ou o mergulho na matéria pudesse ser visto como uma espécie de experimentação dos sentidos, visando a oprimoramento do espírito.<sup>7</sup> Em meio à captação e ao desenvolvimento de sensações é que impregna nos fortemente nosso ser de impressões relacionadas à vida material, física, as quais repercu-

6 "Que seria o nosso corpo, se não tivesse alma? 'Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, exceto um homem.' (ibidem, p. 139, item 136b).

7 "Todos são criados simples e ignorantes *e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporat*" (ibidem, p. 137, item 133. Grifo nosso).  
tem, mesmo depois da morte, em nossos corpos espirituais, energéticos e mentais. E observe que tais sensações não são somente de ordem material, mas ainda extrassensorial, energética e espiritual-inclusivo no sexo, que proporciona a

permutadeenergias também de caráter espiritual. Esse processo é tão crucial para o espírito quanto foi, para o princípio inteligente ou emanada divina, a imersão na matéria densa, a fim de despertar os sentidos espirituais ao longo das eras e, assim, a dentro do reino humano.

"A recusa em vivenciar a vida sexual e afetiva, seja de que forma for que se manifeste, equivale a colocar barreiras à evolução e é uma prova

## 172

viva de egoísmo. 8 Agora, se considerarmos a existência

de outros departamentos da vida universal, outros mundos e dimensões superiores, que

somente nos séculos vindouros conheceremos a fundo e serão nosso *habitat*^ aí poderemos enten-

der que, nesses locais, o sexo deve se manifestar de maneira singular. Entretanto, isso só se da -

8 "O celibato voluntário representa um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus? 'Não, e os que assim vivem, por egoísmo, desagra-

dam a Deus e enganam o mundo'." (ibidem, p. 413, item 698). Embora

a resposta taxativa, no item seguinte os espíritos superiores admitem

uma forma de celibato como meritória, porém apenas quando se traduz em proveito para a humanidade.

rá após o espírito esgotar todas as possibilidades da vida no sentido mais humano possível, viver

todas as experiências humanas de modo pacífico. Assim, quem sabe um dia experimentar emoções e emoções análogas, porém em ritmo e forma diferentes do que estamos habituados?

"Isto é, isso ocorrerá quando desencarnarmos, no sentido mais amplo do termo; quando deixarmos o mundo da carne e as impressões dos sentidos físicos, que ainda repercutem e, quiçá, norteiam as percepções de nosso perispírito ou corpo emocional; enfim, quando habitarmos mundos de dimensões materiais ou puramente mentais - e outros superiores, ainda. Até lá, nos

173

milênios que nos esperam antes de alcançarmos a angelitude, seremos somente humanos. Enquanto

não convivemos em paz com nossa condição humana, sem os preconceitos, tabus e culpas que

carregamos, estaremos fadados a nos sentir in-

completosem nossabuscapela felicidade."

A fala de Samuel foi muito esclarecedora para os espíritos que estavam ali, de plantão, para ajudar os amigos encarnados: Hugo, Ronie, Adir, Patrícia e os demais, que permaneciam c

arentes de auxílio e inspiração. Mas Arthur, não satisfeito com a explicação, resolveu tocar num assunto que era, por assim dizer, um tabu ou um tema mal abordado e mal resolvido entre os espiritualistas encarnados, tanto quanto entre

muitos desencarnados:

- E o que dizer da masturbação? Muitos espíritos dizem que masturbar-se atrai obsessores e que é uma prática não somente desnecessária,

mas completamente desaconselhável. Mas en-

tre certos evangélicos também existe uma quase

proibição com relação ao tema, desde a prática

até a mera discussão a respeito, malvista mesmo quando no contexto da educação de jovens e adolescentes.

- Meu Deus, como os homens complicam as coisas! Como os religiosos, com o passado espiritual e a vida afetiva e sexual notadamente ca-

174

rentes de resolução, parecem fazer de tudo para complicar as coisas e tornar os outros tão infelizes quanto eles mesmos.

E dando um tempo para reunir seus pensamentos e argumentos de modo que ferissem o mínimo possível os interlocutores - os espíritos, mas sobretudo aqueles que leriam suas palavras,

maistardetranscritaspelamediunidade-, Sa-

muelfaloupausada, porémenfaticamente:

- A masturbação foi considerada um pecado por muitos séculos, ante a ignorância espiritual

de diversos povos e em diversas épocas da humanidade. Praticado por homens e mulheres, o ato solitário da masturbação sempre foi associado a algo abominável e ofensivo pela sociedade religiosa, que ligou essa prática a fatores morais e religiosos, e sua repressão, a fatores autopunitivos inconscientes. A lógica é: toda forma de prazer sensorial é profana e pecaminosa e, conseqüentemente, deve ser banida.

"Tal atitude decorre, em grande medida, da tradição judaico-cristã, que influenciou a humanidade de maneira espantosa, e ainda a influencia. Como disse, tudo ou quase tudo que leva ao prazer desperta o prazer no ser humano foi e é classificado como pecaminoso ou impuro, portanto tem de ser evitado e combatido. Como contraponto a essa ideia assustadora, mas poderosa,

ao longo dos milênios a religião tem defendido que aquilo que implica sofrimento e privação, por outro lado, é considerado bom, desejável e meritório. Dessa forma é que jejuns, autoflagelações, penitências, sacrifícios e alguns comportamentos ou práticas que impõem dor, miséria e sofrimento são valorizados e, ainda hoje, tidos como algo positivo, benéfico e admirável - se não declarada, a menos veladamente.

" Mesmo entre os adeptos das religiões pretensamente mais espiritualizadas ou que inicialmente tiveram a compreensão e o raciocínio acerca da realidade, há inúmeras pessoas e expoentes que abraçaram ou apregoaram uma cartilha de sofrimento, de caráter pessoal ou social, como o grande método de redenção espiritual, como se sofrer fosse, em si mesmo, 'agradável a Deus'. Por vezes, chego a me perguntar se não é esse o pen-

samento predominante. Quando divulgam tais princípios como receita para se manter a rota do controle espiritual ou do conhecimentos superiores, esses porta-vozes da culpa são vistos quase como sagrados, e frequentemente citados como exemplo de renúncia e abnegação, modelos admiráveis, mais pela privação autoinfligida do que por aquilo que efetivamente fizeram pelo bem da humanidade. Temos de estudar mais profundamente esse tipo de comportamento, tão difundi-

176

do entre religiosos.

" Por exemplo, se algum adepto comenta que passará férias noutro país ou que curtiu uma noite maravilhosa com o companheiro num final de semana cheio de aventuras, que, para ambos, foi motivo de alegria e contentamento, não raro tais atitudes são condenadas, e se diz que a pessoa em questão está esbanjando dinheiro. Pior:

há quem argumente que está vivendo as coisas do mundo e que, por isso, tal estado de felicidade e tal conquista não merecem ser divulgados nem sequer lembrados, pois podem incentivar os

demais a abandonar a fé e viver 'no mundo'.

"Fico a me perguntar por que são tão enaltecidos os sofrimentos, as agruras, as privações, a escassez de recursos - pobreza e miséria chegam ao cúmulo de serem apontadas como virtude e sinônimo de autêntica espiritualidade! Como se não bastasse, em diversas culturas religiosas, quando se quer agradecer a divindade, a pessoa promete abster-se de coisas boas da vida, de sexo até de determinados alimentos, impondo-se jejuns de natureza variada. Será que, no fundo, não está aí a imagem de um deus sádico, que se regozija com o flagelo de seus filhos? Porque afirmar e reafirmar que o prazer causa ou atrai o processo obsessivo, alimentando antigas crenças

ereforçandoideiasmedievalescas, seapropri  
a

história humana mostra que tudo quanto fizeram  
foi afastar a inda mais a criatura do Criador, so-  
terrando - a nasombra da ignorância, da infelici-  
dade, da falta de tolerância e solidariedade?

"Levanto essas questões mais para provocar  
reflexões do que dar respostas. Afinal, eu mes-  
mo ainda não compreendo a razão pela qual tão  
grande número de religiosos, sobretudo aqueles  
cujas crenças apresentam forte componente mís-  
tico e pouco raciocínio, a se empenham tanto par  
a

convencer os outros de que o lado bom da vida  
pode ser traduzido como aquilo que o homem faz  
visando abandonar o prazer, seja do corpo ou da  
alma. Sim, porque há prazeres da alma, també  
m.

"Seja como for, volte-mos ao assunto da se-  
xualidade e da masturbação. Dizer que o ato da

ma s t u r b a ç ã o a t r a i o b s e s s o r e s é o m e s m o q u e d i -  
z e r q u e q u a l q u e r a t o q u e c o n d u z a v í c i o s a t r a i  
e s p í r i t o s a f i n s c o m e s s e m e s m o a t o .

" S e q u i s e r m o s d e t a l h a r , p o d e m o s e n t e n d e r a  
o b s e s s ã o , c o n f o r m e c o n c e i t u a d a p e l o c o d i f i c  
a d o r

d o e s p i r i t i s m o , 9 c o m o a a ç ã o c o n s c i e n t e c o m o  
f i m d e p r e j u d i c a r a v í t i m a o u o a l v o m e n t a l . E n -  
t ã o , c o n s i d e r e m o s a p o p u l a ç ã o d e d e s e n c a r n a -

d o s d o p l a n e t a T e r r a , q u e é p e l o m e n o s c i n c o v e -  
z e s m a i o r q u e a d e e n c a r n a d o s . N o m í n i m o . D e  
p o s s e a p e n a s d e s s e d a d o , é r a z o á v e l d e d u z i r q u e  
n ã o e x i s t e l o c a l o n d e n ã o h a j a e s p í r i t o s i g n o r a n -

178

t e s , t u r b a s d o s c h a m a d o s o b s e s s o r e s o u o u t r o s  
e s p í r i t o s , s i m p l e s m e n t e a f i n s a o s i n s t i n t o s , d e s e -  
j o s e c o s t u m e s h u m a n o s . P o r t a n t o , f i c a r i m u n e à  
i n f l u ê n c i a d e s s e s s e r e s , a o m e n o s n o â m b i t o t e r -  
r e n o , d o s e n c a r n a d o s , t o r n a - s e a l g o i m p o s s í v  
e l .

Sobretudo porque, na grande maioria dos casos,

entre o obsessor propriamente dito e a pretensa

vítima, permanecemos incapazes de aferir com

9 "A obsessão é a ação *quase permanente* de um Espírito estranho,

que faz com que a vítima seja induzida, por uma necessidade in-

cessante, a agir nesse ou naquele sentido, a fazer tal ou qual coisa"

(**KARDEC**, Allan. *Revista espírita*. Rio de Janeiro: **FEB**, 2004. p. 406, v. **1**,

out 1858. Grifo nosso).

precisão que é o obsessor de quem.

"Sob essa ótica, podemos entender que toda

prática, seja de ordem sexual ou não, quando le-

vada ao excesso e transformada em compulsão

ou vício, certamente prejudicará quem a adota.

"Mas confundir a obsessão como fenômeno

da *indução espiritual*"<sup>10</sup> seria ignorar por comple-

to as nuances das trocas energéticas de natureza

extrafísica. Analisando o processo obsessivo,

a fim de divisar quando o vício se transforma em

obsessão, podemos observar que a indução espiritual ocorre de maneira espontânea, casual e sem ideia predeterminada de prejudicar nenhuma das partes envolvidas. Ou seja, trata-se de

# 179

na s de a tra çã o m a g n é t i c a b a s e a d a e m a f i n i d a d e  
d e p e n s a m e n t o e e m o ç ã o , m a s n ã o c o n s t i t u i o b -  
s e s s ã o , e x a t a m e n t e . 1 1

10 A origem do termo *indução espiritual* remonta aos primeiros textos

do Codificador: "Estamos *incessantemente cercados por uma multidão*

*de Espíritos* que, por serem invisíveis aos nossos olhos materiais, nem

por isso deixam de estar no espaço, ao redor de nós, ao nosso lado, espiando nossas ações, lendo os nossos pensamentos, uns para nos fa-

zerem o bem, outros para *nos induzirem* ao mal, conforme sejam bons

ou maus"" (ibidem, p. 405. Grifos nossos).

11 "Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um

Espírito mentiroso. (...) A obsessão *consiste na tenacidade* de um Es-

pírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele

" Sob esse aspecto, qualquer ação humana ou hábitos de qualquer natureza tenderão a provocar a atração de espíritos afins, mas isso não significa, necessariamente, que esteja ocorrendo um processo obsessivo. O codificador do espiritismo afirma: *A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.*<sup>12</sup>

"Isso posto, concluímos que o ato de masturbar-se, em si, não causa obsessão, de forma alguma; não atrai obsessores. No entanto, qual-

180

quer ato que leve a uma dependência doentia ou a ovíci das faculdades poderá abrir as portas para um processo mais complexo do psiquismo

humano, inclusive para a auto-obsessão, para  
nóia,

compulsão e dependência química, o que exige  
-

ria tratamento com bons profissionais de áreas

como medicina, psiquiatria e psicologia, entre

outras, dependendo do caso."

Samuel mostrava-se inspirado de tal forma

atua" (**KARDEC**, Allan. *O livro dos médiuns*. I ed. esp. Rio de  
Janeiro:

# **A**

**FEB**, 2005. p. 355, item 238. Grifo nosso).

**12 KARDEC**, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*. **I** ed. esp. Rio de

# A

Janeiro: **FEB**, 2004. p. 556, cap. 28, item 81. Grifo nosso.

e da v a respostas t ã o a b r a n g e n t e s , q u e , p o r u m  
instante, seus interlocutores quase se distraíram  
dos rumores advindos do pequeno grupo de en-  
carnados a o q u a l d e d i c a v a m s e u o l h a r . E l e p r o s -  
seguia, retomando o assunto:

- Ao falar de m a s t u r b a ç ã o , e n e r g i a e a t o s e -  
x u a l , s e j a e s t e d e c a r á t e r h o m o s e x u a l , h e t e r o s -  
s e x u a l o u b i s s e x u a l , é p r e c i s o l e m b r a r q u e t o d o  
o  
i n t e r c â m b i o s e x u a l e s t á a s s o c i a d o a o e r o t i s m o  
,  
à s e n s u a l i d a d e e à s f a n t a s i a s s e x u a i s , e l e m e n t o s  
q u e f a z e m p a r t e , n a t u r a l m e n t e , d o c o m p o r t a -  
m e n t o p s í q u i c o h u m a n o . D e m i n h a p a r t e , a c r e -  
-  
dito firmemente - e n f a t i z o u S a m u e l , c o n v i c t o -

# 181

que é impossível realizar o ato sexual sem esses componentes, tão intrinsecamente ligados à ex-

periência humana, a menos do que conhecemos

da realidade da vida na Terra.

" E antes que alguém diga que estou fazendo apologia do desequilíbrio, seria muito bom distinguir erotismo, sensualidade e pornografia; esta última é algo muitíssimo diferente dos dois anteriores e, geralmente, acarreta sérias consequências.

" De todo modo, tendo em vista os componentes eróticos que envolvem o ato sexual, afirmar que masturbação atrai obsessão implica dizer que qualquer ato sexual igualmente o atrai!

Reitero: não importa se a relação é de caráter heterossexual ou homossexual. Não há como

garquetodastêmcomocomponentesoerotismo

e os apelos sexuais, sejam de natureza emocional

ou física, os pensamentos sensuais e as fantasias,

semos quais não se realiza uma atividade sexual

sadia tanto quanto satisfatória.

" Não consigo imaginar, por exemplo, que alguém possa ler o Evangelho ou rezar uma Ave-Maria enquanto permanece a olado do companheiro ou parceiro sexual, entre os encantos e preliminares do ato. Ou que faça uma precena iminência de se relacionar intimamente, cren-

do atrair, com isso, espíritos superiores para prote-

gê-lo ou, quem sabe, ficarem atentos ao que o

casal está fazendo. Pelo amor de Deus!... **O** que

## 182

caberá a um espírito superior ou minimamente sério, no que se refere a parceiros íntimos, é ficar de prontidão na ocasião da aproximação de am-

bos, seja esse um momento de encontro afetivo, genital ou outro qualquer."

Respirando quase fortemente, demonstrando certa ironia na expressão facial, Samuel pros-

seguiu, deixando seus ouvintes a chorar de rir:

- Pensando sobre tudo isso, é forçoso chegar

à conclusão de que a caricatura de santidade,

o excesso de cuidados religiosos e a superes-

timação do poder de ação e atuação do obsessivo

parecem ter tomado conta de inúmeras

pessoas mal resolvidas, em cuja vida passada

ou atuais desenvolveu uma relação conflituosa

com a sexualidade, originando uma profusão de  
e

culpa e medos. Toda culpa gera a autopunição;  
mas nesse caso, não contente em punir-se, e evi-  
tando a o máximo esta ou aquela forma de sentir  
prazer, que é uma busca tão natural a ser hu-  
mano, a pessoa que torna outros tão infelizes  
como ela; por isso, divulga ideias tortas e confu-  
sas, recorrendo ao "achismo

" Uma coisa é certa: os espíritos superiores

não se ocupam desta e de outras questões do mo-

do com o espíritas e religiosos se ocupam. É como

disse um sábio, certa vez: nem os espíritos supe-

riores nem Deus se preocupam com o que o ho-

## 183

me faz do umbigo para baixo; eles estão preocupados como que o homem realiza do umbigo para cima. E o que está acima do umbigo? **O** coração! Ou seja, a quantidade de amor que se coloca na aquilo que se faz. Talvez, esses espíritos queiram dar a entender a nós, os aprendizes comuns da caminhada humana, que determinadas

coisas são tão naturais quanto comer, beber, respirar e caminhar.

"Acima do umbigo está também a sede da razão, que instiga o homem a refletir sobre as posturas que abraça, empregando o raciocínio

para iluminar o porão de seus medos, culpas e dramas psicológicos e atávicos. Muitos tomam

um caminho complexo por demais, assumindo posturas castradoras e tabustípicas da Ida-

de Média. Como se não bastasse, ressuscitamos o cadáver de seus traumas numa roupagem espiritualizada ou espiritualista. Utiliza palavras, dogmas e sofismas próprios, a fim de enquadrar e embotar, no maior grau possível, mentes des-

prevenidas e inexperientes, ao invés de educá-las adequadamente, com o reza a missão primordial de qualquer filosofia espiritualizante."

Voltando-se agora para Nestor, falou:

- É claro, reafirmamos, que tudo que leva a ovício pode, em alguma medida, ser prejudicial, além de gerar um componente espiritual fa-

184

vorável ao processo obsessivo. Mas pergunto: o que dizer da fofoca, do melindre, da maledicência, dos abusos de poder dentro e fora das comunidades religiosas? Como avaliar a disputa

dissimulada para ser o melhor e, sem deixar o tema da conversa, os assédios sexuais e afetivos que ocorrem em todo o trabalho, até nos de ordem espiritual, dentro do próprio centro espírita ou templo religioso?

"A autocrítica minimamente sincera mostra que nós, encarnados e desencarnados ainda apegados a conceitos sarcásticos de um religiosismo exacerbado, repleto de pecado e culpa, carecemos a largar nossos pensamentos e acompanhar o progresso das ideias e da ciência, a fim de não nos iludirmos com opiniões de pessoas mal-intencionadas ou, tão somente, mal-informadas.

Em tudo, o bom senso é o melhor caminho.

Aventurar-se a propalar que isso ou aquilo atrai obsessores... Talvez seja a hora de estudarmos o melhor e mais detalhadamente os processos obsessivos para depois avaliarmos se não somos nós mesmos e as ideias que cultivamos os verdadeiros

obsessores - e não o contrário."

Uma vez mais, deu um pouco de tempo para as palavras surtirem o efeito necessário, promovendo reflexões mais profundas. Após alguns momentos de silêncio, continuou, arrematando a

# 185

conversa:

- Reportando-nos ao tema principal de nossa conversa, o mundo ou dimensão mental, podemos acrescentar que cada criatura se encontra,

vivendo livremente ou agridhoada, na dimensão

mental que elaborou elegeu para si. Em matéria de sexo, não poderia ser diferente: cada qual

criou seu próprio mundo mental. A partir da história e da experiência particulares, estabelece u

posturas diante de proibições, opiniões e ideias,

sejam concebidas a partir do estudo, da análise

e da pesquisa, ou, ao contrário, associadas a pr

conceitos, atitudes arcaicas e pensamentos eng

sados. E, no presente caso, meus caros, os ami-

gos diante de nós, com os quais estamos ligados

através de laços por vezes signorados, precisam de

nosso concurso imediato.

Ao terminar o assunto, tão interessante quanto topolêmico, Samuel voltou-se para os espíritos assistidos pelo grupo, os quais vivenciavam uma experiência incomum no minuto mais precioso de sua atual existência. O grupo de amigos do Invisível teria muito em que pensar a partir das palavras de Samuel. Evidentemente, a abordagem dava margem a diversas outras indagações, porém o momento exigia de todos especial atenção àqueles que reclamavam cuidados especiais.

**186**



QUE É  
PRECISO  
PARA SER  
HOMEM?



**ATIVA DE SUAS VIVÊNCIAS** internas,  
Patrícia permaneci mergulhada na  
própria amargura. Entre visões, so-  
nhos e pesadelos, sua mente perdera  
o controle por completo. Intimamen-  
te, até lutava para sair da que-  
lha situação, mas sentia que uma força oposta a puxava  
em direção ao mergulho cada vez mais profun-  
do  
dentro de si mesma.

Um misto de tristeza, mágoa e desespero era  
o que irradiava de seu íntimo. Às vezes, sentia  
uma mão tocar-lhe o rosto, ora a face, ora os cabelos;

notava ligeiramente que era a conchegada para  
l-

guéminvisível. Novamente, as imagens de sua  
tormenta íntima venciam a resistência e ela re-  
gressava àscamadas mais profundas dos arqui-

vos mentais.

**O** inconsciente é o grande porãodamente  
humana. Nessa dimensão mental do psiquismo  
profundo, vivem perpetuadas as imagens robustas  
de conteúdo emocional traumático, aguardan-  
do a

hora certa de emergir. Em algum momento, o ser  
terá de enfrentar-se, e essas imagens vivas do pas-  
sado virão à tona de maneira mais ou menos tor-  
mentosa, de modo que sejam elaboradas, traba-  
lhadas. Muitas vezes, a pessoa não se sente forte o  
suficiente para enfrentar as angústias e tormentas  
íntimas, preferindo refugiar-se em situações com-  
plexas, que a levam ao isolamento ou a fugas e

máscaras, que se revelam como uma tentativa de

encobrir-se, de maquiagem a realidade interna. Nem sempre o ser sai ileso dessa tentativa.

Patrícia vivia essa realidade agora. Estava presa no coliseu mental, numa dimensão além -

-física, na qual se fizera expectador de si mesma; entre emoções fortes, descontroladas, oscilantes e

imagens vívidas de cores pulsantes, pintadas segundo a força de suas próprias sensações. Eram imagens que surgiam aqui e ali, no panorama íntimo, e deixavam marcas fundas em

suas recordações, tornando as emoções cada vez

mais desalinhadas, num círculo vicioso.

192

Enquanto assistia intimamente ao desfilar das personagens, descobria que cada uma das que

les seres fantasmagóricos se revelava como máscaras  
-  
cara de si mesma. Ela era a atriz e a expectadora  
daquele drama que se projetara, vivo, em sua  
-  
lamenta. Facetas de sua própria personalidade  
de  
-  
ou de dramas vivenciados em algum momento  
da existência - ou, quem sabe, daquela existên-  
-  
cia que julgava ter terminado. Mas sempre algo  
ou alguém, um personagem da história que ela  
mesma forjara e vivenciara. Enfim, sua vida era  
um grande teatro, e as imagens que via e vivia  
em seu íntimo eram o reflexo de um autorretra-  
to, um desfile de seus personagens ou subper-  
sonalidades. Um filme de sua própria vida? Pa-  
trícia não tinha condições de saber, responder,  
tampouco raciocinar a respeito. Ela apenas via e  
vivia, condenada à angústia e à melancolia.  
Por um prodígio que não podia explicar, fo-

ra levada a re ver cada detalhe da que les 37 anos que vivera. Mergulhada num transe sutil e, a o mesmo tempo, profundo, ela não conseguia interferir no processo que ocorria nela e com ela.

As recordações a dominavam por completo. As emoções definiam seu estado a partir de então; era expectadora da própria existência.

Paloma havia deixado Ronie de lado; buscava outro canto, chateada, magoada com o pala-

# 193

vrea do dele, como o modo como se dirigia a ela, numa forma de intimidá-la por algum motivo que não podia sequer imaginar. Ou podia, mas não se atrevia a formular o pensamento, o raciocínio, evitando-o dali em diante. Foi quando encontrou Patrícia deitada, gemendo baixinho, a o passo que Ronie gritava ainda, mas agora em pleno desespero. Paloma a amparava Patrícia o quanto podia; ao aproximar-se da garota, pôde perceber a intensidade da angústia íntima que a afligia. Enquanto se envolvia com as necessidades de Patrícia, Paloma pensava em voz alta, raciocinando sobre a situação em que se encontravam:

- Já estamos a caminho de descobrir o que está acontecendo conosco? Temos algum elemento, mas faltam-nos mais detalhes, que no

momento nos escapamos por completo. Precisamos de ajuda externa.

- Então é isso mesmo que estamos tentando o tempo todo? Encontrar ajuda? - respondeu Hugo, alterado, demonstrando inquietação, raiva -

va direcionada a nós e sabemos quem - talvez si mesmo -, além de mais alguma coisa íntima que não se poderia definir.

Sem se deixar influenciar pelas emoções descontroladas do companheiro de infortúnio, Palma continuou expressando o que pensava. Quando -

se ignorando o rapaz alterado, disse:

# 194

- Falo assim porque vejo que estamos todos em situação semelhante. Estamos muito chocados e emocionados, cada um a seu modo. Que tal tentarmos acalmar os pensamentos e emoções e pensarmos em como conseguir ajuda?

- Parece fácil para você, não é? Arranque essa máscara de vez, se você pode, sua traveca mal-

resolvida! - respondeu Ronie, regressando de seu

transe particular, mas sem notório estado de perturbação. Parecia drogado, e em visível desespero, mostrando desrespeito e revolta declarada.

Respirando fundo e modificando por completo a fisionomia, Paloma expressou veemência e fortaleza antes não percebidas. Num tom de voz mais potente que o de Ronie, mais masculi-

-

-

-

-

-

-

-

naque anteriormente, pronunciou:

- Pois bem, eu tenho coragem para isso! E vocês? Para viver a vida que eu vivo, é preciso coragem e sangue quente nas veias.

Palomagesticulava, na tentativa de mostrar a garra da qual era detentora. No entanto, Ronie, em franco desequilíbrio, prosseguiu nas ofensas:

- Ah! Sim! Quer dizer que é corajosa? Ou será corajoso? Está tentando enganar a quem? Pensa que pode dar um ade homem a íese e esconder por trás da maquiagem? Ou será que sua coragem toda foi para ficar por aí se prostituindo com outros homens?

## 195

Hugo e os demais jamais pensaram que Pamela pudesse ter uma reação tão forte aos comentários da rapaz. Levantando-se num átimo, apontou o dedo em riste em direção a Ronie; falando forte, firme e com imenso magnetismo nas palavras, externou sua indignação como com o comen-  
tário infeliz que ouvira:  
- Parado aí, rapaz! - gritou a própria Pamela, interrompendo Ronie. - Você nem faz ideia do que é minha vida. E não sou prostituta. Nunca vendi meu corpo a ninguém. Não vendi meu corpo nem a minha alma. Seu imbecil! Veja seu estado!... Sua aparência está se modificando cada vez mais; sabe-se lá se esta não é sua verdadeira aparência? Um vampiro de almas, de corpos, um ser esquelético, de tanto sugar energias,

forças e a própria alma de seus clientes. Parece estar com medo da própria sombra! Sem saber o que acontece com você ou conosco, não quer enfrentar a realidade e, por isso, se volta contra qualquer um que queira.

Respirando profundamente, demonstrando um vigor não manifestado até ali, tirou a peruca, limpou um pouco da maquiagem do rosto e apresentou-se como o sujeito determinado e firme que seus companheiros ainda não conheciam.

- Eu, pelo menos, tenho a coragem de pensar e raciocinar. E onde estão os seus valores de

196

macho neste momento? Hein? Diga onde escondida a coragem de enfrentar a vida! Será que esse machismo todo não é suficiente para enfrentar a situação? Ou pensa que sou indefeso diante da arrogância e da agressividade, que parece ser tu-

do quanto há em seu repertório?

Voltando-se para os demais, enquanto Ronie se sentia diminuído diante do absurdo que cometera, continuou:

- Não somente você, mas todos aqui. Ficam pensando em situações mirabolantes para explicar algo que rejeitam sem nem sequer pensar

no assunto. É isso que é coragem? - indagou, ao final mirando Hugo forte e magneticamente, o qual se mostrava hipnotizado pela fala vigorosa

de Paloma.

O tempo parecia haver parado. Paloma movia-se numa realidade mental diferente. Algo a mantinha ligada à mesma frequência mental de Hugo, que também sabia que era cativo de uma situação da qual não tinha forças para escapar.

A vida no Além seria isso? Ambos viamos de -  
mais companheiros sem moverem quase em câm  
e -

ralenta, talvez em sua própria realidade íntima.

Que fenômeno seria esse? **O** que estaria ocorrendo com eles?

Agora era Paloma quem chorava, pondo as emoções para fora, cuspiendo sua revolta e ex-

# 197

purgando de seu interior os traumas reprimidos.

Hugo, sem saber ainda o porquê, estava se

sentindo prisioneiro do campo mental de Paloma.

Ele sentia e vivia cada emoção expressa poraque-

la alma feminina aprisionada no caso de uma

aparência masculina. Eles se viam, se sentiam.

Em pé, frente a frente com Hugo, Paloma

derramou-se, abrindo as comportas da alma.

As palavras fluíam como líquido ora morno, ora

quente e outra vez frio. Era emoções que pre-

cisavam ser enfrentadas. Era uma realidade que

Hugo necessitava confrontar.

Não se sabia ao certo se os pensamentos se

transformavam em palavras ou se, nessa dimen-

ção temporal, as palavras eram apenas pensa-  
mentos, que irradiavam e se cruzavam, numa

mistura de emoções e sentimentos.

Hugo, por suavez, vivia intensamente tudo aquilo, deixando-se arrebatado pelo olhar de Paloma,

que o fixava. Uma força descomunal irradiava

dos olhos dela. Ou seria dele? Pouco importava.

Hugo apenas não conseguia se furtar àquele momento, tanto quanto não podia deter a avalanche de emoções que irrompiam de seu interior. Durante muitos anos, tentou reprimir esse tormento íntimo disfarçado, contido através de suas atitudes estudadas. Mas agora, morto ou não,

sentia-se impotente. As lágrimas que

198

via rolar dos olhos de Paloma feriam-lhe a alma, na qual descobria estranha sensibilidade, a aflo-

rar, submetendo-lhe a força aparente e amáscara-

radomacho.

- Não sou o que você pensa de mim! - começou a se expressar Paloma, com palavras e pensamentos intensos, conforme as emoções que emergiam de sua alma. - Sou mais forte do que você imagina, mais macho do que todos aqui! - encarou Hugo, virando-se em seguida para Ronie, como a endereçar-lhe o conteúdo de suas palavras.

Hugo, ele próprio, parecia retrucar mentalmente as vibrações e palavras de Paloma, que lhe

fixava o olhar de tal modo que não podia escapar.

Tampouco Ronie podia, quem até então se dirigira a ela de maneira desrespeitosa e agressiva.

O diálogo prosseguiu, enquanto as personagens se moviam num estado mental diferente dos demais. Era a dimensão mental, alcançada naquele momento devido à força das emoções, que, antes contidas, explodiam como foguetes, elevan-

do a frequência do pensamento da que as almas  
.

- Sou uma alma feminina assim, sou e sempre  
fui o retrato da saudade. Saudade, sonho, fan-  
tasia, sensibilidade, emoção, gente. Sempre fui  
*gay*. Mas ser *gay* não é o que vocês, machões,  
pensam. Não! Vocês não sabem o que é ter uma

199

alma cor-de-rosa. Imaginam que ser *gay* é fazer  
sexo com alguém parecido com você, do mesmo  
sexo. Sabem porque pensam assim? É que vocês  
genitalizam as relações, erotizam o amor e ain-  
-

da asseguram que o *gay* não pode ser feliz... Ser  
macho? Até animal é macho. Eu sou *gay* e sou  
homem. Muito mais homem do que vocês. Sou  
um homem feminino, sensível. Isso desperta em  
vocês preconceito contra aquilo que é diferen-  
te. Vocês não suportam o diferente. Mas o mun-  
do é feito de diferenças. A humanidade é plural.

Sou *gay*, sim, e sou feliz. Ser *gay* está na alma

das pessoas e não na genitália. Sinto-me feliz porque aprendia a amar.

Depois de respirar fundo e notando que os interlocutores estavam dominados por suas palavras, pela força de seu magnetismo, além das verdades que pronunciava, Paloma avançou ainda mais:

- Muitos genitalizam a ideia de ser *gay*.

Pensam que a homoafetividade está necessariamente

menteliga à genitália, ao ato sexual puro e simples. Podemos ser homoafetivos, homosse-

xuais, homoeróticos ou homospirituais... Será

que vocês que perseguem, caluniam e rejeitam

os *gays* já pensaram nisso? Que o universo humano é plural?

E sem dar tempo para respostas, prosseguiu,

## 200

emocionada:

- Vocês não sabem - Paloma mirava ora um, ora outro -, você talvez nem suspeite a força que é necessária para alguém sobreviver, na vida que eu levei, sem se prostituir intimamente.

- Tudo na vida tem seu preço - ou sou Hugo, interferindo na fala de Paloma e demonstrando grande insegurança na própria inflexão verbal, além de um incômodo profundo, que diluía sua alma.

Mais calma agora, observando o dilema na alma do outro, Paloma retrucou:

- É verdade! Tudo tem seu preço, ou melhor, todos têm seu valor e seus valores. Muitos se vendem como produto de um mercado humano ou subhumano. Mas eu não me vendo, pois aprendi, por meio do sofrimento, que meu valor

é muito maior do que o preço de mercado. Talvez - falou quase serena, voltando-se para Ronie -, você tenha confundido, em sua caminhada, o que é preço e o que é valor.

E, sendo mais suave na forma de falar, quase delicada demais, sutil, concluiu o pensamento

olhando na direção de Ronie:

- É preciso um pouco de delicadeza e sentidos aguçados e mais sensíveis para não se perder entre uma e outra coisa.

## 201

A conversatocaraintimamenteRonie, que seacuaraaemalgum lugar, envergonhado.

Baixandoacabeça, Palomatiravao resto da maquiagemcomasprópriaslágrimas, esfregandooque restara, removendoos excessos. Passavaasmãos sobre o rosto, deixando trasparer as feições masculinas, que, aos poucos, se revelavam, mostrandoostrachosqueamaquiagemencobriria. Eraumhomem bonito. Rasgou o vestidocomoqualsecobria, mostrando-se por inteiro para Hugo.

- Veja, sou como você. Posso, se quiser, ter uma vida sexual como a sua. Tenhotodaavirilidade de um homem. Mas não quero ser como você. Aliás, não sou como muitos por aí. Muitos homens que se comportam com machões trans-

formam as mulheres e sem objetos sexuais. Transam com uma, outra e mais outra, e depois se reúnem para contar vantagens e disputar conquistas, desrespeitando aquelas que lhes abriram

a almas, menos prezando as emoções, os sentimentos e as dores das mulheres com as quais estiveram ou que usaram.

"Eu aprendia a amar. Sou homem e, sinceramente, não me esforço nem um pouco para ser macho, pelo menos não na concepção popular. Sou *gays* sim, e me orgulho de ser. Não me prostituo. Não vendo meu corpo nem minha alma a ninguém. Trabalho honestamente e, da arte, ga-

## 202

nhominhavida, construo aminhadignidade a cada dia, a cada lágrima, em cada coração que auxilio ou em cada menina que eu consigo arrancar da prostituição e mostrar um caminho melho e mais digno de viver.

" Muitas vezes, quando passo em determinado lugar, alguns machões falam entre si: ' Lá vai a bichinha, o boiola'. E logo pensam, sem ter coragem de falar: ' Uau! Como é bonito o danado! Se eu pudesse...'. E assim com a maioria dos machões. Gostam de esconder a sensibilidade por detrás da máscara do macho. Têm medo de expressar se u l a d o f e m i n i n o, ou, quem sabe, o s d e -

sejos mais secretos, os instintos mais duramente

tereprimidos. Preferem sustentar uma feição de

macho, mantendo um teatro perante os colegas,

e chamara a atenção para algo que, na intimidade, não são. Pelo menos, eu creio, não são assim tão fanáticos quanto divulgam.

"Ser *gay* é algo que está na alma. E não me venha com essa de que é uma opção sexual! - exclamou meio alterado, porém sem perder a elegância. - E não optei em momento algum. Eu simplesmente sou o que sou. Amo, assim como todos. Deus me fez assim."

Olhando cada um diretamente nos olhos, dando uma pausa para pensarem, prosseguiu

203

Logo depois:

- Muitos que se comportam como machões não suportam o diferente, aquilo que desafia seu estilo de vida. Usam máscaras, mas, em algum momento, a máscara cai. Nós também usamos máscaras... Sim, usamos mesmo. Mas nossas máscaras são a alegria, as cores, a fantasia, a es-

pontaneidade e estudo aquilo que incomoda quem

está trancafiado em um casulo de ideias.

Modificando a entonação da voz, a forma de expressar, Paloma continuou, falando quase devagar demais:

- Estamos conquistando um lugar no mundo. É o progresso, e isso vocês não podem deter. Vocês não podem nos impedir de amar, de sermos o que somos. Não, mesmo!

Olhando para Adir, o pastor evangélico ortodoxo, acentuou sua opinião sobre o fundamentalismo religioso:

- A religião, não podendo conter nossas emoções e sentimentos, de uma maneira irracional tachou-nos de pecadores, desequilibrados, obsessivos. E faz isso indistintamente, não interessando o que cada um de nós é ou faz. Fomos reduzidos à prática sexual: o sexo daquele com quem se deita define o destino espiritual. Meu Deus,

q u a n t o c o n t r a s s e n s o ! C o m o s e b a s t a s s e s e r h e t e -  
r o s s e x u a l p a r a s e r f e l i z e a b e n ç o a d o . S o n h o c o m  
o d i a e m q u e p o d e r e i e n t r a r n o t e m p l o e a d o r a r a  
204

D e u s p u b l i c a m e n t e , d a m a n e i r a c o m o s o u .

N o v a m e n t e e n c a r a n d o H u g o , q u e , a o l o n g o  
d a v i d a a d o t a r a u m c o m p o r t a m e n t o m a c h i s t a e  
c h e i o d e p r e c o n c e i t o s , e m b o r a f o s s e m m á s c a r  
a s

p a r a e n c o b r i r s u a r e a l i d a d e e m o c i o n a l , p r o s s  
e -

g u i u m a i s u m p o u c o :

- V e j a , H u g o , q u e s o u h o m e m . V o c ê s e e s f o r -  
ç a p a r a s e r o u p a r e c e r u m m a c h o a o s o l h o s d a  
p r ó p r i a f a m í l i a , d o s a m i g o s e d a s m u l h e r e s . . .

P a l o m a a g o r a p a r e c i a n ã o s e n t i r m a i s f o r -  
ç a s p a r a c o n t i n u a r , o u n ã o a c h a v a q u e H u g o e  
o s d e m a i s m e r e c e s s e m o e s f o r ç o q u e f a z i a . D e  
q u a l q u e r f o r m a , d e s a b o u e m l á g r i m a s , p r o f u n  
-

d a s , s e n t i d a s , c o m o s e e x p u r g a s s e d a a l m a a l g u -

manódoaoculta,queseliquefaziaempranto.  
AslágrimascomoveramprofundamenteHugo,  
quetambémseabria lentamente para encara  
a própria realidade. César tomou a atitude inesper  
rada de amparar Hugo, colocando o braço direito  
em seus ombros, sustentando-o diante da fragi  
lidade emocional, que agora se revelava patente.  
Adir, ainda envolto no orgulho, na prepo  
tência e na arrogância que demonstrara desde  
o início, parecia não se comover com os dramas  
alheios. Observava os companheiros com ní  
tido  
olhar de desdém e superioridade, com a intenç  
ão  
de eliminá-los de sua realidade mental.

- E tenho certeza de que nós não morre-

205

mos; pelo menos eu não. Isso é muito claro para  
mim... - suas palavras pareciam desconexas, fo  
-  
ra de contexto.

Estava com a ideia fixa, em circuito fechado de pensamentos. Talvez devido à culpa, reprimida

de modo algum admitida. A interrupção que causara, a intromissão no assunto abordado por

Paloma parece ter exposto perante os colegas o grau de desequilíbrio dos pensamentos dele.

- Isso é impossível! - falava sem nexo, desconsiderando o tema da conversa ou do pronun-

ciamento de Paloma, envolvendo-se ao máximo

com suas crenças pessoais, seu fanatismo e extremismo religioso. — A Bíblia diz que os mortos não sabem coisa alguma. E os salvos estão dormindo no paraíso. Como eu fui salvo por Jesus e, assim mesmo, estou aqui com vocês?...

Antes que pudesse concluir seu discurso, foi interrompido em suas pretensões teológicas.

Vindos não se sabe de onde, parecendo ma-

terializar-se em meio às angústias expressas e  
emoções conflitantes, ele veio. Como se camin-  
hasse entre vapores, nuvens ou tempestades  
e  
sentimentos, ele aparece de maneiras simples  
,  
mas de modo a impressionar:

- Isso quer dizer que todos estão fora da sal-  
vação, menos você, Adir, é claro. Enão podem  
ter morrido, de acordo com o seu raciocínio...

206

A voz ressoou firmemente na intimidade de cada  
daum. **O** novo personagem aparecera andando  
de vagar, vindo de algum lugar que ninguém ali  
poderia explicar, nem sequer adivinhar, para es-  
panto de todos.

- Quem é você? De onde vem? — gritaram  
todos ao mesmo tempo. Queriam respostas, e o  
estranho parecia interferir exatamente no mo-  
mento do ápice do desconforto e da sensibilidade  
e

das almas aprisionadas entre si.

- Isso mesmo! Fala, cara! - Hugo avançou em direção a desconhecido, em grandes passos e -

ro. - Diga como e de onde você veio.

Hugo foi barrado, misteriosamente, por um campo invisível para todos, uma barreira que não sabia explicar. Caiu ao chão, como se uma força sobre-humana o houvesse bloqueado.

Paloma adiantou-se; vinha do local onde Patrícia permanecia, desacordada. Elegante e

se dirigiu ao estranho:

- Acho que você traz alguma explicação para o que está ocorrendo. O melhor, da forma como apareceu, você deve ter uma explicação..

O estranho suspirou, fazendo com que todos

relembrassem o som que ouviram anteriormente.

- Então, era você! - exclamou Ronie. - Esse suspiro que ouvimos várias vezes enos apavora -

vaeravocê! Estavaaí nos espionando o tempo inteiro...

- Não espionando, mas participando, observando, ouvindo - falou o estranho, deixando

transparecer em sua voz certa ironia refinada.

- Meu nome é Samuel; podem me chamar assim. Estou aqui, como todos vocês, em busca de conhecer, de saber. Procuro respostas, também.

- Você não chegou agora? Estava aí o tempo todo, escondido? Onde? - indagou Paloma.

- No momento em que vocês chegaram, já me encontrava aqui.

- Como não o vimos antes?

- Ver ou não ver é uma questão de atenção, de interesse. Cada um percebe apenas aquilo sobre o que deposita atenção. Você estava tão

assustado e preocupados consigo mesmos que

não perceberam o que havia ou há à sua volta.

- Mas não vimos você! - falou Adir, nervoso.

- Estamos aqui eu, Hugo, a tal da Paloma, César e... - balbuciou - Ronie, e com certeza nenhum de nós o vimos antes.

- Vejam como não o registram tudo ao redor.

Você, Adir, não citou Patrícia, que está dormindo ali - observou Samuel, apontando para o lado. - Enxergaram - se perceberam - se de acordo

com os medos de cada um; até agora, não notaram que existe mais um membro no grupo e que talvez esteja em situação semelhante. Com exce-

208

ção de Paloma, nenhum de vocês está interessado em ver nada além da possível fuga dessa realidade ou da sua realidade.

- Acho que estamos mortos - tornou a falar

Paloma. - E me lembro de alguma coisa que me aconteceu...

- Você está ficando louca com tudo isso... -

falou Ronie, alterando o rumo da conversa. - Isso tudo está deixando agente desequilibrado.

Samuel apresentava-se com uma aparência claramente distinta da dos demais. Alto, claro, olhos vibrantes de vida, transmitia certa segurança e sugeriasaber bem mais do que demonstrava. Suas palavras eram enigmáticas, e apre-

sença irradiava uma espécie de magnetismo, que

cada qual interpretava de maneira peculiar.

Observando o jeito diferente e enigmático na

postura de Samuel, Ronie procurou usar seu poder sedutor, tentando, ao mesmo tempo, agir com discrição, para que os outros não percebessem.

- Você deve saber muito mais do que fala

— disse Ronie, esboçando um sorriso estudado,

que mais parecia uma careta. Ronie esqueceu,

por um instante, que sua aparência, sua fisionomia passava por uma sensível transformação.

- Quem sabe podemos conversar à parte e nos entendermos melhor. Se você se abrir comigo, talvez possa ser recompensado...

## 209

Novamente Samuel deu um longo suspiro.

DestavezapenasRonieopercebeuarrepiando -

-seenchendo-sepavordesimesmo, enquanto reconheciaquejãñodetinhaomagnetismo deantesequesuaaparênciarepugnavaatéasi próprio.Estavaesquálido,esquelético.

-Reparebem,rapaz-falouSamuel,de tal formaquesomenteRonieoouvisse.-Cadaum denóssabemuitomaisdoquedáaentender.As respostasparaoquevocêprocuraestãodentro devocêmesmo,assimcomoasrespostaspara minhasindagaçõesestãodentrodemim.

SamueldeixouclaroparaRoniequesuatentativadeseduzi-loeraineficaz.

Dirigiu-seaPatrícia,queestavainquieta, apesardastentativasdePalomadeacalmá-la .

Tocou-lhe os cabelos e, aos poucos, seu sono agitado se tranquilizou.

Observadora, Paloma aproximou-se, deixando os outros perdidos em indagações e suposições.

- Parece que você conseguiu, finalmente, a calmá-la...

César aproximou-se também, mas, por algum motivo que não sabia explicar, não reconheceu a amiga. Pelo menos não na aparência, embora seus sentimentos dissessem ser ela, de fato.

- Ela precisa de muito carinho. Tem necessidade de se sentir amada - respondeu Samuel.

## 210

- Acredito que ela está morta também, como todos nós...

- Morta? - perguntou Samuel, falando um pouco mais alto, para que os demais ouvissem...

- É isso mesmo! Estou convencido de que morrem todos. Ou pelo menos eu morri!

- Mas, se você morreu, e os outros? Quem somos nós se o que ocorre com cada um?

Olhando para os outros membros do grupo, que ouviam a conversa sem interferir, Paloma continuou:

- Veja, eu me lembro de algumas situações, apenas. Mas são imagens bem nítidas. Eu saía do trabalho e me dirigia a determinado lugar, que não está bem definido em minha mente. Ouvi tiros e, na tentativa de fuga, de repente me vi

nomei depoliciais. Sentiperfeitamentequa  
ndo

fui atingidaporumabaladisparadãose sa-

bede onde. Sóisso; no entanto asimagens são

muito fortes. Depoisdetudoisso, estou aqui,

num lugar que fica em lugar algum, com pessoas

cheias demágoa edúvida. Ela também não sa-

bem de onde vieram exatamente ou com o que

ram para aqui e agora. Aí, você parece que se

materializa, ou melhor, surge em meio a isso tu-

do. Com certeza morrem todos. Com certeza a  
!

- Se estamos mortos, como podemos estar

## 211

conversando, nos entendendo? Já pensou nisso?

- Ah! Mas o que morreu foi somente o cor-

po... - Paloma falou, olhando para César, que devia entender mais dessas coisas do que ela. -

Já procurei em mim as marcas do projétil que me acertou e não encontrei. Estou me sentindo mais leve, apesar de não ter respostas para algumas

coisas.

- Quem sabe - prosseguiu Samuel - você, eu e os demais não estamos aqui para resolver essas questões aparentemente sem resposta? Pode ser que todos estejam vivenciando uma oportunidade de solucionar questões pendentes de seu passado.

Você mesma já disse isso em outras palavras...

- Não entendi - respondeu Paloma.

- Veja bem! Você disse que tem certeza de

quem morreu; parece estar conformada com a  
condição da morte. Mas alguma coisa ainda como  
-  
da. Você deixa transparecer em suas palavras  
que existe algo em seu passado que procura es-  
conder. Uma aparente insatisfação...

Palo me levantou - sed a posição em que se  
encontrava, a olada de Patrícia, pensando mui-  
-  
to nas palavras do estranho. Todos, ainda em  
silêncio, pareciam interessados no que ouviam,  
magnetizados, por assim dizer, pelas palavras de  
e

Samuel. Depois de muito pensar, Palo me falou  
com certa pausa na voz, agora num tom mais  
masculino:

212

- Acho que é isso mesmo! Estando morta,  
pensei que certas questões vividas por mim tam-  
béme tivessem. Enganei-me. Tragoma isvivi  
-

das ainda tais lembranças ou impressões. Quem sabe eu esteja...

- Escondendo-se atrás da possibilidade de estar morto para ocultar ou mascarar algo mais profundo do que a morte - completou Samuel.

- Será? Pelo jeito você entende bastante de psicologia...

- Não é essa a questão, Paloma. Em geral, todas as pessoas trazem problemas não resolvidos

dentro de si. Independentemente de estarmos mortos, desencarnados ou vivos no corpo físico, é comum que tenhamos nossos medos e culpas e procuremos nos esconder atrás de máscaras criadas ao longo do tempo.

- Acho que o próprio fato de eu ser transformista, viver atrás de máscaras, maquiagens, plumas e luzes do palco...

- Você é uma artista, uma alma sensível. Somente isso!

- Eu sei, eu sei, Samuel! Mas não posso negar que também uso minha arte para disfarçar determinadas coisas que ainda me incomodam profundamente.

- Talvez eu possa ajudá-la, de alguma forma.

- E aí, cara? . . . - Hugo interferiu brusca e

## 213

desrespeitosamente. - Agora vai dar um adeps  
i-

cólogo? Entra em nossas vidas e vai se metendo  
assim, sem mais nem menos?

- Cale-se! - Samuel falou com talvez em ência  
que Hugo estremeceu e se colocou numa posição  
o

mais afastada. Parecia que irradiava de Samuel

uma força tão marcante, que ninguém teve cor  
a-

gem de interrompê-lo novamente.

Samuel dirigiu-se a um local onde, mais

uma vez, ninguém poderia vê-lo. Observava.

Plantara a semente no coração de Paloma. Esta  
,

por suave vez, percebendo que os étimo integran  
te

havia desaparecido tão subitamente quanto v  
ie-

ra, aproximou-se de Patrícia, que agora parecia

dormir mais tranquila.

Quando Paloma levantou os olhos, percebeu uma porta. Sim, uma porta, que parecia ter sido desenhada em cada detalhe. Levantou-se in-

trigada, aproximando-se do local onde estava a

abertura, da qual parecia irradiar uma luz sutil.

Mas não podia deixar Patrícia para trás.

Voltou-se novamente, devagar, porém firme,

e tomou Patrícia nos braços. De início, César de-

monstrou ligeiro interesse, mas em seguida sen-

tiu-se intimidado, ao ver Paloma tão decidida,

levando-a nos braços. Paloma demonstrou força

e agilidade que os demais nem suspeitavam. De

todo modo, ficaram intrigados com sua atitude,

## 214

pois não via a abertura, a porta que Paloma enxergava. Também não souberam interpretar, explicar como ela sumira de um momento para outro. Para eles, Paloma, carregando Patrícia nos braços, apenas sumira, desvanecera-se em meio a algum fenômeno inexplicável; somente isso. Entretanto, seu desaparecimento deixara, em cada um, um dilema ainda maior, um medo que se agigantava. Agora, sozinhos diante daquel novo fato, teriam de lidar com os próprios receios e frustrações. Querendo admitir ou não, tinham de concordar que, entre todos eles, Paloma fora a mais corajosa. E apenas ela, ao que tudo indicava, a tal aparição chamada Samuel se dirigir de maneira mais pronunciada.

Enfim, tudo estava ainda mais intrigante, complexo, difícil de explicar. Sem que osoubessem, Paloma permanecia no mesmo ambiente, porém isolada vibratoriamente, pois Samuel precisava auxiliá-la de modo mais direto. Ela estava preparada para as reflexões.

Vendo Samuel, percebendo-lhe a presença além da abertura, que, talvez, fosse apenas uma aberturamental, consciencial, Paloma depositou

o corpo de Patrícia num local que lhe parecia confortável; a seguir, levantou-se, encarando Samuel

com desejo sincero de entender a situação.

Emocionada ao extremo, Paloma iniciou um

## 215

relato, sentindo-se à vontade na presença da que -

leque, agora, já considerava mais próximo, qu -

seu amigo. Encorajada, quem sabe, pelo olhar

de Samuel, algumas lágrimas esboçando o vertice

dos olhos, ela começou:

- Desde cedo me senti diferente. Sabia que algo dentro de mim pulsava com intensa sensibilidade, o que me fazia sentir e saber ser diferente dos outros meninos. Mas não fazia ideia de como exprimir minhas impressões. Talvez fosse algo intuitivo.

Paloma para a para respirar mais intensamente, pois as lembranças pareciam sufocá-la.

- Fuicrescendo, e meu corpo parecia refletir a minha alma. E não fiz uma opção para ser o

que sou. Nasci com a alma mais sensível, tão somente, como é até hoje.

Inspirando o ar mais profundamente, ela reuniu forças e prosseguiu:

- Aos 13 anos de idade, meu corpo era algo gracioso. Nem totalmente masculino, nem feminino. Creio que era uma mistura equilibrada dos dois. Eu me deliciava ao olhar no espelho. Tanto as meninas como os meninos tinham um olhar diferente e especial em relação a mim. Mas eu não entendia direito o que ocorria; apenas curtia aquilo tudo como algo inusitado. Só isso!

"Meu pai havia abandonado minha mãe e as -

## 216

sim que nasci; mais tarde, mamãe se uniu a outro homem, que a amparava emocionalmente. Mas ela não sabia dos olhares indiscretos que ele me lançava. Naquela época, eu me sentia envergonhado, mas ainda não havia despertado plenamente para as questões ligadas à sexualidade. O sexo só foi fazer sentido para mim muito mais tarde. Me envergonhava porque meu padrasto me tocava de forma diferente. Tentei várias vezes fugir; evitava, instintivamente, ficar a sós com ele. Por essa época, mudou-se para a vizinhança uma família. Havia um garoto uns dois anos mais velho do que eu. Trocávamos olhares, às vezes conversávamos.

"Despertava minha sensibilidade feminina e, hoje eu sei, minha afetividade. Um toque, um beijo na face foram o suficiente para afoquear

minha alma, e foi então que me vi apaixonado pela primeira vez.

"Mas meu padrasto, já desconfiado, certo dia pediu minha mãe para fazer algo no centro da cidade. Não houve como escapar da investida dele."

As lágrimas rolavam mais intensamente, e a história de Paloma acabou por comover Samuel.

- Fui violentado em minha própria casa e obrigado a sufocar minha revolta, tendo em vi-

217

ta as ameaças que meu padrasto me fez. Ele me dominou pelo medo. Fez de tudo para que me calasse; passei a evitar minha mãe por puro medo do que poderia ocorrer comigo ou com ela,

devido às ameaças do meu padrasto.

"Durante dois anos fui obrigado a me submeter a seus caprichos.

"Nesse tempo, brotava em mim certa repulsa

pelo meu corpo. Queria me esconder, a todo custo; fazer qualquer coisa para disfarçar a vergonha e o asco que meu padrasto produziu em mim.

"Quando completei 16 anos, experimentei a maconha pela primeira vez. Ela me serviu como fuga da situação insuportável que eu me vi obrigado a viver. Meu corpo, já mais formado, causava inveja em certos rapazes, tanto quanto desejo. Mas ninguém sabia do tormento em que eu vivia.

Não podia contar nada à minha mãe, pois ela estava loucamente apaixonada por meu padrasto.

Não sei como ela receberia a verdade dura.

"Saí de casa. Resolvi colocar fim à situação.

Não vi outra maneira.

"Fui obrigado por alguém que conhecia no colégio. Era uma das pessoas que traficava maconha, mas foi a oportunidade que encontrei.

Logo mudei de cidade. Não foi fácil. Hoje me pergunto: caso meu padrão não tivesse feito o que fez, eu seria como sou? Teria experimentado o sexo com outro homem?' 1

## 218

- Reflita bem, Paloma - interrompeu Samuel. - **O** que a atormenta é o fato de ter feito sexo com homens ou a forma como conheceu a experiência sexual?

Pensando mais detidamente, Paloma respondeu, meio vagarosa:

- Sem sombra de dúvida, minha maior tormenta foi a violência com a qual fui tratada pelo meu padrasto.

- Pois é, minha querida. Você mesma me disse, em seu relato, que aos 13 anos já emergia do seu interior toda a sensibilidade de uma alma feminina. Apaixonou-se por outro garoto antes mesmo de qualquer acontecimento traumático.

Contudo, parece-me que nada houve entre vocês.

- Não! Foi somente um beijo na face, alguns

olhares, sorrisos. Guardo essa lembrança cari-  
nhosa, terna, dentro de mim.

- E quanto a seu padrasto? Já lhe ocorreu  
perdoá-lo? Parece-me que ainda agora você ca-  
r-

rega um amágo profunda dentro de si...

- Como posso perdoar? A dor, que persis-  
te dentro de mim até hoje, não diminuiu. A in-  
vestida dele sobre mim, o abuso sexual por dois  
anos seguidos, tudo isso repercuta ainda hoje em  
minha vida. Não consigo relacionar mais in-

tensamente com ninguém, mesmo que, para os

219

outros, eu pareça bem resolvida. Tenho medo

de entregar, muito medo; verdadeiro pavor...

- E por isso se vê atormentada dessa forma.

- Acho que a experiência com meu padrasto  
me afetou profundamente a vida. Antes de  
morrer...

- Antes de morrer?

- Bem, vou reformular minha fala. Antes de vir para aqui, eu tinha um parceiro, um namorado. Alguém que eu amo muito e, tenho certeza, sente o mesmo por mim, também. Mas fico imaginando quanto ele sofre comigo.

- Não entendi! Se você se ama, como ele pode sofrer com você?

- Namoramos já há alguns anos. Porém, depois da experiência com meu padrasto, nunca consegui me entregar plenamente a ninguém. Vivemos um amor quase platônico. Meu menino - é como nos chamamos - me aceitou assim mesmo, quase sem contato sexual, íntimo. Em silêncio, ele sabe compreender. No entanto, sei que não deve ser fácil para ele.

- Mas também não deve ser fácil para você.

- Não é mesmo! Quando nos abraçamos, nos beijamos, vêm à mente as imagens do trauma que vivi. Isso me inibe e me traz imenso so-

frimento. E, assim, percebo que transfiro para toda e qualquer figura masculina o trauma vivido com meu padrasto. E, para as mulheres, ofe-  
220

reço o silêncio negligente de minha mãe.

- Que tal você contar isso a seu namorado?

Já pensou na possibilidade? Talvez ele pudesse

auxiliá-la...

- Mas não compreende quem não tem mais jeito? Eu morri com aquela balança perdida...

- Morreu? ... Interessante! - respondeu Samuel. - Para quem morreu, até que sua memória e suas emoções estão funcionando direitinho...

- Está bem! - falou Paloma. - Seja lá o que for que nos aconteceu, acho improvável e muito difícil que eu tenha oportunidade de falar com ele.

- E se, até que ocorra essa oportunidade, você aprender a trabalhar essas emoções?

- Agora sou eu quem não entendo.

- Você confiou em mim se abrindo, colocando a descoberto sua vida íntima, as dores e os traumas que experimentou. E tentásemos a

l-  
go que fizesse você se liberar dessas emoções?

- Você me ajudaria?

- Podemos tentar juntos! - sorriu Samuel, encorajando-a ainda mais a confiar nele.

Depois de algum tempo em silêncio, Paloma resolveu aceitar a ajuda de Samuel.

Enquanto isso, Patrícia parecia menos agitada; entregara-se a um sono suave. Samuel a afagava enquanto conversava com Paloma. Pa-

## **2 2 1**

recia q u e sua interlocutora e s t a v a p r e p a r a d a p a r a  
u m m e r g u l h o n o p a s s a d o e e r a c a p a z d e e n f r e n -  
t a r o s t r a u m a s m a i s p r o f u n d o s e s i g n i f i c a t i v o s  
d e s u a a l m a .

7

# ENFRENTANDO OS TRAUMAS



**ECHE** os **OLHOS**, mergulhe dentro de si mesma . . . - falava Samuel, de forma que somente Paloma o escutasse. Estava mrecuados, deixando que os demais se pusessem a imaginar o que se passava. - Sinta as emoções, deixe-se emergir de seu espírito. Permita-se sentir as dores morais. Não fuja das próprias dores. Enfrente-as. " Algo ocorria no interior de Paloma. Parecia que uma tempestade emocional se esboçava e m

seu â m a g o . A l g u m a s l e m b r a n ç a s , *flash* e s d e m e  
-  
m ó r i a , s o n s , a r o m a s ; a l g o i n c o m u m p a r a e l a , a t é  
a q u e l e m o m e n t o .

- T e n t e a g o r a i d e n t i f i c a r a e m o ç ã o m a i s f o r -  
t e , q u e a i n c o m o d a m a i s p r o f u n d a m e n t e .

U m a l á g r i m a d e s c e u à f a c e d e P a l o m a .

- V a m o s , P a l o m a ! N ã o r e c u e . N ã o s e f i x e  
n a s i m a g e n s . Q u e r o q u e p e r c e b a a s e m o ç õ e s . O  
q u e a i n c o m o d a m a i s i n t e n s a m e n t e ? Q u e t i p o  
d e

e m o ç ã o v ê m à t o n a n e s t e i n s t a n t e ?

- R e v o l t a ! - c h o r a v a b a i x i n h o . - R e v o l t a e  
r e j e i ç ã o . . . - r e s p o n d e u P a l o m a , c o m v o z q u a s  
e

i n a u d í v e l .

- H u m m m . . . R e v o l t a e r e j e i ç ã o - r e p e t i a S a -  
m u e l , t r a n q u i l o , i n t e r e s s a d o e m a u x i l i a r .

- T e n t e i d e n t i f i c a r e s s a s e m o ç õ e s e p e r c e b e r  
a o c a s i ã o e m q u e e l a s s e m a n i f e s t a m m a i s n i t i -  
d a m e n t e . . . P r o c u r e n o t a r e m q u e m o m e n t o d e

sua vida elas pareceram de forma mais marcante do que nunca.

Paloma respirou mais devagar, tentando mergulhar na memória das emoções, deixando as imagens mentais de lado e procurando cada gota de emoção que emergia:

- Quando eu morri - respondeu Paloma.

- Quando você morreu... - repetiu Samuel.

- Não, não! Quando o policial me pegou; e logo depois, quando senti a bala...

- Detenha-se aí, neste ponto. A rejeição, quando o policial a maltratou. A bala que abriu seu peito e a revolta.

226

Samuel deixou Paloma refletir, fixar sua atenção nas emoções, explorar cada sensação e sentimento advindos da aquela experiência.

- Porque a revolta? Porque a rejeição?

Consegue responder essas perguntas?

- Revolta porque fui tratada como um ani-

mal. Me confundiram com alguém que estava ali para se prostituir.

- E ?

- E me senti rejeitada pela sociedade , pelo mundo , pela vida .

Silêncio da parte de Samuel. Ele procurava dar um tempo a Paloma , a fim de que e ela mesma refletisse acerca do que falava , das emoções fortes que vinham à memória e do significado de cada uma . Só depois de algum tempo é que prosseguiu :

- Pense bem , Paloma . Aprofunde - se nessas emoções , busque - as dentro de você . . .

As lágrimas começaram a descer mais intensas.

- Em que outro momento você identifica essas emoções em sua vida ? Tente rever o passado ;

veja e sinta quando essas emoções se manifestaram , em outras ocasiões .

Mais uma vez ela se viu regressando a opas -

sado. A memória passeava por eventos, traumas,

alegrias e dores. Alguns instantes depois, Paulo

## 227

ma foi c a p a z de identificar, sob influência e a m -  
p a r o de S a m u e l , o m o m e n t o e x a t o q u e e l a p r e -  
c i s a v a r e s s i g n i f i c a r ; o a c o n t e c i m e n t o p r i m o r d i a l ,  
q u e d e s e n c a d e a v a a s s e n s a ç õ e s q u e p a s s a r a m  
a

a c o m p a n h á - l a n a s h o r a s g r a v e s d a v i d a .

- Q u a n d o f u g i d e c a s a ! . . .

N o v a p a u s a , n o v a o p o r t u n i d a d e d e r e v i v e r a  
e m o ç ã o e o a b a n d o n o , d e r e v i s i t a r a e x p e r i ê n c i a .

- **O** q u e v o c ê s e n t i u ?

- N ã o m e v e j o f u g i n d o . V e j o - m e s e n d o a b o r -  
t a d a e m o c i o n a l m e n t e : s i n t o - m e e x p a t r i a d a ,  
e x -

p e l i d a e m d i r e ç ã o a o m u n d o . É c o m o s e f o s s e e x -  
p u l s a d o v e n t r e d e m i n h a p r ó p r i a m ã e . G u a r d o  
p r o f u n d a r e v o l t a e m r e l a ç ã o a o q u e m e o c o r r e u  
;

p r i n c i p a l m e n t e , d e v i d o à f o r m a c o m o o c o r r e u  
.

Sinto como se eu fosse uma infecção na família, um câncer que se extirpasse: alguém que, sem saber porque, não foi compreendido...

- Mas você se aceitava? Você se compreendia, afinal? Pense um pouco sobre isso.

Paloma não precisou pensar muito. A resposta estava na ponta da língua:

- Não! Na verdade, não sinto que eu me aceitasse. Eu vivia uma ilusão, eu tentava viver, idealizando um futuro feliz, mas não me permiti viver em minha realidade naquele momento. Tive enorme dificuldade comigo mesmo.

- Volte mais ainda, Paloma. Um pouco mais. Tente identificar, antes desse momento, as emo-

228

ções que a incomodam...

- Não posso! É demais para mim.

- Tente! Não desista! Você chegou até aqui, e para isso foi necessário coragem. Você é capaz

de prosseguir, sim. Deixe as emoções brotarem máscaras.

Mediante o incentivo de Samuel, ela foi avante:

- Vejo André.

- Quem é André?

- O garoto por quem me apaixonei...

- E as emoções? Quer saber de suas emoções. O que André lhe inspira?

- Não tive coragem de me aventurar, de assumir. Senti medo de ser rejeitada.

- Quem porventura a rejeitaria? Saiba identificar de quem você teme receber rejeição?

- Dele... André.

- Ele? Seria ele mesmo?

- Não, não sei exatamente. Não tenho certeza. Eu acho...

- Você acha? - Samuel não deu tempo para a dúvida se aprofundar. Através de perguntas diretas, induzia Paloma a se pronunciar, a explorar ainda mais suas emoções, a enfrentar-se.

- Não! Tenho certeza, agora, de que era eu mesma que estava me rejeitando. Rejeitando a situação que eu não compreendia. Revoltei-me

229

por não ter com quem compartilhar aquela angústia; revoltei-me por não encontrar alguém que me auxiliasse a compreender o que ocorria comigo. Eu estava só, emocionalmente...

Paloma chorava ante a constatação da verdade íntima.

- Então era você, Paloma...

- Sim, eu fiquei a margem. Transferi para o outro minha revolta.

- Retorne ainda mais... Aprofunde-se um pouco mais nas emoções...

- Vejo meu pai. Meu pai verdadeiro...

- **O** que você sente?

- Ele me abandonou. Não pensou em mãe nem em mim. Nos rejeitou, assassinou nosso

amor, nossas emoções. Repudiou-nos abertamente. Senti que era por minha causa. Achei que se envergonhava de mim.

**O**pranto se tornava convulsivo. Paloma deixava emergir toda a dor e a emoção contida por anos e anos a fio...

-Vá ainda mais longe no passado... Aprofunde suas observações. Sinta-se com ainda maior intensidade. Que percebe?

-Sinto as emoções de meus pais... E uma sacia. Era uma criança linda, sorridente. Mas parece que meu pai queria uma menina. Sim, uma menina era tudo o que ele queria. Percebo minha expectativa de ser afagado, pegado no colo

## 230

e, de outro lado, a decepção de meu pai. Eu implorava para ser tocado, acariciado; minha úni-

ca linguagem era o sorriso e o choro. Eu era um bebê. - Paloma chorava muito. - Meu pai se recusou a tocar em mim. Minha mãe se revoltou contra meu pai e demorou a me amamentar. Ela me culpava. Não a ouço falar nada... só percebo. Percebo a amargura e a frustração de minha mãe e a rejeição de meu pai. Eu queria colo, carinho e afago.

- Pare aí, Paloma. Interrompa a lembrança dessas emoções. Cerre as lágrimas. É preciso "congelar" a revolta e a rejeição.

Paloma fez o exercício mental e emocional sugerido por Samuel. Deixava-se conduzir plenamente pelo novo amigo.

- Vamos agora progredir no tempo.

- Estou exausta...

O amigo de Paloma amparou-a com um abraço. Deixou claro o apoio irrestrito naquele momento especial para sua alma sensível.

- Respire fundo! Respire mais ainda e sintase amparada. Estou aqui, a seu lado.

À medida que Paloma se tranquilizava, ocorria um fenômeno interessante com seu corpo espiritual. Modificavam-se gradativamente as fei-

ções femininas, que cediam lugar, segundo após

231

segundo, à aparência masculina, embora os traços fisionômicos permanecessem finos e elegantes,

sem o peso de uma forma masculina mais

rude. Ela descansava com os olhos fechados; ao

abri-los lentamente, a fisionomia mudara quase

por completo. As roupas de agora não eram mais

o vestido usado para as apresentações artísticas;

não era mais o vestido que rasgar para mostrar-se a Hugo, anteriormente. Neste momento, surgia a personalidade de um rapaz elegante, de

certa maneira forte, corpo definido, mas sem excesso de músculos. Olhos claros, quase azuis. Os

cabelos caíam-lhe sobre a testa suave e macios, enquanto atrás, na nuca, eram rebatidos, mais

curtos. Paloma assumira a feição masculina, a de quando não estava interpretando, no palco.

Era o homem que respondia, no cotidiano, pelo nome de Hector.

Respeitando o momento de Paloma ou, então, Hector, Samuel concedeu um tempo para que se refizesse, reassumisse a postura íntima e identificasse possíveis medos, a fim de arregimentar forças internas para continuar, de alguma maneira.

Ante a dificuldade de Hector - Paloma em prosseguir, Samuel lançou mão de um recurso um tanto inusitado.

- Se você deseja, Hector, tenho um amigo que posso chamar para nos auxiliar. Trata-se de uma

232

ajuda simples; porém, quem sabe, poderá impulsionar você, livrando-o de um pouquinho da angústia,

enquanto absorve dele alguns elementos mais sutis,

que o farão sentir-se melhor para as reflexões

futuras. Veja bem, não desejo induzi-lo, mas co-

locar à disposição certos recursos interessantes e

bastante eficazes. Quando julgar oportuno, pode

contar comigo.

- E que recursos serão estes? - perguntou

Hector ou Paloma com visível interesse, mas

prestes a desfalecer, quase sem forças para dar

continuidade ao processo de revisão e reorganização

-

zação emocional mental.

- Meu amigo é um médium. Por certo, a esta hora, está dormindo, mas isso não impede que auxiliê você ou outros que desejem socorro. Podemos procurá-lo e isso não demora muito. Eu tentaria um método que consiste em acoplar você ao organismo mediúnico, de modo que fosse submetido àquilo que chamamos de choque aní-

mico. Isto é, tão logo estivesse acoplado ao espírito do médium - falo assim para resumir o fenômeno -, receberia os fluidos benéficos que ele detém. Ao mesmo tempo, as angústias e dificuldades mais profundas passariam através dele e seriam descarregadas na natureza. Você certamente se sentiria bastante aliviado e prossegui-

233

ria sua caminhada bem mais fortalecida.

Hector - Palom pensou por algum tempo, que Samuel lhe concedeu, sem interromper suas

reflexões. A o c a b o d e a l g u n s m i n u t o s , r e s o l v e u a c e i t a r o r e c u r s o o f e r e c i d o .

S a m u e l i n s p i r o u H e c t o r a l e v a n t a r - s e . P o s i - c i o n a n d o - s e a o l a d o d e l e , o i n s t r u t o r p ô s a m ã o d i r e i t a s o b r e a f r o n t e d o t r a n s f o r m i s t a e n q u a n t o a e s q u e r d a a m p a r a v a - o n a a l t u r a d a n u c a . S a - m u e l c o n c e n t r o u - s e p o r a l g u n s i n s t a n t e s , t e n d o o p e n s a m e n t o f i x o n o a m i g o e n c a r n a d o , q u e , c o - m o p r e v i s t o , d o r m i a , m a s e s t a v a d e s d o b r a d o , f o -

r a d o c o r p o f í s i c o .

I m e d i a t a m e n t e , o a m b i e n t e à v o l t a d o s d o i s p a r e c e u t e r - s e m o d i f i c a d o . E m m e i o a f l u i d o s v a - p o r o s o s , v i r a m - s e a m b o s a o l a d o d a c a m a d o r a - p a z , q u e e s t a v a d e i t a d o c o m a b a r r i g a v o l t a d a p a r a c i m a . **O** c o r p o j a z i a s o b r e o l e i t o , m a s s e u e s p í r i t o p e r m a n e c i a d e s p e r t o , l o g o a l i a o l a d o , c o - m o s e a g u a r d a s s e a c h e g a d a d e a l g u m d o s m e n - s a g e i r o s c o m o s q u a i s h a b i t u a l m e n t e t r a b a l h a v a .

- V o c ê , S a m u e l ? - f a l o u o m é d i u m d e s d o -

brado, surpreso. - Não esperava que fosse você a me procurar para o trabalho desta noite. Em que posso ser útil, meu amigo? - falou o médium fora do corpo, já olhando para Hector, que apresentava sinais visíveis de cansaço, desvitalizado devido ao esforço de lembrar o passado e lidar com as emoções reprimidas.

234

- Que bom que está de prontidão, meu caro!

- respondeu Samuel, deixando claro, através do

pensamento, o que pretendia, a fim de conceder assistência imediata ao novo pupilo. - Preciso

promover um choque anímico. Meu amigo aqui, que está quase inconsciente no momento, em es-

- tado alterado de consciência, precisa de elem

entos sutis, de fluidos nervosos para recompor-se e continuar sua vida, suas reflexões.

- Puxa, amigo, mas ele ainda está encarna...

Samuel fez um gesto rápido, interrompendo o médium, deixando claro com isso que não queria dar informações que pudessem dificultar o processo de revisão dos valores, de reavaliação emocional a qual Hector se submetia. E antes que o médium pudesse externar qualquer comentário a respeito, Samuel perguntou, convidando-o ao trabalho:

- Topa participar, doando fluidos para que ele se refaça?

- E lá sou homem de perder a oportunidade de ser útil? Claro, amigo! Conte comigo.

**O** que se passou foi algo impressionante, sob o aspecto fenomênico. O médium desdobrado concentrou-se profundamente; fez uma

prece rápida, tomou seu lugar ao lado de Hector, que, de pé, parecia meio perdido, aéreo. Além do

mais, não tinha conhecimento emuitomenos-

## 235

tava habituado aos fenômenos mediúnicos. Com

o auxílio de Samuel, o médium ministrava, no  
a migone necessitado, algo que se assemelhava a  
passes longitudinais. O novo ajudante pareceu

logo entrar em transe, enquanto sua aura irra-  
diava energias benéficas, que eram canalizadas

por Samuel em favor de Hector, à medida que se  
liberavam. Neste momento, o rapaz necessitado

foi levantando-se no ar, suspenso pelo magnetis-

mo de Samuel para, em seguida, ser conduzido  
ao corpo do médium, que repousava sobre o lei-

to. O espírito de Hector - Paloma acoplou-se célu-  
la por célula no corpo do médium, que antes se  
aproximara muito dele.

Assim que Hector se conectou ao corpo do

médium, recebeu uma espécie de descarga magnética de tanta intensidade que se sacudiu todo. Um vapor exalou de cada célula do corpo deitado sobre o leito. Era o ectoplasma ou fluido vital, que, a comando da mente do auxiliar desdobrado, envolvia Hector e lhe concedia uma vitalidade extra, energizando seu corpo espiritual. A seguir, o médium, ao lado do seu corpo, sentiu-se um pouco angustiado. Ele absorvera, por vontade própria, os fluidos densados pelas emoções conturbadas de Hector. Era uma troca magnética, energética: ambos permutavam de energias. Mas a sensação percebida pelo mé-

## 236

dium durou poucos minutos.

Enquanto Hector, depois de sentir um formigamento a percorrer-lhe o corpo espiritual, arregalou os olhos e percebeu - se num corpo estranho, deu-se ali mesmo forte estremeamento. Imediatamente, viu - se lançado para fora do corpo hospedeiro, a o tempo em que o médium retornava ao próprio corpo, assumindo aquilo que lhe pertencia de fato. Samuel lamparou Hector quando este se colocou acima do corpo do médium, auxiliando - o a levantar - se, visivelmente melhorado.

Ao retomar o corpo físico, o médium abriu os olhos, percebendo a presença espiritual de Samuel e seu pupilo. Levantou - se com forte náusea, pois processava os fluidos densos, a carga tóxica acumulada pelas emoções mais materiais -

zadas ou cristalizadas, absorvidas de Hector. Sabiam muito bem o que significava aquele tipo de ação. Num gesto breve, agradeceu a Samuela a oportunidade de ser útil e em demora se dirigiu ao lavabo, onde descarregou os fluidos densos através da urina. Logo depois sorriu, satisfeito com o trabalho da madrugada, e voltou a dormir, enquanto participava de outras atividades, em desdobramento.

Por meio de uma concentração breve, Samuela reconduziu Hector ao ambiente onde estavam antes. No plano mental, talvez tudo tenha

## 237

se passado em apenas alguns segundos; do ponto

de vista de Hector-Paloma, era como um longo tempo, provavelmente horas e horas.

Quando Hector voltou, renovado pelo socorro oportuno, mostrou-se muito disposto. A angústia havia cedido lugar a um estado de espírito sereno, e embora as reflexões continuassem.

Ao regressar, notou que, durante a conversa com Samuel, estivera o tempo todo no mesmo ambiente dos companheiros de jornada: Hugo, Ro-

nie, Adir, Patrícia e César. Porém, devido a algum efeito ou artifício da mente, compartilhado por todos, prevalecera a noção de que estivera ausente. E que estavam semovendo numa dimensão puramente mental, na qual cada um elaborava seu próprio tempo, criava seu próprio

mundo, ainda que sem antiveressem ligados dev

do a processos comuns de culpa, medo e castigo,  
que impingiam a si mesmos.

Nahora em que Hector, enãomais Palo-

ma, praticamente sematerializou ante os olhos  
assustados de seus companheiros, apresentava

visível transformação, comaaparênciabastan-

temudada. Ereto, elegante, traços finos e sem  
amaquiagem, dirigiu-se imediatamente ao lo-  
cal onde estava Patrícia, tomando-a nos braços.

Habituará-se adarapoio apessoas necessita-  
das, como fizera durante longotempo. As difi-

238

culdades íntimas? Os problemas? Muitoprova-

velmentenãoesstivessem detodoresolvidos,  
mas

tiveraacorage m de enfrentá-los, sem fugir.

Voltando-se para Samuel, Hector comentou:

- Sinto-me refeito, poré ainda há muita coisa a resolver dentro de mim. Quero agradecer a ajuda inesperada. Acho que a morte é isto: a oportunidade de nos encontrarmos com nós mesmos, nos encarmos, sem máscaras nem maquiagem.

- Nem sempre é preciso esperar a morte para esse enfrentamento, meu amigo. Muitas questões de ordem íntima podem ser trabalhadas quando se está de posse do corpo físico. Em diversas ocasiões, algum impacto mais forte faz com que emerjam do psiquismo certos fatos e memórias que ficaram gravados numa dimensão mais profunda, no chamado inconsciente. Nesses momentos, somos levados a rever nossos valores, a avaliar nossas emoções e conceitos, que sabem dar novo significado às vivências mais incômodas e até dolorosas, que calaram fundo na alma.

- Após avaliar melhor e com mais fôlego minhas questões íntimas, chego à conclusão de que eu queria mesmo era ser feliz, nada mais...

Samuel soube interpretar a quele momento precioso das reflexões e conclusões de Paloma -

239

agora, Hector -, que disse mais:

- Creio que vivi o tempo todo em confronto comigo mesmo. Por talvez não compreender minha situação íntima, meus conflitos internos e marcantes, não me perdoei, não perdoei meu pai nem meu padrasto. Eu queria ser aceito ou aceita a todo custo, mas será que eu mesmo havia me aceitado? Será que soube compreender a mim mesmo? O abuso cometido por meu padrasto durante longo tempo poderia ter encontrado o termo caso me decidisse a falar com minha mãe e outo mas se qualquer atitude, ou pelo menos tentasse. Mas se me perguntava: será que ela me ouviria? Será que enfrentaria meu padrasto e

poria fim a meu horror? Pouco importa. Seja como for, a verdade é que me faltou coragem.

Samuel ouvia atentamente as conclusões de Hector, enquanto ele acariciava os cabelos de Patrícia, transmitindo-lhe energias balsâmicas sem

o saber. Samuel olhava ora para um, ora para outro e sondava a natureza de Hector. Percebia a capacidade de auxiliá-lo e a disposição clara em fazer algo de bom por quem quer que estivesse em seu caminho. Com aquele gesto, Patrícia parecia mais calma e ensaiava acordar do transe.

- Vejo que você tem alguma habilidade em ajudar os outros, meu amigo - falou Samuel, apontando em direção a Patrícia.

- Pois é - respondeu Hector, ligeiramente

240

sem graça com a observação do amigo espiritual. - Trabalhei na noite durante muito tempo, conforme já lhe disse. Resolvi fazer isso por dois

motivos. Primeiro, era uma forma de me realizar

como pessoa, como artista. Adoro a diversão, a noite, a fantasia, as luzes, o palco. Mas também

encontrei na minha arte a forma de ganhar um

dinheiro a mais. E ganhei muito dinheiro, muito

a mais do que com minha profissão oficial, de *de-*

*sign* de moda. Com essa renda extra e como que

me unamorado me ofereceu, pois me compreendia

o desejo de ajudar, consegui comprar um ca-

sarão, que reformei usando a doação de um em-

presário que procurei e aceitou colaborar. Dei à

casa o nome de Palácio de Cristal.

E sorrindo, ou melhor, rindo gostosamente,

satirizou:

- Nada mais bichado que o nome Palácio de

Cristal, né? ... - as risadas foram gostosas; He-

tor já era capaz de rir de si mesmo e referir-se a

si de maneira descontráida.

Ele prosseguiu relatando sua história:

- Então, fiz algo que desejava há muito tempo. Junto com meu namorado, consegui rebanhar algumas *meninas* - assim eu as chamava; eram travestis e garotas de programa -, que não conseguiam sair das drogas e da vida nas ruas, e  
241

levá-las para o Palácio de Cristal. Ali recebiam um tratamento digno, humano. Eram conduzidas a médicos, psicólogos e outros profissionais.

Conseguí estabelecer uma parceria proveitosa com muitos desses profissionais, que frequentavam a noite, as boates. Conversava francamente com eles sobre meu projeto de vida e muitos se solidarizaram.

Respirando aliviado, Hector lembrou a cada detalhe de seu sonho pessoal de auxiliá-los queles que necessitavam.

- O projeto estava em pleno andamento. Mas

e u h e s i t a v a e m d i v u l g á - l o ; n ã o q u e r i a q u e a s p e s -  
s o a s e m g e r a l f i c a s s e m s a b e n d o . P e r m a n e c í a m  
o s

n o a n o n i m a t o , p o i s , s e m u i t o s f i c a s s e m s a b e n d o  
o u p o r v e n t u r a f o s s e d i v u l g a d o n a m í d i a , p o d e -  
r i a a t r a i r c u r i o s o s , p o l í t i c o s q u e q u e r i a m s e p r o -  
m o v e r e o u t r a s c o i s a s i n d e s e j á v e i s . F o i q u a n d o  
a c o n t e c e u o i n c i d e n t e c o m i g o , q u a n d o m e v i e n -  
v o l v i d a n a q u e l a b a t i d a p o l i c i a l . E n f i m . . . - s u s p i r -  
r o u . - A b a l a p e r d i d a m e p e g o u d e j e i t o .

D e p o i s d e u m p o u c o d e s i l ê n c i o , d e s a b a f o u :

- S a b e , S a m u e l , n a v e r d a d e n ã o f u i v í t i m a  
d e b a l a p e r d i d a . E u m e j o g u e i à f r e n t e d o p o l i -  
c i a l , n u m í m p e t o , s e m r a c i o c i n a r , p o i s v i o r e v ó l -  
v e r s e n d o a p o n t a d o p a r a e l e . A c h o q u e f o i m a i s  
i n s t i n t o d o q u e a l t r u í s m o . **O** q u e e u n ã o e s p e r a -  
v a , d e v e r d a d e , e r a m o s p o n t a p é s , a s a g r e s s õ e s  
d a p o l í c i a . M a s a t a l b a l a q u e m e t r o u x e a o e n -

## 242

contro da morte...

- Morte? Quemorte, Hector?

- Desculpe, Samuel. Se morrer é isso, então acho que nunca estive tão vivo quando antes. Pois bem, e me joguei em frente ao policial. Nem sei ao certo a motivação que me levou a tomar essa decisão sabendo do risco, do perigo que

corria. Só me lembro das imagens, dos sons, e, enfim, da imagem do meu menino, do amor de minha vida - Hector esboçou uma lágrima, que lhe caiu do rosto.

- Se eu tivesse a chance de retornar, de reencontrá-lo, após as reflexões que fiz aqui, com seu auxílio, certamente ele teria uma surpresa agradável comigo. Nossa relação provavelmente seria

muito melhor, com mais qualidade. Sabede um a

coisa, amigo?

- Fale, Hector. Deixe sua alma derramar-se por inteiro.

- Eu começaria tudo de forma diferente.

Mas ainda tenho um desafio, e é pena que não possa enfrentá-lo, depois do que me ocorreu.

- Posso saber que desafio é tão instigante para você neste momento?

- Claro, Samuel, claro! Queria muito reencontrar meu padrasto. Procurá-lo, e à minha mãe, para conversar com ele, quem sabe, em vez de perdôá-lo, pedir seu perdão. Preciso mesmo

## 243

disso para poder prosseguir meu caminho e ser mais feliz. Queria lhes apresentar meu namorado e dizer-lhes quanto ele me faz feliz; queria falar das coisas que faço, não como o intuito de ser aplaudido ou reconhecido, mas para compartilhar, apenas isso. Sinto que estou cheio de vida e queria mesmo assumir minha condição, minha vida, meu amor perante meus familiares...

Enquanto acariciava Patrícia, Hector fechou os olhos, visualizando aquela imagem; era quase uma prece, uma rogativa.

Quando os abraçou novamente, tomou um choque: estava noutro lugar, com outras pessoas. Olhou para si e viu ainda os farrapos da roupa que usara na *performance* daquela noite, na boate onde trabalhava. Não sabia o que estava

acontecendo. Não vi mais Samuel, nem Patrícia, nem os demais.

244

8

**SOMBRAS,  
PAISAGENS E  
IMAGENS  
SOTURNAS**



**ENQUANTO TAIS** acontecimentos marcavam a experiência de Paloma, que aprendera a se aceitar mediante o enfrentamento das emoções mais cáusticas, Arthur observava os demais componentes do grupo, que sem antinham prisioneiros da culpa e das questões não resolvidas. Arthur e Nestor comportavam-se como Samuel anteriormente. Invisíveis, porém atentos, presentes. E foi em determinado momento de discussão entre Ronie, Hugo e Adir que Arthur resolveu aparecer, dando a graça, como al-

guém diria.

Quando comentava o fato de Hector ou

Palomater sumido do campo de visão, Arthur aproximou-se lentamente de Ronie. Porém, es-

tenão podia vê-lo, ainda. Mas notando que alg-

ou alguém estava próximo, orapaz se apavorou.

Sentiu-se arrepiar por inteiro. A sensação de Ronie foi como se vivesse um peso de lo. Em todos

os sentidos. Arthur aplicou-lhe um jato de sopro frio sobre a nuca e, logo depois, sobre o plexo so-

lar, visando acalmá-lo e as emoções. No entanto,

a experiência fora percebida por Ronie apenas como um vento, algo que o roçava; um cala-

frio. A medrontado, deu uma volta em torno de

si mesmo quase aos gritos, sem poder perceber

visualmente a presença de Arthur, que tentava

uma aproximação mais ostensiva. Ronie estava

mergulhado em vergonha e culpa. Usava a máscara de sempre, de pessoas resolvidas, e armada de violência verbal, com a qual se defendia atacando os outros, embora definitivamente não conseguisse esconder-se ou enganar mais ninguém.

- Que é isso, Ronie? Está louco? Rodando feito um pião, assim...

- Não vê que tem alguém mais aqui, entre nós?

- Não vejo ninguém. Você está paranóico!

- E o Diabo! Aposto que é o Danado, que está rondando vocês pra levar suas almas com ele

- falou Adirquase beberrando, pois pressentia a presença de Arthur também, embora não conseguisse

-

-

-

-

-

## 250

guisse explicar de forma inteligente o que o impressionava.

Arthur mais uma vez tentou estimular o campo de visão de Ronie, para que pudesse conversar diretamente com ele, porém, desta vez, orapazquase enlouqueceu. Pôs-se a correr de um lado para outro, numa velocidade alucinante.

Denada adiantava. Para qualquer direção que apontasse, voltava sempre ao mesmo lugar.

Depois de algum tempo nessa atitude, já cansado, Ronie corria menos velozmente, até que deparou com uma situação incomum. Via-se

projetado em diversos lugares, como se estivesse numa sala repleta de espelhos. Para qualquer lado que olhasse, lá estava a própria imagem; não

via mais os companheiros Adir, Hugo ou César e Patrícia, esta há muito tempo fora de seu campo visual. O pavor de Ronie aumentou consideravelmente. Tentava apalpar as imagens para ver se realmente eram reflexos de algum espelho, mas nada. Parecia que estavam todas depé, mais reais do que cogitaria suavemente e tresloucada. Para piorar a situação, em cada réplica de si mesmo que observava, havia algo ligeiramente diferente, uma transformação ou deformação no próprio corpo, cujo reflexo provinha não se sabia de onde nem de que maneira. Numadas figuras, via-se como um corpo metamorfoseado, dotado

251

de fartos seios femininos, e o restante do corpo

perfeitamente masculinizado, com pelos, muitos

pelos. Outra imagem ostentava dois órgãos genitais

tais: o masculino, atrofiado, e o feminino. Ronie gritava, quase louco...

- Coitado do nosso amigo - falou Arthur para seu companheiro do Invisível, Nestor. - Parece que está sendo impelido a encarar a própria realidade íntima. As imagens são projeções do seu corpamental, que já está muitíssimo doecido, devido ao estilo de vida que levou na Terra e que lhe afetou profundamente a estrutura espiritual.

Ronie ensaiava correr, mas as imagens de si mesmo pareciam persegui-lo; vinham-lhe ao encontro na mesma velocidade em que ele se movimentava. Era realmente uma cena de pesadelo.

Arthur aproximou-se novamente, procurando acalmá-lo, a fim de que ele o pudesse perceber. Com bastante dificuldade, aplicou-lhe um passe longitudinal, logo após, um sopro quente

sobre a região frontal, entre os olhos. Ronie deteve os movimentos num ímpeto, sem, contudo, conseguir livrar-se das visões de si mesmo. Parou com os olhos arregalados e um grito de espanto paralisado no rosto. Foi então que Arthur teve uma ideia, que, talvez, pudesse fazer com que o rapaz o enxergasse. Uma vez que Ronie estava tão conectado, tão imerso em sua própria

252

realidade, em seu mundo íntimo, ele não tinha olhos para ver além. Não conseguia registrar formas e seres mais sutis. A mente do jovem garoto de programa era refém de um fenômeno conhecido como circuito fechado de pensamentos.

Gravitava em torno da própria realidade, isolando-se

mais e mais do mundo objetivo.

Arthur resolveu assumir outra conforma-

ção externa, perispiritual, moldando os fluidos

próprios e em redor. Enquanto tocava ligeiramente a cabeça de Ronie, foi se adensando pouco a pouco. Novamente a paz ficou horrorizada como que via. A mão de Arthur, agora numa forma feminina, de uma mulher negra, foi a primeira a se materializar, segundo a ótica de Ronie. Não foi a intenção de Arthur, mas foi como Ronie registrou o fenômeno. Cada um vê exatamente aquilo a que se capacitou, se assim se pode dizer; escuta e percebe de conformidade com determinados fatores, tais como a vida íntima, a cultura e a forma de ver o mundo. Logo depois da mão, os braços se mostraram, aparentemente donada, na qual a dimensão inexplicável

para os conhecimentos dos personagens se, principalmente, de Ronie, que sentia emergir de sua alma todo o medo e pavor, toda a culpa e todo o pânico, de uma só vez. Ficou petrificado. Não

conseguia sem exer, enquanto um negro e leg  
an-

## 253

te, vestida em trajes que lembravam roupas africanas estilizadas, erguia-se seulado. Arthur assumira a feição de sua última personalidade, na existência física mais recente.

Balanga danças, colares belíssimos e coloridos caindo-lhe ao peito, além dos cabelos elegantemente enroscados sobre a cabeça, num estilo africano inconfundível. Formas elegantes, em-

borada das de um que é diferente, quase masculino, sem perder, entretanto, a formosura e o jeito feio.

Quando a aparição terminou de se formar,

Roni movimentou levemente a cabeça, engolindo em seco, num estado que psicólogo e psi-

qui atrás da Terra provavelmente classificariam

como crise de pânico. Esse era o panorama ínti-

m o d o r a p a z .

Arthur, a g o r a modificado, transfigurado, m o s -  
trava-se c o m o outrora. U m a m u l h e r d e traços  
firmes, q u e t r a b a l h a r a desde c e d o , desde tenra  
i d a d e junto à família de Ronie, e fora deste a pri-  
m e i r a b a b á . C r e s c e r a n a família, t o m a n d o c o n t a  
tanto de R o n i e q u a n t o de seus i r m ã o s . P o r é m , no  
estado em q u e ele se e n c o n t r a v a , n ã o l o g r a v a re-  
c o n h e c ê - l a . O estado m e n t a l d o r a p a z era o m a i s  
desfavorável possível, d e v i d o a intensa c u l p a , ver-  
g o n h a de si m e s m o e, s o m a n d o - s e a isso, ao p â n i -  
c o , q u e s e instalara e m seu m u n d o íntimo.

## 254

A o mesmo tempo em que a aparição falou,  
Ronie saía correndo, como se lhe fosse possível ir  
para outro lugar. Nasuamente infeliz e culpada,  
cheia de traumas sem virtude do estilo de vida  
que elegera para si, a visão da negra baiana, em  
-  
boratoda a elegância que demonstrava, se lhe  
afigurava como produto de um pesado lo, um fil  
-  
me de terror, devido ao inusitado do fenômeno,  
até o momento inexplicável para ele.

- Que é isso, meu rei? Vixe! Não há porque  
se apouentar, não. Venha que vou te ajudar,  
meu anjo. Estou aqui pra cuidar de você... Não  
me reconhece?

Saindo em disparada para outro lugar e pa-  
ralugar nenhuma ao mesmo tempo, ora paz re-  
tornava sempre à presença da mulher vigorosa

que lhe falava. A visão da negra e as imagens de si mesmo pareciam se alternar, segundo interpretava, numa suposta perseguição frenética, como se ambas as aparições fossem estimuladas

e produzidas por alguma estranha e invisível luz

estroboscópica. Parasuamente, num estado de

quase loucura, era como se uma imagem derivasse da outra, e a figura da mulher que tentava auxiliá-lo saísse de dentro das réplicas de si mesmo,

que o atormentavam. Era tal o seu ponto de vista acerca do fenômeno. Enfim, era como ele

255

anteriormente percebia os vultos e as imagens fugidias que o perseguiam durante o transe proporcio-

porcionado pelas drogas, cujo uso era frequente.

- Se acalme, meu rei! Fique assim, não!...

- falava com um sotaque baiano inconfundível

.

Como Roni não ficava quieto de forma nenhuma, resolveu tomar uma medida mais drástica para fazê-lo sair daquele transe louco, como se produzido por alucinógenos. A fim de fazê-lo parar, teria de provocar algo mais brusco, que lhe provocasse grande impacto, quase em nível físico, caso no corpo físico ele estivesse. Soprou bem forte na região mais próxima possível do seu plexo solar. Roni se deteve imediatamente, levou a mão à barriga e vomitou. Vomitou farta e instantaneamente. Vomitou a ponto de estremecer de fraqueza, logo caindo ao chão, quase desmaiado.

- Afe, bichim! Eu nem imaginava que tinha uma força assim, não!... Mas benfeito, seu menino, você fez por merecer. Imagina correr assim dessa nega, quem muito lhe quer bem?

Quase sem fôlego, quase sem forças para se expressar, Roni voltou-se para a mulher que lhe falava. Balbuciando feito um menino medroso,

indagou:

- Quem é você? **O** que faz aqui?

- Ora, esse menino! Será que já se esqueceu de mim, é? Tô avexada...

## 256

- Estou no inferno e não conheço ninguém a chegado a mim que esteja na mesma situação desgraçada.

- Modere sua boca, muleque! Não pense em falar desse jeito comigo, que lhe mostro do que sou capaz.

- E quem você pensa que é? A mulher do demônio? Por acaso está querendo me enfrentar também, feito aqueles miseráveis desgraçados

que estão presos aqui comigo?

- Não sei do que está falando, não! Juro que não sei.

- **O** Hugo, a boiolar da Paloma e também aquele crente desgraçado, que não pararam de guardar gente e dizer que estamos perdidos, no inferno. E tem mais gente solta por aí... tão loucos quanto eu e, talvez, como você também.

- Que bom que começou a falar! Mas nem pense em dizer seus palavões, menino. Não foi assim que eu lhe ensinei.

Rindo, numa risada mais deloucurado que de boche, ora paz falou, ou tentou gritar, não fosse a falta de forças que o dominava:

- Ensinar para mim? Você nunca me conheceu antes desse inferno, ou melhor - corrigiu-se -, desse limbo aqui... E nem eu a conheço de lugar algum.

257

- Acho que você ter de falar mais sério com esse menino... Meu Deus, meus santo, meus orixá!... Assim que pronunciou essas palavras, Ronie pareceu reunir forças não se sabe onde. Levantou-se, embora com evidente esforço, mas levantou-se assim mesmo, colocando-se em frente

à chamada aparição:

- Túnica? Evocê, Túnica? Não acredito que

seja você que está aqui nesse inferno... E isso mesmo, você veio me tirar daqui! Veio me arrancar desse lugar, que nem sei onde fica. Eu estou morto, Túnica, estou morto...

- Afe! Que é isso?! Deixou de ser homem, agora? Vem com esse medo todo, parecendo mariposa, é?

- É você mesma, não é? Somente você pra falar assim, desse jeito. Eu me lembro!

E antes que Túnica respondesse - aliás, Arthur transfigurado em Túnica, a babá que tomara conta de Ronie quando ainda criança -, ele mais uma vez se assustou. Agora consigo mesmo.

Enquanto notava que os reflexos de si pareciam se diluir lenta, vagarosamente demais - baianamente -, alguém diria, no ritmo Dorival Caymmi -, o rapaz percebeu sérias mudanças em seu corpo. Aliás, sentiu muito mais do que percebeu. Voltando as costas para Túnica, olhando de um

l a d o p a r a o u t r o , e n f i o u a m ã o d e n t r o d a s c a l ç a s .

A r r e g a l o u o s o l h o s , e u m g r i t o l h e s a i u d a g a r -

258

g a n t a , m a i s u m a v e z . . .

- C r u z , m e n i n o ! A g ô , m e u p a i ! P a r e c e q u e

v o c ê s ó s a b e g r i t a r . . . P a r e c o m i s s o e v i r e h o -

m e m d e v e z .

O l h a n d o i n t e r e s s a d a p a r a R o n i e , q u e a i n d a

t i n h a a s m ã o s d e n t r o d a s c a l ç a s , f a l o u :

- Q u e é q u e t e m a í d e n t r o ? F a l e c r i a t u r a ! . . . —

c o m p o r t a v a - s e c o m o a m a i s c o m u m d a s m o r t a i s .

R o n i e c o m e ç o u a c h o r a r , t a l v e z d e d e s e s p e r o

e a g o n i a , t a l v e z p o r q u e n ã o c o n s e g u i s s e e x p l i c a r

o f e n ô m e n o q u e o c o r r i a c o m e l e e n e l e .

- E u . . . P a r e c e q u e e s t o u v i r a n d o m u l h e r . . .

T e n h o u m a . . .

- A h ! D e i x e d i s s o , R o n i n h o . . . d e i x e d e m e -

d o . V o c ê a g o r a h á p o u c o n ã o m e d i s s e q u e e s t a v a

m o r t o ? N o i n f e r n o ? E n t ã o ? S e e s t á n o i n f e r n o ,

que importa se você continua homem ou mulher,  
,  
não é mesmo?

- Você não entende... eu tenho os dois!

Modificando o tom da voz, mudando por completo o ambiente de queixas, xingamentos e palavrões, Túnica falou séria:

- Vamos deixar essas coisas de lado. Me fale, menino. Fale agora o que você andou aprontando. Parece que está quase louco. Me conta direitinho o que aconteceu com você.

Sentindo certo influxo no olhar e na voz de

Túnica, Ronie quase esqueceu a transformação

## 259

lhe que ocorria no corpo espiritual.

- E unã o sei do que você está falando, não!

Juro que não sei.

- Deixa de tentar me enganar. Você está tão preocupado com as suas coisas de homem que parece não ter percebido sua aparência exterior.

Por acaso já viu o próprio corpo, já?

Então Roni tentou se olhar, se perceber.

Passou a mão pelo corpo, apalpando - lentamente, para mais uma vez ficar sem saber o que lhe sucedia. Que transformação era aquela -

las? O que estava acontecendo naquele lugar?

Era prisioneiro de uma situação ou de um local

a respeito do qual não tinham nenhuma explicação

plausível. Agora, aquilo tudo que se passava

com ele. Seu corpo se mostrava quase esqueleto

-

co. Somente naquele instante notara as próprias  
mãos. Alongadas, ressequidas e, alongando-  
-se mais do que o natural, seus braços. Tocou a  
própria face e não se reconheceu... Com certeza  
não era ele; não era seu rosto. E seus músculos?

Não era tão sarado? Não causar tanto despeito  
em outros machos? Não despertar paixões qua-  
se insaciáveis em outras pessoas, tanto home-  
ns

quanto mulheres? E agora? **O** que lhe sucedia?

Sem conceder tempo a Ronie para demons-  
trar uma vez mais o desequilíbrio interior através

de manifestações extravagantes, mas compre-  
en-

## 260

d e n d o o m o m e n t o d e s a f i a d o r , d e e x t r e m a s e n s i b i -  
l i d a d e p a r a s u a a l m a , T ú n i c a o u s o u i n s i s t i r :  
- F a l e , m e n i n o ! F a l e , h o m e m ! **O** q u e v o c ê  
a n d o u a p r o n t a n d o p r a e s t a r d e s s e j e i t o ? P a r e c e  
u m v a m p i r o . . . A l i á s , a c h o q u e v o c ê s e t r a n s f o r -  
m o u t a n t o q u e n e m v o c ê s e r e c o n h e c e m a i s .  
R o n i e d e s a b o u c h o r a n d o . M a s , d e s t a v e z ,  
n ã o f o i u m c h o r o d e p u r o d e s e s p e r o . A g o r a t o -  
m a v a c i ê n c i a d a s u a s i t u a ç ã o , q u e n ã o e r a l á  
g r a n d e s c o i s a s . P o r u n s i n s t a n t e s , c r u z a r a m - l h e  
a m e m ó r i a e s p i r i t u a l c e n a s , p e r f u m e s , c o r e s ,  
i m a g e n s e o u t r o s e l e m e n t o s d e s u a e x i s t ê n c i a .  
Q u e f i z e r a c o n s i g o m e s m o ? S e m e s p e r a r p o r n o -  
v a s p e r g u n t a s , p o i s j á t r a z i a r e s p o s t a s p a r a i n ú -  
m e r a s q u e s t õ e s a i n d a n ã o f o r m u l a d a s , f a l o u , o u  
m e l h o r , d e s a b a f o u :  
- E u m o r r i , T ú n i c a . E u m o r r i ! M a s f o i t u -

do culpá minha. Planejei um golpe num cliente e ele já estava preparado, me esperando com amigos dele. Na mesma hora, de relance, também vi alguém contra quem eu havia aplicado o mesmo golpe...

Como se não soubesse de nada, Arthur, transfigurado na figura firme, poderosa e forte da babá de Ronie, questionou, mais uma vez:  
- Mas que tipo de cliente, meu menino? E que golpe?

## 261

E ainda sugerindo, pelas perguntas, que enxada sabida da vida do rapaz, prosseguiu:

- Como você sabe quem morreu? E não me diga que estava tentando roubar algum cliente seu! Nem acredito, meu menino! - disse ela, a fagando a cabeça de Ronie, que por instantes repousou em seus ombros, chorando, ainda. Um choro profundo, sentido. Um pranto de quase arrependimento, de remorso, mesmo.

- Depois que você morreu, eu me transformei, Túnica! Trabalhei muito, fui um executivo de primeira-disfarçou, tentando não se expor mais do que lhe convinha, ocultando a verdadeira feição de suas atividades. - Trabalhei na área de vendas de produtos muito especiais. Tinha clientes ricos, os mais ricos de Salvador e de outras capitais do Nordeste.

Túnica não esperou que as mentiras de Ronie chegasse a um patamar onde seria impossível retornar, num emaranhado de intrigas, engodos e outras situações espiores. Interferiu radicalmente. Levantou-se, deixando que o rapaz

continuasse sentado num solo quase invisível, imperceptível. Então disse, cheia de furor:

- Não minta pra mim, Ronie! Você está tentando se esconder atrás da mentira pra quê?

Não disse que está morto? - falou com voz potente, forte, e mirava o rapaz frente a frente. -

Não sabe que eu já parti da vida física e estou

## 262

aqui a o seulado? Porque a mentira? Aquinã o  
a diantacamuflaroque agente fez. Não há co-  
mo se esconder.

Ainda com lágrimas nos olhos, e assoando o  
nariz, totalmente abalado com a aparência es-  
quelética e o cheiro que, de um momento para  
outro, começou a exalar do próprio corpo, falo  
u

com voz entrecortada, demonstrando esforço:

- Eu vendi a meu próprio corpo, Túnica!...

- e o pranto aumentou ainda mais ao confessar

seus atos, como se a declaração a Túnica, que

lhe devassava a intimidade, subitamente aume  
n -

tasse a realidade dos fatos. Talvez chorasse ins-

pirado pelo remorso, que tardiamente, segun  
do

acreditava, assumi a proporções imensas em s  
ua

mente e seu coração. Angustiado, aflito, com mágoas não expressas e pensamentos afogueados de raiva, de um ódio dirigido contra tudo e contra todos, contra Deus e o mundo, menos contra Túnica, manifestou-se, depois do silêncio da babá, que lhe respeitava o momento de agonia interior: - Vende meu corpo, Túnica! A princípio, com a desculpa de que precisava de dinheiro para complementar a renda familiar. Mas somente depois de muito tempo tive de admitir pra mim mesmo que eu não precisava disso, desse complemento que se transformou num vício miserável.

## 263

- Dobresua língua, mocinho! Vocêsabem ui-  
tobem do que sou capaz de fazer com você...

Agora, comandando a situação e dirigindo  
as perguntas de maneira a favorecer um acatarse

de Ronie, indagou:

- **O** que o levou de verdade a tomar esse ca-  
minho, Ronie? **O** que deu em sua cabeça pra fa-  
zer isso consigo mesmo e com pessoas que não  
tinham nada a ver com sua situação?

Balbuçando em meio a algumas lágrimas  
que ainda caíam de sua face, tentou até mentir,  
mas não conseguiu, ao olhar para os olhos ne-  
gros e cheios de magnetismo de Túnica:

- Não sei se foi raiva ou se foi burrice mi-  
nha, mesmo. Primeiro experimentei osexolou  
-  
camente, com muitas mulheres, uma atrás da

outra, e também em orgias. Depois percebi que alguns homens me olhavam de maneira diferente. E após algum tempo resistindo à ideia que me perseguia e a planos mirabolantes de ganhar dinheiro fácil, me vendi pela primeira vez. Foi assim, de um em um, que me viciiei.

- Afe, meu rei, nem sei o que dizer. Naquela época em que eu morava com vocês, nunca notei que você ou seus irmãos precisassem disso para viver. E sua mãe então, a pobrezinha, deixou um dinheiro muito grande para vocês como herança. Não precisava de forma alguma fazer isso. Que coisa...

264

- Gastamos tudo, Túnica! De minha parte, gastei com mulheres e noitadas. Viajei muito e aprendi a ser um caramentoso, a usar da habilidade de mentir para conseguir regalias, manipular as pessoas e tirar tudo o que eu queria de-

las. Mas não funcionou por muito tempo...

- Não consigo entender, Ronie, com a educação que vocês receberam... E mesma companhia de perto cada um de vocês - Túnica falava, embora soubesse de cada detalhe. Queria

estimular a rapaza a refletir e a desabafar.

- E menti até nisso, Túnica. Fingi que ia às aulas na faculdade. Elaborei uma história toda complicada para enredar nossa mãe e meu pai, que ainda hoje pensa que sou um executivo.

- Ou, quem sabe, ele sabia da verdade e não queira tocar no assunto!

- Não sei se ele desconfiou de mim... Mas agora não tem mais jeito. Parece que o tempo aqui parou, que estamos paralisados em algum

limbo, e a única coisa boa que me aconteceu nesse tempo todo foi você aparecer aqui.

Interrompendo um pouco a fala, novamente levou a mão ao interior da calça, tocando-se,

apalpando-se...chorando novamente...esta  
m-

pandoumacaretaquepodia serinterpretadaco  
-

mopavor.

## 265

- Você plantou seu futuro, Ronie. Talvez tenham entido tanto, levado tantas pessoas no engodo, usando seu corpo a tal ponto como instrumento para conseguir o que queria, para en-

ganar e manipular, como você mesmo disse, que agora seu espírito está se metamorfoseando por completo, sem cessar... Mudando de "cara" o tempo todo.

- Eu fui um vampiro, Túnica... Na verdade, é isso que fui, e foi no que me especializei. Eu vampirizava cada pessoa que entrava em contato comigo.

O sexo e a sensualidade, meu corpo e eu minhamente, por inteiro, fomos instrumentos que utilizei para enganar, roubar, trapacear...

- E agora, como você acredita que está morto, sua mente reflete no corpo espiritual tudo aquilo

que você fez com os outros, ou seja, sua realidade íntima. Sua mente está moldando seu corpo.

- Eu abusei de homens e mulheres, e não somente abusei como inventei desculpas para enganar a família, minha mãe e meus irmãos. Ninguém ficou sabendo da minha verdadeira natureza...

- Quem sabe alguém possa ajudar você, meu menino?

- Ajudar? Como ajudar a alguém que usou o sexo, da mentira e do próprio corpo para afundar os outros na lama? E mais ainda, Túnica: eu aprendia usar drogas. Primeiro foi a ma-

## 266

conha, depois vieram a cocaína e a heroína. Foi então que descobri que precisava de cada vez mais dinheiro para manter o vício, a academia, que tinha de ser a mais cara, e as roupas de grife, que eu vestia sempre para conseguir o que queria. Tudo, absolutamente tudo eu usava, e sugava, eu roubava; só não roubei o sangue de minhas vítimas.

Respirando muito fundo, quase sem ter o que dizer, uma vez que Ronie descortinava toda a sua vida privada com ela, Túnica não fazia outras coisas senão escutá-lo e rezar baixinho. De-

pois de um prolongado silêncio, tocou o corpo de Ronie e falou, mostrando as transformações que a mente produzia sobre o corpo espiritual:

- Veja, Ronie, como a mente é poderosa. Ela

imprimen o espírito as marcas do caráter, da aquisição e das ruínas às quais a pessoa se entregou durante a vida. Você agora ostenta este aspecto não é por punição divina, mas porque a culpa é muito grande. Você mesmo está se punindo. Com esta dimensão não há como se esconder de si mesmo, vem à tona a realidade e, com ela, todo o conteúdo de sua alma. Evidenciam-se as máscaras com as quais se cobriu e emerge do seu interior a verdadeira face de seu espírito. Repare como não adianta o corpo

267

sarado, as academias, que dão forma ao corpo, as marcas famosas das roupas, que apenas encobrem sua natureza real. Sem ter um direcionamento na vida e sem um ideal, um objetivo maior, tudo isso passa.

- E o que faço agora, Túnica? Estou no inferno, ou no limbo, e não quero continuar assim, me transformando desse jeito. Onde eu vou parar?

- De alguma maneira, Ronie, você está traçando os rumos da próxima encarnação. Seu espírito guardará as marcas do corpo que você usará numa outra vida.

- Outra vida? Então terei oportunidade de me modificar?

- Todos nós temos muitas e muitas chances em várias vidas, várias existências - a se verou Túnica, sem dar maiores detalhes. - **O** que importa é que a pessoa deseje se modificar de verdade, genuinamente. Mas uma coisa é certa: como você abusou demais do sexo e da sexualidade, de homem e mulheres... Conseguem imaginar o tanto

de gente que, a troco de prazer, teve as energias vitais sugada por você? Tente imaginar!

**O** remorso parece ubater fundo na alma de Ronie, mas não o ainda o arrependimento.

- Mas todos eles tiveram o que procuravam; a todos dei prazer...

- Você vendeu prazer, ou melhor, se vendeu .

E como você mesmo se definiu, no início de nos -

268

sa conversa, você se transformou num executivo,  
vo,

só que num executivo de corpo e de alma. Vendeu a si próprio, a sua alma, muito mais do que a o corpo.

- Mas eu tinha necessidade do dinheiro...

- Ao que parece, meu menino, todas as pessoas que se vendem lançam mão da mesma desculpa. Todos que oferecem corpo e alma a tro-

co de dinheiro, prazer, diversão, posição social ou outra vantagem qualquer alegam necessitar

do dinheiro. E mais ainda... costumam dizer que é por pouco tempo. E só por causa de uma dívida, um problema de família, coisas assim. Pelo que entendo, com você não é diferente. Pe-

lomenosmeufilhopodiainventarumadesculp  
a

maisoriginal!

-Maseurealmentepretendiateterminarcom  
essa vida, Túnica! E estava programando ar-  
ranjar um emprego...

-Quando, Ronie? Quando? - perguntou num  
tom quaseríspido. - Não tem vergonha na cara?  
E vendo que Ronie curvava a cabeça num  
claro gesto de vergonha de si mesmo, arrematou:

-Acho que você ainda não se arrependeu  
de nada que fez! Consegue ainda mentir pra si  
mesmo, como se isso resolvesse sua situação, que  
não é nada boa.

269

**O** rapaz desabou a chorar. E, ao mesmo tem-  
po em que se dava o pranto, as imagens mentais  
voltaram a persegui-lo. Já me vinham de luga-  
res diferentes. Imagens de si mesmo em diversas  
situações. Agora, entretanto, acrescidas de figuras

outras, talvez seus fregueses, suas vítimas energéticas. Roni levantou-se e começou a correr novamente. Mas, como antes, não conseguiu fugir, ir a lugar nenhum. Estaria preso numa dimensão diferente? Era tudo projeção da própria mente, já afetada portanto uso de drogas, ou seria projeção do inconsciente, devido ao peso da culpa?

Roni estava repleto de traumas relacionados tanto à sexualidade quanto à maneira como encarava a vida de prostituição. Inventara uma justificativa para si, uma mentira, e essa mentira tornara-se realidade, embora uma realidade alternativa, fabricada por ele mesmo, mas que passara a ser seu mundo real. Acreditava piamente nas histórias que concebia. Entre as imagens que via e que eram projetadas, quem sabe, a partir da própria memória ou do cérebro extrafísico, aparecia perambulando pelas ruas em

b u s c a de fregueses. E entre o u t r a s t a n t a s recor-  
da ç õ e s e i m a g e n s m e n t a i s , a p a r e c i a m a s c e n a s  
da  
i n f â n c i a e d a a d o l e s c ê n c i a , c o m d e s t a q u e p a r a  
o  
j e i t o e a m a l í c i a a o l i d a r c o m o s d e m a i s , s e m p r e  
t e n t a n d o m a n i p u l á - l o s e e x t r a i r - l h e s a l g o p a r a o  
p r o v e i t o p e s s o a l . U m a s u c e s s ã o d e i n t r i g a s , p r o -

270

b l e m a s , d r o g a s , i n f e r n i n h o s , a t é a d o e n ç a .

A h ! A d o e n ç a . . . C o m e ç o u a s e i n s t a l a r  
q u a n d o s e s e n t i u a m e a ç a d o p e l a p o l í c i a p e l a p r i -  
m e i r a v e z . U m a t a q u e d e n e r v o s . R o n i e s o f r i a d e  
n a r c o l e p s i a , u m a c o n d i ç ã o q u e o l e v a v a a d o r -  
m i r d u r a n t e h o r a s e h o r a s a f i o , t o d a v e z q u e t i -  
n h a u m a b a l o e m o c i o n a l . N i n g u é m e r a c a p a z d e  
a c o r d á - l o . F o i a s s i m q u e d i v e r s a s v e z e s a c o r d  
o u  
s e m i n u , q u e l h e r o u b a m r o u p a s , d o c u m e n t o s  
e  
d i n h e i r o e m m a i s d e u m a o c a s i ã o . E a g o r a ? S e -

r á que estava vivendo um pesadelo durante um desses ataques?

Enquanto corria de um lado para outro, corria de si mesmo - e sofria. Era o seu inferno particular. Quase louco, acabou por esbarrar em Túnica, que o amparou e o fez deitar-se no chão, no lugar onde ela estava. Quando o tocou nesse estado de quase demência, também conseguiu

ver as imagens projetadas pela mente irrequieta.

Ela pôde então avaliar a gravidade e a intensidade do problema vivido por Ronie. Ele se encontrava num estado lamentável. Seu espírito estava doente; sua mente, enferma. Ronie precisava urgentemente de ajuda externa, embora Túnica não estivesse certa de que ele quisesse ser ajudado. Passando a mão sem seus cabelos, ela inspirou-lhe calma e relativa tranquilidade. Ronie

271

dormiu longamente. Mas não foi um sono bom

ou calmo. Ele teve pesadelos, intensos e significativos pesadelos.

- Meu menino, que você fez com sua vida?

Como chegou a este estado? - Agora era Túnica quem chorava, enquanto algumas lágrimas caíam

sobre a face de Ronie, que permaneceu deitado em seu colo.

**O** mundo mental. Uma dimensão totalmente desconhecida pela maioria dos seres humanos. Imagens e paisagens, personagens muitas vezes sem forma, mas presentes, reais, intensamente reais; cores, sons, emoções das mais variadas e intensificadas pela força do pensamento, as quais se manifestam ali da maneira mais veemente e aguda possível. Sem barreiras, sem obstáculos, as energias do espírito irrompem da intimidade do ser, de tal sorte que não há como impedi-las de se expressar, de se revelar em toda

a sua pujança.

Nesse contexto, as forças da alma podem se exprimir de modo a levar o ser à experiência máxima do amor e do prazer, numa dimensão mais ampla e imaterial, ou, então, induzi-lo a enfrentar seus fantasmas e temores mais profundos e pronunciados, com a máxima força que o alto grau de culpa arquivado na própria alma venha a impulsionar.

Quando se encontra cativo dessa dimensão,

272

o ser não faz a passagem por esse mundo em caráter voluntário, tampouco por processo natural

de evolução. Não. Ele fica a ídolo por algum impacto mais brusco e até violento, que abala suas estruturas psicológicas; então, não aguentando o mundo soturno e sombrio criado por si mesmo, passa a externar o panorama íntimo que se automaticamente. É assim que forma, no

entorno, um inferno ou purgatório de natureza  
equivalente à que ela encontrada dentro de si.

Talvez se trate apenas de uma defesa natu-  
ral da mente. Incapaz de suportar em seu bojo o  
caudal de sofrimento produzido pelo próprio es-  
pírito, exterioriza, de maneira audaciosa, o con-  
teúdo mental e emocional. Manifesta-se, assi-  
m,

nas paisagens, imagens e personagens sombri-  
as

que faz eclodir, e que, ao aparecerem, povoam o  
ambiente dessa dimensão tão sensível ao pensa-  
mento e às emoções. Surgem figuras e cenas fu-  
gidas, paisagens quase oníricas, surreais; pers-  
o-

agens forjados no cerne da mente da quele que  
se precipita nesse plano, e nele se trancafi por  
meio dos ferrolhos do pensamento de governa-  
do pela culpa, que, contudo, não podem atar o  
conteúdo macabro das próprias criações ment-  
ais

infelizes. Nessa condição, não há como ser es-  
caparempregando apenas forças pessoais, sub-  
jetivas, sem recorrer a auxílio externo. Sozinho,  
273

ele não é capaz de emergir desse mundo que não  
é imaginário, mas no qual a imaginação do entia  
de desempenha papel de protagonista, denuncia  
n -  
do o grau de felicidade ou infelicidade desse ser  
que é vítima de si mesmo.

Enquanto Ronie dormia o sono atormen-  
tado em que se lançara, imagens de uma vida  
passada ou de outras vidas desfilavam perante  
o olhos de seu espírito de mente. Sentia-se um  
vampiro energético, espiritual, segundo a pr  
ó -

pria definição que empregara, embora fosse im-  
potente para descrever em toda a abrangência  
e

intensidade o significado dessas palavras, no to-  
cante à sua condição real. Conforme ele mesmo

deixa va transparecer, o quadro íntimo era ainda pior, mais degradado, então exibido sem máscaras nem maquiagem. Via-se ora como dona de um bordel, ora como prostituta, que desfilava entre palacetes e mansões de políticos do início do período republicano, no Brasil da virada dos séculos XIX e XX. Outras vezes, sentia-se manipulando ideias, pensamentos e documentos, em comorou bando vítimas, das quais subtraía dinheiro, fortunas, ceifando-lhe também a vida. Enfim, a cena se sucedia num clássico pesadelo de enredo amargo, que ele protagonizava e, simultaneamente, assistia; um trama digna de contos de horror.

274

Quando notou que ora paz estava tão imerso em vivências pessoais, profundas e esoturnas, Tú-nica resolveu interferir, aplicando-lhe magnetis-

mo vigoroso e favorecendo - l h e o despertar.

Ao abrir os olhos, Ronie permaneceu ali, parado, quase paralisado, de olhos fixos em Túnica, ou como se a perpassasse e enxergasse além de um véu imaginário, divisando algum universo

que a imaginação doente compusera, num relâncenão identificado, impreciso na linha do tempo

de sua existência. Ali, ensimesmado, olhar vitri-

ficado, somente a pouco e pouco despertava da -

que a espécie de sonambulismo induzido pela culpa e pelo remorso. Não obstante, o arrependi-

mento ainda estava distante de se manifestar, de

surgir ou emergir das sombras da memória.

Em seu mundo íntimo é noite, profunda noite,

na qual um arondadesombras povo a - l h e a mem-

ória espiritual, o cérebro extrafísico. Em suas

memórias, naquele momento de reflexões alicer-

çada sem elipses mentais, não havia matrizes que captassem, naquele entrelaçar de pensamentos

angustiosos, sequer um gosto sublime, um momento breve de alegria genuína. Faltavam-lhes

registros de uma felicidade que cheirasse o chei-

romorno de um dia de verão ou o frescor da gota

de orvalho, que imprimem nos sentidos uma

quase sobrenatural sensação desse aroma de fe-

275

licidade. Não conhecia o nosso personagem, e em

suas lembranças, o gargalhar infantil que ins-

pirava em leve satisfação, ou outro qualquer fato

marcante, feliz, talvez, quem sabe, registrado em

suas memórias mais antigas; não! E essa tétrica

realidade, emoldurada e arrematada nas forjas

da memória culpada, devia-se ao peso que nutria

a culpa, a qual se assemelhava a um abigorna

onde se moldara seu mundo interior. Não conse-

g u i r a f i r m a r s u a a t e n ç ã o s e q u e r n a l e m b r a n ç a d o a f a g o d e u m a m ã e , a q u a l p u d e s s e a l i v i a r a t e n - s ã o i n t e r n a d a a l m a q u e a r d i a , o u p r o d u z i r u m a p o l i f o n i a c u j a h a r m o n i a í n t i m a p u d e s s e p e r c e b e r , c o m o e m u m c o r o d e v o z e s s u b l i m e s , q u e t a l v e z o f i z e s s e e m e r g i r d a m e l a n c o l i a a r r í t m i c a à q u a l s e e n t r e g a r a s e u s e r e m s o f r i m e n t o .

T ú n i c a , a c a d a i n s t a n t e e m q u e t e n t a v a a u - x i l i a r , v i a - s e e n r e d a d a n u m a t e i a d e n a r r a t i v a s m e n t a i s , c o m o s e l e n d o e s t i v e s s e u m r o m a n - c e *noir*, d e t e x t u r a s s ó l i d a s e r e l e v o s m a r c a n t e s , c u j o e n r e d o , r e c h e a d o d e s u s p e n s e e d e m i s t é - r i o , h o u v e s s e e t r a n s f o r m a d o n a v i d a d e R o n i e . A e x i s t ê n c i a d e l e f o r a , q u a s e t o d a o u n a m a i o r p a r t e , a m b i e n t a d a e m c e n á r i o s e x ó t i c o s , s ó r d i - d o s e s u j o s , o s q u a i s e l e g e r a c o m o t e m á t i c a n a - t u r a l p a r a s u a p a s s a g e m t e r r e n a . A s r o u p a s d e g r i f e , o s m ú s c u l o s t o r n e a d o s o u f a b r i c a d o s e a s p a l a v r a s d e s e n s u a l i d a d e q u e d e s t i l a v a m o s l á -

## 276

bios fartos, cheios de malícia, não puderam mascarar o panoramatípico de seu drama pessoal. Tampouco a mente adocida e quase demente, portanto a mentirasetanta agressividade emocional,

exalada sob o império da brutalidade dos instintos; nem mesmo a que lamentemente, que aprendera a fantasiar, escamotear, gerar e reparir novas e alternativas realidades, conseguiu evadir-se da

verdade que o fazia sofrer.

Sem ser conivente com o drama da que ela existia, a bundante nos sabores exóticos do prazer desmedido e irresponsável, Túnica a tudo assistia, observava a vida mental do seu pupilo. Representada nas telas vívidas da aquela dimensão surreal, trazia o seu Roninho como ator principal de uma trama fechada, da qual se via impotente

para libertá-lo.

Orapazconsumiradrogascomoseconsome  
oalimento necessário à manutenção do corpo.

Comesseconsumo,tinhaporobjetivo colorir ou  
mascarar o estado da consciência, que cobrava

dele utilizando promissórias escritas com letras  
fermentadas pela dor e pela culpa, executadas  
devido à imputabilidade do espírito devedor. As

drogas lhe desestruturaram a tessitura sutil do  
psicossoma, desestabilizando os centros de força,

responsáveis por manter a conformação externa

e interna do corpo espiritual de quada à habi-  
277

tação do ser. Perdi gradativamente a forma, de  
modo irreversível naquele momento em que se  
encontrava.

A proporção que despertava, parecia que o  
corpo espiritual, mais desfigurado ainda, refle-

tia cada vez mais seu panorama íntimo, que era muitíssimo diferente do que qualquer organismo físico poderia expressar. Por fora, de posse do corpo, talvez fosse o retrato da beleza, expressa na musculatura bem torneada e na elegância das

linhas e dos traços; no mundo íntimo e na estrutura espiritual, porém, a situação e a aparência eram bem diversas.

Túnica notou um relance como os cabelos do rapaz, outros vigorosos e sedosos, caíam às mechas, enquanto ele permanecia deitado, em posição fetal, sobre seu colo. A maior parte do seu cabelo caíra; entretanto, restavam pequenos

tufos pendidos, exalando cheiro forte e nauseabundo, que denotavam, no aspecto externo, o retrato íntimo da dor e da agonia, que lhe tomara a alma de assalto à medida que se confrontava e se percebia tal como era, sem abên-

ção do esquecimento e da camuflagem oferecidos pelo corpo físico. Os olhos vidrados e sem vida mais pareciamos de um fantasma ou os de alguém cuja vitalidade fora usurpada ao máximo, esgotada na íntegra, como se num conto de terror a algum vampiro não deixasse restar uma gota sequer de sangue nas veias de sua vítima. A aparência era mais próxima de um apessoagravemente anêmica, indescritivelmente cadavérica, e

278

distante do aspecto de um jovem saudável e viril, como se apresentava na Terra, quando enverga -  
va o corpo que tanto gente atrai e porque se viu apaixonada. Tal era a expressão mais exata do feitio e da vida mental de Ronie - totalmente distinta da que demonstrava antes, quando buscou, a todo custo, invadir a privacidade dos outros membros do grupo, alojado temporaria -

mentenaquela dimensão, como fizera sobre tu  
do

com Paloma, na tentativa de sequestrar - l he  
for-

ças vitais através da violência verbal, exaurin  
do -

-a, feito um vampiro de energias humanas .

- Por que tanta violência em sua alma, meu  
menino? Não consigo entender tanta revolta e  
m

suavida, como você se trata e trata as outras  
pessoas, com tanto desprezo e desrespeito a s -

sim . . . - as lágrimas de Túnica caía m - l he sobre a  
face, agora macilenta e esmaecida .

- Túnica . . . Me salva, Túnica !

- Não posso fazer mais do que te amparar,  
meu rei. Depende exclusivamente de você reco-  
meçar, fazer uma nova história, reescrever su  
a

própria vida .

- Então me tira desse inferno de dor . . . Por

favor, me ajuda, minha Túnica!

- Estou aqui, meu rei. Esperarei até que você chegue ao arrependimento. Sua negação pode

de fazer milagres. Vou rezar, vou pedir aos meus sagrados orixás para te dar força para você se modificar. Quem sabe um recomeço?

- E tenho medo, Túnica. E tenho medo de repetir tudo, de novo... Minha presença faz mal a qualquer um com quem entro em contato. É quase instintivo: eu roubo as energias dos outros, eu sugo, mato a vida e a esperança das pessoas enquanto as deixo embriagadas com a ilusão do prazer que proporciono e uso como instrumento para me saciar.

- Então, meu rei, você terá de recomeçar do zero, com um outro corpo, uma vida totalmente nova. Para o seu caso, voltar ao mesmo corpo seria prejudicial, seria prolongar a agonia sua e

daqueles com quem você se relaciona. Mas, me-  
s-

mo isso, eu não posso decidir por você. Não está  
em minhas mãos decidir se continuará a viver n-  
o

mesmo corpo ou em outro, em outra existência  
.

Você está paralisado no tempo, dentro da eter-  
nidade de um minuto, e sua mente, meu rei, é  
prisioneira das próprias criações. Você preci-  
sa

despertar para o arrependimento, se mo que n-  
ão

haverá mudança de vida.

ETúnicadeixouRonieestiradono solo da-

280

quele local quase indescritível, por se tratar  
de

um mundo diferente do habitual, onde as pes-  
soas estão acostumadas a viver. A situação de

Ronienãohaviamudado,lamentavelmente.

Ele experimentara o gosto das próprias criações  
s

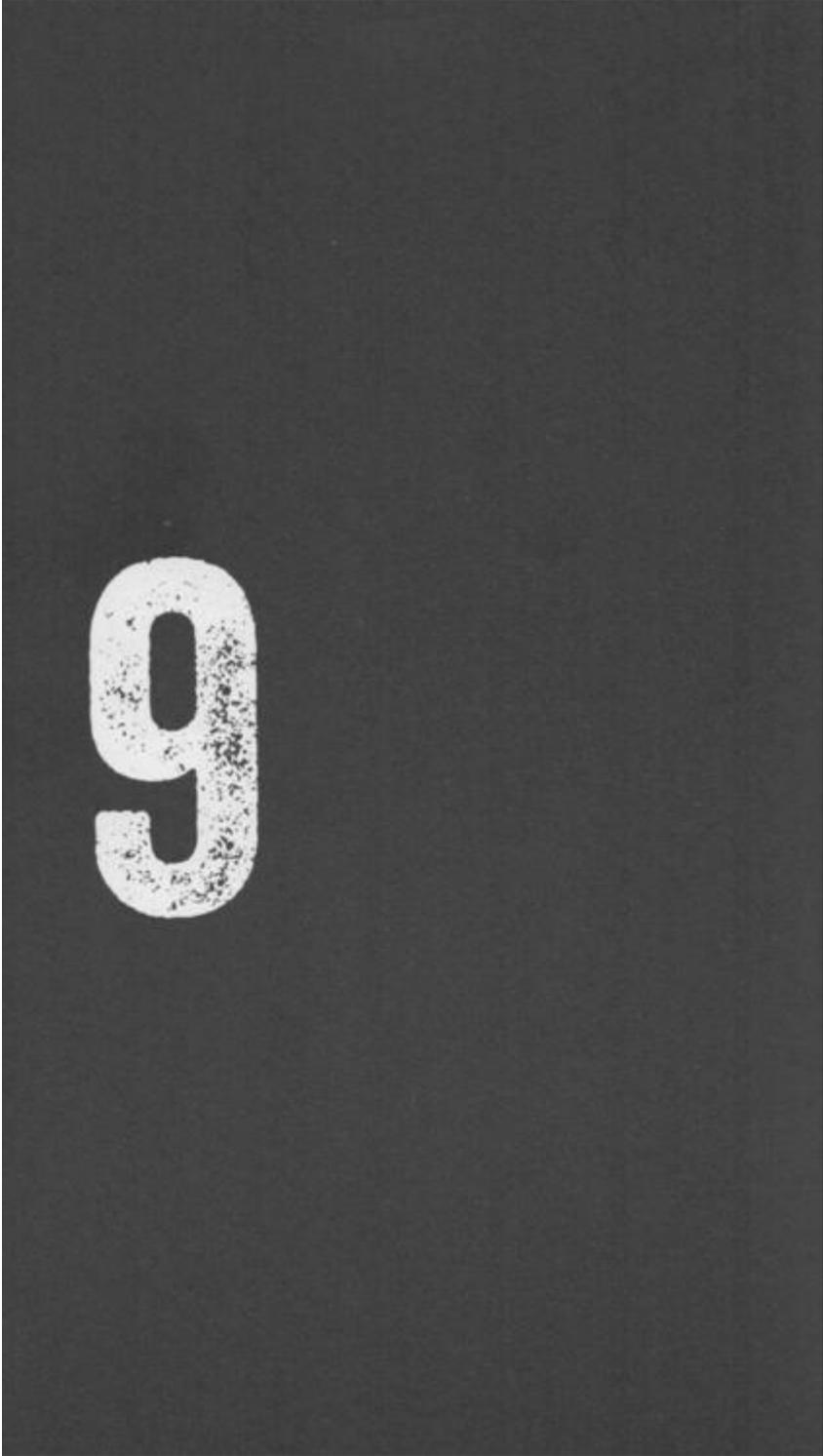
mentais e emoções em ebulição; ficara frente a frente com a realidade de a vida do entia que levava, do consumo das drogas e, até, de estupros que havia cometido, entre diversos outros abusos que perpetrara com o lenitivo para suportar a sordidez de seu cotidiano. O corpo era a mercadoria que comercializava: a alma já fora vendida ao preço da infelicidade. E os valores, impressos na alma pela educação que recebera da mãe e da ama, que ora o amparava, foram escondidos num recôndito qualquer, muito profundo de sua consciência. A alma de Ronie precisava de silêncio. Pedias sonhos, sonhados e vividos, e quem sabe? - um intervalo para revigorar o espírito e recuperar os valores, redescobrir as virtudes. Mas isso não poderia ser patrocinado por Tú -

nica, que agora se afastava, profundamente to-  
-  
cada pela situação do pupilo, a quem devotava  
tanta afeição. Nem as forças dos seus orixás  
poderiam transmutar o íntimo de Ronie; não na-  
quele momento, não sem seu consentimento, não  
sem que tomasse as rédeas do processo. Túnica

## 281

se distanciou e, à medida que o fazia, modificava a aparência do seu espírito, reassumindo a feição de Arthur, o companheiro invisível que, a partir da quele instante, invisível ficaria novamente, aguardando o desfecho que as forças soberanas do universo patrocinariam na vida de Ronie. Infelizmente, ela ou ele não poderia fazer mais nada. Ronie, arrotando o ignôncia, permaneceu dormindo o sono das vaidades, entre lembranças mirabolantes de suas experiências e figuras que desfilavam entre sungas, biquínis e corpos desnudos, exibindo a luxúria de seus valores desvirtuados, entre os vapores do ectoplasma exsudado, vampirizado e usurpado de suas vítimas. Assim adormeceu novamente, para acordar somente mais tarde, noutro lugar, numa circunstância

tância em que enfrentaria nova experiência,  
diametralmente oposta a tudo que desejara, pla-  
nejara e a que estava habituado.



SAINDO  
DO ARMÁRIO,  
DO MAIA,  
DA ILUSÃO

# N

o **MESMO MOMENTO** em que Arthur assumia a forma de Túnica perante seu pupilo, Hugo presenciava mais uma contagem na dimensão onde se sentiam prisioneiros. Talvez do lado com a própria situação e com as demais ocorrências, tais como o sumiço de Paloma e o inexplicável desaparecimento de Ronie, já estava em certa medida insensível a qualquer outro fenômeno. Convencera-se de estar morto. E, uma vez morto, restavam-lhe tão somente traumas e dores, como o arrependimento por não ter se revelado antes do acidente ou pela forma

comotratouoprimeoeairmã, fatos que lhe mar-  
caram de modo indelével o pensamento.

Dessa maneira um tanto apática, não se as-  
sustou como Ronie ao ver a figura de Nestor  
saindo de algum lugar que não sabia explicar,  
inaudito, tornando-se tangível diante dele,  
no exato instante em que se perdia em divaga-  
ções mentais. Refletia sobre seu comporta-  
mento e cobrava-se por haver mascarado a tal pon-  
to as próprias emoções. Nestor estava sorridente,  
emoldurando-se numaluminosidade suave, e  
m-

boramantivesse a feição humana quase total-  
mente natural, não fosse a quele que de espiritua-  
lidade que o envolvia, além da aura suavíssima  
que irradiava de sua presença.

- Comovai, Hugo? Parece-me iodistante...

Pensando em quê? - perguntou Nestor, tão logo  
se aproximou de Hugo, sem lhe dar tempo para  
nenhumareação. Olhando para a aparição co-

mo se estivesse olhando para alguém conhecido e com quem já mantivesse algum relacionamento

to amistoso, Hugo comentou, quase indiferente:

- Mais um fantasma neste mundo som-

brio!... Então parece que hoje os fantasmas resolveram aparecer, enquanto outros desaparecem sem deixar vestígio.

- Fantasmas ou não, estamos aqui juntos, e acho que precisamos aproveitar a oportunidade

para nos conhecermos melhor. Quem sabe, tirar

288

dúvidas, resolver pendências?...

Olhando meio debochado, como se aquela conversação o interessasse, Hugo permaneceu um período em silêncio, mirando noutra direção.

Nesteorsou be respeitar este momento e sentou-

-se a o lado dele. Somente depois de um pouco de

tempo é que Hugo esboçou uma reação:

- Quem é você, afinal? E o que faz neste

mundos de mortos-vivos? Por acaso chegou aqui

agora ou estava aí nos ouvindo, espionando, co-

mo outro que apareceu aqui antes?

- Digamos que sou um amigo seu; alguém

que você não vê há muito tempo. E que também

estava aqui, não espionando, mas esperando o

momento ideal para nos encontrarmos. Aguar-

dava, quem sabe, uma pausa em suas emoções,

que lhe favorecesse me ver.

- Então é uma alma também, um morto?

- Digamos que todos já morremos inúmeras

vezes e se, agora, estou inserido no seu mun-

damental, particular. Talvez aquilo que você

chama de morte não seja exatamente o fim, mas

uma oportunidade de recomeço, de reescrever a

própria história de maneira mais elaborada.

- Você parece conhecer alguma coisa de

mim, da minha angústia!

- Nem tanto quanto pensa, mas se desejar

## 289

um amigo para desabafar...

- Por acaso existem amigos no inferno?

Existe alívio após a morte?

- Morte? Quemorte? Acho que, para quem acha que morreu, você até está muito conservado - falou num ar de brincadeira o amigo não mais invisível.

- Eu me lembro quando o carro bateu no poste, depois que saí da Linha Vermelha. Pelo menos acho que me lembro; tenho alguma recordação...

- Mas veja por si mesmo - falou Nestor.

Seu corpo não parece nem um pouco destruído.

Quem sabe...

- Acha que estou vivendo um pesadelo? - interrompeu-o. - Será?

- Bem, não sei quanto a você, Hugo, mas eu

nãome sinto personagem de um pesadelo.

- Então estamos mortos mesmo, você e eu.

E se estou morto não importa mais minhas reflexões, meu arrependimento ou meu desejo de mudança.

- Ora, ora, meu amigo! Então você confessa que está arrependido de algo e que tem até desejo de mudar?

- Isso não importa mais para quem morreu, importa? Se eu não posso mais voltar nem me

diar meus erros, é tudo bobagem.

- Alto lá! Dizem por aí que aqueles que amam sempre encontram um buraco na sepul-

## 290

tura e por ele passamos a menos uma mensagem para os que ficaram, para seus afetos. Quem sabe a gente não alarga esse buraco um pouquinho mais e você consegue voltar?

- Você é louco, mesmo - afirmou Hugo, levantando-se. - Nunca ouvi falar de um morto que voltasse à vida.

- Você não é cristão? Ou nunca teve sequer uma semana de ensinamento cristão na vida?

- E o que tem isso a ver, logo agora? Não estamos neste limbo, neste purgatório particular?

- Bem, ouvi contar a história de um homem especial que voltou da morte, que conseguiu uma vitória sobre o morrer e retornou para os seus.

Não que eu seja religioso, mas a história é bastante convincente e acho que ele abriu as portas desse chamado mundo dos mortos. Quem sabe

nã o seja a hora de tentarmos?

- Louco varrido! Não resta dúvida. Aqui tem apenas gente como você e eu, que estamos detidos, perdidos neste lugar. Provavelmente é a minha mentedoença, são minhas culpas e meu remorso que criam situações como esta.

- Nunca ouviu falar de Jesus e da ressurreição? De como ele voltou aos amigos, que lhe eram caros? Por isso não há como deixar de acreditar. Desde sempre, a morte nunca se cons-

291

tituiu um problema insolúvel. Muita gente bo

a e até da oposição tem voltado e visto de perto

parentese amigos, até mesmo conversado com

eles. Como disse um sábio: "Tudo é possível ao

que crê"1.

- Não me diga que você é crente, também?

Feitoaquele pastor louco que veio pra cá conosco,

-

co, nos atormentar...

- P o d e s e r q u e s i m , p o d e s e r q u e n ã o .

- M e u D e u s d o c é u ! P a r e c e q u e u s e i d r o g a  
m a i s u m a v e z . . .

- E v o c ê a l g u m a v e z u s o u ?

A p e r g u n t a p a r e c e t e r t o c a d o e m c h e i o a s

1 M c 9:23.

L e m b r a n ç a s d e H u g o . Q u a n d o e l e s e v o l t o u p a r a  
v e r o a m i g o q u e c o n v e r s a v a c o m e l e , N e s t o r j á  
e s t a v a d e p é a s e u l a d o .

- E e n t ã o , H u g o ? V o c ê c o m e n t a v a s o b r e a s  
d r o g a s . . .

- B e m , e u n ã o t e n h o n a d a a p e r d e r , m e s m o .

S i m , e u u s e i ; n a v e r d a d e , e u a b u s e i d e d r o g a s ,  
m u l h e r e s e b e b i d a s . T a l v e z s e j a p o r i s s o q u e e s -  
t o u a q u i , p r i s o n e i r o d e m i m m e s m o , n e s t e i n f e r -  
n o m e n t a l , d o q u a l n ã o c o n s i g o m e r e t i r a r .

- E q u e m s a b e c o n v e r s a n d o m a i s v o c ê s e  
s i n t a m e l h o r , d e m o d o q u e p o s s a m o s e n c o n t r a r  
u m j e i t o d e a l a r g a r o b u r a c o e p a s s a r p o r e l e ?

- L á v e m v o c ê , c o m s u a s h i s t ó r i a s . M a s s e

quersaber mesmo, setemestômagoparaaque-  
n-

tar, a quivai. Eu usei muitas coisas e agora me  
arrependo de todas elas. De verdade, me arre-  
pendo porque sei que poderia ter feito melhor,  
diferente, e vivido com mais qualidade. Chego a  
pensar que eu poderia ter sido feliz e feito outras  
pessoas felizes, também. Mas...

- Mas se pensa assim, se chegou a essa con-  
clusão mediante suas reflexões, então você não  
está no inferno. Talvez compense levar a termo  
suas ideias e pensamentos...

- Eu vivime escondendodemim mesmo.

Minhas emoções, meus desejos e minhas prefe-  
rências. Me escondi atrás das drogas e, com ba-  
-

ladas emulheres, mascarei meus instintos e de-  
sejos. Mas eu... - ficou reticente, talvez receando  
ser mais punido do que suamente já opunia,  
caso se revelasse por inteiro.

- Fique à vontade, Hugo. Eu também tenho muitas coisas mal resolvidas em minha vida. Porém, me conscientizei delas e tenho procurado enfrentá-las. Quem sabe possamos compartilhar nossas experiências e, assim, ver quem não é somente você quem errou? Todos nós estamos no caminho, tentando acertar mais e errar um pouco menos. Mas desconheço, em qualquer lado da vida, quem não tenha errado de muitas maneiras.

Portanto, seja bem-vindo ao time, à humanidade.

## 293

Hugo até conseguiu esboçar uma espécie de sorriso ao ouvir o companheiro falar assim.

- Me sinto mais aliviado com sua fala.

- Veja que não estamos no inferno, pois, como o você disse anteriormente, no inferno não há alívio.

Hugo olhou Nestor seriamente, franzindo ligeiramente o cenho, e notou que algo estava se modificando em seu estado de espírito. No entanto, não conseguiu comentar sobre isso, ainda. Não ousou procurar palavras que expressassem

essa sensação. Mas prosseguiu:

- Em determinado momento da minha vida, eu me deixei envolver pelo preconceito. Experimentei uma aproximação com uma pessoa que deveria ter sido alguém muito importante na minha vida afetiva. Mas ele era do mesmo sexo que eu. E eu tive medo de ser considerado um boiola,

um *gay*. E aí me ferrei! - relatou Hugo, lamentando a postura e as atitudes que lhe marcaram a caminhada a partir da ocasião mencionada.

- Não se preocupe, amigo. Com todos nós ocorreram fatos semelhantes. Acho mesmo que todos os seres humanos viveram momentos em que escolheram um caminho diferente daquele que gostariam, intimamente. Os fatores que favoreceram tais escolhas? Talvez sejam um mistério, como o mistério é ainda a intimidade de todos nós. Mas continue, continue...

## 294

- Você não acha errado um homem ter se aproximado de outro como eu fiz, com intenções sexuais? Sentindo atração por outro, do mesmo sexo?

- De forma alguma! E o que há de errado em amar? Alguém no mundo será tão santo e tão resolvido que tenha moral suficiente para julgar os outros? Como posso julgá-lo se trago comigo questões para as quais, ainda hoje, não tenho respostas satisfatórias?

Mais aliviado ainda, como se conversasse com um amigo que eu compreendia, que não o marginalizava e tampouco cobrava dele qualquer postura de santidade, Hugo se abriu por in-

teiro, agora sem reservas:

- Viviminhavida fugindo de meus sentimentos. Fugida proximidade com meu primo

Ralph. Pois foi ele quem despertou em mim esse tipo de atração, de sentimento.

Hugo lembrava-se do primo e da forma como o tratava.

- E como me arrependo de ter sido tão rude,

tão estúpido como fui com ele. Nem dei a ele

chance de conversar comigo sobre o acontecido

em nossa adolescência. Aliás, não me dei chance

nenhuma de pensar, de sequer mencionar o as-

sunto - mais uma vez, lembrou-se de seus mo-

295 dos e fez rápido silêncio, respeitado por Nestor,

que definitivamente não pretendia interferir ou

impedir que Hugo se manifestasse no ritmo que

lhe conviesse.

Após olhar o amigo nos olhos, quase pedindo

o socorro, numa atitude que não passou des-

percebida a Nestor, Hugo retomou a palavra:

- Joguei-me nas baladas, tentando curtir as

mulheres, ou melhor, abusando do sexo com elas.

Todas as vezes que eu procurava alguma mulher,

pensava e tinha plena convicção de que eram objetos sexuais. Eu as usava para desafogar minhas mágoas, meu desencanto e a covardia em me assumir, e em enfrentar meus sentimentos. Foram dez anos de pura fuga. E as drogas que usei, e as usei quando não dava mais conta de afogar minhas emoções, isto é, quando o sexo fortuito com mulheres não era suficiente para sufocar meus desejos por outro homem.

- Puxa, amigo! - falou Nestor, agora, visivelmente tocado pela história de Hugo. - Parece que você sofreu muito mais do que curtiu a vida. Hugo começou a derramar algumas lágrimas de sincero arrependimento, de desejo de fazer melhor e refazer sua vida.

- E não conversava mais com minha mãe e tive medo de olhar nos olhos do meu pai. Minha irmã, ela sofria calada, pois eu não aguentava

olhar para ela pensando que poderias saber de al  
-

## 296

guma coisa que se passava dentro de mim...

- Quanta angústia e apreensão! E se ela sobresse!? Qual seria a reação que você acha que ela teria?

Enxugando as lágrimas, Hugo pensou um pouco e respondeu:

- Na época eu não pensei. Mas agora, depois de morto...

- Morto? Tem certeza mesmo de que está morto?

- Depois do acidente - corrigiu Hugo -, tenho pensado muito em como ela reagiria. Somente agora me dei conta de quem minha irmã, a Kelly, era uma grande amiga da minha alma. Uma alma gêmea, talvez, como dizem por aí. Infelizmente, percebi apenas agora que ela me

ajudaria, que me apoiaria e teria sido uma força

para me amparar as emoções, que, naqueles momentos, estava me embulhando. Nunca a ouvi me

recriminar por nada. Aliás, só tenho lembranças

boas dela. Quanto aos meus pais... bem, não sei se seria a mesma coisa.

- E como você acha que eles agiriam, caso soubessem do tormento emocional que vivia? Ou

conhecesse sua verdadeira identidade energética -

ca, sexual?

- Sabed uma coisa? Somente agora penso nisso pra valer, mas, caso eu tivesse com parti-

297

lhado com a Kelly, sinceramente, eu me importaria muito pouco com a reação dos meus pais.

Sei que minha irmã me apoiaria; hoje tenho certeza disso. E eu fugi tanto, dela inclusive...

- E de você... E do seu primo, pelo visto.

Pensando um pouquinho mais, por é magoras em cobrar-se aquilo para o que não estava pronto, Hugo se aventurou a dizer:

- Acho que a gente precisa amadurecer um bocadinho, até mesmo para aceitar nossas emoções,

descobrir nosso estilo de vida e aquilo que em nos fará felizes. Pena que, no meu caso, precisei morrer para entender isso; tive de esperar o acidente para despertar.

s

- E, amigo, às vezes é assim, mesmo. Mas o que importa é que você se sente mais aliviado, pelo que parece.

- Sim! Acho que é a primeira vez que me sinto assim desde que morri - e, encarando Nestor mais uma vez, resolveu reformular -, isto é, desde que cheguei aqui.

- Aí pode ver, então, que este inferno aqui até que não é lá tão ruim. Que a tal da morte,

com você diz às vezes, não tem força suficiente para causar nossa infelicidade e para nos separar de quem amamos.

- E não o havia pensado nisso. Pelo menos, não dessa maneira. Parece que me espensa -

## 298

mentos, agora, estão mais desembaraçados, que

fluem com mais facilidade...

- É por que você venceu suas mágoas, como outras pessoas por aqui.

- Falando nisso, você tem notícias de Paloma? E do Ronie? **O** que aconteceu com eles?

- Deixemos isso pra lá, Hugo.

- Não! Eu quero saber o que aconteceu com eles. Paloma estava sofrendo muito, e Ronie, coitado, nunca vitantorancoreódio juntos.

- Repare que você já está construindo seu céuparticular; está saindo tanto do armário quando do inferno.

Agora Hugo conseguiu ir de verdade. Aliás, os dois caíram na gargalhada, que acabou rompendo de vez as barreiras internas de Hugo. Ele

se mostrava bem mais descontraído. E assim que

deixou as amarras de lado, assim que se libertou dos pensamentos em torvelinho que o atormentavam, da cobrança interna e de boa dose de culpa, pôde ver algo diferente ao redor. A paisagem outrora incompreensível, os vapores de fluidos de um mundo surreal começaram a tomar forma.

Via cores, sentia aromas; sensações um pouco mais agradáveis. Sua mente se libertava pouco

a pouco da escuridão da culpa. Em meio a essa transformação interna tanto quanto externa, Hu-

go começou a ouvir sons de pessoas chamando -

299

- o. Parecia que eram pessoas estranhas... Sentiu,

então, um choque no peito, um choque elétrico; era como se estivesse sendo eletrocutado.

- Calma, meu amigo. Calma... - falou Nes -

tor para ele, a o mesmo tempo em que repousava o braço direito sobre seu ombro, confortando-o. - Este mundo aqui é o reflexo da sua mente.

Acalme-se e não se preocupe como choque que você tem a impressão de sentir. Vamos conversar mais um pouco, vamos? Temos ainda um pouco de tempo. Aliás, tempo é o que não nos falta.

Hugo voltou o pensamento para as palavras de Nestor e conseguiu se concentrar no que ele dissera. O amigo agora conduzia a conversa, através de algumas perguntas marcantes e bastantes

significativas:

- Se você tivesse a oportunidade de voltar, meu amigo, qual seria o objetivo principal de sua vida, a partir das reflexões que fez?

Hugo pensou um pouco, esquecendo-se da sensação de choque que percebera antes, porém não ignorando a mudança radical que se operava no ambiente à sua volta.

- Eu com certeza procuraria Ralph e minha irmã, quem sabe, até minha mãe. Falaria para ele sobre meus sentimentos, sobre minha emoções e pediria desculpas. Aliás, tenho tanta gente

que pediria desculpas... Sem falar na Kelly!

300

Ponderando sobre o que Hugo falara e elaborando o melhor pensamento, no intuito de formular uma pergunta que ocasionasse um impacto efetivo em seu interlocutor, Nestor prosseguiu:

- **O** que acha, então, que precisariam mudar ou fazer para atingir esse objetivo, do qual acabou de me falar?

Desta vez, foi Hugo quem refletiu, parecendo se ocupar em escolher as palavras. Entretanto,

muito mais tranquilo do que se sentia anteriormente, nem se deu conta de que levava a conversa mais pura naturalidade. Anatural i-

da de quem estava vivo, e não morto, conforme acreditava inicialmente.

- É certo que eu teria de estar vivo. Quer dizer, não poderia estar morto para realizar meu objetivo. Precisaria me sentir vivo e ter a convicção de estar no mesmo mundo dos meus familiares, de Kelly e Ralph. Como você diz, Nestor, se este é o outro lado da vida, então não tenho como refazer minha vida aqui. Eu teria de voltar, de alguma maneira.

- E como voltaria, se já disse que está morto?

- E o tal buraco na sepultura? Por certo eu faria dele um túnel, mas retornaria de qualquer jeito para recomeçar, a o menos para falar com Ralph e minha irmã sobre meus sentimentos. Enfim, acho que pediria ajuda a eles.

# 301

- E o que lhe impede de fazer isso? Me diga: o que, neste exato momento, impede você de voltar, já que está se sentindo melhor, menos pesado, menos denso e mais livre, interiormente? Olhando para Nestor sentindo algo estranho acontecendo nele e em torno dele, como se o mundo ao sua volta, o mundo mental, estivesse ficando transparente, e ele próprio, mais permeável, num estado de quase imaterialidade, reuniu forças, enquanto Nestor o fixava como olhar:

- Ora, eu precisaria de outra oportunidade! Recomeçar na mesma vida ou em outra, como você disse pra mim...

Agora ouvia Nestor quase distante, como se este gritasse e seu grito fosse sentido e percebido em meio a uma névoa ou bruma que sepa-

rasse as dimensões.

- Então se dê essa oportunidade, meu amigo! Escute o coração e deixe as barreiras de lado. Permita-se voltar. Queira ardentemente voltar, ser feliz o quanto puder... - a voz de Nestor parecia ser mais pressentida do que ouvida, prioritariamente, embora, mesmo assim, gravada na alma, na memória espiritual de Hugo, de modo indelével.

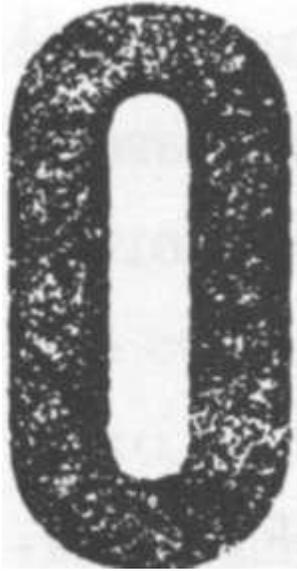
E uma vez mais ele sentiu o choque, como se estivesse recebendo uma descarga elétrica. **O** coração começou a bater acelerado. Ouvi vozes,

## 302

nãomaisavozdeNestor,masvozesdeummun-  
doqueconheciavitobem.Alémdetudo,sen-  
tia-semaismaterializado.Hugovenceraasbar-  
reirasdaprópriaalma.Precisoumorrerafimde  
despertarparaovalordeseus sentimentos.

10





s **ACONTECIMENTOS** pareciam quase simultâneos. Primeiro foi Paloma, que se revelou a e se descobriu, enfrentando trauma e estabelecendo metas para alcançar a felicidade. Em seguida, Ronie, que não dava mostras de haver se renovado, mesmo diante do choque causado pelo evento que suavemente classificou como a morte. Mais tarde, Hugo, que, arrependido pelo estilo de vida que levava, conseguiu superar os limites, enfrentando seus hábitos nocivos e suas atitudes, as quais reconheceu como impróprias. Não se resolveu; aliás, nenhum dos nossos amigos

se resolveu ou se transformou em santo, anjo ou  
pessoa espiritualizada. Muito longe disso! Se co-  
n-

seguisse em ser apenas humanos, isso já seria bom  
de mais para seu projeto de vida espiritual.

Aqueles que, até então, resolveram enfrentar  
os conflitos íntimos, mais profundos, alcança-  
ram uma vitória extraordinária. Os que reluta-

vam ou acreditavam não deter forças para tanto,  
apenas adiavam indefinidamente o encontro,  
se

não com a felicidade, a menos comum esta-  
do interior mais satisfatório e de maior conten-

tamento. Não obstante, diante das expectativas

no horizonte de cada um, não poderiam evitar  
as reflexões necessárias à transformação, no mo-  
mento em que tivessem maturidade. Cada qual  
,

a sua maneira, enfrentava os desafios internos e

despertaria no ritmo próprio, no tempo pessoal,

para realidades completamente diversas, em es-

tados de espírito variados.

Entretanto, Samuel cuida Patrícia, que

agora repousava nos braços de César. Este per-

cebeu que Paloma sumira; não tinha explicações

para o fenômeno, que parecia se repetir com um e

outro dos componentes daquele grupo de pessoas,

reunidas por uma força superior e incógnita. Em

um momento de reflexão, talvez de oração, pen-

sara em sua amiga Patrícia e sentira-se finalmen-

te atraído pela garota jogada ao chão, ali, o tem-

po todo. Deixara-se tocar pelo estado debilitado

## 308

da companhia e, mesmo não tendo certeza absoluta

de quem era a mesma pessoa que conhecera em sua cidade natal, resolveu socorrê-la. Essa atitude definiu seu futuro, sua vida.

Assim que Samuel chegou-se a Patrícia, ambos, Samuel e César, notaram que ela começara a falar. Se antes se mantinha em seu pesadelo irrequieto, porém silencioso, agora seus lábios pareciam denunciar que um mundo se ex-

ternava, que ela não conseguia mais relegar o mundo íntimo o produto de seus pesadelos e experiências. Se estes eram reais ou fictícios, isso era o que menos importava para Samuel, que soube bem interpretar as palavras de Patrícia.

Para ele, o que assomava e guardava significado eram as reflexões, as emoções expressas naquilo

que ela destilava pela boca. Somente analisando

tais emoções poderiam conhecer algo maisares-

peito da garota, da mulher que jazia ali, deitada, como morta-viva, entre as fronteiras de dois mundos.

- Patrícia, Patrícia!... acorde, minha querida. Estamos aqui o seu lado. Sinta-se amparada. Somos amigos!

Parecendo falar sem raciocinar, Patrícia balbuciava, como se estivesse embriagada pelas imagens que surgiam em suavemente, prendendo-

309 - ao passado. Estava congelada no tempo, disso

não havia dúvida.

- Amigos?! Não tenho amigos... Me sinto abandonada. Mas, também, quem precisa deles, os amigos?

César segurou-a juntamente com Samuel,

tentando confortá-la ou transmitir-lhe alguma

energia benéfica, pois era prisioneira de seus pesadelos, de suas lembranças.

- Talvez não devêssemos acordá-la, César.

Quem sabe ela precise externar suas emoções, como todos nós, quando nos sentimos angustiados? No caso dela, em particular, tudo indica que é refém do passado, possivelmente de um

passado em que foi vítima de si mesma. Agora, e a própria consciência que atua como um verdugo impiedoso... Façamos o seguinte. Vou ministrar-lhe um pouco de magnetismo no centro da memória, assim ela terá certa tranquilidade para reviver aquilo que a própria consciência lhe cobra, seja o que for que a incomoda tanto.

Com esse procedimento, ela ficará mais tranquila, apesar do peso de certas recordações.

- Mas será que a coitadainha aguentará relembrar os fatos que a incomodam?

- Se ela está tão aflita com alguma vivência  
ou emoção pretérita, não há outra saída, a não  
ser revisitar o trauma e, depois, ressignificar essa  
experiência...

310

Calando-se, César apenas acompanhou o tra-  
balho de Samuel. Ambos presenciavam o que se  
passava com Patrícia, ouvindo e vendo suas me-  
mórias. A mente perturbada agora externa-  
va imagens em torno de si. E os dois permaneceram,  
também, como espectadores das emoções, tradu-  
zidas nas figuras em movimento e nas palavras  
balbuciadas.

Patrícia já não tinha sonhos. Minutos antes,  
os pesadelos se transformaram apenas em  
-  
branças. Em meio a cenase paisagens de um  
mundo quase delirante, povoado de emoções  
conturbadas, ela vivia e respirava. Mergulhada

naquele universo particular, ou via e via além das

palavra e imagens.

Em um recanto qualquer de sua memória, parecia encontrar-se um lugar onde somente havia -

via a passar os mortos, cujo canto havia silenciado. Ela sentara nos escaninhos do tempo, da memória espiritual. Junto a uma multidão de mortos, e em prantos, sentada ao lado de fria sepultura, ela apreciava o próprio cadáver. De repente, sente-se sangrando, temas mais variadas sensações horripilantes, nos funestos acontecimentos que sucediam no interior da própria sepultura. Um torpor profundo envolvia sua alma,

devido a uma culpa também profunda, imensa, impenetrável como a neblina de uma noite de

## 311

invernorigoroso. Sentia a alma degenerar-se  
, re-

negada e obrigada a exercer no próprio túmulo  
frio, fétido e úmido.

As recordações das últimas experiências sur-  
giam como névoas de rios escuros e lagos som-  
brio sem noites inverniais. Nas imagens que via  
e externava, lançava-se às águas profundas  
e turvas que bem representavam sua memó-  
ria, seus horrores e pesadelos. Nada mais ha-  
via. Era como se ela nadasse em águas paradas  
,

águas tranquilas, águas de reminiscências  
tão

gélidas quanto as sensações por elas evocadas.

Quase se afogava ao encontrar das emoções cri-  
s-

talizadas, vividas, sorvidas ao máximo, as qu-  
ais

lhe embriagava o espírito como o vinho per-

didol lançado fora, que continuava degustando, sem cessar, na taçada própria samarguras e lembranças. Quem sabe tais emoções se assemelhassem à maré ébria de um mar bravio, onde marujos de outras águas também se lançassem, embriagados nas miragens de alguma sereia a entoar seu canto sedutor, perigoso, ardiloso e letal.

Desfilavam figuras de mulheres, que ela se punha a tocar, a palpar, suada-ou, na verdade, suado, pois na quele transe já não mais se reconheciam o corpo feminino. Via, sim, primeiro apenas o dorso, a seguir o espécime masculino

## 312

por inteiro, repleto da volúpia que as mulheres e alguns homens disputavam a ouro, apostas, tapas e facadas. Os homens? Ela, ou melhor, ele ainda se vê beijando-os. E se observa junto aos amigos em pleno enredo de manipulação, procurando

sexualizar a relação a todo instante, tocar e acariciar veladamente, mas sempre abusando, usando, insinuando-se.

Foi quando sua alma pareceu recitar uma prece, um pedido de socorro, um arremedo de oração, embora não de arrependimento, mas em busca de tranquilidade, a fim de que pudesse viver sem libidinosas excitação do sexo fácil, pago, comprado, forçado. Ou respirar sem apútrij-

da sensação de asco em relação a si mesmo - ou si mesma? Já não sabia a que género pertencia ou como qual se identificava, ou do qual meramente se excluía.

- Deus!... - pensava, quase sem manifestar sentimento. - Respondei-me, por amor ou, simplesmente, moído pela minha dor, íntima, eterna, que pesa como pesa a minha culpa. Respondei a mim, pecador e pecadora, de quantas culpas e medos são feitos os meus pesados e mais sombrios que os de todos os humanos?

Em seguida, um silêncio mortal se pronunciava, apontando muito mais respostas internas do que palavras expressas. Eloquente entre todos os

313

silêncios, Deus se cala, e o pesado do profundo - se ainda mais, gritando um grito silencioso na alma afoçada em lembranças difíceis de suportar. E os mais profundos medos de Patricia - espírito se ar-

re bentam na alma sem limites, considerada por

si mesma como a alma pecadora. Pune-se a si própria com as dores de mil pecados calados, mudos, profundos; com os constrangimentos de mi

chibatadas, grilhões, condenações e juízos. Fortifi-

cada pela culpa sem remorso, a alma castiga-se,

autoflagela-se nas estâncias forjadas pela própria mente em efervescência condenatória.

**O LOCAL É UM BORDEL**, num recanto sombrio do

Rio de Janeiro. Trata-se do bordel de Feliciano

Maria dos Prazeres. Um lugar sujo em todos os

sentidos, mas muito concorrido, recebendo uma

plateia de quase todos os homens de posse e de

alma corrupta da cidade, mesclada a corrupção

vilania e ao erotismo exacerbado. E ele se vê nes-

se recinto obscuro, que bem lhe representa o espí-

rito inquieto, malicioso, terrivelmente sarcástico

epornográfico. Vê-se efetivamente arrombando a

virgindade de um mancebo ainda jovem, lá pelos seus 15 anos, uma quase criança na adolescência

da vida. Como cliente do bordel, depois de várias noites comprando e usufruindo do produto co-

314

mercializado pela vilã das vidas humanas, a pró-

pria Felician dos Prazeres, a verdade é que ele se

sentia no direito. Direito de experimentar, deflo-

rar, desrespeitar a vida e as vidas de uma crian-

ça, um garoto e vários outros garotos, os quais

exigia como prêmio pela assiduidade e busca da

de prazer e do vício de sua paixão. Freguês fiel,

sentia-se à vontade, sentia-se como quem está em

casana quele trágico reduto de sensualidade e vil,

fermentada pela proeza irresponsável de seus *ha-*

*bitués.* Ali, garotinho e o garotinho eram disputados a preço de ouro, mas fora ele próprio quem iniciara a busca frenética por corpos juvenis e até infantis, imaturos para o sexo, na quele covil fétido e sombrio, cuja missão exclusiva era saciar o apetite sexual dos mais abastados e depravados. Com seu membro em riste, penetra a alma, muito além do corpo, dorapaz submetido à mão poderosa de seu desequilíbrio. Rasga-lhe os sentimentos, a emoção e marca muitíssimo o fundo do psiquismo, a alma jovem, ainda bem mais do que o corpo que se contorcia, desesperando, em espasmo, gritando e gemendo e uivando de dor. Vivendo uma dor pungente e ignorada, como a de um animal ferrado a marteladas ou, então, marcado com ferro em brasa, o garoto sofria, tentando esquivar-se inutilmente. E quanto maior resistência oferecia a o insano ho-

315

mem, mais este demonstrava sentir o prazer dos

loucos, aos subjugar os oprimidos e dominar física, emocional e espiritualmente os vencidos. No

vaivém da atitude abjeta, ignominiosa e irresponsável, o cidadão sente-se explodir de prazer.

Seus êmen, como alavade um vulcão, arrastava

consigo a juventude, a esperança, a integridade

e o chãodaquele que se afogava em lágrimas,

saliva e sangue. A secreção overtia, ainda, o mag-

netismo reverso e cruel, as anomalias energéticas

cas que se reportavam ao infame vulgar, aquele

que exauria as reservas da alma alheia - além

dos corpos - por puro gozo. Ao longo dos anos,

o sujeito se aperfeiçoara em desprezar o pranto

dilacerante e as agruras causadas, a agonia e os

sulcos profundos, as labaredas que arderiam por

anos e anos na mente violentada e esquarterada -

da do garoto a seus pés. E depois deste, outros e  
mais outros e outros também.

Nas memórias de Patrícia, acentua-se a presença de Feliciano, fingidamente dormindo um  
cantado amplo aposento, na companhia de sua  
pupila mais nova, também deflorada pelo insaciável  
apetite do homem, que agora está a olá-  
do do garoto. Este grita, empânico, esvaindo-  
-se em sangue e lágrimas, a mente assinalada e  
impregnada, talvez por séculos, pela inspiração  
sombria do espírito violentado e do corpo mas-

## 316

sacrado, graças à in consequência e à sordidez de

um homem cuja masculinidade seria mais bem comparada à de uma besta selvagem. Enquanto adonado cortiço arremeda o sono mentiroso que pretende isentá-la ou dissimular-lhe a culpa,

ele continuava sua investida animalésca.

Alves de Castro já havia se saciado grotescamente inúmeras vezes a oladoda cafetina Fel-

liciana, com o umincubo cheiodedese nfreado prazeresensualidadedesmedida,exasperada.

Divertira-se provocando o resentido a dor alheia, o que lhe aumentava sobremaneira o gozo ao usurpar as energias, o magnetismo e a vitalidade das vítimas quase infantis, dos garotos e garotas de quem a uferia seu demônio a co prazer.

Alves de Castro estirava-se sobre a cama, após a invasão perpetrada no corpo do adolescente e de-

esperado. Repousava nu e esquelético, ofegante,

com as pernas em cima do garoto, aguardando um tempo não determinado, a fim de recomendar sua infame tarefa de prazer selvagem.

Entre o pranto, as lágrimas vencidas, as dores horrendas dificilmente suportadas e ignoradas, cruamente causadas, o menino gemia, fustigado no cernido da própria alma. A final, fora submetido ao desrespeito mais vil, ao ato mais cruel que alguém poderia praticar, ao crime hediondo que somente o tempo, a reencarnação

## 317

e as leis impressas na consciência do agressor poderiam um dia reparar, elaborando as experiências dos envolvidos em novas oportunidades. Gravava-se na memória de ambos a trágica noite do desencanto de uma alma vilipendiada e vendida ao prazer torpede seu grande vilão. Ainda aos 29 anos, Alves de Castro aventurou-se em direção ao Velho Mundo. Buscava novas formas de prazer, pois a que elas com as quais se habituara já não lhe contentavam os sentidos, tampouco lhe saciavam os instintos. O ímpeto do já decadente senhor não mais se satisfazia com o que encontrava nos bordéis da cidade da luxúria, a babilônia do Novo Mundo. Levou três vítimas de suas taras sexuais, compradas a preço de banana aos países igualmente in consequentes; os jo-

vensadolescentes,passandopor seus sobrinhos

queridos,embarcaramcomelerumoamundo  
velho.Aportaramemseu destino exauridos,dre-  
nadosedoentes,comasalmasressequidas,e  
m

virtudedosabusos aosquaisforamsubmetidos  
nosmesesdeviagem.Logoforamdescartados  
empraçapública,nacidadedeLisboa,poisAl-  
vesdeCastrodizia-seenfadadodesua compa-  
nhia.Abandonadosàprópria sorte,osmeninos  
sesentiammaisfelizescomopedintesdesmola,  
realizandopequenosfurtosalieacolá,embora  
adoecidospeloabusoaqueforamentreguesd  
u-

## 318

rante os meses que passaram junto do vampiro de corpo e de alma.

Um deles realçava nas imagens da mente de Patrícia, mais do que todos. Era de Alves de Castro o predileto, imensamente marcado em seu psiquismo e atormentado, pelo resto da vida, com

as lembranças, os sobressaltos e os pesadelos advindos dos abusos que sofrera.

Mas as imagens na mente de Patrícia não paravam por aí... A memória extrafísica registrava os momentos subsequentes de loucura, de vício e dependência sexual, os quais se traduziam nas

aventuras pelas cidades do norte de Portugal, da

Espanha e da França. E eis que seu foco mental a localizou numa abadia, onde se viu num festim dos sentidos em meio a monges, padres

e freis, além de comerciantes e nobres disfarçados de religiosos. Ali, durante uma orgia promovida com seus convivas, encontrou seu fim, com o

resultado dos abusos que infligira a crianças e adolescentes - um dos quais, para seu infortúnio, pertencente à família de um dos convidados da velha abadia. O dia era 13 de agosto de 1856.

E a mente de Alves de Castro, a partir de então, congelou-se naquele tempo, reverberando e a li-

mentando a si mesma em mensagens que sua vida

libertina emitia para as células sensíveis do corpo espiritual.

## 319

Após a morte do corpo num recanto imundo da construção secular - pátio e paisagem das mais horrendas manifestações do instinto e da volúpia, disfarçada de assembleias religiosas -, passou a vagar de ano a ano, sem conseguir se desvencilhar das impressões do assassinio violento e torturante, que revivia incessantemente.

Até que um dia, Feliciano, a mulher dos prazeres, reencarnou na região sul do Brasil, e ele foi levado magneticamente até ela, pelo odor dos fluidos da mulher com quem mantivera complicidade frenética e libertina, cometendo os maiores abusos que lhe marcaram a existência. Sentiu-se atraído, quase amordaçado, intensamente magnetizado pelas energias e orgias do útero de Feliciano, então reencarnada. A ocorrência se

de um a noite em que ela se entregara a um homem que logo a abandonaria, após momentos de desmesurado prazer. E foi assim que reencarnou, quer nasceu Patrícia, cheia de culpas, de dores emocionais indizíveis, marcada pela melancolia e pela depressão.

Como abusar de homens, mulheres e crianças indefesas, as leis da vida, inscritas na própria consciência, incumbiram-se de forjar o clima de infelicidade sob o qual viveria Patrícia, à procura de afeto, respeito e reconhecimento na nova experiência, bem como na nova identidade

320

sexual e personalidade. Espírito inconformado com o corpo feminino, que habitava por impotivo da própria consciência, não detinha uma programação reencarnatória prévia e detalhada.

Pôde assistir ao surgimento do desejo por outras mulheres e, algumas vezes, por certos homens, muito embora os próprios traumas que trouxe impressos na memória espiritual a impedissem de externar, mais uma vez, a soma de seus desejos mais secretos. Em outras palavras, vivia submissa aos medos e culpas que trouxe do período entre vidas, refém dos crimes hediondos que perpetrara.

Tal era a atmosfera mental e emocional de Patrícia, que presenciava, em nítidas, vívidas e recorrentes imagens, experiências que tivera, histórias similares em horror que se repetiram em mais de uma ocasião, em outros tempos, em outras vidas.

**SAMUELE CÉSAR** se entreolharam, respeitoso perante o momento e as experiências vividas por Patrícia na personalidade de Alves de Castro, enquanto César reconhecia, pelo desfecho da

história, a amiga tão querida de uma cidade escondida no sul do Brasil, de onde viera, num município da região metropolitana de Curitiba. Com 321

os olhos em pranto, César soube se pronunciar:

- Meu Pai! Que dor tá manha se passa em sua alma... Que sofrimento imenso ela experimenta, nessa agonia em que vive mergulhada.

Agora compreendo as dificuldades que enfrentou com sua mãe e as emoções estão conturbadas.

— Patrícia parece despertar agora, César.

Não podemos fazer muita coisa por ela, a não ser ampará-la no que precisar. Sem dúvida, ela pode ser considerada uma espécie de suicida emocional. Matou a própria vida através da culpa e do remorso. É prisioneira, ainda, de lembranças que marca sua alma com letras de fogo.

Posso afirmar que se encontram em estado que antecede a loucura.

- Mas, como estamos todos mortos, Samuel,

será que não há como fazer alguma coisa por ela? Levá-la para um hospital do lado de cá da vida, por exemplo?

- Mortos? Puxa vida, parece que você e todos sofrem da síndrome da morte mal resolvida.

Quem disse que você está morto?

- Então estou? Eu me vi saindo do próprio corpo...

- Você foi trazido aqui, meu amigo, para amparar a mulher que, em outra vida, abusou de você.

- Então eu fui...

.322

- O garoto estúpido por ela na encarnação anterior, quando se encontrava num corpo masculino! Daí vêm seus dilemas diante do sexo, sua dificuldade em encontrar-se, em viver a vida se-

xual de maneira mais plena, sem culpas.

- Meu Deus, mas eu gostei tanto de Patrícia-

cia... Com o p o d e i s s o ?

- Graças a Deus! Senão, nem sei o que seria

dela. Mesmo tendo conhecido o espiritismo em

meio a pessoa tão radical e ortodoxa, você foi

a benção do por ele. O ambiente em que conheceu

a doutrina, mesmo repleto de ideias absurdas e

equivocadas a respeito de sexualidade, foi bom

para você. Muito bom mesmo, considerando que

seu espírito de parou - se com certo fator educati-

vo. Embora fosse desnecessário ser da maneira

como ocorreu, sinceramente, valeu a pena, pois

exerceu sobre você algum limite, evitando que

desenvolvesse rancore e impulsos vingativos, dor

emocional e comportamentos exacerbados, até

mesmos ádicos, todos altamente prováveis, em

virtude das reminiscências. Além disso, a proxi-

midade e a amizade com Patrícia, as conversas

sobre a sexualidade de ambos, quem sabe, tenham amenizado as duras recordações gravadas em sua memória espiritual.

- Em alguns casos, parece que o mal se transforma em bem... No meu caso, principalmente. Mas confesso, Samuel, que tenho muita coisa a resolver. Agora, com a revelação de quem me ocorreu no passado... Nem sei dizer com certeza ou me expressar direito, mas, de alguma forma, de alguma maneira que não sei dizer, sinto-me comprometido com Patrícia... Queria muito ajudá-la... mas não sei como.

- Vamos encontrar um jeito, meu amigo. De qualquer modo, agora sabemos um pouco a respeito das angústias da história de vida dela, além de podermos entender por que rejeitava tanto o próprio corpo e apresentava tão grandes

conflitos na área da sexualidade. Isso já nos oferece bastantes recursos para auxiliá-la.

- Acho que, do lado de cá da vida, a gente tem mais recursos, até, do que quando encarnados.

- Ai, meu Deus! Mais uma vez... Lá vêm vocês com essa mania de desencarnar! - reclamou Samuel, teatral.

- Desculpe, desculpe!...

- Bem, vamos ver o que podemos fazer por nossa amiga.

Tomando fôlego, Samuel aplicou um sopro quente sobre a fronte de Patrícia, enquanto ela despertava do pesadelo, um pouco tonta, sem saber ao certo o que ocorria ou onde estava. César a amparou nos braços, mesmo após descobrir o que se passara em outro tempo, em outra vida.

324

Apesar de tudo, parecia sobreviver uma amizade

intensa entre ambos.

- César? Você aqui? Então, não ficou em São Paulo?

César olhou para Samuel, sem saber o que dizer ou como se comportar em relação à amiga.

Ainda assim, arriscou:

- Estamos num lugar bom, minha querida, junto com amigos que nos querem bem. Este é Samuel - falou apontando para aquele que os orientava.

- Olá, Patrícia, seja bem-vinda... Logo, logo retornará pra casa, refeita.

- Voltar para casa? - questionou César novamente, pensando que Patrícia ou ele, ou ambos, estivessem mortos. Não conseguiu se con-

formar com o fato de que estava desdoblado, simplesmente fora do corpo. Mesmo que aceitasse

isso, ele acreditava piamente que Patrícia estivesse morta.

- E como disse Jesus - respondeu Samuel,

sem dar maiores explicações. - "Na casa de meu Pai há muitas moradas". 1

- Em minha mãe? Onde ela está? - tornou Patrícia. - E você, César, como chegou aqui? Estou no hospital, não estou?

- Calma, donzela! - brincou Samuel, procurando descontrair o ambiente. - Tudo a seu tempo. 325

po. Agora vou levá-la a um lugar onde poderá repousar até se sentir mais forte. César precisa voltar e ficar com sua mãe, levando notícias suas. Daqui a pouco, quem sabe, vamos ver como ajudar você no retorno ao lar.

- Vou voltar?

- Que é isso, menino? Deixa de ser agourento! Claro que vai, não lhe disse? - Samuel falou, voltando-se para César, com o jeito dos que se conhecem há muito tempo. - Você precisa voltar, rapaz! Há muitas coisas a não resolver dentro de si; precisa lidar com elas. Além do mais, terá um

1 Jo 14:2.

desafio p e l a frente: v i s i t a r a m ã e de P a t r í c i a e e l e -  
v a r n o t í c i a s d e l a . . .

- C o m o a s s i m ?

E s t e n d e n d o o b r a ç o e m d i r e ç ã o à f r o n t e d e  
C é s a r , i m p ô s - l h e a m ã o d i r e i t a ; n u m s ó m o v i -  
m e n t o , p e r c o r r e n d o d a t e s t a a t é a a l t u r a d o p e s -  
c o ç o , m a g n e t i z o u o r a p a z . E n q u a n t o C é s a r s e  
d e s m a t e r i a l i z a v a d a q u e l e a m b i e n t e , s e n d o  
r e -

c o n d u z i d o a o c o r p o , o i n s t r u t o r a c r e s c e n t o u :

- V o c ê s a b e r á ! S a b e r á o q u e f a z e r e c o m o  
f a z e r . E u e s t a r e i a u x i l i a n d o - o . V á , r a p a z , e t r a t e  
d e v i v e r a v i d a . E v i v a b e m , d e s t a v e z ! S e m c u l -  
p a s , s e m m e d o s . . .

C é s a r s u m i a à f r e n t e d e P a t r í c i a e S a m u e l .

## 326

Amoça, ainda meio sonolenta, não sabia explicar a situação; acreditava estar sonhando ou algo assim.

Embora estivesse longe de equacionar os dramas impressos a longo do tempo em seu psiquismo; ainda que permanecesse psicologicamente

marcado pelas experiências de outras vidas, César enfrentara o problema, dele se conscienti-

zando. Porém, sem o amargor, a angústia e sem

cultivar ódio contra seu agressor, agora transfor-

ma dona sombra de mulher que ajudara, de al-

gum maneira, a amparar. A atitude dele foi de-

terminante para seu futuro; abriu-lhe as portas

para uma experiência renovada, fértil de valores

nobres e saltares.

Patrícia foi conduzida por Samuela a mains -

tituição de amparo e educação no espaço; através da memória espiritual e das marcas psicológicas impressas em sua própria alma, ela revive ra cada fato, cada dor causada, cada lance da história pessoal gravada nos registros do tempo. Os traumas e as dificuldades emocionais, revividos, serviram para despertar o desejo de reavaliar, de recomeçar e recompor as matrizes do espírito em novas expressões de amor verdadeiro, genuíno, real.

Atada aos compromissos assumidos perante as leis da vida, Patrícia reencarnaria, agora, pa-

## 3 2 7

ra uma etapa da educação do espírito, na qual poderia redimir-se, quem sabe - a depender de si mesma -, como médium dotada de habilidades na área da cura. Por meio das energias, dos fluidos que doaria, poderia auxiliar, entre outras pessoas, a queles que outrora prejudicara. Em paralelo, no campo profissional atuaria na área da psicologia, assim contribuindo para a reconstrução do psiquismo de quantos, no passado, mancharam a chucara, com o desrespeito sem limite àquelas almas, invadidas por sua promiscuidade. Programada, sua reencarnação seria a companhia de pertop por Samuel, que se comovera ante a história da quele espírito e suas necessidades

derecomeçar. Alves de Castro, transfigurado  
na

aparência e na personalidade de Patrícia, agora

era conduzido a viver de determinada situação  
, a

fim de que encontrou novas oportunidades de  
redenção.

Maistarde, durante o tratamento e apre-

paração no hospital, assistida por Samuel, ela

escreveria uma mensagem através da mediuni-

dade. Em uma casa espírita de Curitiba, endere-

çou-a à sua velha mãe:

*Mãezinha querida,*

*Abençoe o meu espírito necessitado do seu*

*amor e das suas orações. Venho dizer, mamãe,*

## 328

*que a morte não existe e que estou aqui para atestar a continuidade da vida e a imortalidade. Estou aqui nesta tarde, a sua Patrícia, através da mediunidade, sendo abençoada com a oportunidade de rever minha vida sob o patrocínio de um dedicado amigo espiritual. Ele me ampara as palavras e os pensamentos, ainda conturbados e necessitados de muito amor. Não foi você a responsável pelo meu estado emocional. Entendi tardiamente a causa do que ocorreu comigo. A não aceitação da minha condição, do corpo que eu habitava, estava diretamente relacionada ao estilo de vida que eu levava na existência anterior. Portanto, minha mãe, não se martirize! Tudo concorreu para meu despertar, para a conscientização dos deveres que assumi perante minha própria*

*consciência, os quais devo agora enfrentar como desafio à minha felicidade.*

*Não encontrei ninguém que me repreendesse pelo que fui ou pelo que sou. Ao contrário, fui amparada e estimulada a prosseguir na busca pela felicidade. Do lado de cá, tenho re-*

*visto meus valores, enfrentado minhas emoções. Mediante o amparo a mim oferecido, reavaliei o passado, no qual vi terríveis erros cometidos e, somente então, pude compreender as dificuldades emocionais com as quais convivi ao lon-*

329

*go de minha última experiência como sua filha.*

*Nosso passado, minha mãe, se entrelaça em cadeias e algemas de comprometimento moral.*

*Agora, peço-lhe que continue orando por mim, pois, sem o apoio das preces suas e do meu querido César, não conseguirei levar a termo os projetos de recomeço que foram elaborados para a recuperação de minha alma.*

*Não chore, mãezinha! Procure aprender a servir e amar, aceitando em seus braços o afaço e o carinho de filhos alheios, de outras mães, aprendendo assim a refazer suas emoções e a enfrentar os desafios que emergem de seu próprio passado. Ame os filhos alheios, ampare o quanto puder aqueles que serão conduzidos ao seu regaço, pois assim aprouve à Divina Providência lhe conceder esta oportunidade, minha querida, como acréscimo de misericórdia.*

*Em breve devo enfrentar novamente o mergulho na carne, e espero sinceramente que a bênção do esquecimento venha me propiciar a tranquilidade necessária ao trabalho que preciso realizar em meu próprio benefício. Foi-me dada a oportunidade de trabalhar como médium na próxima reencarnação, na doação completa aos deveres assumidos em nome do amor que um dia desenvolverei. Mais uma vez, voltarei com as emoções reclamando muito tra-*

*balho, mas dedicando-me à recuperação das almas por mim prejudicadas.*

*Espero, minha mãe, que Deus me conceda forças para caminhar com êxito nesse projeto de recomeço. Espero, ainda, que um dia possamos nos reencontrar, sob a luz das estrelas, com as almas redimidas, e abraçar-nos, minha mãe, sabendo que, por mais que tenhamos errado, Deus nunca nos desampara o desejo de começar de novo.*

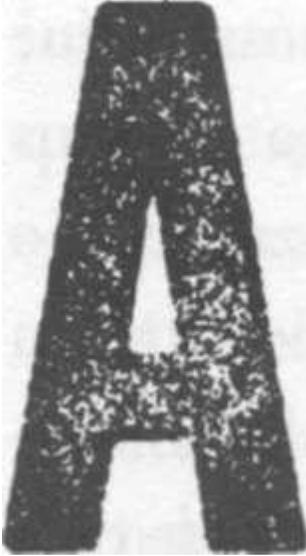
*Deixo aqui meu amor, minha eterna saudade e o beijo de gratidão por haver me recebido como mãe nesta minha última experiência física. Deixo, através de você, lembranças e a enorme gratidão ao César. Diga a ele, quando se encontrarem, que peço seu perdão, do qual necessito para acalmar os gritos de socorro que emanam de minha alma. Tanto quanto possível, farei de tudo para trabalhar através dele*

*por algum tempo, antes de reencarnar, pois foi ele quem me ajudou, me amparou as emoções e abriu as portas de novas oportunidades para meu espírito profundamente endividado.*

*Com amor, sou sempre a filha que nunca a esquece, sempre necessitada das suas orações, Patrícia.*

11

**A O**  
**FILHO**  
**PRÓDIGO**



ssim **QUE A D I R** se viu sozinho - cada um de seus companheiros parecia haver sumido de sua visão -, a culpa explodiu. Emergiu com todas as forças, embora ainda tentasse racionalizá-la e esconder-se sob o fundamentalismo, que caracterizava o modo de ser e viver do ex-pastor. Agora, ele tinha certeza: estavam numa espécie de antecâmara do inferno. Não acreditavam no purgatório, pois, segundo argumentava, a Bíblia, na qual baseara suas interpretações, não mencionava limbo ou purga-

tório. Entretanto, diante do pavor causado pelo

fato de que suas orações não eram ouvidas - pelo menos não da forma como esperava -, sentia que as barreiras entre a sanidade e a loucura, quemantinhamsuamente razoavelmente coerente, pareciam erodidasou corroídas poucospouco. Quedavam-se ante a força crescentedas lembranças, da culpa e da convicção, cada vez mais forte, de que havia cometido um pecado mortal, antes ignorado. Esse conjunto de fatos

res, acentuado pelo radicalismo que alimentava suas crenças pessoais, irrompeu de maneira avassaladora em seu psiquismo.

Tinha a mente irrequieta, cujas matrizes se forjaram sob o efeito de formas-pensamento intensas, prenhes de emoção. Com a vida mental elaborada sobre condutas antiéticas, mesmo que

o ser não reconheça a natureza doentia de seus

hábitos, tais crenças arraigadas e enraizadas são

de tal maneira daninhas que acabam levando a uma reação de autopunição, uma espécie de boicote à felicidade. Esse era o estado da mente culpada do pastor de vidas, de almas, o pastor Adir.

Imagens religiosas pareciam ir e vir em sua

mente. Igrejas que, de repente, desmoronavam,

apodrecidas como por encanto. Caíam, despeda-

çavam-se, como se tijolos e paredes inteiras fos-

sem tombar sobre ele e soterrá-lo. Os sons eram

perfeitamente audíveis em sua mente. Barulho de

construções desmoronando; hinos de louvor so-

336

brepujados por ruídos que cresciam até se tornar

o ribombante de tremores de terra imaginários. Em

meioatudo, cruzes e mais cruzes que vinham ao

chão e se partiam... Em seguida, todas elas pa-

reclamam erguer-se num monte à sua frente, para o qual desejou ir. Caminhava sem cessar em direção à colina mística, mas nunca chegava a lugar

nenhum. Ofegava, ensaiava correr, mas tropeçava ou se exauria em esforços inúteis. " Senhor, tende piedade de mim, teu servo fiel! " Súplicas, clamores, protestos e exigências... tudo em vão.

Adir se achava prisioneiro de um circuito fechado de culpa e autopunição. E as maldições em que acreditava e que proferia do púlpito, nos julgamentos e nas palavras condenatórias em que se especializou, todas se tornavam realidade

- sucediam - se uma a uma a atormentá-lo.

Cruzes e mais cruzes agora o perseguiam enquanto ele gritava tresloucado, correndo em di-

parada, fugindo e sabendo-se lá para onde, persegui-

do e perseguindo. Onde estava a vida eterna?

Onde, o céu dos justos, as harpas angelicais, as  
cascata e fontes de água pura da nova Jerusa-  
lém, que deveria esperar de portas abertas?  
Onde as trombetas, os clarins e os anjos; onde o  
lado direito do trono do Senhor, que certamen-  
te lhe prepara o lugar cativo? As imagens das  
igrejas que se auto destruíam e perseguiam sem

## 337

cessar. E ele corria para a elevação avistada ao longe - o Monte Calvário, segundo acreditava -, sobre o qual divisava um sem-número de cruzes. A paisagem era emoldurada por um céu plúmbeo. Embalando o cenário bizarro, fruto de sua mente em ebulição, os om detro v õ e s e t e m p e s - t a d e s o e n s u r d e c i a ; e n l o u q u e c i a à v i s ã o d e r a i o s e r e l a m p e j o s e m c o r e s f o r t e s , c u j a a p a r ê n c i a s e c o m p a r a v a à d e t i n t a s e m a i s t i n t a s q u e v e r t i a m d o c é u , s u b i t a m e n t e , d e r r a m a d a s o u a r r e m e s s a - d a s p o r l o u c o p i n t o r .

Astonalidades berrantes, os trovões e o vendaval eram puramente o produto de suas culpas. A mente do cidadão suportara o peso de anos e anos de crenças e atitudes intolerantes, extremadas e fundamentalistas, cuja conta, então,

eracobradapelaconsciência,queferviacomosechaleirafosse,entreamagensepaisagenspara eleassustadoras.Assustadoras,atemorizadoras, apavorantes,maisatédoqueoschifresdapropriabesta,conformeacreditava,poisqueestesaberiacomoenfrentar.Habituaadopintarum mundodepecados,comdramáticasimagensde umpossívelfim,incluindoaintervençãodivina quecolocariapontofinalàhistóriadahumanidadepecadora,elepróprio seviamergulharne suaatmosfera,quecriouealimentouduranteo dooseuministério.

## 338

Ascrenças pessoais, admitidas como verdades, mesmo contendo elementos absurdos,

conseguem originar imagens, alimentar formas -

- pensamento em manter paisagens de alegria ou de dor, conforme o conteúdo em mesmo o senti-

mento inspirado pela própria consciência, onde

estão inscritas indelivelmente as leis divinas e das quais ninguém, nenhum ser poderá se furtar ou burlar.

Adir ouviu uma voz, várias vozes, um coro de vozes cavernosas, apocalípticas, infernais, provenientes de onde seu espírito doente de culpa situou a imagem das cruzes bizarras, avistada há pouco:

- Adir, Adir, porque me crucificastes?

Asestranhas palavras, cobrança da própria

consciência, eram ou vidas como se fosse m a v o  
z

do próprio Cristo, de acordo como que a credi-  
tava. A dir gritava, em prantos. Lágrimas irro-  
m -

piam, bem como as emoções, enquanto perseg  
uia

as cruzes, por é m ã o logravachegara o local o  
n -

de pareciam, em sua visão interior. Loucura?

Ou o juízo final?

- Senhor, eu nunca faria isso contigo! . . . -

clamava, desesperado ante a cobrança de sua  
mente ensandecida.

- A dir, A dir! Não confiei meu filho a ti? Que

fizeste comigo? Me crucificaste duas vezes?

339

Sementenderavozda própria consciência

a fogueando - lhea alma, ora acreditava que er  
a

o Cristo a lhe cobrar algo que não podia com -

preender, ora suspeitava que era uma peça pre -

ga da pelo demônio, o inimigo das almas, conforme dizia para si.

- Adir, olha para mim, a quem crucificaste!...

Enovamente relâmpagos e trovões pareciam pipocar na imensidão do céu de sua consciência. A medida que cores fortes se alternavam no ambiente à volta, a face de Adir se transfigurava, aproximando-se do retrato da destruição.

- Meu Deus! Me perdoa, me perdoa... - fa-

lavava chorando, gritando, num inferno mental e emocional característico da mente em desequilí-

brio. - Eu falei que aqueles outros eram do demô-

nio, disse que estavam perdidos e, agora, quem se

sente perdido sou eu... - E o pranto sofrido cor-

ria-lhe em cascata, sobre a face enrugada.

Quase sem fôlego, em determinado momento pareceu alcançar o monte onde avistava as cruces - elementos nos quais, segundo sua fé isenta de raciocínio, encontraria todo o poder de Deus

revelado. Para ele, a que a visão era o símbolo de  
uma força superior, do Calvário. Tratava-se do  
lugar exato, segundo presumia, de modo literal,  
no qual Jesus havia sido exposto ao vitupério e  
ao escárnio de assassinos. As imagens pareciam  
340

agora estar em câmera lenta ou, quem sabe, ele  
próprio se aproximava em câmera lenta. Mas os  
raios e trovões continuavam a envolver a paisa-  
gem mental pintada com as cores fortes de emo-  
ções conturbadas.

- Adir, Adir, por que me crucificaste? Onde  
está o filho que confiei a ti?

Gargalhadas, gargalhadas de deboche, em  
meio a gritos que remetiam a alguém sendo tor-  
turado, pareciam vir do local onde as cruzes  
estavam. A visão do pastor, elas estavam mais  
perto, e ele foi se acercando delas lentamente,  
vencendo o vendaval que queria lhe impedir a  
aproximação. Era um quadromedonhodesse

ver, produto de uma ideoplastia forjada em anti-  
da pela forçada culpa e das crendas alimentadas  
durante a vida inteira.

Quando enfim conseguiu chegar o mais per-  
to possível do local onde, segundo sua visão in-  
-  
terior, estava mais de dez cruzeiras negras, ne-  
gras, erguendo-se contra o céu também negro  
,  
coberto por nuvens colossais, apocalípticas, qua-  
-  
se infernais, Adir parou, ainda mais assustado.  
Olhos esbugalhados e marejados, boca entrea-  
-  
berta como se visse o Diabo em pessoa, presen-  
ciou um movimento que as cruzeiras descreviam  
em torno desiguais. Elas se viravam, cada  
uma movendo-se lentamente, e vinham na dire-

341

ção de Adir. Pairando sobre as cruzeiras, estava a  
figura de Jesus, segundo ele acreditava. Mas era

um Jesus completamente sujo, deformado, dificilmente assemelhado à noção que faziam dele os religiosos. Apesar disso, Adir conseguiu ver uma figura que, embora diferente, estranha, quase inumana, era interpretada por seu espírito como sendo Jesus. Na verdade, eram diversas representações desse Jesus escatológico, que entãoria, da vagalhadas demoníacas, ora apresentando os dentes quebrados, ora descendo da cruz vindo em sua direção, cobrindo-lhe a culpapela crucifixão. Uma a uma as imagens pareciam adquirir vida. Duas delas desceram da cruz e começaram a pular sobre o solo, como crianças nervosas, gesticulando e gargalhando com o loucas. Outra forçava a própria cruz onde estava pregada a se curvar, como se a madeira tivesse elasticidade. O rosto do Cristo mostrava-

-se transfigurado no máximo de horror possível

à sua visão interior. Era a caricatura de um ser  
tresloucado, que se inclinava na direção de seu  
espectador e era posta em evidência por uma lu-  
minosidade ora roxa, ora vermelha, algo temí-  
vel, medonhamente confundido pelo pastor co-  
m

o Cristo em que ele afirmava acreditar.

De repente, em vez da imagem de Cristo  
crucificado, estranhamente se comportando e  
se

342

transfigurando à sua frente, a fisionomia do filho  
Carlo estava estampada sobre a cruz. Na me-  
mória de Adir, afetada pela loucura que apare-  
n-  
temente lhe dominava o mundo interior; em sua  
visão escatológica de um mundo que se derre-  
tia em figuras horrendas, bizarras, demoníacas

- fruto de sua própria culpa -, o seu Cristo, o

seu Jesus, agora com o rosto do filho escorregado, cobrava-lhe, ainda:

- Adir, Adir, porque me crucificaste? Onde está o filho que a ti confiei?

Não havia mais como fugir às imagens, que agora desciam das respectivas cruzes, das mesmas cruzes que se curvavam sobre um Adir atônito, paralisado de pavor, compondo uma cena de

terror digna dos mais hábeis escritores do gênero.

Adir foi ao chão, sentindo-se sufocado pelas cruzes e pelos personagens macabros de sua história de vida, da vida íntima, mental, quase insana, na qual suamente mergulhava cada vez mais.

No exato momento em que gritava, pedia perdão e clamava pelo filho Carlos, o qual despedira de sua presença ainda jovem, em razão do fundamentalismo religioso; nesse exato instante, um vulto é avistado em meio a oribombardos trovões.

É Samuel, que se aproximou lentamente, chamando-o:

343

- Adir, Adir, acordado pesadelo, Adir!

Samuel foi avistado pelo pastor como se fosse um anjo, um mensageiro de Deus em meio à paisagem do seu inferno particular, que havia sido criado pelo seu próprio magnetismo associado ao poder do pensamento. Um purgatório, onde sua alma se refugiara, ardendo em sua intimidade como fogo de mil brasas.

Samuel aproximou-se devagar, lentamente demais, segundo acreditava Adir, mas se aproximava,

estendendo sua mão para amparar o pas-

tor que estava caído, extenuado, sem força para

resistir à cobrança da própria consciência. Se-

gundo acreditava, ascenasetodooenredoem

que estiveram mergulhados duraram uma eterni-  
da-

de. À sua visão, ficara vagando, fugindo e en-  
frentando os horrores do seu pesadelo por anos a  
fio, até que aquele anjo do Senhor o abençoara,  
aparecendo para resgatá-lo. E assim que Samu-  
el

o tocou, as imagens de Jesus, cada uma a seu  
instante, gradativamente se dissolveram, derre-  
teram, liquefazendo-se e empocando no chão,  
porém adquirindo o aspecto viscoso, irreconhe-  
cí-

vel, indescritível por qualquer vocabulário oc-  
o-

nhecido. Dali, aquele líquido estranho em ara-  
-

nhava-se nas entranhas da terra ou do local sob  
os pés de Adir.

Samuel estendeu-lhe a mão, levantando-o,

344

aconchegando-o ao peito. Adir chorava. Entã-  
o

ele chorou não o pranto dos desesperados, como antes, mas o pranto do remorso, que precede o arrependimento. Deixou-se afundar nos braços de Samuel, que, inspirado pelo momento tão particular, tão especial para a alma resgatada, trazia os próprios olhos marejados e permanecia em silêncio. O velho pastor deixou suas emoções romperem todas as barreiras concebíveis a os permitir ser amparado pelo suposto anjo, o mensageiro divino que o abraçara ao peito.

- Calma, Adir, calma... Descanse um pouco e deixe fluir a dor. Libere-se da culpa que o consume - falou pausadamente Samuel, enquanto passava a mão sobre a cabeça do homem que se diluía em pranto convulsivo.

Adir notou que, à medida que ficava próximo de Samuel, as imagens mentais se dissipava-

vam, a angústia delas adivinda aliviava, o inferno a que se vir a presoparecia esvaecer. Ao tentar se desvencilhar de Samuel, tudo voltava com toda a força de suas emoções desalinhas, descontroladas. Assimagens das cruces, do seu Cristo demoníaco, às avessas, bem como a face do filho expulso do ambiente familiar - tudo retornava quando tentava se afastar do "anjo bendito do Senhor".

345

Novamente o tempo passou, segundo o ponto de vista de Adir, como se fora uma eternidade. A mente do antigo pastor não conseguia mais, devido à carga de culpa, livrar-se do fantasma do filho, cuja imagem vir a se transfigurar, substituindo os traços de Jesus, em pose demoníaca. A mente se impregnara das memórias, das

terríveis figuras vivas, da lembrança do filho, de modo aparentemente irremediável. Fora profundamente afetado, e suas crenças, naquele momento, não se mostraram satisfatórias nem sequer para amenizar, muito menos para livrá-lo do tumulto a que se entregara emocionalmente.

Sentia-se num tribunal, prestes a ouvir a sentença - a sentença emitida pela própria consciência - , em cuja estrutura íntima, imaterial, estivesse escrito, em letras de fogo, o juízo sobre os atos e atitudes, tardiamente reconhecidos como errados. Soltando-o aos poucos, Samuel mirou a figura do pastor e compadeceu-se. Aliás, sentiu pena, mesmo. Nunca pensou que sentiria pena de um ser humano - especialmente de Adir - no nível em que sentia.

O homem à sua frente pareceu se recuperar, gradualmente, do abalo que o subjugara. Adir

Levantou o olhar em direção a Samuel e lhe disse, quase humilde:

- Você veio me tirar deste lugar? Veio me livrar do inferno a que me lancei?

346

Olhando o homem sofrido, deprimido, atormentado, o instrutor respondeu medindo cada palavra, um tanto quanto reticente:

- É, pastor, você conseguiu forjar seu próprio instrumento de tortura. Como você mesmo disse, foi o inferno no qual você se jogou. Mas, infelizmente, não cabe a mim tirá-lo daqui. Não o mesmo!

E antes que Samuel concluísse seu pensamento, Adiro interrompeu, modificando imediatamente a fisionomia e a atitude íntima, num quase acesso de fúria, tentando agarrar Samuel, sacudindo-o, gritando a plenos pulmões:

- Miserável, desgraçado, filho do inferno e

d a p e r d i ç ã o ! E n t ã o v o c ê é u m a n j o d e S a t a n á s  
- f a l o u , e n f a t i z a n d o a p a l a v r a - d i s f a r ç a d o e m  
a n j o d e l u z , e m a n j o d e D e u s . . . V o c ê t e m d e m e  
t i r a r d a q u i . E u n ã o a g u e n t o m a i s f i c a r n e s t e . . .

- C a l a - t e , h o m e m ! - g r i t o u S a m u e l e m a l t o  
v o l u m e , i n s p i r a n d o t e m o r e m A d i r , o q u a l r e c u o u  
c o m p l e t a m e n t e m o d i f i c a d o ; c o m o a n t e s d o p e s a  
-

d e l o a q u e s e e n t r e g a r a , l o g o a s s u m i u a p o s t u r a  
f a r i s a i c a , o r g u l h o s a e p r e p o t e n t e , e s b r a v e j a n d o :

- V o c ê ! A p o s t o q u e v o c ê é u m d o s p e r d i d o s  
d o i n f e r n o , u m d a q u e l e s q u e v i e r a m c o m o s d e -  
m a i s - r e f e r i a - s e a H u g o , R o n i e , P a l o m a e o s o u -  
t r o s . - E u m a a l m a a r r e b a t a d a p o r S a t a n á s !

- N ã o , A d i r , n ã o s o u n e m a n j o e n e m d e m ô -

347

n i o . M a s m e p a r e c e q u e v o c ê a g o r a s e r e c u p e r o u ,  
v o l t o u a o s e u n o r m a l . E n f i m , a m i m m e p a r e c e  
q u e n ã o m u d o u n a d a , n u n c a m u d o u .

- M u d a r o q u ê ? S o u u m s e r v o d e D e u s ! E u

vi o inferno e voltei sozinho dele, sem ajuda nenhuma a não ser de minha fé. Retornei pra testemunhar o poder da salvação. E não pertenço aos perdidos...

Mas assim que pronunciou a palavra *perdidos*, A dirretomou o pranto. Era como se alternasse entre momentos de arrependimento ou de culpa e remorso e, em seguida, momentos em que assumia a postura autoritária e radical do

velho pastor.

- A culpa o consome, não é, pastor? Mesmo assim quer se dizer melhor e coloca os demais como perdidos?! E como se sente em relação a Cristo? Como sua consciência vê a atitude que teve com o próprio filho? - Samuel atendeu os pensamentos, tentando provocar reflexão.

- **O** Senhor me cobra algo para o que ainda não estou preparado...

- **O** Senhor ou sua consciência?

Demonstrando uma desorganização mental intensa, pareceu não entender ou ignorar a pergunta de Samuel, trazendo à tona um dos fatores de incômodo:

- Mas a Bíblia diz que sexo entre homens é

348

pecado. Deus destruiu Sodoma e Gomorra pelo pecado do homossexualismo, da pederastia! C

mo eu poderia suportar alguém na família depondo contra Deus e sua lei? Um filho que se entregou a Satanás dentro da minha própria casa... Isso desmoralizaria meu ministério e destruiria minha igreja.

- Mas pense bem, pastor. Se Deus destruiu

Sodoma e Gomorra, conforme você interpreta, pelo pecado da homossexualidade, então podemos presumir que Deus mudou o jeito de agir?

Mudou de ideia e se arrependeu ao longo dos

tempos?

- De jeito nenhum. Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente...

- Então, porque ele não destruiu cidades como São Paulo, Nova Iorque, São Francisco, Rio de Janeiro e tantas outras cidades no mundo?

Pois nelas há milhares e milhares de *gays*, muito mais do que tiveram Sodoma e Gomorra reunidas... Ou ele mudou de ideia e se arrependeu ou não tem mais poder. Como você explica isso?

- Você é do demônio! É enviado de Satanás para provocar a ira divina - falou, espumando e vociferando como louco.

- Mas parece que foi você quem provocou a ira dele, segundo acredita. Ou estou enganado?

Não foi você quem ficou vagando, gritando e em

349

prantos, correndo de si mesmo? Não era você, Adir, quem estava prisioneiro do próprio inferno?

- Você é um espírito maligno! É um demônio das profundezas dos infernos! Saia de mim,

Satanás! O sangue de Jesus tem poder...

- Será que você não resiste a um simples questionamento, a outras pessoas que pense e veja a vida de maneira diferente da sua? Ao quem parece, Adir, quando qualquer pessoa lhe apresenta um argumento, questionando seu ponto de vista, talvez por falta de conhecimento ou desespero você prontamente classifica essa pessoa como enviado do diabo.

- Eu sou um servo do Senhor, do Deus Altíssimo e, por isso, não posso estar errado.

- Ah! É?... Mesmo assim, quero lhe propor o seguinte exercício. Que tal agente se entender, se respeitar e conversar? Você apresenta seu ponto de vista e eu apresento o meu, tudo dentro da Bíblia, estritamente de acordo com o que você acredita. Se você estiver certo e convicto do que ensina, respeitarei sua visão e interpretação e me

calarei. Caso avalie que meus argumentos estão corretos e lhe parecerem mais claros e lógicos, você apenas refletirá sobre eles; não o peçonada mais de você. Que tal?

Adir ficou um pouco quieto, talvez mais cansado de seus próprios argumentos sem funda-

350

mento do que meditando na proposta de Samuel.

- Veja que não lhe peçonada de mais - tor-

no ou o instrutor. - Apenas conversar nos dentro

dos ensinamentos da Bíblia... E, para que você não fique

pensando que sou um espírito do mal que

reúdo desviar sua atenção, que tal agente orar?

Pedir a Deus tranquilidade mental e emocional

para captarmos a inspiração divina?

Ante a proposta renovada, Adir prestou mais

atenção, conseguiu ver um pouco mais além do

orgulho, da prepotência e do radicalismo.

- Orar?

- Sim, orar! Quem sabe você não faz a oração? - propôs se aproximando ligeiramente do pastor, porém sem tocá-lo.

- E não pensei que você orasse.

- E também não pensei que você orasse.

Então, estamos mais ou menos quites...

Adir conseguiu achar graça na situação, mas logo voltou a ficar com a cara tipicamente emburrada, a demonstrar arrogância.

- Então eu oro, pois a quis o pastor, o servo de Deus!

- Pois não, servo de Deus. Ore você, que eu acompanho.

E Adir, pela primeira vez desde que chegou naquele local ou dimensão, conseguiu orar de verdade. Uma oração curta, mas nada decorada

351

ou uma quinal. Embora pedisse em oração apenas que Deus o livrasse da tentação e do espírito do mal, ainda assim sentiu-se bem, ligeiramente

tema mais tranquilo. A semoção esse acalmaram um

pouco. No entanto, não abriu mão de sua postura

orgulhosa.

Depois de ouvi-lo, Samuel, demonstrando tranquilidade, começou a falar:

- Acho que o que mais incomoda você é o fato de ter expulsado seu filho porque ele era *gay*, não é isso? Parece que você não resolveu direito essa questão dentro de si e a culpa o consome.

Pensativo, o velho pastor baixou a cabeça, meio envergonhado de si mesmo, e comentou:

- Não consigo entender o que se passa dentro de mim. Nunca tive um dia sequer de tranquilidade desde que o Carlos partiu. Tenho pesadelos

horrendos quase toda noite e acordos suando frio.

E oro. Oro todas as noites o Salmo 91, pois sei

que fiz a coisa mais correta, de acordo com a Bí-

bliia. Ele era um pederasta.

- Meu Deus, A dir! Que expressã o mais arcaica, pejorativa e preconceituosa.

- Não sou preconceituoso. E u t e n h o p r i n c í - p i o s . **0** homossexualismo é contra a natureza e contra a Bíblia. E quem não se converte a Deus e ao Evangelho não merec e i r p r o c é u .

- M a s e v o c ê ? E m a l g u m m o m e n t o v o c ê m e .352

disse que pensava ter morrido - falou para o pastor devagar, colocando ênfase na frase. - S e - rá que está no céu? P o r a c a s o e n c o n t r o u o t ã o falado paraíso?

- E s t o u a c a m i n h o d e l e . **0** S e n h o r m e s a l - vou. E a Bíblia sempre tem razão . Os outros dois filhos que tenho, ambos seguiram o caminho d e

D e u s . S ã o m i s s i o n á r i o s .

- S e r á m e s m o q u e s e g u i r a m , A d i r ? V o c ê t e m certeza disso?

- N u n c a m a i s t i v e n o t í c i a s d e l e s . M a s s e i q u e

estã o no caminho do Senhor. Um deles é missionário na África, e o outro... Bem, o outro saiu pelo mundo pregando.

Samuel aproximou-se ainda mais, pedindo permissão a Adir, colocou a mão sobre sua fronte, dilatando-lhe ligeiramente o campo de visão por meio de grande carga magnética.

- Veja, Adir! Veja seus filhos, agora.

Adir sentiu algo como o outro ataque cardíaco. Viu um de seus filhos numa imagem tridimensional. Ele estava no Brasil mesmo; ao que tudo indicava, na Região Nordeste. Porém, ao contrário do que os pastores esperava, o filho ingeria algum bebida alcoólica; na verdade, estava-

va quase caído de tã obêbado. **O** homem estava

totalmente embriagado e, ao mesmo tempo, revoltado. Gritava para uma mulher, que o ouvia

## 353

segurando o filho, um menino, em seus braços:

- Meu pai, aquele miserável! Eu falei para o

Carlos iremora conosco. Mas Carlos teimou e

ficar em casa. Ele dizia a marmuito nossos pais

enã o sairia de casa, a menos que fosse expul-

so. Queria cuidar do pai quando ficasse velho..

.

- o homem falava em meio a arrotos e soluços,

engasgado com a própria saliva. - A gente nã o

aguentava mais ver a mãe sofrer e se submeter à

loucura da quele traste. A gente inventou que ia

trabalhar com o missionário para ficar livre dele...

**O** pobre sujeito chorava, tossia, resmungava -

va enquanto cambaleava. Era um dos filhos de

Adir. Durante o tempo em que o pastor observa-

va a imagem do filho mais querido - missioná-

rio, segundo acreditava -, ficou muito desolado

,

pois sabia, na intimidade, que aquilo que presenciava era a mais pura verdade. Ele via a cen-

a em todas as cores possíveis; era de uma realidade de quase palpável, inquestionável. Então, pô-

- de vislumbrar a dimensão do mal que causara à própria família.

- Está preparado, agora, para ver o outro filho, o querido? Quer ver seu amado Mateus?

- Não quero acreditar que cause tanto mal assim ao meu filho, que ele não é o missionário que eu sempre acreditei...

A dirse desfazia em prantos, diante da rea-

## 354

lidade - perante a sua realidade e a do estrago emocional causado na vida do próprio filho. Mais ainda ao ouvir Israel falar do amor de Carlos pelo pai, e de como se recusou a sair de casa como de mais porque queria cuidar dele. Adir soluçou de amargor, de remorso.

- Eu quero ver! Quero ver o meu filho Mateus... Onde ele está? Será que a o menos ele se tornou um missionário? Mas eu tenho certeza, e mesmo o consagrei, lá na minha igreja!...

- Então, Adir, vou lhe mostrar o seu filho Mateus - falou Samuel, à medida que aplicava nova dose de magnetismo na frente de Adir, expandindo-lhe a visão extrafísica.

Assim que começou a ver a cena envolvendo seu filho, teve a certeza de que todos os seus esforços foram em vão. Que os dois filhos, que

presumir serem missionários, na verdade que

eram mesmo era se livrar dele, pois não podia mais tolerar o radicalismo do pai.

As imagens mostravam um homem com cerca de 38 anos. Era alto, magro; trabalhava, ao que tudo indicava, num porto do Sudeste brasileiro. Mais precisamente, no porto de Santos.

Ali, junto com companheiros de trabalho, parecia

se alegrar, à sua maneira, fumando um baseado, dando aforada e algumas gargalhadas.

Ao longe, passava uma mulher que Adir inter-

355

pretou como sendo uma prostituta. Ele mexia com a mulher, falava palavras, chamava-a, instigando-a e convidando-a para o sexo fácil. Adir não suportou mais e pediu:

- Pare! Pare com isso, filho de demônio! Você está tentando minha alma... Você é o respon-

sável pela minha infelicidade.

- Então você se considera infeliz, não é mesmo, pastor Adir? Consegue refletir sobre o alcance de suas palavras, sobre o que fez à própria família? Aos filhos que Deus lhe confiou?

Adir novamente chorava muito. Desta vez, caiu ao chão e se colocou em posição fetal, derramando lágrimas profundas, embora, no entre-méio, xingasse, dissesse coisas incompreensíveis;

parecia delirar.

- E agora, Adir? - indagou Samuel, abaixando-se e passando a mão sobre seus cabelos.

- E o que dizer do seu filho Carlos? Sabe o que ocorreu com ele? Você tem notícias dele?

O pastor levantou-se de chofre; pondo-se de pé, fitou Samuel nos olhos, repetindo com raiva os mesmos argumentos de antes:

- Ele era um perdido! Foi ele, foi ele sim, o responsável por tudo o que ocorreu na minha família.

mília. Ele se entregou ao Diabo, ao inimigo das  
almas de Deus. E influenciou o Mateus e o Is-  
rael. Sei que foi ele.

## 356

- Como pode ter tanta certeza assim?

- Ele era sodomita, o danado. Ele era homossexual.

Respirando fundo, para suportar a ladainha de Adir sem perder a paciência, Samuel perguntou:

- Você não gostaria de rever sua opinião, sua visão a respeito do que a Bíblia diz sobre Sodoma e Gomorra? Será que esse negócio de homossexualidade é pecado mesmo? E já que você repete isso com tanta convicção, quem sabe não se importaria de ver o texto bíblico sob uma ótica diferente? Uma outra opinião...

- Quem é você pra me ensinar Bíblia? Quem imagina que é para querer medar lições da palavra de Deus?

- Eu, Adir? - Samuel pensou bem antes de

falar, fazendo breve silêncio. - Eu não sou ninguém, pastor. Mas eu conheço alguém que pode lhe falar a respeito.

- Só conheço um homem de Deus que poderia me falar algo que eu não sei sobre a Bíblia. E ele está morto.

- Mas pense bem: como você cogitou, em certo momento, que estaria morto, então não será difícil encontrá-lo.

Adir pensou, um pouco surpreendido com a proposta de Samuel, e resolveu averiguar:  
357

- Você conseguiria por acaso localizar ou chamar o pastor que me formou, que me ensinou a pregar? O servo de Deus que me ensinou o caminho da salvação?

- Quem sabe? Pode ser que sim. Que tal se tentássemos?

- Se você conseguir isso, digo, chamar o pastor Neemias...

Assim que Adir pronunciou o nome do seu antigo professor, do pastor que batizou e iniciou o conhecimento das Escrituras, um leve tremeluzir se fez perceber no ar. Irradiando a mesma luz na qual Samuel se envolvia, sorrindo um sorriso leve e descontraído o ambiente, surgiu a figura de um homem que aparentava uma certa idade, em torno de 65 anos. Vestindo um traje elegante, risca de giz, o velho professor se postou à frente de Adir; olhando-o nos olhos arregalados, assustados, falou, enquanto toca vamente o ombro de Samuel:

vamente o ombro de Samuel:

- Meu querido amigo! Como esperei por este momento - abriu os braços e, então, aproximou-se de Adir, envolvendo-o.

Adir dava mostras de perder a respiração, tão emocionado ficara. Abraçou o velho amigo como se abraça a uma mãe da qual se tem muita saudade, após longa separação.

- Como pode ser isso? Então você morreu

## 358

foi para o paraíso, e eu fiquei aqui, do lado de fora, depois da morte?

- Pois é, Adir. Cada um fica no local onde sua consciência o localiza.

- Não entendi!

- Não tem problema, velho amigo; não importa agora. Ao que parece, meu amigo Samuel...

Adir interrompeu o pastor imediatamente:

- Ele é amigo seu? Por acaso não é um anjo de Satanás que quer desviar minha alma do caminho do Senhor?

- Puxa, velho amigo... - falou Neemias a

Adir. - Me parece que você levou às últimas con-

sequências a leitura da Bíblia. Nem reconheço!

Adir abaixou a cabeça, envergonhado. E, em meio a tudo que acontecia, não conseguia tirar

d a c a b e ç a a s i m a g e n s d o s f i l h o s , a s q u a i s a c a b a  
-  
r a d e v e r . E r a c o m o s e a g o r a a s c e n a s s e d e s e n -  
r o l a s s e m d e n t r o d e s i . N ã o s a b i a c o m o f a z e r e o  
q u e f a z e r . S e n t i a - s e v e r d a d e i r a m e n t e p e r d i d o .  
S a m u e l d e i x o u q u e o s v e l h o s c o n h e c i d o s  
c o n v e r s a s s e m , q u e s e e n t e n d e s s e m , a f a s t a n d  
o - s e  
u m p o u c o , e m b o r a t u d o a c o m p a n h a s s e .

- E então, Adir, quer dizer que você não con-  
seguiu tirar o espírito da letra? Interpreta a Bíblia  
a i n d a n a b a s e d o o l h o p o r o l h o , d e n t e p o r d e n t e ?

- Como assim, pastor Neemias?

- Chegueia ou vir parte de sua conversa

359

c o m n o s s o S a m u e l . P a r e c e q u e a i n d a v ê p e c a d o  
e m t u d o . D o l a d o d e c á , p a s t o r , a g e n t e a p r e n d e  
m u i t a c o i s a . E d e s a p r e n d e u m m o n t e d e o u t r a s  
,  
t a m b é m .

- Agora é que não consigo entender, mesmo,

suas palavras.

- Depois da morte, Adir, o véu da ilusão cai de nossos olhos e aí conseguimos aprofundar nossa visão e enxergar o sentido real dos textos que antes estudamos. Torna-se possível rever muita coisa que pregamos e que, até aquele momento, fazia parte de nossa convicção. Aqui, a teoria é outra, a verdade é mais ampla. E despidos do artificialismo, da roupagem farisaica, somos obrigados a enfrentar a vida da forma como ela é, a brindarmos dos preconceitos e das barreiras que criamos. Somos obrigados a tirar a trave dos olhos e enxergar além de nossos próprios interesses.

- **O** senhor fala a respeito...

- Da visão sobre homossexualidade, à qual você se referiu. Da sua interpretação do pecado de Sodoma e Gomorra. Parece que sua crença nesse suposto pecado fez com que cometesse vá-

rios e engan os . E n t r e e l e s , o p i o r . . .

- E x p u l s e i m e u f i l h o C a r l o s d e c a s a ! A g o r a ,  
n ã o s e i o q u e p e n s a r , s e f i z b e m o u m a l . M a s f i z  
t u d o s e g u n d o a B í b l i a m a n d a v a .

360

- S e r á m e s m o , p a s t o r A d i r ? M e u a m i g o ! . . .

- E n ã o f a l a m a s E s c r i t u r a s s o b r e o s o d o -  
m i t a s q u e t e n t a r a m o s a n j o s d o S e n h o r ?

- B e m , m a s p a r e c e q u e N o s s o S e n h o r J e s u s  
d i s c o r d a v a d e s s a i n t e r p r e t a ç ã o . P e l o q u e p o d e  
-

m o s e n t e n d e r , e l e n ã o v i a o p e c a d o d e S o d o m a  
c o m o s e n d o a h o m o s s e x u a l i d a d e .

- M a s J e s u s c o n d e n a S o d o m a e G o m o r r a !

E s t á l á , n a l e t r a d o E v a n g e l h o .

- S e g u n d o n o s s o i r m ã o P a u l o , a l e t r a m a t a ;  
o e s p í r i t o v i v i f i c a . . . 1

- M a s e s t á l á , P a s t o r N e e m i a s . E u l i . E f o i

1 Cf. 2CO 3:6.

p o r i s s o q u e e x p u l s e i a q u e l e . . .

- Aquele filho de Deus, que precisava do seu amparo, da sua compreensão e do seu amor. Dando um tempo para Adir refletir, percebeu que ele não chegaria a lugar algum por si só. Neemias resolveu auxiliá-lo na condução das reflexões:

- Posso entender, Adir, meu amigo, que, quando a Bíblia menciona certos comportamentos humanos de ordem sexual, ela o faz de acordo com a visão das pessoas na época em que foram escritos os textos sagrados. A ciência, tanto quanto a compreensão dos problemas humanos,

361

caminhou a passos largos, mas, naquele tempo em que os textos considerados sagrados surgiram, reinava uma ignorância muito grande a respeito da vida. E sobre os comportamentos humanos, então, nem se fala.

Neemias nem esperava que Adir aceitasse de

imediatooquefalava.Porém,notandoasitua-  
çãointimadopastor,resolveuirmaisalémem  
suasponderações:

- Adiscussãonosdiasdehoje, Adir,volta-se  
muitomaisparaocomportamentohumanoeas  
pessoasqueparaafunçãogenital.Naactualida-  
de,odebateéarespeito doafeto entre pessoas  
do mesmosexo, ou de sexos diferentes, enãoso-  
mentedeummerorelacionamentocarnal, pur-  
a-  
mentesexual.Fala-sedapossibilidadeedaca-  
-  
pacidadede pessoas comuns, como nós mesmos,  
expressaremseussentimentosecompartilhar  
em  
seuafetoporoutras, quecasualmentepodemser  
do mesmosexo.Essadiscussãoeestavalongede  
existir nos tempos em que se originaram os tex-  
tos bíblicos.Portanto, como esperar que a Bibli-  
a  
nos dê resposta para uma questão que nem se-

quero correr a aos autores dos livros sagrados?

- Mas Deus diz que isso é errado! A Bíblia condena, e é por isso que agi como agi. Eu não me considero culpado.

- Será mesmo que não se considera culpado, Adir? Será mesmo que você esconde seus  
362

atos atrás de palavras escritas há 2 mil anos ou bem mais, em alguns casos, para justificar suas atitudes?

Neemias demonstrou certo rigor ao proferir essas palavras. E diante da sua postura, Adir procurou ser mais comedido, pois respeitava profundamente o velho amigo, pastor e professor que o introduziu no ministério.

- Afirmar que a Bíblia ou Deus disse que isso é pecado, é algo errado, não é uma resposta tão boa assim; não é um argumento convincente e suficientemente inteligente para se emitir um veredicto. Entre o que está escrito, Adir, e o que se

entende e acredita, está a interpretação do texto,

ou melhor, está o ponto de vista daquele que lê.

E interpretação é algo completamente pessoal,

depende da cultura e da formação de cada um.

"De toda maneira, se a Bíblia ou Deus diz que determinada coisa é errada, o texto deve pelo menos apresentar um argumento inteligente o bas-

tante, a fim de mostrar a razão pela qual é assim.

Se não, seria arbitrário da parte das Escrituras ou,

até mesmo, de Deus. Sem explicação explícita,

não haveria boa intenção e não haveria, também,

bom senso da parte de Deus, nosso Pai. E se não

houver, Adir... Aí, pelo amor de Deus! Se a moral

da Bíblia não resistir à razão, não suportar o

raciocínio, é uma coisa ilógica e não passa de im-

363

posição. Equivaleria a dizer que as coisas consi-

deradas certas ou erradas só são assim ou assado

por um capricho de Deus ou de Jesus; na pior das hipóteses, dos autores dos livros bíblicos."

- E não consigo acompanhar seus argumentos. Não consigo entender seu raciocínio, pastor

Neemias.

- Vejamos apenas um exemplo para você tentar me acompanhar o raciocínio, Adir. Paulo fala, em 1 Timóteo 2:11-14, que a mulher deve aprender em silêncio e, em 1 Coríntios 14:34-35, o apóstolo assevera que a mulher deve ficar em silêncio na igreja, pois é vergonhoso para a mulher falar ali; caso tenha dúvidas, que interrogue o marido em casa. Mas em momento algum ele esclarece o porquê dessas diretrizes de forma clara e inteligente. Porque é vergonhoso para a mulher falar na igreja? Veja quem não podemos atribuir a Deus uma opinião de nosso irmão Paulo. Não foi Deus quem disse esse absurdo, mas foi uma interpretação, uma crença de Paulo, até

compreensível para aquela época.

- E não havia pensado nisso! Eu proibí minha mulher de pregar, de ensinar na escola dominical, para as crianças...

- Pois é, pastor. Veja bem: onde está o bom senso nesse ensinamento? E o que dizer, então, da ideia de que o comportamento sexual entre

## 364

duas pessoas do mesmo sexo é errado? Baseado em quê? Qual o motivo? Qual a razão?

"Veja que em Gênesis 19:1-25, a Bíblia fala do que ocorreu em Sodoma. Na verdade, pastor, mesmo sob a visão de Jesus, expressa muito tempo depois, o pecado atribuído a Sodoma nunca foi o sexo entre homens. Repare que, de todas as pessoas que estavam naquela cidade, Ló foi o único que teve a honra de educação, conforme considerado na época, de convidar os forasteiros, os chamados anjos, a se hospedar em sua casa. 2

2 Cf. Gn 19:2-3.

"Numa região inóspita como aquela onde se localizavam Sodoma e Gomorra, num local onde a aridez da terra era de certo um complicador para os viajantes, a hospitalidade era um dever,

tido como uma forma honrosa de se praticar a caridade, conforme era entendida na época. A pessoa permanecer exposta, durante a noite, a ataques de hordas de agressores e ao frio do deserto, era realmente um disparate, pois poderia ocasionar até mesmo sua morte, ou pelas mãos dos ladrões, ou pelo frio extremo do período noturno. Essa é a razão porque a hospitalidade era considerada uma virtude. E o contrário, ou seja, a recusa em abrigar alguém, era tida como um

365

grande erro, uma grande ofensa, talvez, até, um pecado. Para os que viviam ali, naquela cultura, para todos que habitavam cidades próximas ao deserto, lugares ermos ou inóspitos, a hospitalidade era a regra básica. E não era a que proibía até mesmo o ataque ao inimigo, caso tivesse sido a brigada por alguma família, a fim de passar a noite. Ló recusou-se a sujeitar seus convidados,

o s c h a m a d o s a n j o s , a o r e l e n t o o u a o c o n v í v i o  
c o m o s h a b i t a n t e s d e S o d o m a . F a z e r i s s o s e r i a  
v i o l a r a l e i d i v i n a , a r e g r a m a i s c a r a à s o c i e d a d e  
d a q u e l e s t e m p o s . "

A d i r c o n s e g u i u a c o m p a n h a r o r a c i o c í n i o d o  
s e u a m i g o N e e m i a s , s e m p r e m a n t e n d o v í v i d a s  
a s i m a g e n s m e n t a i s d o f i l h o , a l i á s , d o s f i l h o s , a  
i n c o m o d á - l o . N ã o s e p e r d o a v a , o u m e l h o r , s e n -  
t i a - s e f r u s t r a d o , c u l p a d o , c o m r e m o r s o . E t a l -  
v e z p o r i s s o , m e s m o e n t e n d e n d o a s p a l a v r a s d e  
N e e m i a s , n ã o c o n s e g u i a p e n e t r a r - l h e s p r o f u -  
n d a -

m e n t e o s e n t i d o e s o n d a r - l h e s o a l c a n c e . **O** v e l h o  
p a s t o r c o n t i n u o u :

- N u m d o s l i v r o s d o E v a n g e l h o , e m M a t e u s  
10:5-15, a t é N o s s o S e n h o r c o n s i d e r o u o p e c a d o  
d e S o d o m a a f a l t a d e h o s p i t a l i d a d e , i s t o é , e l e  
d e m o n s t r a c l a r a m e n t e i n t e r p r e t a r d e s s e m o d o o  
t e x t o d o A n t i g o T e s t a m e n t o . E n ã o s o u e u q u e m  
e s t o u f o r ç a n d o a i n t e r p r e t a ç ã o ; s ã o a s p a l a v r a  
s

do próprio Jesus. A final, é a pós falar sobre a

## 366

eventual recusa em hospedar os discípulos, que

ele sentenciou: "Em verdade vos digo que no dia do juízo haverá menos rigor para Sodoma e Górrado que para aquela cidade". 3

"Além disso, existem outras referências na

Bíblia, no próprio Antigo Testamento, nas quais

os pecados atinentes a Sodoma são enumerados, e nenhuma dessas passagens menciona relações sexuais entre homens ou pessoas do mesmo sexo.

Ao contrário, todos os textos - Isaías 1:10-17; 3:9

Jeremias 23:14 e Sofonias 2:8-11 - fazem uma espécie de listagem dos pecados daquele povo: in-

;i Mt 10:15.

justiça, adultério, mentira, parcialidade e opres-

são. E ainda assim, em sua consciência, tem gente

que se considera servo de Deus e que força e extrapolada a interpretação de trechos como esses, para adequá-los ao partidário religioso. Enchem-se de ira, de cólera, e se inflamam ao falar e m sobre *gays* ou se dirigirem a eles. Assim, não só admitem a conduta discriminatória e homofóbica como cristã, mas também a recomendam. É possível aceitar isso?"

Respirando fundo, o pastor Neemias arrematou, para depois deixar Adirsozinho, sob o olhar e a supervisão de Samuel:

- Ainda bem que Jesus pensava de maneira diferente da que pensam tão grande número dos chamados pastores e cristãos da atualidade. Senão, eu me recusaria a acreditar num cristão homofóbico, num Jesus parcial, num messias preconceituoso... Logo ele, que andava em meio a "pecadores" e gente de má vida, como o Evangelho

367

367

Iho registra várias vezes! 4 Ele, que curava a lepro-  
sos e pagãos, 5 que conversou com mulheres como  
a samaritana ou como aquela com fluxo de  
sangue, 6 todos indivíduos discriminados pelo po-

4 Cf. Mt 9:10-13; 11:19; Lc 7:37-39; 15:2; 19:7 etc.

5 Cf. Mt 4:24; 10:8; Mc 5:29; Lc 8:26-39; J° 9 : 24-25 -

6 Cf. Lc 8:2,43; 13-32; J° 4 : 9 -

vo judeu e tidos na conta de amaldiçoados... Co-  
mo podemos adotar comportamentos segregac  
io -

nista e nos dizermos seguidores de Cristo, quando  
agir assim se parecem muito mais com a conduta  
de fariseus e doutores da lei, que foram as figuras

mais recriada e contestadas pelo Nazareno? 7

**O** pastor Neemi asse afastou, dissolvendo-se

em meio aos fluidos ambientes, sem dar a Adir

tempo para despedidas. Este permanecia ali,

sentindo-se prisioneiro, talvez num mundo cria-

do por sua própria mente, num mundo interior

forjado por culpa e castigos, por preconceitos e

repúdio do contrato e do contrato dos que viviam  
de maneira diferente ou simplesmente não viviam

## 368

o mundo como ele mesmo o via.

Samuel aproximou-se, como vido, encarando

Adir de modo penetrante. Este indagou:

- Que foi que eu fiz com meu filho, meu

Deus? Que fiz com meu Carlos? Que fiz com minha família?

Olhando Samuel frente a frente, pediu, com

vontade e visível remorso estampado no rosto:

- Se você me fez ver meus dois filhos que eu

considerava missionários, então, pelo amor de

Deus, me mostre o Carlos, me mostre o filho que eu abandonei...

7 Cf. Mt 6:2-17; 22:18; 23; Mc 7:6; Lc 11:44; '3 : I 5 -

Adir tremia todo; se não estivesse fora do cor-

po, com certeza morreria uma segunda vez, co-

mo viria a dizer mais tarde. Perante seus olhos

marejados, Samuel o surpreende e transfigura-se

à sua frente. Era o próprio filho que ele abandonara. Era Carlos, o filho *gay*, que, desencarnado, voltou para buscar o velho pai, consumido pelo

sofrimento e pela culpa durante toda a vida. Samuel abraçou-o longamente, tocando-lhe os cabelos

com delicadeza e chorando, naquele momento ímpar de encontro de duas almas. Adir não se conteve. Abraçou-o também:

- Perdão, meu filho, perdão! Perdoe seu velho pai... Eu pequei, meu Deus! - gritava, aos 369

prantos. - **0** que fiz com meu filho, Senhor? **0**

que fiz com os filhos que a mim confiaste?

Ambos choravam, embora Adir se entregasse a um pranto convulsivo e Samuel permanecesse

emocionado e agradecido. Depois de longo tempo

abraçados, tendo o pastor sido aconchegado pelo

los braços do próprio filho, resolveu perguntar:  
- Que houve com você, Carlos? Ou será Samuel? Para onde você foi, meu filho amado? -  
pelaprimeiravezarticulouempalavrasoamor  
pelofilho.Talvezpelaprimeiravezdesdeain-  
fânciadeCarlos.

Enxugandoaslágrimas,Samueltomouco-  
ragem, respirou fundo, de forma a haurir forças  
doAlto,econtousua história:

- Depois que você me expulsou de casa, meu  
pai, fui morar com uma família em Petrópo-  
lis, na região serrana do Rio de Janeiro. Lem-  
bra-sedaquelafamíliaqueosenhorpediupar  
a  
se retirar da igreja? Aqueles que não concordaram  
com o senhor quando estava construindo o  
prédio? Eles me acolheram. E me correspon-  
di com eles por um ano e lhes contava as dificulda-  
des enfrentadas em casa, tanto por minha mãe  
quanto por mim. Foi quando o senhor resolveu

me expulsar, após eu lhe contar que era *gay* e falharem os exorcismos, as correntes de oração e libertação.

370

Respirando mais, evitando falar do próprio sofrimento após o trágico incidente, Samuel continuou, refeito das emoções:

- Fui para Petrópolis, meu pai, e lá em pouco tempo conheci uma rapaz que me ajudou a me encontrar. A família com a qual convivi me auxiliou muito, e conversamos muitas vezes sobre meus dilemas, sobre o que ocorria comigo. Eles fizeram de tudo para e eu não desenvolver nenhum rancor nem ódio contra o senhor. Aos poucos compreendi o estado emocional e a postura de pastor, que o movia. Um dia, eu e meu namorado voltávamos da cidade do Rio de Janeiro, onde ele compareceu a uma entrevista de emprego. Subíamos a serra; em meio a uma ne-

blina muito forte, o carro dele bateu e chocou -  
-se contra outro, que vinha em sentido contrário,  
avançando na pista. Naquele acidente eu deixei

o corpo violentamente e aqui estou, seu filho, so-  
frendo junto com você, meu pai; sofrendo com  
minha mãe, masorando por ela e por nós - por  
você e por meus irmãos, que, revoltados, se con-

somem em caminhos que escolheram, nos quais  
experimentam sofrimentos e se meiam situações  
completamente desnecessárias para eles.

Samuel discorre por alguns minutos, falan-  
do da forma como ampara a sua velha mãe e  
como aguarda o momento de tocar no coração

371

do pai, Adir. Explicou como teve de estimular  
suas reflexões, promover um tempo de cere-  
bral, a fim de despertar o pai, para que  
revisse suas atitudes e posturas, que fizeram so-

frer toda a família.

Adir ouvi a tudo derramando lágrimas, com uma vergonha imensa de si mesmo e do filho.

Fora amparado exatamente pelo filho *gay* que desprezara e execrara por tantos anos. Pouco a pouco, Adir se acalmava, à medida que Samuel tocava-lhe os cabelos, alisando-os, acariciando-os como não fazia há tempos. Lentamente, acabou por adormecer, suavemente aconchegado pelo filho, até que dormiu profundamente e sonhou. Sonhou que estava no leito de um hospital. Adir simplesmente libertou-se da que-

la prisão mental, da dimensão em que se sentira prisioneiro. Resurgia em outro lugar, e em outras circunstâncias.

Samuel levantou-se do local onde se encontrava, onde estivera segurando o corpo espiritual do velho pastor Adir. Olhou para o alto, rumo a um país distante da dimensão. Iluminou-se

completamente; sua aura alcançou dimensões

extraordinárias e, como um a borboleta de luz, transfigurou-se, tornou-se uma estrela, singrando o firmamento daquela dimensão e dirigindo-se para junto de outras almas, mais esclarecidas,

372

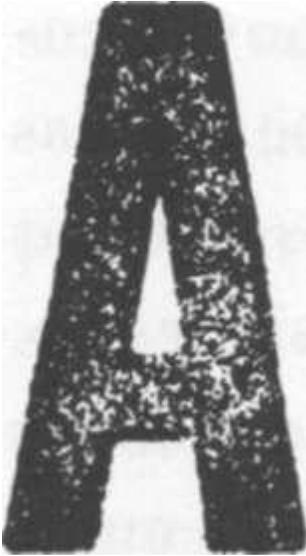
rumo a um mundo onde não havia rancor, nem perseguição, nem preconceito, nem homofobia.

Ali, para onde ia, todos se amavam e se respeitavam. Todos acreditavam numa manhã iluminada

pelas luzes de uma espiritualidade sem fronteiras, sem proibições. Samuel regressara para junto de seus amigos pertencentes a um mundo plural, colorido com todas as cores do arco-íris.

12

**O**  
**DESPERTAR**  
**DE DUAS**  
**VIDAS**



### **3H33 D A M A D R U G A D A**

**DIR A C O R D O U** na cama da própria casa. Respirava com dificuldade, enquanto a mulher fazia massagem em seu peito e gritava por socorro. A parada cardíaca pareceu haver colocado fim à vida de Adir. A esposa não poderia suportar a perda dele. Depois dos filhos, de Carlos, que se fora, expulsou pelo pai; dos outros dois, que partiram pelo mundo assumindo o trabalho missionário para nunca mais dar notícias, agora a possibilidade da morte do espo-

so. Isso ela não aguentaria. E chorava, chorava e gritava pelo poder do sangue de Jesus.

Mas Adir ainda não morreria. Depois de intensas rogativas e muita exasperação, ela aguardava o fim, o veredicto da morte. Queria orar pelo marido, mas não conseguia. Ouvira-o urrar exatamente no instante em que se levantara

para o momento da oração, que escolhera para pedir pelos filhos, por sua alma e por si própria. Foi quando ouviu os gritos roucos, abafa-

dos, e saiu correndo, encontrando Adir estendido

na cama, como solhos parados, quase sem respirar - ou será que respirava ainda? Ela apavorou-se; rasgou a camisa que o marido vestia para dormir e fez-lhe respiração boca a boca.

Tudo foi muito rápido. Forçou as mãos contra o peito dele, como aprendera nas aulas de pri-

meirossocorros. A dirpareciarespirarnovam  
en-

te. Forasomenteu msusto. Passara-seapenas  
um minuto. Um minuto domundo dos homens  
em que opastor esteve prisioneiro de si mesmo.

Um minuto de eternidade em que a culpa e a  
dor, o remorso e o reencontro se deram numa  
dimensão alémdo tempo, do espaço, das pos-  
sibilidades de Adiresua mulhercompreende-  
rem, explicaremou crerem. A dirabriuos olhos  
,

respirandocom dificuldades, dandomostras  
de

queagonizava.

## 378

- Rute, pelo amor de Deus!... - exclamou, com a respiração ofegante. - Eu fui ao inferno, Rute. Eu estive no inferno e fui libertado por um anjo de Deus. Eu vi o Carlos...

O velho pastor fez leve careta e tornou a sentir o coração falhar.

- Deixa disso, Adir. Agora não é hora para isso, homem! Vamos orar. Eu vou pedir a Deus um milagre em sua vida...

E antes que Rute pudesse sequer formular uma frase, Adir deu o derradeiro suspiro. A respiração parou definitivamente, para não mais voltar. Rute chorava, gritava pelos angus de Jesus. A vizinhança se alvoroçou. Depois de alguns minutos, o corpo do pastor era levado pela ambulância, dado como morto. O coro dos fiéis entoava uma música nostálgica, falando do paraíso -

so, dos salvos, dos eleitos.

Os filhos não vieram - não souberam, não puderam ou não quiseram vir, nem naquela dia nem nos demais. Rute nada sabia sobre o destino deles, nem mesmo de Carlos, a quem tanto amava, embora houvesse permanecido silenciosa e inerte quando ele mais precisou. E Adir partia, com algo terrível como segredo. Um segredo que somente ele conhecia, guardado em sua memória, a memória espiritual. **O** corpo foi levado para o hospital.

379

A esposa ficara, tomando providências, preparando o enterro, a documentação... Sofrendo? Ninguém sabe. Aliviada? Possivelmente. Só se sabe que não chorava mais. Que coisa estranha, essa. Se chorou na hora da morte, foi alguns minutos apenas; depois, já não chorava. Ou

a slágrima se secaram ou, então, se sentira aliviada, liberta; possivelmente se sentisse desprezada, talvez pela própria vida. Era algo assim melancólico, trágico, porém sem saudades. Dev

eria dar cabo dos afazeres relacionados à morte, ao enterro. Planejar o velório, as comidas, a cova.

Até mesmo o cortejo com os hinos, o carro de som que anunciaria pela vizinhança a morte do pastor, o servo de Deus.

**O** defunto nem havia ainda *defuntado*, e os

fiéis já estavam se mexendo, remoendo as lem-

branças, cantando qualquer coisa que recordas-

se esperança e fé. A cova e o coveiro também

foram, por suavez, devidamente acertados. De-

veria ser um coveiro convertido, batizado. Assim

quisera o pastor, assim deixara claro nas suas

pregações, no seu palavrado de crente convicto

salvo e consagrado.

Mas o morto não merecia todo esse cuidado.

Ao menos, assim pensava Rute. Libertada, de alma

lavada, após os primeiros gritos, o choro arrumado, o pranto sofrido de alguns minutos ape-

## 380

nas. Era o desespero de quem se vê sozinha na vida; mas, afinal, quem precisa de um companheiro como aquele? Que espreme, aperta, sufoca, cobra e maquina a perdição junto como mais velho de mônio do inferno? Pois assim foi que ouviu, durante toda a vida de casada, sobre aqueles que se perderiam caso renegassem não

Jesus, propriamente, mas o que a igreja ensinava a respeito dele. E Rute respirava o suspiro, o respiro, a aragem experimentada somente pelas aves libertas, com o libertas e sentia, da gaiola das crenças impostas. Enquanto isso, Adir parava mais além, sensível aos sentimentos que para trás deixara, inspirara, naqueles a quem dizia

haver conduzido aos braços do Pai.

Foi assim que o velho pastor partiu, deixan-

do como herança somente a sua igreja com os fiéis, à mercê de qualquer outro pastor ou missionário que tivesse a coragem de substituí-lo, desagrar-se com a mandante da quele batalhão de almas crentes, dedicadas, acostumadas a serem guiadas, moldadas a ferro e a fogo. Mas Rute, a mulher do pastor, ao lembrar o filho expulso, os filhos que se foram, entregou-se à amargura. Não verte uma lágrima, mesmo havendo ante visto o futuro, provavelmente, na solidão. Não se permitiu chorar. Nem mesmo

## 381

de s a u d a d e . N ã o q u i s s o f r e r a d o r d a p e r d a m a i s  
u m a v e z . A p e n a s a e x p e r i m e n t o u c o m o u m a g o -  
t a a m a r g a , m a s n ã o m a i s d o q u e u m a g o t a . E s e  
e n t r e g o u à a n g ú s t i a , à e s c r a v i d ã o m e n t a l e e m  
o -

c i o n a l - e s t a , o u t r a f o r m a d e d o r .

P o r A d i r n ã o s o f r e r i a m a i s . N ã o e s p e r n e a r i a ,  
n ã o g r i t a r i a m a i s d o q u e o f e z p a r a c h a m a r a  
a t e n ç ã o d a v i z i n h a n ç a e d o s i r m ã o s , n a o c a s i ã o  
d a p a r t i d a . M a i s n ã o f a r i a . M a i s n ã o s o f r e r i a .

N ã o p o r e l e , o m o r t o , o a l g o z d e s u a a l m a . A s s i m  
c o n s i d e r a v a , v e l a d a o u a c a n h a d a m e n t e . A c e i  
t o u

a m o r t e d o p a s t o r c o m r e s i g n a ç ã o . E s e e s f o r ç a -  
r i a p a r a n ã o l e m b r a r m a i s , p a r a n ã o s o f r e r m a i s .

A d i r s e v i u s o z i n h o e m m e i o a o s p e n s a m e n -  
t o s , à s e m o ç õ e s c o n t u r b a d a s , a o s s e r m õ e s d e c o -  
r a d o s s o b a l u z e s t r e l a s o u d o f o g o d e a l g u m l u -

garermo, do averno, talvez na antecâmara a deste.

Não fora capaz de inspirar nem mesmo as lágrimas de alguém para chorar por ele de maneira genuína, sentimental, verdadeira; nem mesmo

lembranças ternas deixara. Apenas o alívio que sua morte causou na mulher a quem dominara a vida inteira. Nada mais.

A morte de Adir sucedera, tanto para a esposa quanto para muita gente da congregação, não como a passagem a outro mundo ou o ingresso num presumível paraíso. Ele não somente passara do presente para o pretérito, demarcando a mais que o emprego de novo tempo

## 382

verbal, fato este nem sempre compreensível por aqueles com quem conviveu. Simplesmente ingressara, de maneira irremediável, no passado das vidas de todos. Principalmente nas de Rute, dos filhos perdidos e como salvos tidos, da mulher que se enterrara não na covaca com o marido, mas nas teias da solidão escura. A morte de Adir se restringira ao mundo asséptico da igreja, das crenças impostas, vigiadas, quase mortas de tão rígidas, como ele mesmo talvez estivesse naquele momento. E assim, com o personagem de uma história, a sua história, ele jamais conseguiria reverter o fato de quem modificara para sempre sua localização geográfica, na gramática da vida, do tempo presente ao passado indefinível, na

vida daquelas pessoas.

Adir dormia... além da sepultura, além da morte, num país chamado saudade. Entre as estrelas do firmamento, Samuel - ou melhor, Carlos - embalava o espírito do pai, que, adormecido, sonhava com todos os detalhes possíveis; sonhava, em todas as cores do arco-íris, com os fatos vividos, as emoções sentidas, as saudades reprimidas. De alguma maneira e para a surpresa de Adir, ele fora recebido pelo próprio filho que expulsara do lar. Adir sonhava, tinha pesadelos; enfim, via a própria vida transcorrer nas telas mentais como um filme, de trás para

383

frente. A imagem exibida pelo fantástico poder da memória espiritual mostrava um homem arrependido, transfigurado pelo remorso, pela saudade, pela vontade de acertar. Ele teria nova oportunidade, nova chance de se redimir.

Quem sabe, voltaria na nova existência como a

l-  
gué ainda em dúvida quanto às próprias emoções; quem sabe sua consciência o abonaria para reencarnar como médium, a fim de auxiliar outras pessoas a se reencontrar ou, então, para combater o preconceito de que fora veículo?

Quem sabe, ainda, renascesse não como um espírito índigo, mas, talvez, como um espírito cor-de-rosa, como *gay*? Quem sabe, quem sabe?!..

Somentes saberia de tudo isso, com certeza, no próximo minuto. Num próxima vida.

**N A S A V E N I D A S D O** Rio de Janeiro, uma ambulância corria a toda velocidade. Dentro dela, um rapaz fora quase ressuscitado, após um acidente. Hugo voltara à consciência. Ficou durante um minuto desacordado, um minuto apenas, porém o suficiente para absorver intuições e inspirações. Diante do impacto do carrão poste,

perdeu a consciência física, mas naquele minuto  
havia tido a máxima importância para o resto  
de sua vida. Durante o transe em que a parenta -

## 384

v a p e r d a d a l u c i d e z , r e c o b r o u o s e n t i d o d a e x i s -  
t ê n c i a . P e r m a n e c i a n a a m b u l â n c i a , s e n d o l e v a d o

e m d i r e ç ã o a o h o s p i t a l .

- C o n s e g u i m o s t i r á - l o d e l á c o n s c i e n t e , g r a -  
ç a s a D e u s ! - f a l o u u m d o s p a r a m é d i c o s .

- A g o r a p r e c i s a m o s l o c a l i z a r a f a m í l i a .

- J á l i g u e i e f a l e i c o m a i r m ã d o r a p a z . E l e  
s e c h a m a H u g o .

- E c o m o v o c ê s a b e d i s s o ? C o m o c o n s e g u i u  
o t e l e f o n e d a f a m í l i a ?

- P e g u e i o c e l u l a r q u e e n c o n t r e i e m b a i x o  
d o a s s e n t o d o c a r r o . P o r s o r t e , n ã o e s t a v a b l o -  
q u e a d o . L o c a l i z e i u m t e l e f o n e d e e m e r g ê n c i a , e  
q u e m a t e n d e u f o i a i r m ã d e l e . E l a j á e s t á a c a -  
m i n h o d o h o s p i t a l .

H u g o f o i l e v a d o p a r a u m a u n i d a d e d e e m e r -  
g ê n c i a , a f i m d e s e r a t e n d i d o c o n f o r m e o p r o t o -

colo. No entanto, logo foi transferido para o Hospital Samaritano, a pedido da irmã. Foi para lá que ela se dirigiu, juntamente com Ralph, o primo recém-chegado de Nova Iorque. Assim que chegou ao hospital, o rapaz recebeu um sedativo; os familiares só puderam vê-lo bem mais tarde, quando amanheceu o dia. Kelly entrou no quarto onde a irmã estava, acompanhada de Ralph. Encontraram Hugo ainda adormecido, com uma das pernas engessada e vários ferimen-

385

tos espalhados pelo corpo; entretanto, estava bem cuidado, com os devidos curativos. Dormia profundamente.

Kelly olhou para o primo sem saber o que fazer, como a pedir socorro:

- Meu Deus, eu não sei como ele conseguiu chegar a onde chegou. Saiu tão desequilibrado lá

d e c a s a . . .

- N ã o s e p r e o c u p e , m i n h a p r i m a - f a l o u

R a l p h , a c o n c h e g a n d o - a n o s b r a ç o s . - V a m o s n o s  
i n t e i r a r d e t u d o c o m o m é d i c o , a s s i m q u e a l g u m  
a p a r e c e r p o r a q u i . P a r e c e q u e H u g o e s c a p o u p  
o r

p o u c o . G r a ç a s a D e u s , o *airbag* f u n c i o n o u b e m .

A l é m d i s s o , e l e d e v e t e r a l g u é m l á e m c i m a q u e  
o l h a p o r e l e . D o c a r r o n ã o s o b r o u m u i t a c o i s a ,  
p e l o q u e o u v i .

- N e m m e f a l e , R a l p h . N e m m e f a l e . Q u e r i a  
a p r o v e i t a r e l h e p e d i r u m f a v o r .

- F a l e , m i n h a q u e r i d a . S a b e q u e e u f a ç o  
q u a l q u e r c o i s a p r a a j u d a r .

- E a l g o q u e m e i n c o m o d a m u i t o t e r d e p e -  
d i r a v o c ê , m a s , n e s t a s i t u a ç ã o , n ã o s e i q u a l s e r i a  
a m e l h o r c o i s a a f a z e r .

- P e ç a , f a l e l o g o , a n t e s q u e m e d e i x e l o u c o .

J á e s t o u a p o n t o d e e x p l o d i r c o m t u d o q u e a c o n -  
t e c e u n e s t a n o i t e .

- Queria lhe pedir para ficar lá fora um pouco. Você viu o estado alterado em que Hugo se encontrava lá em casa, durante a recepção que

386

preparei com muito carinho pra você. Tenhom e -

do de ele acordar de repente, ver você aqui...

- Está bem, Kelly, está bem! Mas eu não queria ficar de fora desta situação. Mesmo correndo o risco de ele se alterar comigo mais uma vez, eu daria tudo pra ficar ao lado dele agora -

Ralph falou emocionado, bastante sensibilizado

ao ver o primo naquele estado.

- Mas você faria isso por mim? - perguntou Kelly, demonstrando real preocupação como je i -

to como o irmão acordaria ao ver o primo, como qual não se dava na vida bem.

- Na verdade, eu não sairia, caso você não me pedisse com tanta insistência. Prefiro enfren-

tar um a p o s s í v e l crise de fúria de H u g o a deixá-  
lo a q u i , m a s . . .

- M a s e u f i c a r e i d e p l a n t ã o p e r t o d e l e . A l é m  
d o m a i s , v o c ê v a i e s t a r l o g o a l i f o r a , n a s a l a d e  
e s p e r a . . .

E n q u a n t o c o n v e r s a v a m , H u g o f o i r e t o r n a n d o  
d o e f e i t o d o m e d i c a m e n t o . A c o r d a r a , e m b o r a d e -  
v a g a r , m a s o b a s t a n t e p a r a e s c u t a r p a r t e d a c o n -  
v e r s a d e K e l l y c o m o p r i m o . B a l b u c i a n d o , r e u n i  
u

f o r ç a s e a r t i c u l o u , f o r ç a n d o p a r a s e r o u v i d o :

- D e i x e e l e f i c a r , K e l l y ! Q u e r o q u e R a l p h f i -  
q u e a q u i , t a m b é m . . .

O s d o i s v o l t a r a m - s e a s s u s t a d o s p a r a H u g o ,  
q u e t e n t a v a s e m e x e r n a c a m a , m a s m a l c o n s e -

387

g u i a m o v i m e n t a r a c a b e ç a . **O** a c i d e n t e d e i x a r a

- o m u i t o f r a c o e d e b i l i t a d o , c o m v á r i a s p a r t e s d o  
c o r p o a f e t a d a s , a i n d a q u e t e m p o r a r i a m e n t e .

- H u g o ! . . . - e x c l a m o u R a l p h . - G r a ç a s a

Deus, você está bem! Quer dizer, está se recuperando. **O** que aconteceu com você? Me conta, está se sentindo bem?

Esboçando um riso que mais parecia uma máscara estampada em seu rosto, Hugo tentou responder:

- Fui um louco Ralph, um louco e sem responsabilidade!

- Pare com isso, meu irmão - intrometeu-se Kelly na conversa.

- É isso mesmo, Kelly. Eu fui um irresponsável! - enquanto falava, Ralph se aproximou de

Hugo e, num gesto mais delicado do que de carinho, tocou-lhe a mão levemente. Logo foi correspondido por Hugo, que lhe apertou os dedos, mesmo com poucas forças.

- Quero lhe pedir perdão, Ralph. Fui inconsequente e mal-educado com você. Me perdoe, cara! - falou olhando diretamente nos olhos do

primo, agora, no entanto, com um olhar que dizia muito mais do que palavras.

- Que é isso, rapaz!? - falou Ralph, como visto com a postura diferente do primo, até mesmo delicada, pela forma como o olho segurou

## 388

sua mão. - Não guarde nenhum rancor. **O** que importa mesmo é que você saia logo daí. Afinal, tem muitas meninas lá fora, loucas para te ver, e você tem muito o que aproveitar da vida. Fique bom, que isso já é suficiente.

Pensando um pouco e com uma discreta lágrima descendo-lhe a face, Hugo falou ainda, com voz entrecortada:

- Não quero saber de visita de menina alguma. Quero que você fique ao meu lado - tossiu um pouco, aumentando assim a dificuldade que tinha para se exprimir. - Quero que especialmente você fique ao meu lado - disse, olhando novamente para Ralph.

Kelly olhou para Ralph sem entender o que se passava, mas feliz, pois Hugo parecia haver se modificado muito após o acidente. Disso não

restava dúvida! Parece até que vira algo, um fantasma ou qualquer coisa do gênero. Mas que mudara, mudara. Ralph não conseguiu conter mais as lágrimas, bastante emocionado com a reação do primo, e então chorou. Talvez desabandando todo o conteúdo emocional reprimido durante os poucos momentos que passaram juntos de Hugo e Kelly, desde que retornara ao Brasil. Liberava toda a tensão gerada pela forma como o primo o tratava, feliz porque a situação se modificaria por completo.

## 389

- Não se preocupe, meu primo. Ficarei a seu lado o tempo que puder.

E realmente foi assim. Por quinze dias, Ralph e Kelly ficaram juntos no hospital, numa partamento que acomodava acompanhantes. Dia a dia Hugo parecia melhorar; e em diversos momentos, olhava para Ralph de maneira diferente, quase pedindo para ficar a sós com o primo. Mas airmã não arredava pé. No fundo, tinha medo de uma recaída de Hugo, de que ele em algum momento viesse a tratar mal o primo. Mas Hugonem de longe pensava em voltar atrás. Conversavam sobre quase tudo. Hugo queria saber, aos poucos, das novidades na vida de Ralph e do restante de sua família, que havia permanecido no outro continente.

Alguns dias mais, e Hugo foi liberado do

hospital com algumas recomendações médicas.

Sai daquele acidente totalmente transformado,

de corpo e alma. Levado para casa, exigiu que

o primo deixasse o hotel e ficasse com eles em

casa; porém, Ralph se recusou terminantemente.

Estava bem instalado e não queria, de forma al-

guma, causar transtornos para a família.

Kelly teve de se ausentar um dia, deixando

Hugo aos cuidados de Ralph. Hugo já se levantava, caminhava sozinho e conseguia, até certo ponto, retomar os movimentos e a autonomia,

390

mesmo que sob cuidados médicos e fazendo uso de medicamentos.

Tudo aconteceu num tarde em que Ralph

descansava na sacada, observando o movimento

na orla, a o longe , quando Hugo se aproximou devagar , quase sutil. Percebendo a presença do primo , Ralph se sentiu subitamente desconfortável ,

pois também não esquecera o que ocorreu entre eles dez anos antes. E como Hugo modificara radicalmente o comportamento ao longo desses anos , Ralph tinha receio de que sua presença pudesse , de algum modo , perturbar o primo - logo agora , quando a relação entre ambos parecia restabelecer - se , com uma amizade incipiente e uma aproximação mais tranquila . A mudança recente se devia ao acidente de automóvel no qual Hugo

se envolvera , quase perdendo a vida . Retomar a

a consciência surpreendentemente transformado ,

como se algo houvesse ocorrido com ele enquanto

-  
to esteve em estado alterado de consciência , após

o acidente. Ralph não entendia dessas coisas e não queria deixar seus pensamentos vagarem por essas vias. Seja de que forma fosse, tinha medo da eventual aproximação do primo. Queria que tudo transcorresse com mais vagar, respeitando os limites de Hugo.

Em suas cogitações Ralph foi surpreendido pela atitude do primo. Hugo chegou-se, tocando

## 391

doligeiramente e quase trêmulo o ombro de Ralph, que se assustou com o gesto inesperado. Conversando qualquer coisa sem muita importância,

Hugo permitiu que a mão deslizasse pelo ombro de Ralph, como se estivesse esboçando o certo carinho. O coração de Ralph quase explodiu, e a taquicardia se manifestou, ante o assombro com o carinho explícito do primo. Era mesmo uma carícia, afinal? Sim, não havia margem para dúvida. Fato é que não teve palavras para dissuadi-lo, tampouco pôde evitar. Estava paralisado com o gesto. Hugo continuou observando a orla

enquanto suavemente tocava o primo, tentando

disfarçar, com as palavras, a ternura que dese-

java transmitir, e embora não tivesse muito jeito

com isso. Principalmente com outro homem. E

quantomaisesboçavaocarinhoreprimidoadu-

raspenas, durante dez anos, mais Ralph parecia

petrificado, até que, de um momento para outro, começou a tremer, devido à tensão.

- Desculpe, primo - falou Hugo, ao notar o nervosismo de Ralph. - Eu não queria causar constrangimento em você. É que se passou tanto

tempo, e eu fui tão...

Ralph voltou diretamente o olhar para o primo. Procurou encarar a situação com o máximo de naturalidade, ficando frente a frente com o improvável Hugo. Os olhares se cruzaram, se fi-

392

xaram e, neste momento, as corações de Hugo e

Ralph pareceram disparar. Havia uma comunicação não verbal, não articulada, mas perfeitamente

mente eficaz e compreendida. Os corpos de am-

bo pareciam, agora, corresponder à emoções

que agora afloravam, após anos de repressão.

Ralph manteve-se de pé, respirando fortemente,

demonstrando tanto seu nervosismo quanto seu desejo, que explodia manifestando-se no corpo jovem através do suor, da musculatura retraída, não relaxada, pulsante de vida.

Pela primeira vez, Hugo se permitia sentir

a resposta física de suas emoções direcionada a outro homem, sem barreiras, sem dramas, sem nada que pudesse nublar suas intenções, sem a necessidade de esforço para dissimular sua atração, seus desejos agora revelados pela exuberância do corpo, que falava muito mais do que qualquer palavra. A proximidade com Ralph lhe provocava um leve tremor; o cheiro do primo fazia com que seus hormônios entrassem em ebulição. Estavam tão próximos que foi impossível para Ralph ignorar o fato de que Hugo experi-

mentava uma ereção, enquanto seus corpos se atraíam um pelo outro com um magnetismo irresistível. Não suportando mais, Hugo beijou o primo mais uma vez. Desta vez, dezanos após o primeiro contato, porém, beijou-os ofregamente,

393

com toda a volúpia de sua alma, que arrebentou a represacriada para impedir que se assumisse e reconhecesse sua paixão, enquanto recorria à

mentira, à repressão e à homofobia.

Ralph também não resistiu. Agarrou o pri-

mo, ignorando por um instante que ele talvez

ainda sentisse dor, devido ao acidente; mesmo

assim, tomou-o nos braços e o conduziu ao leito.

Ali, seus corpos se tocaram, tocando-se,

abraçaram-se, enquanto Hugo delirava como

prazer que despertava nele, em cada célula, ca-

-

da átomo. Não imaginava que outro homem pu-

desse fazê-lo se sentir assim, tão intensamente vivo; jamais cogitara que um corpo masculino pudesse suscitar sensações de prazer indescritível como asexperimentava. Naquele momento, só havia ele e Ralph, que não se sentia nem um pouco inibido a demonstrar seu carinho, mostrando sua virilidade e penetrar a alma de Hugo, tanto quanto seu corpo, numa explosão de prazer, sensualidade e magnetismo, intenso magnetismo, coagulado e depois liberado em cada gota de sêmen, que parecia escorrer como a lava de um vulcão, numa erupção dos sentidos.

Hugo gemia de prazer. Intimamente, confessava a si mesmo que nunca experimentara tamanha sensação de plenitude, tão genuína e intensa, quanto nesse contato arrebatador dos sentidos,

que acontecia, que vivenciava com Ralph. Após

os longos momentos em que trocaram suas energias mais íntimas, os fluidos corporais exsudados pelo calor da paixão duramente reprimida, beijaram-

se eternamente; tão mágica e suavemente que

esse ato conseguiu romper de vez qualquer possível barreira que restasse na intimidade de Hugo.

Agora descansavam sobre a cama, abraçados, como dois namorados, como dois amantes.

Ralph não sabia dizer quais pensamentos se passavam em sua cabeça, porém, de uma coisa sabia: sentia-se feliz. Imensamente feliz.

Passada mais de uma hora em que os dois ali

estavam, já quase adormecendo, curtindo ainda

o transe hipnótico da presença do outro, sem palavras, sem desculpas, sem barreiras, ouviram

os passos de Kelly, que adentrava o apartamen-

to sem nenhum porquê que ele a levasse a disfarçar sua presença. Ralph olhou para Hugo, como a esperar dele uma reação, talvez na tentativa de esconder o que houve entre ambos, mas foi surpreendido mais uma vez. Hugo levantou-se de

vagar, quase devagar demais, beijou longamente

a boca de Ralph e envolveu-se num ato alha que pegou no *loset*. Deu alguns passos de volta até o primo e segurou-lhe a mão, estimulando-o a levantar-se também. Ofereceu-lhe o outro ato alha,

395 na qual se abrigou. Quase arrastado, dirigiu-se

à sala, tendo a mão puxada por Hugo. Um gesto realmente inesperado.

Quando Kelly viu os dois entrando na sa-

la, enquanto arrumava algum assas de com-

pras, parou imediatamente, estupefata. Arre-

lhou os olhos, literalmente, ao ver seu irmão, que

se comportava como machão, que havia sido tão rude com o primo, protagonizando aquela cena.

Ambos enrolados em toalhas bem ali, ao alcance dos olhos, revelando, com inquestionável evidência,

que trocaram intimidades. Mas Hugo não deu tempo de Kelly falar absolutamente nada.

Nem mesmo perguntando a Ralph se ele queria ou não mostrar-se assim para a prima, a quem

do que falou. Na frente de Kelly, beijou o primo, abraçando-o e sendo correspondido por ele automaticamente, quase mecanicamente, para

seguida falar com a irmã:

- Não se assuste, irmã. Resolvi assumir meu amor por Ralph, assumir que sou *gay*, homossexual, bichame mesmo!

E vendo o espanto, quase o choque da irmã,

arrematou, com leve sorriso.

- Tudo aquilo que eu falei no passado contra Ralph, chamando-o de boiola, de bichinha, de todo adjetivo que encontrei para fazer com que se sentisse diminuído, eu agora estou experimentando. Era disfarce, fuga, máscara mesmo.

396

Kelly ria, devido ao nervosismo. Ria a plenos pulmões. Ria como nunca rira em toda a sua vida. Abraçando os dois, falou para o irmão, num tom de brincadeira:

- Então euteenho um irmão boiolinha, uma moça!...

Rindo os três juntos, Hugo arrematou:

- Um moçoila!

Eriam gostosamente.

Nos bastidores da vida e desses acontecimentos, amigos invisíveis presenciavam o encontro entre Hugo, Ralph e Kelly. Havia um dispostos guardiões em todo o apartamento, a fim de im-

pedir o acesso de outros espíritos com segundas intenções, que pudesse bisbilhotar o ambiente e interferir nos momentos de intimidade dos dois primos, das duas almas que se reencontravam. Um campo invisível, porém perceptível a qualquer espírito, envolvia o quarto de Hugo e só foi desfeito esse campo de força quando os dois deixaram o ambiente. **O** momento íntimo de ambos serviu para Hugo e Ralph se reabastecerem, na troca energética proporcionada pelo encontro íntimo. As demais energias ali liberadas foram dispersas na atmosfera, de modo que nenhuma entidade vampirizada ou a pudesse sugar ou roubar os fluidos exalados e exsudados no local, que estava preservado de absorções energéticas indevidas.

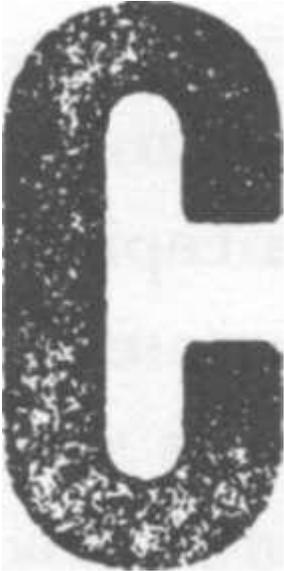
397

Samuel, Arthur e Nestor retiraram-se do ambiente satisfeitos, porque Hugo havia solucionado alguns de seus desafios mais áspersos. Outros restavam a enfrentar, é claro, mas, com a

presença de Kelly e Ralph em sua vida, por certo teriam muitos instrumentos para solucionar os obstáculos naturais de sua caminhada. A Ralph, restava resolver a situação como o amigo de Hugo, Sebastian, que se aproximara dele. Mas esse capítulo ele deixaria para mais tarde, para outro dia, quem sabe, para o próximo minuto.

13

**RENASCIDO  
PARA  
AMAR**



**É SARACORDOU** dodesdobramentoain-  
da comimagensvívidasnamemória.  
Retomouocorpo físico pretendendo,  
emalgumamedida, escrever sobre o  
poucoquelembrava. Noentanto, o  
barulholá fora, oburburinho de al-  
guns grupos, esfuziantes em virtude das festas  
queocorriam em toda a cidade após a Parada  
Gay, nas baladas da noite, não odeixaramtran-  
quilo o bastante para registrar as ocorrências das  
quais se recordava. Não obstante, voltou com  
ânimo renovado, com energias revigoradas e uma

disposição tão boa que quase não se reconhecia.

Do outro lado da vida, numa dimensão próxima, Samuel procurou deixar tudo preparado.

Não abandonaria César, pois afeição era-se a ele.

Pediua dois guardiões que o acompanhassem no regresso ao corpo. Mas pediu, também, que providenciassem algo mais. Uma surpresa agradável para a paz que ainda não havia se assumido, nem descoberto seu caminho. Samuel temia que César se envolvesse com a pessoa errada e recebesse a influência de alguém que pudesse, de alguma forma, complicar-lhe a vida espiritual.

Dessa preocupação César nada sabia. Porém, os

guardiões mexeram alguns pauzinhos nos basti-

dores enquanto César ainda permanecia pensati-

vo em seu quarto, num hotel muito simples nos

arredores da Bela Vista, em São Paulo.

O tempo se passou, e César conseguiu um emprego muito bom numa empresa da capital. Estabelecera-se, montara o próprio apartamento, embora as dificuldades esperadas; mas sentia-se otimista. O tempo transcorria, enquanto, nos bastidores da vida, os acontecimentos eram observados, acompanhados de perto pelos amigos espirituais de César.

A festa de casamento de Igor, amigo de uma amiga que se mudara para São Paulo havia sete anos, já era um evento esperado. O rapaz se casaria na semana seguinte com a mulher de seus sonhos. "Hétero convicto e praticante", afirmava

402

sempre, namorou durante cinco anos a menina

de sua vida, como costumava chamá-la; resolveram,

depois de alcançar certa estabilidade financeira, enfrentar o casamento. Ou seja, decidiram

em comum acordo que queriam, desejavam viver juntos, além de se casar com boa e circunstância, conforme manda o figurino.

Tudo fora preparado com esmero por ambas as famílias. Igor se casaria, finalmente; concretizaria o sonho de constituir uma família. Ana Cristina sentia-se realizada, pois, transcorridos cinco anos entre namoro e noivado, muito planejamento e uma vida em comum satisfatória com Igor, só lhes restaria selar suas vidas, seu compromisso com outro, com a bênção do sacerdote. Os convidados foram todos escolhidos a dedo e, entre eles, a amiga de infância Isabelle, a quem deviam muito. Fora através dela que conhecera Igor, porque em se apaixonara e com quem resolvera se casar. Convivia bem com a família dele.

A sogra, uma empresária de sucesso, fez que estão de bancar a lua de mel. Igor estava radiante e, somente depois de muita insistência por parte de um amigo próximo, é que concordou em fazer a popular festa de despedida de solteiro. Mas que - ria algo diferente. Nada de extravagâncias, nada de exhibições. Queria a presença de seus amigos e dos amigos de Ana Cristina.

403

A essa altura, César havia se conformado com a morte da única amiga com quem conseguira se abrir. Decidira que não se envolveria amorosamente com ninguém; isso seria fácil para ele - assim pensava -, pois ainda não havia tido nenhuma experiência sexual com outro homem. Considerava-se *gay*, mais na teoria do que na prática. Então, pensou, não seria difícil encontrar uma namorada, alguém com quem pudesse dividir as emoções, a vida e as aspirações. Assim

pensou e confidenciou a uma amiga distante, que encontrara, por acaso, passeando em São Pau-

lo. Tentou se expor o mínimo possível. Isabelle o convidou para uma festa de quase casamento, como ela diria mais tarde. Era uma despedida de solteiro; ali, ele certamente teria a oportunidade de conhecer e se entrosar com outras pessoas e outras mulheres. César estava resoluto.

Ele tinha, algumas vezes, suas horas tristes, de instabilidade emocional e melancolia, mas não se entregava à depressão, pois não tinha

tempo para isso. Precisava trabalhar para sobreviver

em uma cidade grande. Vezou outra, revoltava-

-se contra a monotonia da vida que escolhera levar, dos dias e meses que se desfolhavam iguais

em tudo, sempre iguais... O corpo, cansado após

o dia no trabalho que conseguira na capi-

tal, não reagia; o pensamento vagava por ondas  
, 404

preguiçosamente perdido em imagens e pensa-

mentos variados, coloridos pela ideia romântica

de encontrar uma mulher que o fizesse feliz. E

ele estava numa idade em que a alegria e pra-

zeres da mocidade estavam em ebulição; isso não

podia negar. A frieza e o desinteresse pelas coisas

materiais, por uma vida sexual ativa, estava lo-

ngede ser realidade, a o menos para César.

Espírita convicto, médium de excelentes fa-

culdades, encontrara um local que poderia fre-

quentar; logo fez amizades, e foi admitido no

grupo de estudos mediúnicos. Por causa do su-

postocompromisso espiritual, renunciava a

cer-

tos divertimentos do mundo, exagerando nas

suas obrigações espirituais. Mas, mesmo dese-

jando encontrar uma parceira com quem pu-

desse compartilhar a vida e desenvolver uma  
experiência sadia, tinha medo de apaixonar-se  
e.

Fugiu do risco de amar, de levar para casa, para  
o gozo do corpo e da alma, uma pessoa parcei-

ra, uma mulher que pudesse ser-lhe um apoio  
emocional passageiro. Queria alguém com quem

pudesse construir um futuro. Havia se decidido  
interiormente e relegado aos escaninhos da mem-

mória, nas profundezas do inconsciente, qual

quer pretensão de uma vida homoafetiva, de um

relacionamento do gênero. Escolhera ser feliz da  
forma como agora concebia.

## 405

O seu jeito de se relacionar com as pessoas, aparentemente frio, dava-lhe muitas vezes, ainda que de modo passageiro, uma rigidez emocional, muito em contradição com seu desejo interno de se abrir a novas possibilidades de relacionamento. No dia a dia era calmo, e tinha sempre um jeito todo seu, uma muleta psíquica ou máscara que usava com muito cuidado, a fim de não traír as horas de enlevo, de fantasias, em que lhe passava pela mente desejos e idílios irrealizáveis, segundo sua nova proposta de vida.

Sua pele e sua carne apresentavam o vigor de um fruto verde, que clamava por carícias e toques sensuais. Quando se deitava, sozinho nas noites frias, estendia-se na cama com certo torpor, uma moleza, uma languidez somente com -

preendida como fruto de um desejo duramente reprimido, do tesão dos seus órgãos, da sua pele, da sua alma, que clamava por outro corpo, outra vida com quem compartilha aquele frescor de juventude, no frescor e entusiasmo dos seus 30 anos de idade. Embora a determinação de não se entregar a outro homem, era visto nele um encanto diferente e delicado, que ninguém afirmaria ser produto de utilização das energias da alma. Não! Ele todo era sensibilidade, e seu jeito de andar, de sorrir ou dizer as coisas denunciava a identidade energética da própria alma.

## 406

Num domingo de agosto daquele ano, recebeu o convite da amiga Isabelle para ir à festa de despedida de solteiro. E para lá se foram os dois, muito se divertindo, e ele, de vera se excitado, considerando a oportunidade de conhecer gente de fora do círculo religioso a que se filiara. Apresentado a vários amigos de Isabelle, à própria noiva, que também não abriu mão de, muito rapidamente, dar uma passadainha na festa do noivo, César sentou-se na sala de estar, muito bem iluminada, a partir de um projeto especial, pois o noivo era arquiteto de interiores e se esmerara na decoração do ambiente onde moraria após a lua de mel. Estendido numa *chaise longue*, perto da janela, pôs-se a observar as pessoas enquanto conversava distraidamente com um dos convidados.

dos, que, como ele, também fora levado por um amigo do noivo.

Não poderia negar que estava vivendo um de seus momentos de melancolia; almejava algo indefinível, que não poderia precisar exatamente o que era. Mas aquela festa viera a calhar, pois não queria permanecer assim, melancólico,

triste, sem saber porquê. Talvez, o estado emocional que lhe tomava de assalto fosse produto de uma revolta muda contra a prisão mental de uma vida sem emoções; contra aquele propósito-

407  
sito de enterrar sua mocidade e sua juventude, de banir seu vigor e sua masculinidade pujante para longe dos gozos e dos prazeres chamados mundanos.

O seu olhar percorria superficialmente todo o ambiente. Não conseguia se divertir com as brincadeiras promovidas pelo amigo do noivo, e

este, até então, não aparecera. Parecia um animal a se preparar, tanto demorava. Foi assim, nessa languidez mental, que, de súbito, estancou

o olhar num ponto. Por muito tempo, não despregou os olhos de um rapaz alto, moreno como jambo, de uma cor bembasileira, olhando-o

e encarando-o, até sua amiga Isabelle tocar-lhe mais intensamente numa das mãos, chamando-o

à realidade. Voltado para o homem que aparecera de repente, como se houvesse se materializado à sua frente, ele continuou imóvel, com os braços lassos estendidos sobre o sofá. Mirava-o com o pensamento erradio e as emoções em revoadas, como pássaros num dia de verão, que o desnudavam perante os outros; como uma pessoa abstrata, ora pensativo, ora concentrado na

aparição à sua frente. Não havia como ignorar

a situação. Isabelle notou que César era correspondido. Estranhamente correspondido por Igor,

que adentrava o ambiente completamente vestida-

do de branco, com uma bermuda que lhe realçava a pele, as pernas bem feitas, musculosas, ao

408

passo que a camisa, meio aberta ao peito, mostrava o vigor de sua juventude pululante de vida e abraçava um invejado tórax, com alguns poucos pelos sobressaindo, sem exagero.

Anoiva, Ana Cristina, já se despedia dos convidados para deixar Igor mais à vontade entre os amigos e amigas. Ela própria também faria uma despedida de solteiro semelhante. Alguns amigos jogavam um jogo de cartas num canto, mas notaram perfeitamente quando Igor entrou. Anoivava não teve como ignorar os olhares cruzados, estranhamente cruzados, como presos por intenso

magnetismo que entrelaçava ambos. Entretanto,

ninguém supôs algo tão estranho como uma atração sexual ou emocional entre ambos, pois todos sabiam da fama de mulherengo e da identidade sexual de Igor. Ele jamais tivera qualquer ligação com um *gay* ou com o universo *gay*. Portanto, deduziram que os dois se conheciam de outro lugar e então se reviam, exatamente na festa de despedida.

Isabelle resolveu se entrosar com um grúpode moças que conversava num canto da sala, pois já se sentia incomodada com a situação do amigo César, para a qual não tinha explicação. Não conhecia sua intimidade muito bem. Igor malouvia, no apartamento elegante, as risadas

409 dos alegres convidados, que se divertiam e conversavam em grupos. Ele era o jovem, o noivo, o centro das atenções da festa. Não obstante, encontrava-se separado por uma razão que não

saberia explicar. Era a primeira vez que se sentia assim, ou a menos se percebia assim, estranhamente interessado na figura de outro homem.

Um magnetismo diferente, intenso, irresistível o

ligava a César, que também não sabia como ti-

rar o olhar de Igor. Filho de uma mulher muito

conhecida na sociedade paulista e de um ri-

co empresário, Igor tinha recebido dos pais uma

educação viril e herdara uma genética privile-

giada, que lhe conferira um robustez invejável

e saúde em todos os sentidos. Conquistara um

pequeno patrimônio por meio do trabalho pro-

fissional, recusando a ajuda da família, que lhe

oferecia facilidade para avançar na carreira.

O olhar de Igor, de repente, passou num lan-

cerápido. Registrou os amigos e convidados, a

noiva, que já se retirava, dando-lhe um beijo na

face, que ficou quase ignorado. Olhar novamente

abstrato, voltado outra vez para César; amb

os

estavam inconscientemente reféns um do outro.

A cabeça fervilhando de pensamentos, e as emo-

ções, emburburinho, emoldurados pelo elegante

tecido e envoltos no ar de masculinidade que exalava de sua presença, com uma aura que estendia suas energias para além dos próprios li-

410

mites. Assim o pensamento, para além da ideia

de uma festa, ia esvoaçando, com uma pluma

levada pelo vento. Mais tarde, não os saberia dizer

como se voltou e repentinamente, sendo seguido

por César, quase hipnotizado com a aparição do

noivo, enquanto os convidados mais próximos

também não sabiam identificar o estranho com-

portamento de ambos.

E o pensamento do noivo acordara de um

sonho numa outra peça do apartamento, num

outro cômodo; acordar de uma visão em que jazia mergulhado havia longo tempo... César assimo encontrou, nessa outra parte de sua residência, atraído magneticamente pela vibração varonil, pelo cheiro do homem que sem materializar a em sua vida, arrebatando todos os muros, todas as barreiras que, até então, tivera ocudado de construir em torno de si.

- Igor... - apresentou-se orapaz, que estava diante de César.

- César - respondeu, fixando mais intensamente a alma do homem que mudaria para sempre sua vida, como ele próprio também mudaria a vida daquele homem.

Era o primeiro e mais intenso contato que Igor tivera, nesta vida, com outro homem. E César jurara nunca procurar um a pessoa do mesmo

sexo para ter qualquer tipo de relacionamento íntimo. Decisão esquecida num átimo de segundo, no mais ardente magnetismo, do qual conhecera a mais intensa manifestação. Partiram um para o outro sem pensar, sem raciocinar - pura emoção, reprimida por um, incompreendida por outro - , como se fossem velhos amores, advindos de outras terras, histórias entrelaçadas através do tempo; porém, sem pensar, sem meditar sobre os eventos marcantes das duas almas que se reencontravam. E deixaram falar mais alto o viço da juventude, o furor da energia que exalava de cada um, cada qual à sua maneira. E se apaixonaram ali mesmo. E se beijaram sem nenhum pudor, sem nada que os impedisse. Igor nada compreendia naquele momento, mas apenas aceitava o fato de que não conseguiria, de

modo algum — como também não desejava —, im-  
pedira a aproximação de César, o entrelaçar das  
línguas, das almas, dos corpos mudos, mas que  
falava pela linguagem do suor voluptuosamen-  
te exalado, pelo magnetismo que explodia no ar.  
Entretantes, a noiva havia entrado no mes-  
mo ambiente em que eles se encontravam. A com-  
panha da por Isabelle, ela presenciara o toque, as  
carícias e a proximidade inconfundível dos dois.  
E-la, a noiva, intensamente perdida, agora p-  
fundamente abalada, alarmada, porque lera nas  
letras da ocorrência que não mais haveria volta,  
412  
que seu casamento desabara e seu sonho de mu-  
lher, pela primeira vez desde que conhecera Igor,  
estava para sempre desfeito. Ela soube interpre-  
tar o que via e dali, correndo, saiu pela porta de

serviço, não sendo mais vista por nenhum convidado. Isabelle saiu junto, pois, ante o que viram - os dois abraçados, beijando-se, solene e completamente ignorando tudo e todos que porventura presenciassem o fato -, era claro que não havia nada mais a fazer.

Sem conseguir definir a sensação de forma inteligível, racional, Igor sabia que estivera todo aquele tempo à espera de César, e embora desde sempre tivesse a orientação sexual perfeitamente

resolvida, segundo acreditava. Era heterossexual

e disso nunca, jamais duvidara. Agora, teria de descobrir como se portar, como se comportar. A ele caberia conceber novo formato para sua vida; dar satisfação à noiva, que, com certeza, só

freria muito como aquele imbróglia. De uma coisa estava certo, porém. Não se casaria mais. César,

naquele momento arrebatador, representava pa-

ra eletudona vida; todo o seu mundo em um

único momento. Mas como explicar o que a con-  
tecer a consigo? Ainda não tinha respostas.  
Seja

como for, não poderia deixar de procurar a noi-  
va, Ana Cristina, e conversar com ela, conversa-  
r

longamente, até mesmo tentando entender suas  
413

novas emoções, caso ela o recebesse.

Como se comportaria no que diz respeito à

cerimônia? Pensava ainda nos preparativos do  
casório, no amor que sentira por Ana Cristina e  
nas ocasiões em que se encontravam em casa o  
u

namoravam, trocando juras de amor. Anapossi-  
velmente ainda trazia na memória o último beijo  
que ele lhe dera, na boca, apaixonado, no dia an-  
terior. Imaginaria ela os dilemas que lhe perpas-

sava macabeça? Ele próprio não compreendia o que ocorrera consigo mesmo. Sabia apenas que não poderia mais contrair matrimônio, sob pena de fazer infeliz a mulher a quem havia amado tanto e que prezava bastante, a despeito de qualquer coisa. Mas e seus pais? Seus sogros? Deviam-lhes uma explicação, conquanto ele próprio não tivesse esta explicação para si. Contudo, resolveu ser o mais claro e transparente possível. Somente mais tarde compreenderia porque a noiva, perdidamente apaixonada por ele, não permitiu que ele contasse nem aos próprios pais nem aos dela. Somente transcorrido certo tempo seria capaz de compreender a situação e, então, agradeceu como vido a Ana Cristina. Ela se recusou, depois do acontecido, a conversar novamente com ele. Ela até poderia respeitar a deci-

são dele, mas jamais o entenderia.

E Igor se foi, esperando o momento propício

## 414

para voltar a tocar no assunto. Se esse momento ocorresse a algum dia. Enfim, ele sabia, por intuição, por uma impressão forte em sua alma, que não poderia perder César de vista, nem tampou-

co permitir que ele se fosse. A final, naquele dia, sua vida mudara completamente.

Ana Cristina buscava a todo custo a pagar o fato da memória, principalmente a figura de Igor, casando-se logo em seguida, alguns meses depois,

com outro homem, para tentar abafar a situação e disfarçar a decepção e a dor irremediável.

Igor assumiu seu amor por César, um amor louco, dificilmente explicável, que nascia ali, mesmo que ainda imaturo.

Em que se transformaria a vida de César, depois dessa inexplicável atração? Como era es-

piritualista, poderia atribuir esse reencontro com uma alma tão afim a uma espécie de programação espiritual? Não sabia dizer. Embora fosse espírita convicto, estudioso, não era nada afeito a especulações místicas. Preferiu não pensar no assunto sob esse ângulo.

Os dias foram se sucedendo assim, com César junto a Igor, sem comoções que os marcassem. César descobria diariamente, nas conversas que demoravam noite adentro, que Igor era um bom homem, pacífico e, sobretudo, transparente e honesto com seus sentimentos. Aproximavam-

415

-se cada vez mais; descobriam-se mais ainda, à medida que o tempo passava.

Igor nunca estivera tão íntimo de outro homem. Nunca se permitira uma proximidade sequer, um carinho, quanto mais uma fagotão in-

tenso como os que experimentavam. Por um mês

os dois apenas se encontraram, trocaram beijos, carícias e afeto; compartilharam suas experiências

de vida. Somente depois César sentiu-se preparado para o contato mais íntimo como

namorado. Conversavam sobre tudo: a vida no

Paraná, as experiências com a mediunidade, a busca por espiritualidade, incluindo as dúvidas e

indefinições a respeito da sexualidade e sua inseguran-

ça, enfim. Nesse diálogo César descobriu

imensa afinidade com Igor. Ele era budista; por-

tanto, como espiritualistas, tinham muito a com-

partilhar e poderiam se ajudar mutuamente.

Foi numa noite fria que resolveram selar seu

amor, no primeiro encontro mais íntimo desde o

início do namoro, no apartamento de Igor. E César

pôde conhecer sem traumas o amor, o sexo,

o compartilhar de emoções. Descobriu que entre

dois homens poderia haver muito mais simplicidade, muito mais afeto e amor do que muitas gentes supunha.

Vezou outra, porém, repercutia em sua tela mental a imagem da amiga Patrícia. Foi inspi-

416

ra do numa dessas recordações que resolveu retornar à cidade onde morou, em visita, viajando

na companhia de Igor, agora seu namorado, seu amor e a pessoa que ele quer para dividir a vida e compartilhar a caminhada. Ao desembarcar

no Aeroporto Internacional Afonso Pena, em São

José dos Pinhais, já sentiu algo diferente. Sua

sensibilidade parecia mais a florada, mais intensa -

sa. Queria ir diretamente ao local onde vivera e visitar a mãe de Patrícia. Sentia necessidade de

confrontar agora a mulher da qual trazia páli-

da lembrança, apenas uma sensação alusiva ao

passado, quando compartilhou das memórias da amiga desencarnada, enquanto ele esteve em desdobramento. Embora Igor quisesse ficar em Curitiba, a fim de conhecer melhor a cidade, que achava muito charmosa, César fez questão de seguir diretamente para Colombo, município localizado na região metropolitana da capital

paranaense. Igor apoiava César integralmente,

sobretudo nas questões emocionais, pois este precisava, de alguma maneira, ver aquela que no passado usara e abusara dele. Embora considerasse haver superado tudo, principalmente a partir da presença do namorado em sua vida, queria a todo custo visitá-la e de sua amiga. Repercutia em sua mente alguma coisa do que ouviu e testemunhou durante o transe, no

momento em que, ao lado de Samuel, percebeu o passado de Patrícia e como ele próprio havia participado intensamente da história de vida dela e do espírito que lhe dera à luz.

Retornou ao antigo lar da amiga para ver a mulher que deveria estar sofrendo com a falta da filha. César lembrava-se de alguns detalhes do seu desdobramento; tinha certa consciência do que lhe ocorrera durante o período em transe, no qual pensou que estivesse desencarnado, morto mesmo. Ao adentrar a casa onde sua amiga vivera, teve um choque. Agora mais consciente, voltavam-lhe à memória as emoções de outros tempos, de outra vida, em que convivera com a mulher à sua frente. Idosa, amarga, sozinha, ela pareceu não se recordar de César, embora as emoções do reencontro parecessem, por

algum mecanismo ignorado, manifestar-se em

ambos. Igor segurava firme a mão do amorado, dando-lhe apoio, em silêncio. Assim que a mulher fixou o olhar em César, pareceu transportar-se a outro tempo.

- Você... parece que o conheço - balbuciou, meio atordoada.

- Sou Cesar, a amigo da Patrícia!

- Patrícia? Não conheço ninguém com este nome. Não conheço nenhuma Patrícia.

César olhou para Igor num relance, sem en-

418

tendernada, no primeiro momento.

- Você, moleque! Você é propriedade de Alves... - não lhe viera o nome completo do parceiro de aventuras tão imorais quanto ilícitas, que havia reencarnado na pessoa da filha, Patrícia.

Parecia delirar.

- Alves? Eu não pertencço a ninguém! A se-

n hora está enganada .

- Pertence , sim - interferiu Igor carinhosa -  
mente , por é firme .

Mirando no amorado com um olhar decan -  
dura , ele entendeu o que Igor quis dizer. Esbo -  
çou um sorriso condescendente e continuou , em  
seguida , olhando para a mulher :

- A senhora está enganada , dona Ione! Acho  
que está delirando .

- Você é quem está delirando ! Já se esque -  
ceu de mim ? Eu sou a Feliciano . Sou dona disso  
aqui - falou , apontando ao redor , por é mexer -  
gando outra imagem , outro ambiente .

- Ela não está bem , meu amor - falou Igor  
para César . - Precisamos encaminhá - la para  
tra -  
tamento . Parece que está presa em outra época .

- Sei o que está acontecendo . Vou procurar  
ajuda para ela no centro espírita que frequentei,  
lá em Curitiba .

César se despediu rapidamente da mulher,  
que ficara sozinha com a culpa, os medos e os

419

tormentos íntimos que a afligiam. Não suportou

a morte da filha, e suavemente, repleta de culpa,

forjou o clima de autopunição. Ione mergulha-

na escuridão mental, atormentada pelas sim-

gense cenas do velho prostíbulo da antiga cida-

de do Rio de Janeiro. E ali permanecera, cativa

das próprias lembranças.

César retornou a Curitiba e conversou sobre

o caso de Ione e Patrícia com um homem cha-

mado Epaminondas. Ele encaminhou a pobre

mulher a uma casa onde pudesse ser atendida

espiritualmente, enquanto procuravam um lo-

cal

próximo onde pudesse viver. Finalmente César

enfrentava a situação. Agora, amparado emo-

cionalmente, sentia-se preparado para essa em-

preitada, que acabou se constituindo numa es-

péciededesfecho, liberando-o das amarras que

o mantinha vinculado ao passado.

Agora deveria regressar, decidir como vi-

veriam apartir de então. O namorado insistia

para que se mudasse para seu apartamento. Mas

César, ponderando, recusou-se:

- Acredito que não seja uma boa hora, Igor.

Acho que em minha presença mais constante ao seu lado, principalmente morando juntos, despertaria a atenção dos seus familiares e amigos. Também temo que essa mudança possa ser interpretada como uma afronta à sua ex-noiva. Está

420

muito recente no nosso namoro, e, tanto para mim

quanto para você, tudo isso é muito novo. E me-

lhorirmos com calma. Vamos nos adaptando de

vagar, sem pressa alguma. Quem diz?

Pensando melhor, Igor concordou com César:

- Tem razão! Acho que estou muito envolvido com tudo que nos aconteceu. Mas vamos aguardar. E também não gostaria que a situação parecesse uma afronta a Ana Cristina ou a meus pais. Deixemos que a transição seja realizada aos poucos, sem violentar aqueles que nós amamos, não é?

A decisão de viverem separados foi tomada em comum acordo. Em seguida, Igor convidou César para conhecer a comunidade budista da qual participava. No outro domingo, pela manhã, foi a vez de César levar Igor para conhecer um centro espírita. Eles chegaram por volta das 9h30 da manhã. A casa se localizava no Bairro do Tatuapé, na zona leste paulistana. A multidão que a corria ao centro parecia vir de todos os lados. César desejava, antes de mais nada, fazer

uma oração na sala dedicada ao espírito Bezerra de Menezes. Queria agradecer por todo o bem que recebera da vida. Juntos, rezavam diante da figura imensa do médico e amigo, estampada na parede daquele recinto. César preparava-se para

# 421

o trabalho no campo abençoado da mediunidade. Deram-se as mãos, sentados e profundamente agradecidos pelo reencontro de suas almas, e pediram forças para os desafios vindouros. Pois eles viriam, com certeza; mas juntos, quem saberiam a coragem e a fortaleza necessária para vencê-los, e seriam um o apoio do outro, a fim de romper os obstáculos comuns à vida de todas as pessoas.

## **RONIE, UM RECADO DA VIDA**

**ELE ACORDOU** do seu pesadelo com um suspiro forte. Mas acordou para outro pesadelo, que teria de enfrentar de maneira consciente, sem o transe a que fora submetido em virtude da dor, do choque e do estresse causados pelos últimos

acontecimentos. Acordou, porém não se mexeu;

não conseguiu se movimentar. Ouvia muita con-

versa a seu lado, alguém chamando a ambulân-

cia; no entanto, não era capaz de movimentar

se quer os lábios, a fim de pedir socorro ou de

monstrar lucidez. Voltara de uma dimensão de

conhecida para a ele; voltara à vida, à existência de quem não respeitava a própria vida.

A ambulância corria por uma das avenidas

de Salvador, saindo do Rio Vermelho já com as sirenes ligadas e as luzes indicando emergência.

422

Os paramédicos faziam o que podiam para estancar o sangue e imobilizar o rapaz que estava

estirado sobre a maca. Durante a tentativa de

lesar um a pessoa e a alteração que se seguiu,

além dos socos e porradas que recebeu dos ami-

gos da vítima, alguém disparou um tiro, que

atingiu em cheio a coluna vertebral de Ronie. O golpe perfeito, o *boa noite, Cinderela* que aplicaria no cliente que julgara ser a lvo fácil, havia ido por água abaixo. Perdera a consciência durante um minuto. Mas foi o minuto mais longo de sua vida; um minuto de reflexões, apelos, xingamentos, pesadelo, enfim. Aquele minuto passou, contudo ficaram as impressões, as sensações e alguns lances da experiência extrassensorial que se dera num ambiente totalmente moldado, forjado pela força da própria mente, da culpa e do remorso dele e de outras pessoas, as quais se enredaram numa história que mudaria para sempre a vida de todos eles, mas principalmente de Ronie. Agora ele era levado ao hospital, totalmente imóvel e imobilizado. Não conseguia falar; não conseguia mexer, pois a bala acertara em cheio a coluna vertebral. Sequelas? Somente depois de uma cirurgia é que se poderia saber. Ele movimentava

os olhos, parecendo estar em estado de choque.

E a ambulância ululava, gritava; a sirene enlouquecida abria caminho no trânsito enfurecido da

423

maior capital do Nordeste.

Logo que chegou ao pronto-socorro de um hospital respeitadíssimo, Ronie foi atendido so-

mente depois de aguardar bom tempo. E esse pe-

ríodo em que esperou na maca foi fatal para de-

finir seu estado pós-traumático e pós-operatório.

Com algum custo, os enfermeiros localiza-

ram o celular do paciente e fizeram diversas cha-

madas, até conseguirem falar com sua namora-

da. Ela demorou algum tempo para chegar ao

local onde ora paz recebia cuidados.

-Ele precisa ser submetido urgentemente a

uma cirurgia. Mesmo assim, não podemos saber

as consequências do tiro - falou um dos medi-

cos de plantão. - Dependem muito da localização da bala.

- Não creio que vá ser recuperado totalmente

- acrescentou outro médico, o anestesista. - Já vivi vários casos semelhantes; não sei não, mas imagino...

- Nem penso nisso! Não quero nem imaginar a situação da rapaz após a cirurgia, caso não dê certo.

Sob os olhares duvidosos dos médicos, Ronie foi conduzido ao bloco cirúrgico. Nos bastidores

da vida, alguns amigos invisíveis acompanhavam o processo, sem poder interferir. Ronie sempre era a situação com suas atitudes. Seu espírito  
424

estava severamente comprometido, em razão das

práticas ou dos débitos contraídos por meio de

desequilíbrios mil, durante os quais estabeleceu,

como ideal para si, uma forma de vida repleta de consequências drásticas. Teriam de aguardar.

Mesmo se tivessem condições de intervir, os benfeitores espirituais deparariam com limitações provenientes da necessidade de ora paz de passar por um método reeducativo.

Após mais de 12 horas de cirurgia, Ronie seguiu diretamente para a unidade de recuperação

intensiva. Não poderia receber visitas por algum tempo. Estava sedado.

- Fale, doutor - principiou a namorada, acompanhada de uma amiga e do irmão de Ronie. - Como ele está? Será que ficará bom da cirurgia?

- Não podemos assegurar nada. Infelizmente, somente depois que ele acordar é que ficaremos sabendo. Mas...

- Mas o quê, doutor? - perguntou a namora-

da, visivelmente ansiosa.

- Abala atingiu um local muito perigoso.

Não estamos certos de que eles se recuperarão totalmente. Digo, por ora não há certezas.

O irmão estava abalado. Já há algum tempo tinha sérias suspeitas sobre o tipo de trabalho

de Ronie. Não queria de forma nenhuma que o

425

restante da família desconfiasse, portanto ficara

calado; guardava para si o segredo do comporta-

mento da rapaz. A namorada sabia, era conivente

com toda a situação. Agora se mostrava in-

teressada em saber da recuperação dele; porém,

com alguma frieza, sem derramar uma lágrima sequer, conversava num canto com a amiga.

Após as notícias do médico, saiu à francesa, sem

a o menos despedir do irmão de Ronie, que es-

tava aflito, quase desesperado.

Quando, muito mais tarde, o rapaz voltou da anestesia, os médicos já estavam a seu lado. Ro-

nie pressentia o pior; voltara a baladíssimo, pois se recordava de algum evento ocorridos antes do internamento. Eram lembranças de outra di-

mensão, de pessoas e personagens com os quais convivera no minuto mais longo de toda a sua vida. Embora fosse lembranças vagas, sabia que deveria enfrentar algo grave.

- Doutor, não sinto minhas pernas!... - balbuciou, meio sonolento.

- É assim mesmo, rapaz! Fique tranquilo.

Daqui pouco virá um psicólogo conversar com você e ajudará a retomar sua vida.

- Mas parece que está tudo morto daQUI para baixo! - exasperou-se, apontando com dificuldade em direção aos membros inferiores.

Os médicos olharam um para o outro; toca n-

do levemente o ombro de Ronie, e vitaram falar mais alguma coisa. Saíram devagar, preocupados, e procuraram o irmão do rapaz, na sala de espera.

- E aí, doutores? Como ele está? Já acordou?

O irmão encontrava-se, ainda, muitíssimo apreensivo. Estava sozinho, pois a namorada de Ronie fora embora com a amiga e não mais tinha o celular. Roberto, o irmão, já havia lhe telefonado muitas vezes. Por fim, recebeu dela uma

mensagem de texto, pedindo para não incomodá-la mais. Enfim, ela se fora, para sempre, da vida de Ronie. Não queria mais saber dele, afinal pensava -, ele já não tinha qualquer serventia .

- Não temos notícias boas, meu caro - falou um dos médicos, serenamente, procurando amenizar a situação emocional.

- Diga, pelo amor de Deus: ele sobreviveu?

Está acordado?

- Sim, sim, ele sobreviveu. Mas, como temíamos, a bala pegou em cheio um local importante da coluna. Seu irmão ficará com sequelas graves.

- Querovê-lo imediatamente!

- Calma, muita calma, Roberto. Ronie precisa primeiro conversar com o psicólogo. Daqui a pouco, liberaremos sua entrada.

- Mas para que um psicólogo? O problema dele é físico; foi apenas uma cirurgia...

427

- E o procedimento padrão para casos assim. Não há como pular essa etapa. Ele precisará de apoio emocional e psicológico.

- Então ele...

- Seu irmão ficou paraplégico!

A revelação do médico foi um choque para Roberto. Ele tonteou, ameaçou cair, mas foi logo amparado por um dos cirurgiões. Recebeu auxílio imediato; um medicamento lhe foi mi-

nistrado para ajudar na experiência impactante.

Passadas mais duas horas, após se recuperar

do choque, Roberto foi admitido junto ao irmão.

Quando entrou, viu o retrato da destruição. Ronie estava abaladíssimo. Seu olhar, quase perdido; seu rosto, marcado com uma expressão de horror, uma apatia ou depressão que se instalara de vez. Ao lado dele, um psicólogo segurava-lhe o ombro. Ronie balbuciava:

- Quero ver minha namorada! Quero - a perto de mim...

Era outro problema que teria de enfrentar.

Roberto não sabia como contar a ele, naquele momento, que a namorada o abandonara de vez.

Não sabia o que dizer. Com as lágrimas nada disfarçadas, engolindo em seco, quase sem forças para pronunciar algumas palavras, Roberto

ou sou um esforço diante do irmão, que já está de-  
solado, emocionalmente abalado, visivelmente

deprimido:

428

- Calma, meu irmão - falava, chorando. -

Cada coisa a seu tempo! Aqui no hospital não  
pode haver muitas visitas, por isso me deixaram  
entrar, por ser o parente mais próximo.

Com certa dificuldade de voz, Ronie esforça-  
va-se e repetia:

- Quero ver Betinha...

- Calma, Ronie! Aqui devemos obedecer as  
regras. Assim que sair do hospital, vamos con-  
versar sobre isso.

- Conversar? Conversar pra quê? Eu que-  
ro ver Betinha. Será que não entende? Será que  
não lhe contaram? Estou paralítico, paraplégi-

co. Não sinto mais nada do umbigo para baixo.

Não poderei mais fazer sexo, nem andar, nem...

- disparou um pranto convulsivo.

Os dois choraram, enquanto o irmão o abraçava no leito. Ronie deparava com o resultado das próprias escolhas. Do outro lado do véu que separa as dimensões, no Invisível, um dos amigos espirituais chorava também. Não havia nada a fazer.

Samuel tocou delicadamente o ombro do amigo espiritual, chamando a atenção dele para

as ocorrências:

- Agora é com a vida, meu caro Arthur! Nada mais podemos fazer por seu pupilo. Ronie  
429

precisa se submeter a um método reeducativo com ferramentas novas. De certa forma, a própria vida o conduziu a uma etapa muito intensa de reflexões. Primeiro virá a revolta, depois a reflexão. Quem sabe numa próxima existência ele modificará o cerne de sua conduta? Aguardemos

em silêncio, amparando quanto pudermos.

Enquanto isso, Ronie se revoltava, xingava, com as poucas forças de que dispunha. Teria de ficar um bom tempo no hospital. dali, sairia para enfrentar a vida, a nova fase de sua vida. Fazer fisioterapia, modificar o curso do pensamento e contentar-se com um estilo de vida mais pacato, agora que fisicamente era incapaz

de levar a vante projetos de abuso e desrespeito ao ser humano, que eram sua especialidade. En-

fim, deveria reaprender a viver. E para isso teria um longo tempo à sua frente.

- Sinto algo diferente em mim, Roberto - falou, levando instintivamente a mão dentro das calças, num esforço imenso. - Parece que não sinto meu próprio pênis; será que nunca mais vai funcionar? Será que estou fadado a viver sem sexo para o resto da vida?

Roberto não respondeu. Os médicos haviam

falado algo a respeito, mas ele preferia que o ir-  
mão descobrisse sozinho. E Ronie, naquele mo-  
mento, lembrou-se de um sonho que tivera lo-  
go após desacordar no Bairro do Rio Vermelho,  
430

naquela fatídica noite, no local onde encontrara  
seu antigo cliente. Lembrou-se do pesadelo - foi  
como interpretou o fato, a vivência extrafísica  
naquela seu minuto de reflexão - no qual pare-  
cia ter desenvolvido outro órgão sexual, femini-

no, uma espécie de vagina no lugar do períneo.

Era um sonho, um pesadelo ou uma intuição do  
que acontecia agora? Não sabia dizer o que  
lhe

sucedida. Mas a revolta era grande dentro dele.

Não se conformava. Novo, jovem, cheio de vida  
,

deveria agora - pelo resto da vida! - ficar numa

cadeira de rodas, paraplégico, dependente do  
ir-

mãoe de alguns amigos?

E a namorada? Ela conhecia seu estilo de vi-

da, porém, agora, o abandonara. Era mais um

golpe como qual teria de conviver. Sua dor era

imensa; mas sua rebeldia, ainda maior. Quant

os

anos viveria assim? Quanto sanosteria de vida

naquele corpo limitado? Lembrava-se do cliente

que queria lesar e fervia de raiva; sentia ódio de

le. E tinha ódio de si mesmo, muito ódio.

Assim, Ronie foi levado pela própria cons-

ciência a enfrentar os resultados de suas atitu-

des, prejudiciais não somente para ele, mas para

quanto se elegera como alvo. Entretanto, mui-

to mais difícil do que lidar e reaprender a viver

com as limitações físicas e a dependência alheia,

era conviver consigo mesmo. Com seus dese-

431

jos, que, ao que tudo indicava, jamais poderia

m

ser realizados no corpo deficiente e permanen-

temente afetado. Estava sexualmente incapacitado, emocionalmente deficiente, desmantelado, descontrolado. Teria um longo caminho a pé frente. Um percurso imenso a trilhar dentro de si mesmo, prisioneiro de um corpo sarado, bem composto, mas que se convertera numa prisão sem grades para seu espírito adoecido. Ninguém saberia dizer, naquele momento - nem ele, nem tampouco os amigos do Invisível -, como seria o resto de sua vida. Tudo dependia dele próprio. A vida lhe concedera uma chance, embora de caráter incomum, uma oportunidade indesejada, mas seguramente o remédio que mais lhe convinha. Por certo, ele teria de reorganizar emoções e pensamentos e, somente ele, Ronie, poderia dizer como seria seu próximo minuto.

14

P

UMA TRAVESSIA PARA O LESTE  
de Trás-os-Montes e Alto Douro  
de Fátima de Almeida  
Ocupação da zona da serra da  
Lousã, 1911-1912

Uma viagem ao interior de Trás-os-Montes e Alto Douro  
de Fátima de Almeida

# 3H33 DA MADRUGADA

UMA TRAVESSIA PARA O LESTE  
de Trás-os-Montes e Alto Douro  
de Fátima de Almeida  
Ocupação da zona da serra da  
Lousã, 1911-1912



**A L O M A R E S P I R O U F U N D O**, acordando do transe nos braços de um soldado. Ficava exatamente um minuto inconsciente. Ou será que estava consciente, porém em outra dimensão? Ofegante, levou a mão ao peito e notou que o tiro passara de raspão. Não morreria. Estava ferida; contudo, isso ocorreria devido aos pontapés recebidos de um dos policiais. A gritaria estava por toda parte. Os frequentadores daquele lugar fugiam apavorados, enquanto outro guardachamava a ambulância para levar Palo-

ma ao hospital. Foi apenas um minuto, um longo  
minuto, quase uma eternidade, em que ficou ca-  
tivado e simesmanumadimensãodaqualpouco  
se conhece. Havia entrado numa espécie de tran-  
se, experimentando um estado alterado de con-  
sciência. A cordava agora, ofegante, suando frio,  
tremendo feito vara verde, como alguém diria.  
Um dos policiais militares aproximou-se,  
usando um palavreado que desrespeitava Palo-  
ma, numa tentativa inútil de produzir qualquer  
reação por parte dela. Mas nada. Ela se dedica-  
va a interpretar o sonho, rever imagens, paisage-  
ns  
e, quem sabe, até mesmo, personagens de uma  
história que vivera ou experimentara no seu mi-  
nuto de reflexão, nesse instante de quase-morte.  
A ambulância a carregava até o hospital. E Pa-

loma inquieta, quieta, em transição de emoções,

sentimentos e reflexões. Foi salva; revivera, em meio à que ele corre-corre de gente por todo lado.

Aquele era um hospital comum, geral, que atendia pessoas pobres, em sua maioria. O namorado, desolado, parecia não combinar com o cenário à sua volta, vestido elegantemente de

*blazer* com calça jeans, num esporte fino que lhe talhava a silhueta e lhe realçava o charme. E os olhos, ah!... Os olhos! Marejados, coração atormentado pelo seu Hector, disfarçado de Paloma, que dera entrada num hospital da capital paulista -

tana. Em um tom respeitoso, baixo, quase sensível demais, perguntou ao atendente:

438

- Por favor, poderia me dizer onde está sendo atendido o paciente de nome Hector?

Notando a dificuldade de rapaz em con-

trar a lgu é m c o m e s s e n o m e , e s c l a r e c e u :

- F u i a v i s a d o q u e u m a m i g o m e u d e u e n t r a d a a q u i , f e r i d o . . . E l e f o i t r a z i d o p o r p o l i c i a i s . T a l v e z t e n h a d a d o e n t r a d a c o m o n o m e d e P a l o m a .

- A h ! **O** t r a v e s t i ! . . .

- N ã o , m e u a m i g o - f a l o u s é r i o , f i r m e e c o m u m t o m d e v o z q u e i m p u n h a r e s p e i t o . - E l e é t r a n s f o r m i s t a , é u m a r t i s t a e , a o q u e p a r e c e , t a n t o o p o l i c i a l c o m o o s e n h o r o c o n f u n d i r a m c o m u m t r a v e s t i . E m e u n a m o r a d o - o a t e n d e n t e e n t e n d e u e c a l o u - s e , m a s n ã o p e d i u d e s c u l p a s . A l g u é m c o n d u z i u D i e g o a o q u a r t o o n d e H e c t o r - P a l o m a s e e n c o n t r a v a . M a s e l e n ã o r e p a r o u n a p e s s o a q u e o c o n d u z i a . T i n h a o s p e n s a m e n t o s v o l t a d o s , i n t e i r a m e n t e v o l t a d o s p a r a s e u H e c t o r , s e u m e n i n o , s e u a m o r . A o v e r P a l o m a d e i t a d a s o b r e o l e i t o , q u a s e n ã o t e v e r e a ç ã o . E s t a n c o u - s e n a p o r t a ; p a r e c i a p a r a l i s a d o . S o m e n t e d e p o i s d e a e n f e r m e i r a t o c a r - l h e o b r a ç o é q u e c o n s e -

guiuesboçaralgumgesto. Aproximou-se deva-

gar, olhos nos olhos de Paloma - o seu Hector.

Gostava de chamar assim o namorado. Paloma era somente um nome artístico, escolhido com a

finalidade de apresentar-se nos palcos. Hector, o seu menino, o olhava com um olhar de quem pe-

439

dia socorro.

As paredes brancas e azuis do hospital, as roupas brancas, porém surradas dos atendentes que ali trabalhavam, tudo ajudava a compor um quadro que, para Diego, era atemorizante. Ele estava apreensivo. Ver seu namorado, a pessoa com quem escolhera viver sua vida, ali deitado, semilúcido, devido a um medicamento que lhe fora administrado, foi um choque para a coração sensível de Diego. Abraçou Hector e mlágrimas.

Estava no hospital, e seu Hector ali, internado.

Fora vítima da brutalidade de um oficial da lei,

mas nada poderiam fazer; nada que fizesse livrar Hector do sofrimento. Assim que a abraçou o namorado, chegou uma enfermeira.

- Desculpe, mas aqui é proibido este tipo de comportamento!

- Mas que tipo? - perguntou à enfermeira, olhando em seus olhos, de maneira fulminante, como nunca antes olhara para alguém. - Você por acaso sabe quem é este aqui sobre o leito?

Sabe porventura quem não se pode aprisionar um

sentimento de afeto, de amor e inibir qualquer ser humano de sentir o que sente? Por acaso você

conhece de leis? Ora, bolas! - completou ora-

paz, raivoso como a atitude da mulher. - Faça o seu trabalho e não se deixe empaz, senão vou fazer uma denúncia contra você por discriminação.

440

Ele falou com tanta ênfase, com tanta força

e magnetismo na voz, que a enfermeira recuou

imediatamente. Quatro pessoas que estavam na

enfermaria aplaudiram Diego e Hector, como a

apoiar os dois na demonstração de afeto e na

afirmação do direito de expressá-lo livremente.

Diego chorou muito. Hector, embora o estado

em que se encontrava, fraco e abatido após a

ocorrência na rua, consolava-o:

- Fiquetranquilo, meu querido! Estoubem,

agora. Estoubem... - mas não conseguiu dis-

farçar a lágrima que lhe caía discretamente

do olho. - Amanhã sairei da quietude

terá passado.

Diego permaneceu mudo ao lado de Hector,

segurando-lhe a mão.

- Tive um sonho estranho... Parece que fi-

quei de acordado por uns momentos; para mim,

foi como se uma vida inteira tivesse se passado

naqueles instantes. Não consigo precisar quan-

to tempo, mas, na minha memória, é como se

fosse em dias e horas; um tempo longo. Quando acordei, estava respirando, pois até então havia pensado que tinha morrido.

- Mediga: você está realmente bem? Vou tirar você daqui e levá-lo para outro hospital, onde pode ser atendido por nossos planos de saúde.

441

- Não se preocupe, Diego querido; estou bem. Só um pouco incomodado com as impressões que estão gravadas em minha memória, mas nada desagradável. Sinto necessidade de

fa-  
lar, de encontrar meu padrasto, voltar à casa da minha família e dizer a eles quanto os amo.

- Fique quieto. Acalme-se agora você, Hector. Tudo a seu tempo. Eu mesmo irei com você. Conte comigo. Agora quero tirá-lo daqui, pois necessito de você a meu lado. Então, fique bem.

E beijou-lhe a testa carinhosamente, segurando -

-lhe as mãos e evitando beijar-lhe a boca, pois entendia as limitações das demais pessoas presentes naquele local.

Hector dorme e eu ali mesmo, aconchegado pelo namorado, que o amparava e acariciava seus cabelos soltos, suaves e, apesar de tudo, perfumados. Os dois contrastavam totalmente com o ambiente. Diego trouxe roupas masculinas para Hector, pois ele ainda vestia as que usara na apresentação artística. Assim que Diego saiu do quarto, da enfermaria, foi abordado por um guarda:

- Por favor! - disse o policial para ele. -

Queria uma palavra com você.

- Está acontecendo alguma coisa?

- Não, nada disso! É que eu fui salvo por estar a paz que está no leito. Notei que você está em certa intimidade...

- É o meu namorado, meu homem - declarou Diego, assumindo os sentimentos e sem relação

a Hector. - E olhe que eu nunca conheci nenhum homem tão cheio de valentia, de coragem e honra -  
radez como meu Hector.

- Imagino... - falou o soldado, olhando para baixo, como se estivesse pensativo. — Ele se jogou à minha frente na hora em que o tiro foi disparado. Por sorte, a bala o atingiu de raspão. Ele me empurrou para que o tiro não pegasse em mim! Eu queria fazer alguma coisa para agradecer a ele.

- Pelo que conheço do meu Hector, não precisa se preocupar. Ele é assim mesmo. Não precisa agradecer, de verdade.

- Mas eu faço questão! Estou muito emocionado e pedi licença para não trabalhar mais por hoje. E da minha vida que estamos falando, e ela

foi salva por alguém que eu não conheço...

Tirando um bloco de anotações do bolso do paletó, Diego anotou o número de um telefone e o entregou ao guarda.

- Aqui está o número do celular de Hector.

Mas, por favor, nos dê um tempinho até ele se recuperar mais. Depois é só ligar e falar com ele. Direi que você esteve aqui. Falarei sobre seu desejo de agradecer-lhe.

443

O guarda assentiu e se retirou, olhando para trás por um instante, como se hesitasse em partir, enquanto Diego telefonava para algum lugar, a fim de transferir Hector de hospital.

Passaram-se os dias. Hector recuperou-se, com quantonão tirasse da memória as lembranças, ainda que fragmentárias, do que lhe ocorreu no Invisível. Decidiu, então, que deveria visitar um centro espírita do qual ouvira falar algumas vezes. Chamou Diego, e este logo se

prontificou.

- Quero rezar para agradecer a segunda chance de vida que tive. Sobre tudo, agradecer por vo-

cê, que é minha vida, meu amparo, meu amor. **0**

homem com quem escolhi viver, por quem tenho

uma gratidão que não sei pôr em palavras.

Nos dias que se seguiram, Hector e Diego

conversaram muito. Parece que o reflexo das

conversas que Hector teve com Samuel quando

to estava em transe, no seu minuto de reflexão,

começavam a surtir efeito.

- Quero lhe falar sobre a liguistra umas

meus; acho que estão me impedindo de ser mais

feliz ou, quem sabe, de fazer você mais feliz.

- Que é isso, Hector? Sou feliz ao seu lado, e

isso me basta.

- Não mesmo, Diego! Quero resolver isso -

so. Você tem medo do tanto apoio, tem medo da

do sua vida, então tenho certeza de que é hora

de enfrentar isto que me consome internamente. Tenho algo muito mal resolvido em relação à minha sexualidade e acho que é por isso que fiquei tantos anos com você sem uma proximidade maior ou uma intimidade de casal.

- Já falamos sobre isso, amor. Lembra que eu disse que aguardaria seu momento? Saberei esperar! Não se preocupe.

- Sim, eu sei, Diego. Mas agora sou eu quem estou incomodado, e quero resolver essa pendência de vez. Quero ser seu sem barreiras, sem limites.

- Estou com medo desta conversa. Porque logo agora?

- Não sei o porquê. Mas depois que voltei do acidente, meus pensamentos parecem estar mais claros, como se recebesse uma intuição ou inspiração a fim de solucionar este lado da minha

vida. Além do mais, meu querido, precisamos mesmo ficar bem um com o outro. Anseio conversar mais sobre o assunto e compartilhar com você algumas coisas que, para mim, eram delicadas demais. Agora sei que é a hora certa.

- Hector, Hector!... Você está me deixando intrigado. Talvez seja melhor agente procurar uma terapia ou algo assim.

- Não descarto a possibilidade, mas primeiro quero dividir com você meu passado,

445

sem reservas. Quem sabe você possa me ajudar, como amigo, como parceiro e, sendo meu amor, meu homem, estou certo de que enfrentaremos

isso juntos.

E Hector falou de seus traumas, do padrasto e da rejeição que sentiu já na infância. Falar do padrasto foi a parte mais delicada, pois, ao men-

-

cioná-lo, emocionou-se, à medida que lhe asso-

ma vama à mente as cenas de abuso que sofreu

durante a adolescência. Diego amparou Hector, abraçando-o e beijando-o ternamente. Ambos se

comoveram.

- Amor, nem sei o que dizer, além do fato de

que estarei ao seu lado para tudo o que precisar

e que, agora, compreendo melhor o porquê de

suas dificuldades em manter um relacionamento

mais íntimo, de se entregar sexualmente a mim.

Eu compreendo, Hector, de verdade.

Hector chorava baixinho, recordando as di-

ficultades que vivenciara com o padrasto e do

quanto teve de lutar para sobreviver emocional-

mente. Depois, a vida profissional, a decisão de

atuar como transformista, como artista e, mais

tarde, de iniciar uma atividade social junto às

prostitutas e aos rapazes da noite, necessitados

de amparo e de alguém que os recebesse num lugar de tratamento.

- Tenho pensado, Hector. Será que não é hora -  
446

ra de você se dar um tempo em relação às apresentações artísticas e se dedicar um pouco mais ao trabalho como *designer*? Depois do que ocorreu, do tiro que, graças a Deus, passou de raspão, do trauma gerado por tudo isso...

- Também tenho pensado seriamente nisso, Diego, mas não tenho como arranjar dinheiro para manter o Palácio de Cristal. Você já tem ajudado tanto... O que ganho como *designer* não é suficiente para levar a frente o trabalho com as meninas da noite. Não sei como solucionar essa situação financeiramente.

- Andei pensando e acho que podemos resolver isso. Claro, se você achar boa a ideia de dar um tempo como transformista. Talvez seja hora de agente se concentrar e dar um passo além. Já

quer resolveu me contar tudo sobre seu passado, que era tão difícil para você, acho que este momento deve ser aproveitado, amor. Quem sabe pudéssemos fazer uma parceria com alguma ins-

tituição e dar maior qualidade a o trabalho que você faz?

- Trabalho que nós fazemos, Diego. Pois sem você, eu, sozinho, não teria condições, jamais, de

levar adiante o projeto com as meninas da rua.

- Pois bem. Vou procurar me informar direito; assim que tiver os elementos necessários, vol-

to a falar com você.

447

- E vai me deixar esperando, assim? Não vai me adiantar nada?

- Curioso!... - falou, beijando-lhe a testa. -

Sabe que te amo profundamente? Não sei o que seria da minha vida sem você.

- B o b o !

- De v e r d a d e ! E m e o r g u l h o t a n t o d o s e u t r a b a l h o , d a s u a g e n e r o s i d a d e e m s e e n t r e g a r s e m r e s e r v a s a u m t r a b a l h o d e s s a n a t u r e z a , a m - p a r a n d o p e s s o a s t ã o r e j e i t a d a s p e l a s o c i e d a d e : g a r o t a s d e p r o g r a m a q u e u s a m d r o g a s , t r a v e s t i s q u e v i v e m c a í d o s p e l a s r u a s , s e m t e t o , s e m t e r q u a l q u e r a m p a r o o u f a m í l i a . . .

- D e i x e i s s o p r a l á , D i e g o ! - f a l o u H e c t o r s e n - s í v e l , a p ó s a c o n f i s s ã o d o n a m o r a d o . - S a b e d e u m a c o i s a ? Q u e r o t e r m i n a r o n a m o r o c o m v o c ê .

**O** a n ú n c i o a b r u p t o d e H e c t o r p e g o u D i e g o d e s u r p r e s a . F o i u m c h o q u e , p o i s H e c t o r d e s p e - j o u a q u i l o a s s i m , s e m p r e p a r a r o p a r c e i r o p a r a o q u e v i r i a . S e m s a b e r a i n d a o q u e p e n s a r , D i e g o f i c o u b r a n c o , l í v i d o .

- N ã o s e p r e o c u p e ! N ã o f i q u e a s s i m , n ã o - H e c t o r t e n t o u r e m e d i a r , r i n d o e d e n u n c i a n d o a b r i n c a d e i r a . - E q u e q u e r o l h e p e d i r e m c a s a -

mento! Quero que seja meu marido e que vivamos o mais intensamente possível. Se quiser, pode mudar lá para casa definitivamente. Vai ser o dono da minha vida e, quem sabe, encon-

448

tramos alguém, algum do idôpor aí que possa celebrar nossa união.

Diego permitiu que os olhos se enchessem de lágrimas e beijou Hector ali mesmo, emocionado,

terno, profundamente grato à vida pela bênção que recebia. Era tudo o que mais queria. Ele ia com constância ao apartamento de Hector, passava alguns dias com ele, mas sempre tinha de deixá-lo, sempre voltava para casa. Ficava um vazio. Queria mesmo era constituir família com ele e construir a vida na companhia da pessoa que amava. Não lhe agradava deixá-lo sozinho. Os dois se abraçaram satisfeitos com a decisão. Parece que o esforço de Samuel junto

a Hector surtira efeito. Aos poucos, as intuições afloravam à sua mente e os dois amigos, amantes e parceiros se ajustavam mais e mais para uma vida em comum, mais íntima, intensa, familiar.

- Tenho um sonho, Hector, que gostaria de compartilhar com você. Claro, você não precisa concordar, mas quem sabe possamos encontrar um jeito...

- Adotar uma criança!

- Isso mesmo. Sempre tive o sonho de ser pai e, como você me pediu a mão em casamento...

Hector riu gostosamente, demonstrando enorme ternura pelo companheiro. Tocaram-se as mãos. Tocaram-se os corações e as almas, qua-

449

se num a fusão, caso possível fosse. Conversaram longamente sobre os planos para o futuro.

No domingo seguinte, resolveram visitar um centro espírita no Tatuapé. Não sabiam que, no

mesmo dia, César e Igor estariam naquele exato local, agradecendo pelo apoio espiritual. Também não os conheciam, pelo menos não fisicamente, no caso de Hector.

Ao chegarem à rua Dr. Gabriel de Rezende, notaram intensa movimentação. Nunca haviam

ido ao lugar, e as surpresas foram se mostrando a cada passo que davam. Finalmente, na rua do centro, admiraram a grande multidão que ia e vinha de todos os lados. Parecia que toda a Chá-

cará Mafalda ou a população deste e dos demais bairros vizinhos se dirigia à casa espírita. Diego e Hector, captando uma intuição, tiveram a ideia de perguntar a um dos trabalhadores, vestido com um uniforme impossível de não ser notado, de cor vibrante, aonde poderiam ir para fazer uma oração, uma vez que havia tanta gente de um lado e outro da rua, e tantos pontos de concentração, que não sabiam quem tomar. De

mãos dadas, sem se importarem e eram observados ou não, dirigiram-se ao lado oposto ao local onde ficava o centro espírita, o grande salão, a fim de orar e agradecer. Sentaram-se exatamente

à frente de César e Igor, sempre percebê-los de imediato.

Naparede, afigurado venerável médico dos pobres. O ambiente, com toda a seminação, inspirava o recolhimento espiritual. Soltaram-se as mãos, mas entrelaçavam-se pelas corações.

E juntos oraram, agradeceram, louvaram pelas inúmeras bênçãos que estavam experimentando.

Terminados mais de 30 minutos de meditação, levantaram-se e saíram, dirigindo-se ao outro

lado da rua. Vibrações dulcíssimas de intensidade

que parecia envolver ambos os casais. Sim,

pois que César, obedecendo a um impulso, talvez à mais pura intuição, levantou-se também, chamando Igor e mandando para o local onde ouviriam a palestra. Mas as músicas cantadas, a alegria e a descontração de toda a gente os impressionou sensivelmente. Enquanto Hector es-

tava parado ao lado de Diego, Igor tocava discretamente o ombro de César, logo na entrada do salão de grandes proporções. Estavam para li-

sados, ouvindo a música que falava de Evangelho, louvor e gratidão a Jesus. Tudo formava um ambiente de pura espiritualidade. Os dois casais

olharam-se mutuamente. E, sempre meditando,

apresentaram-se. César olhou Hector mais detidamente e disse-lhe:

- Não o conheço de algum lugar? Por acaso você conhece a cidade de Curitiba, onde me criei?

Hector, um pouco pensativo, parecia sentir

451

alguma vibração que ainda não conseguia explicar. Sendo o mais cortês e elegante possível,

respondeu:

- Não creio, pois nunca fui a Curitiba. Mas,

falando assim, talvez o conheça de algum lugar.

E apresentou seu namorado, Diego, acentuando

que eram namorado e estava ali para agradecer.

Por sua vez, César também apresentou Igor como seu namorado. Resolveram sentar-se próximos,

pois o salão já estava quase lotado e precisavam

escolher um lugar. Encontraram cadeiras

contíguas. Nasceu ali uma amizade no plano físico, já inaugurada num plano mais além da que é

usualmente percebido pelos sentidos humanos.

O tempo passou, Dois meses depois, Hector e

Diego convidara alguns amigos e parentes para

uma festa especial, sem comunicar do que se tratava. Compareceram também César e Igor. Havia um toque de elegância no local, no apartamento

de Hector e Diego, embora a simplicidade da decoração, que era minimalista. Após os convidados

se apresentarem em alguns minutos de suspensão

sobre o motivo da reunião, Diego e Hector se deram as mãos e falaram, emocionados:

- Nós os convidamos aqui, nesta noite, os amigos recentes e os mais antigos, os parentes que têm afinidade conosco, para uma comemoração especial.

452

E chamaram para junto de si um homem

vestido de maneira descontraída, descolada, porém

com um toque de charme e elegância. Logo

o apresentaram:

- Este é um médium e dirigente de uma casa espírita que convidamos. É que, hoje, eu e Diego... - falou Hector emocionado, olhando diretamente nos olhos do namorado - hoje celebraremos nossa união com um momento de oração. Todos ficaram surpresos e aplaudiram a iniciativa. Passado o breve momento de euforia, Diego se pronunciou:

- Resolvemos fazer uma cerimônia simples, sem chamar a atenção de ninguém, pois queríamos algo intimista, só nosso, que pudéssemos compartilhar apenas com pessoas que nos amam e que são queridas por nós. Por isso, estamos aqui, eu e o meu menino, Hector, que me pediu em casamento!... - o olhar furtivo e a entonação de Diego inspiraram a reação bem-humorada de todos. - Ao mesmo tempo em que celebramos a vida, agradecendo por esta alegria, queremos

também anunciar uma decisão importante. Nós

adotamos uma criança, e nosso lar já nasce sob essa bênção, que, para nós, é muito significativa.

Mal Diego encerrar a fala, todos os cumprimentaram, efusivamente. Os noivos estavam ele-

gantemente vestidos, embora descontraídos, com

453

traje despojado, sem excessos. Apresentavam a

fisionomia radiante de felicidade. Em seguida, o médium convidado para realizar a cerimônia colocou-se em posição que lhe permitia ser visto por todos os presentes. Hector e Diego, de mãos

dadas, postaram-se à sua frente. Foi lido um trecho da Bíblia, mais precisamente uma passagem

do livro de *Cantares*, de Salomão, também conhecido como *Cântico dos Cânticos*. O dirigente

espiritual se pronunciou:

- Para mim é uma honra estar aqui nesta noite, a fim de dirigir esta celebração à vida. Enquanto muitos se unem e se separam, indiferentes à importância do compromisso assumido com o coração um dos outros, nossos amigos Diego e Hector estão aqui para selar seu compromisso de carinho, amor, afeto e amizade, celebrando e rogando as bênçãos de Deus. Não sou representante de Deus na Terra, mas ocupo a posição de representante de uma comunidade de pessoas que têm um relacionamento com Deus. É por isso que, junto dos amigos, daqueles que amamos noivos, dos que lhes são caros e simpáticos, estamos reunidos para compartilhar este momento, que é realmente significativo, mágico e muitíssimo especial.

"Estas duas almas já se encontram unidas

desdemuitotempo,quandoresolveramtrocar

454

seuafeto,confortar-semutuamenteeselar seu  
amoratravésdocompromissoumcomooutro.  
Vivendojuntosemocorçãoeparceria,acumpli-  
-  
cidade dossentimentosmarcouoiníciodeuma  
relaçãoafetivaqueseconsolidaaqui,nestan  
oi-  
te,quandojuntosellevamosospensamentosao  
Pai,quenãofazacepçãodepessoas,aJesus,  
queabençouasamaritana,caminhouentreos  
rejeitadosdassociedade desuaépocaeabriuos  
braçosatodosquesoubessemamar.Comoesta-  
mosfalandodeamor,deumamorincomumque  
uneduasalmassensíveis,falamosdeDeus.Po  
is  
quemama,nãoimportandoaformadeamar,  
estáemDeuseDeusestánele. **O**mandamento  
deJesusé:'Amái-vosunsaosoutros'.1Enão:

'A mai apenas as pessoas do sexo oposto'. Consi-

derando que o amor de Hector e Diego é muito maior do que o amor de muitos casais tradicionais, vim aqui de bom grado, sob o patrocínio de entidades superiores, que aqui estão neste momento, comemorando conosco a consolida-

ção desse amor e a união pública e duradoura dos dois. Essa união é coroada, ainda, pela bênção de uma criança, que empresta a este casamento a qualidade de família.''

Todos ergueram os braços na direção dos noivos, atendendo ao convite do oficiante, elevando os pensamentos e as corações em gratidão

455

à vida e a Deus. A cena era realmente comovente. Do outro lado da vida, os invisíveis, amigos espirituais presentes, também elevaram as mãos.

Somaram seus pensamentos às vibrações emitidas e irradiadas pelos corações presentes à celebração do amor que unia aquele casal, aqueles

parceiros, amantes e amores, que aproveitou o momento para apresentar a criança, o filho que coroava aquela família alternativa com a bênção da alegria.

De dois em dois, cada um se dirigiu ao cômodo onde repousava a criança, numa cama pequenina, preparada com o mesmo;

o quarto, em toda a decoração, refletia os cuidados dos novos pais. 1 Jo 13:34; 15:12,17. Cf. Rm 12:10; 1ªPe 1:22.

- Com a chegada do nosso filho - manifestou-se Hector, imensamente satisfeito e com o vidro -, encerrando minha participação na noite como artista. Tenho de me dedicar agora ao nosso filho;

a vida de artista, com seus desafios, horários loucos e irregulares, não me permitiria fi-

lhos; a vida de artista, com seus desafios, horários loucos e irregulares, não me permitiria fi-

lhos; a vida de artista, com seus desafios, horários loucos e irregulares, não me permitiria fi-

lhos; a vida de artista, com seus desafios, horários loucos e irregulares, não me permitiria fi-

car atento à educação dele. Além do mais, minha motivação para trabalhar na noite, à parte a satisfação, era também sustentar uma obra social, pois o dinheiro que eu ganhava, mesmo somado com a ajuda que Diego sempre deu, não era suficiente para sustentar o Palácio de Cristal.

456

E Diego complementou, demonstrando um contentamento que dificilmente poderia ocultar:

- Nosso amigo Igor, namorado de César, conseguiu excelentes parceiros para o sustento do Palácio de Cristal, fundado por Hector. Ele próprio, o Igor, nos ofereceu a ajuda, e agora existe um grupo de parceiros que é mantenedor da obra social, que não podemos parar.

Encerrada a fala de Diego, três pessoas os chamaram à parte e ofereceram colaboração financeira, como investidores, visando à manutenção do trabalho que tanto exigiu de Hector.

**MUITOS DIAS SE PASSARAM** desde esses aconteci-

mentos. Porém, Hector não se sentiria totalmente satisfeito enquanto não visitasse a velha mãe e o padrasto. Precisava ir ao encontro de ambos. Todos os meses enviava uma soma de dinheiro para a mãe; porém, até então, havia evitado procurá-la, devido ao episódio ocorrido na ad-

lescência, quando o abuso sofrido por parte do padrasto. Agora queria apresentar Diego e falar do filho que adotara. E mais ainda...

Quando chegou a São José do Rio Preto, cidade distante pouco mais de 400 km da capital paulista, sentiu-se vacilar. Será que deveria ir ao encontro da mãe? Como veria o padrasto? A

457

esta altura, este já estava mais velho, é verdade - embora esse fato em nada ajudasse a torná-lo mais fácil o esquecimento, pois se sentia incapaz de subtrair da memória os abusos sofridos. Com

muito custo, logrou a atenuar o impacto emocional -

na decorrente das lembranças tormentosas, mas

estas ainda se faziam notar. Enfim, como seria

recebido? Mais ainda: como abordaria o padrão -

to e a mãe?

Apoiado por Diego, Hector foi estimulado a prosseguir.

- Você não veio até aqui para desistir nes -

te ponto da jornada! Não era essa sua necessidade?

Tantas vezes você me disse, Hector, que queria muito enfrentar e resolver a situação.

Estarei ao seu lado e juro: não vou deixar você desistir, logo agora.

Os dois se dirigiram ao Parque Estoril, re-

gião da cidade onde viviam a mãe e o padrão do

de Hector. Ele havia ligado para a mãe quando

chegaram ao aeroporto da cidade. Ela o esperava -

va ansiosa.

Assim que Hector viu a casa onde moravam, o coração disparou; as lembranças vieram à tona. Apoiou-se no marido instintivamente, com o  
a pedir ajuda. A mãe o recebeu eufórica. Abraçaram-se, choraram bastante, enquanto Diego  
respeitosamente se mantinha a alguns passos,

458

esperando a hora de ser apresentado à sogra. Trazia nas mãos um ramo de leite como presente, além da caixa de chocolates de uma marca famosa. Aguardou até que mãe e filho pudessem se tocar, compartilhar emoções, trocar carícias. A mãe de Hector acariciava sua face, seus cabelos e olhava o filho extasiada.

- Quantos anos, meu filho! Quantos anos...

- e chorava de contentamento. - Me perdoe, meu Hector! Me perdoe pelo meu silêncio, meu filho.

- Que é isso, mãe? Não fale assim. Es -

tou aqui agora e é isso que importa. Aliás, quero aproveitar e lhe apresentar alguém.

A pontou para Diego, que se comovera com o reencontro de mãe e filho. Esse reencontro realmente fez bem para o seu Hector, que chorava a olhos vistos.

- Este é Diego, o homem que me faz feliz, minha mãe. É com ele que escolhi viver e ele é a pessoa da qual lhe falei, que me deu apoio durante todos estes anos.

A mulher, já idosa, demonstrou abertura mental incrível. Estendeu os braços e falou:

- Venha, meu filho! Você é também um filho para mim. Nas cartas que Hector me escreveu, ele sempre falava de você. Me sinto honrada em conhecer o homem que faz meu filho feliz. Venha, me abraçe.

459

Diego abraçou a sogra chorando, tremendo, emocionado com a forma como foi acolhido.

Hector se uniu a ambos, igualmente sensibilizado. Deveras aliviado, também. Ignorava como a mãe receberia o seu Diego. Agora, portanto, estava sinceramente mais tranquilo: uma pressão interna havia sido liberada. E tudo isso ocorreria ainda do lado de fora da casa onde morava dona Edite, a mãe de Hector.

Adentraram a casa e notaram um ar de simplicidade em todo o ambiente, embora o bom gosto na decoração, da distribuição dos móveis às flores expostas no vaso sobre a mesa. Hector permanecia apreensivo, pois não vira o padrão.

Não queria tocar no assunto ainda, mas, como não notou a presença dele, teve de perguntar:

- Onde está o Rui? Não o vejo por aqui...

- Ah! Meu filho. E nunca quis atormentá-

-lo falando de questões difíceis. O Rui está muito mal no hospital da cidade. Desde alguns anos que ele entrou num processo grave de depressão. Falava dormindo; dizia que queria pedir perdão. Mas por mais que eu lhe perguntasse, nunca se revelou por inteiro. Só consegui interná-lo, mais recentemente, e pagar todo o tratamento por causada contribuição generosa que você me dá todos os meses. Vivíamos da minha aposentadoria e da aposentadoria do Rui, porém o dinheiro 460 não era suficiente para pagar as despesas cada vez maiores com medicamentos, médicos, hospitais, enfermeiros e psiquiatras. Principalmente os remédios são muito caros. Quando decidimos parar com tudo, entregando a situação à von-

tade de Deus, você começou a enviar dinheiro. Foi a salvação do Rui. A princípio, ele ficou mais deprimido ainda a saber que era tratado com o dinheiro que você enviava. Mas não o tínhamos como fazer diferente.

- E você passou necessidade, minha mãe?  
Mediga...

- Não! Não, meu filho. Com a aposentadoria, dá a tranquilamente para vivermos. Como éramos apenas nós dois, nos adaptamos a um estilo de vida simples. Tive de reaprender a viver sem excessos, sem luxo e sem ultrapassar os limites. Foi um aprendizado.

- Mas me fale, e o Rui? Como ele está?

- **O** Rui, meu filho, foi se fechando cada dia mais. Entrou num estado de culpa e infelicidade tão grande que finalmente parou de falar. Já é assim faz três anos. Só se comunica com gestos. Os psiquiatras não sabem muito mais o que fazer. Não fosse o dinheiro que você me envia,

nãoteríamoscondiçõesdepagaroplanodesaúde, muitomenosmedicamentos. Agora faz

461

seis meses que ele está internado. Desenvolveu um câncer de próstata, que se alastrou para a região dos testículos. Não sei o que fazer. Ele definha a cada dia. Mas parece que a morte foge dele. Por mais grave que seja a situação, ele sobrevive, persiste, como que aguardando alguma coisa. A quimioterapia acabou com as resistências do Rui. Teve de extrair a próstata, mas não adiantou mais. Os testículos estavam, também, comprometidos. Estamos esperando o momento

final a qualquer hora. Mas ele se apega à vida de uma maneira que não entendemos.

- Evocê nunca falou disso pra mim, minha mãe! Nem consigo imaginar o sofrimento que você passou todo esse tempo.

Diego permaneci calado, ouvindo, respei-

tando o momento de ambos .

- Sabe , meu filho? Todos nós sofremos estes anos . Sabe que , por mais que eu tente, nunca consegui imaginar a extensão do seu sofrimento, desde que saiu de casa? Então , estamos todos no mesmo barco . O que me resta é a religião . Rezo todos os dias por você . Não quis falar nada com você , Hector, porque eu sabia do seu sofrimento íntimo . Jamais ignorei seus sentimentos , meu fi-

lho . Algum dia , ainda hei de contar pra você os detalhes da nossa história, a parte que você não conhece , e então entenderá o porquê do meu silêncio estes anos todos .

462

Hector abraçou a mãe , amparando - a nos braços e afagando seus cabelos . Percebeu que não tinha parâmetros para avaliar a história dela, o silêncio e os motivos que a levaram a se omitir à época em que foi abusada pelo padrasto -

to. Mas não queri apensar nisso agora .

- Quero visitar o Ruino hospital. A senhora me acompanha?

- Hector! . . . - exclamou Diego, reticente.

- Eu sei o que estou fazendo, Diego. Não se preocupe. Acho que sei o que prende Rui ao corpo de um maneira tão sofrida. Preciso falar com ele. Vai comigo, mãe?

- Claro, filho. Possotelefonar para o medico e pedir a permissão dele para uma visita hoje. Mas . . .

- Mas o quê, mãe?

- Você deve se preparar, meu filho. A situação física de Rui não é nada agradável. Sinceramente, não sei se você ficará bem ao vê-lo como está.

- Não importa isso agora, mãe. Eu preciso vê-lo. E penso que ele também precisa desse encontro.

Após alguns telefonemas, Hector, Diego e Edi-

te se dirigiram ao Hospital de Base, a fim de visitar Rui. Ao chegarem lá, tiveram de aguardar pelo menos por uma hora. Foi a hora mais longa.

Diego abraçou e amparou a sogra, Edite, que não recusou a atitude carinhosa. Hector apoiava-se no ombro de Diego, visivelmente agitado.

Assim que a recepcionista os chamou, os três caminharam até a unidade de câncer. E o que vieram chocou até mesmo Diego, que jamais havia tido contato com Rui. O homem estava desfigurado. De uma magreza atroz, jazia estendido na

maca, entubado, tendo ao lado uma auxiliar de enfermagem, a lhe prestar assistência. O corpo

apresentava a escarase em diversas partes. Exal-  
a -

va um odor repulsivo, e tanto Edite quanto He-  
-

ctor levaram instintivamente a mão ao nariz, ao  
se aproximarem de Rui. O quadro era desolador.

Diego hesitou um pouco mais, procurando per-  
manecer ligeiramente afastado. Sentiu uma  
tre-

menda opressão, pois nunca vira alguém naqu-  
e -

le estado.

Ao se aproximarem de Rui, ele abriu os

olhos. Reconheceu Edite e a meio um movi-

mento como os olhos, tentando se comunicar. Edi-

te chorou. O enfermeiro aventurou-se a dizer:

- Desde hoje cedo que o quadro dele parece

ter piorado, e nenhum dos médicos sentindo co-

mo ele ainda sem antém vivo. Parece grudado

no corpo...

Hector se aproximou um pouquinho mais; fixando os olhos de Rui, principiou:

- Rui, sou eu, o Hector... Você me reconhece?

Rui fitou o rapaz, num nítido esforço para lembrar-se da fisionomia à sua frente; arregalou os olhos logo em seguida. Respirou mais sofregamente. Tossiu muito. O enfermeiro acudiu, aplicando algum medicamento no soro que era conduzido às veias de Rui.

- Sou eu, Rui, o Hector - tornou a falar para o velho padrao. E Hector chorava, tocado profundamente pelo sofrimento do homem que abusara dele na adolescência. Mil pensamentos cruzavam sua cabeça naquele momento. Edite fez menção de se aproximar, mas Diego abraçou -

- delicadamente, oferecendo apoio para aquele

momento. Com a outra mão, tocou levemente o ombro de Hector, dando a entender que estava

ali, amparando-o.

Para a surpresa de todos, inclusive do enfermeiro que a acompanhava o caso de Rui, ele abriu a boca, esforçando-se ao máximo para se comu-

nicar. Forçou muito, a ponto de provocar uma crise de tosse. Há alguns anos parecia ter emu-

decido de tanta depressão, agravada mais recen-

temente pelo câncer, que o consumia e o levaria àquele quadro deplorável. Mas o câncer era somente o reflexo do remorso, este sim, que lhe

465

corroía verdadeiramente a intimidade. Quase engasgado, balbuciou:

- He... Hec... Hector... Me per... - e tossiu

ainda mais, expelindo sangue pela boca. O enfermeiro acudiu, limpando, mas Hector, mesmo chorando, não arreda o pé do lugar ou das ombra daquele homem.

- Rui, não fale nada! Eu venho aqui ape-

nas... - Hector soluçava, amparado mais intensamente por Diego, que lhe deu um beijo na cabeça, demonstrando apoio e afeto. Hector precisava dessa força. Edite se retirou, induzida por uma enfermeira, que se compadecera da situação da mulher. Ela chorava muito, pois não sabia mais o que fazer pelo seu Rui. Queria poupá-lo de tanta dor e sofrimento.

- Rui - continuou Hector, limpando as lágrimas emquanto reunia forças e finalmente lhe dizia. - Quero lhe pedir o seu perdão, Rui. Me perdoe!...

Umarevoada de pensamentos passou pela cabeça do homem moribundo. Ele queria e precisava do perdão de Hector. Havia destruído a juventude, os sonhos do adolescente e marcado profundamente a vida do rapaz. E mesmo corroído pelo remorso, já no fim da vida, só era possíveis o tratamento e o cuidado médico em virtu-

de do dinheiro que Hector enviava todo mês para  
466

a velha mãe. Embora fosse eternamente grato a  
Hector por esse gesto, era uma situação como a  
qual não conseguia conviver. Na totalidade, sua  
vida dependia da mão generosa do mesmo Hector

de quem abusara, fizera sofrer e espezinhara os  
enlevos da juventude. Mas agora, que finalmente

teria a chance de pedir perdão ao rapaz, era ele  
quem estava ali, rogando-lhe clemência. E ele,  
Rui, não tinha o que perdoar. Fora ele o agres-  
sor, e não o ofendido. Vendo aquela situação, as  
lágrimas de Hector caíam sobre a face desfi-  
gurada, Rui procurava, a todo custo e com muito  
esforço, expressar seu pedido de perdão, seu cla-  
mor por misericórdia. Sentia-se envergonhado;  
não, sentia-se mais que envergonhado.

Nos bastidores da vida, Samuel e outros

amigos invisíveis presenciavam desenrolar da

situação. Aguardavam o fechamento da

porta que durara tantos anos. Diego beijou os ca-

belos de Hector uma vez mais, despertando a

atenção do enfermeiro, que não entendi tanto o

carinho de um homem para outro. E mais ain-

da: nenhum dos dois sequer parecia afeminado.

Eram másculos, homens mesmo, conforme

pensava o enfermeiro. E não sabia que Diego

e Hector formavam um casal *gay*, uma família

alternativa.

467

Hector, num ímpeto, surpreendeu a todos

mais ainda quando debruçou a cabeça em dire-

ção a Rui e o beijou na testa, deixando as lá-

grimas descerem e molhar a pele do padrasto.

Este lhe sentiu as lágrimas como um bálsamo

que invadia sua alma. Após esse gesto, Hector,

ainda amparado pelo marido, tocou a face de Rui e falou baixinho, de maneira que somente o padraсто pudesse ouvir:

- Vá em paz, Rui! Não sofra tanto; não se martirize assim. Se puder, me perdoe, pois eu não soube compreender você e seus sentimentos,

a o longo de todos estes anos. Me perdoe.

Rui estremeceu. Tossia tão violentamente que o enfermeiro pediu para Hectore e Diego se afastarem um pouco. Diego sugeriu que fizessem uma oração. Hector imediatamente se prontificou:

- Meu Deus, meu pai. Em teu nome, Senhor, pedimos o amparo de nosso amigo Dr. Bezerra e sua falange de espíritos do bem. Que o médico dos pobres possa secundo er de Rui e de minha mãe, e ampará-lo em nome do seu amor...

- Diego chorava, embevecido pelas palavras de Hectore, ao mesmo tempo, cativado pela grandeza de sua alma, de seu coração, que pedia

perdã o quando ele próprio, Hector, é quem fo-  
ra agredido, violentado. Como amava, como a  
d-

mirava aquele homem. Como se e se espelhava nele  
e se orgulhava de tê-lo recebido como marido,

468

como o companheiro de sua vida. Ambos se derre-  
tiam em pranto, enquanto Hector pronunciava  
a

prece, em meio a soluços e aos aborçimentos das  
lágrimas, que lhe escorriam até a boca e além.

Nos bastidores da vida, até mesmo Samuel  
se sentiu emocionado, principalmente quan-  
do uma luz diferente a pareceu na frente dele e  
dos demais espíritos. Aquele a luz, materializan-  
do-se ou coagulando, eis que surge, nada mais,  
nada menos, que a personalidade venerável de  
Bezerra de Menezes. Samuel e seus companhei-  
ros reverenciaram aquele ser iluminado, que vi-  
nha, em nome do amor de Jesus e em resposta às  
orações de Hector, libertar Ruidas a marra e do

sofrimento do corpo físico. Bezerra passou por Samuele pelos outros amigos espirituais, tocando suavemente em seu ombro e pronunciando uma frase que lhe era bem característica:  
- Não estão sós a quem esquecemos, meus filhos...

O laço que prendia Rui ao corpo foi definitivamente rompido pela vontade de e pelo magnetismo de Bezerra, que o conduzia, desacordado, a uma instituição de socorro no espaço. A luz permaneceu no ambiente espiritual por mais alguns minutos, atestando a presença da equipe espiritual que a acompanhava o venerando médico.

469

Hector chorava muito; foi levado, juntamente com Diego, a outro aposento do hospital. Rui vomitava sangue; entrara numa espécie de convulsão. Estava esperando apenas a perda de Hector

e fora surpreendido com este a l h e r o g a r i n d u l -  
g ê n c i a e c o m p a i x ã o . E n c e r r a v a - s e a l i u m d r a m a  
c o m p l e x o , s e c u l a r , p o r m e i o d a v i t ó r i a d o b e m e  
d o a m o r , q u e s o b r e p u j o u a d o r e a p r ó p r i a m o r t e .  
Q u a n d o D i e g o a p a r e c e u , a o l a d o d e H e c t o r ,  
E d i t e f i t o u - o s , a f l i t a . P o r é m , o o l h a r d e s e u H e c -  
t o r j á d i z i a o b a s t a n t e . E l a e n t e n d e u i m e d i a t a -  
m e n t e o q u e o c o r r e r a , s e m p a l a v r a s , s e m f r a s e  
a l g u m a p r o n u n c i a d a . H e c t o r e D i e g o a a b r a ç a -  
r a m e n o v a m e n t e a s l á g r i m a s a s s i n a l a r a m a q u e -  
l e m o m e n t o d e l i b e r t a ç ã o . L á g r i m a s d e a l i v i o ,  
l á g r i m a s d e s a u d a d e , l á g r i m a s q u e c a í a m c o m  
b ê n ç ã o s . L á g r i m a s d e e s p e r a n ç a e d e s o n h o s .  
A h ! A s l á g r i m a s ! C o m o d i z e m m u i t o m a i s d o  
q u e m i l p a l a v r a s , d o q u e f r a s e s i n t e i r a s . A s l á -  
g r i m a s . . . s o m e n t e a s l á g r i m a s !  
A p ó s o e n t e r r o d o c o r p o d e R u i , H e c t o r e D i e -  
g o t e n t a r a m c o n v e n c e r E d i t e a i r m o r a r c o m o s

dois em São Paulo. Mas a mãe de Hector se recusou. Queria ficar ali mesmo, na cidade onde passou toda a vida. Não obstante, ofereceu-se para visitá-los e, acima de tudo, queria muito conhecer o netinho, o filho de Hector e Diego. Ao se despedir dos dois, Edite abraçou Diego e falou:

- Cuidem muito bem do meu filho. E você

470

também, Hector - rogou, emocionada. - Tome conta deste novo filho que a vida me deu.

E beijou a face de Diego, dizendo - Ihesadeus no Aeroporto Estadual de São José do Rio Preto. Profundamente aliviado, de alma lavada, Hector

entrou na aeronave acompanhado do marido. Acomodou-se na poltrona, mirou o horizonte

e teve um pensamento de gratidão. À frente de ambos, as páginas brancas de suas vidas, à espera de que escrevessem a própria história. Uma nova história, cujo final dependia exclusivamente

te deles. Mas este final, caro leitor, ficará para um outro tempo, para um próximo minuto...

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**BÍBLIA** de referência Thompson. Tradução Contemporânea de Almeida. São Paulo: Vida, 1995.

**KARDEC**, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*, 1ª ed. esp. Rio de Janeiro: **FEB**, 2004.

. *O livro dos espíritos*. **IA** ed. esp. Rio de Janeiro: **FEB**, 2005.

. *O livro dos médiuns*. **IA** ed. esp. Rio de Janeiro: **FEB**, 2005.

. *Revista espírita*. Rio de Janeiro: **FEB**, 2004. v. 1, out1858.

**PINHEIRO**, Robson. Pelo espírito Joseph Cleber. *Além* 473

*da matéria*. 2ª ed. rev. Contagem: Casa dos Espíritos, 2011.

. Pelo espírito Joseph Gleber. *Consciência*. 2ª ed. rev. Contagem: Casa dos Espíritos, 2010.

**XAVIER**, Francisco Cândido e **VIEIRA**, Waldo. Pelo espí-

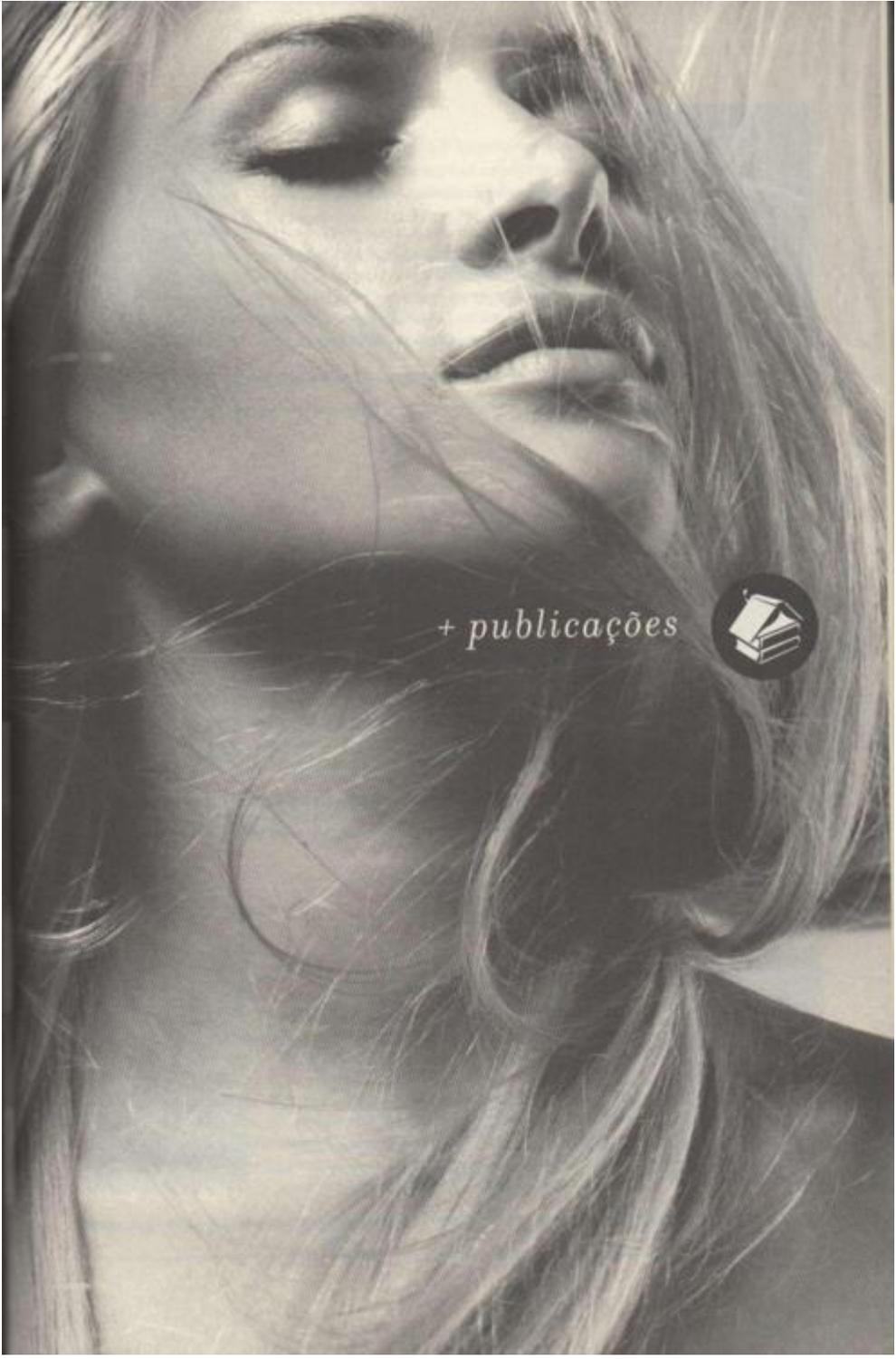
rito André Luiz. *Evolução em dois mundos*. 20a

ed. Rio de Janeiro: **FEB**, 2002.

**XAVIER**, Francisco Cândido. Pelo espírito André L u i z .

*Nosso lar*. 3a ed. esp. Rio de Janeiro: **FEB**, 2009.

*Transcenda-se. Para o catálogo completo, acesse [www.casadosespiritos.com](http://www.casadosespiritos.com)*



+ publicações



---

ISBN: 978-85-87781-34-5 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2009 • 303 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

---

**CORPO FECHADO** | *Coleção Segredos de Aruanda, vol. 3*  
ROBSON PINHEIRO *pelos espíritos W. Voltz, Ângelo Inácio*

Reza forte, espada-de-são-jorge, mandingas e patuás. Onde está a linha divisória entre verdade e fantasia? Campos de força determinam a segurança energética. Ou será a postura íntima? Diante de tantas indagações, crenças e superstições, o espírito Pai João devassa o universo interior dos filhos que o procuram, apresentando casos que mostram incoerências na busca por proteção espiritual.



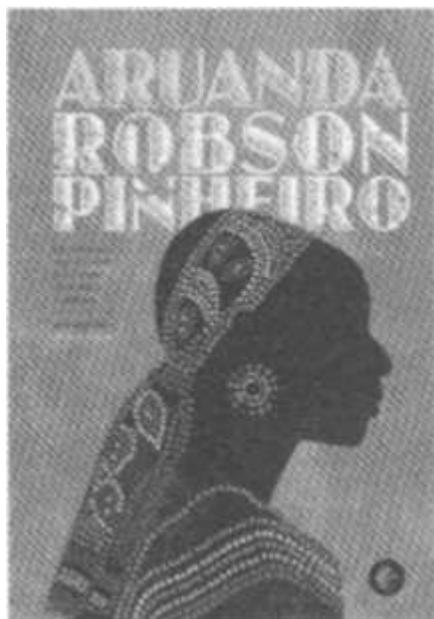
ISBN: 978-85-99818-11-4 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2004 • 245 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

ARUANDA | *Coleção Segredos de Aruanda, vol. 2*

UM ROMANCE ESPÍRITA SOBRE PAIS-VELHOS, ELEMENTAIS E CABOCLOS

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Por que as figuras do negro e do indígena – pretos-velhos e caboclos –, tão presentes na história brasileira, incitam controvérsia no meio espírita e espiritua-  
lista? Compreenda os acontecimentos que deram origem à umbanda, sob a ótica  
espírita. Conheça a jornada de espíritos superiores para mostrar, acima de tudo,  
que há uma só bandeira: a do amor e da fraternidade.



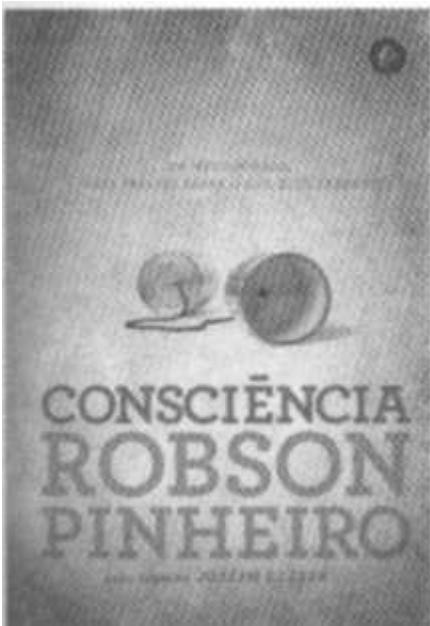
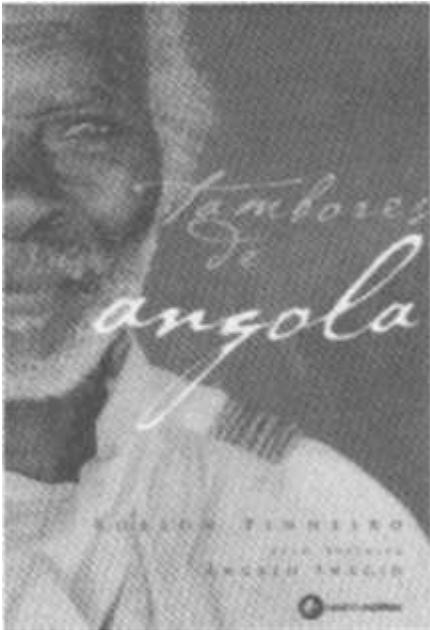
ISBN: 978-85-87781-21-5 • ROMANCE MEDIÚNICO • 1998 • 256 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

TAMBORES DE ANGOLA | *Coleção Segredos de Aruanda, vol. 1*

A ORIGEM HISTÓRICA DA UMBANDA E DO ESPIRITISMO.

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Uma visita a bases das trevas e a uma agência de vinganças do umbral.  
O magnetismo como poderosa ferramenta para desequilibrar consciências  
e observará o trabalho redentor dos espíritos – índios, negros, soldados, médi-  
cos – e de médiuns que enfrentam o mal com determinação e coragem.  
A primeira obra espírita a mostrar a origem histórica e as diferenças entre  
umbanda e espiritismo, respeitosamente.



---

ISBN: 978-85-99818-06-0 • SAÚDE E MEDIUNIDADE • 2007 • 288 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

Já pensou entrevistar um espírito a fim de saciar a sede de conhecimento sobre mediunidade? Nós pensamos. Mais do que saciar, Joseph Gleber instiga ao tratar de materialização, corpo mental, obsessões complexas e apometria, além de animismo – a influência da alma do médium na comunicação –, que é dos grandes tabus da atualidade.

---

---

ISBN: 978-85-99818-13-8 • SAÚDE E MEDIUNIDADE • 2003/2011 • 320 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Joseph Gleber*

CONSCIÊNCIA

EM MEDIUNIDADE, VOCÊ PRECISA SABER O QUE ESTÁ FAZENDO

1997 • 254 PÁGS.

ISBN: 978-85-87781-25-3 • SAÚDE E MEDIUNIDADE •  
CAPA DURA E EM CORES • 17 X 24CM

MEDICINA DA ALMA

SAÚDE E MEDICINA NA VISÃO ESPÍRITA

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Joseph Gleber*

Com a experiência de quem foi físico nuclear e médico, o espírito Joseph Gleber, desencarnado no Holocausto e hoje atuante no espiritismo brasileiro, disserta sobre a saúde segundo o paradigma holístico, enfocando o ser humano na sua integralidade. Edição revista e ampliada, totalmente em cores, com ilustrações inéditas, em comemoração aos 150 anos do espiritismo [1857-2007].



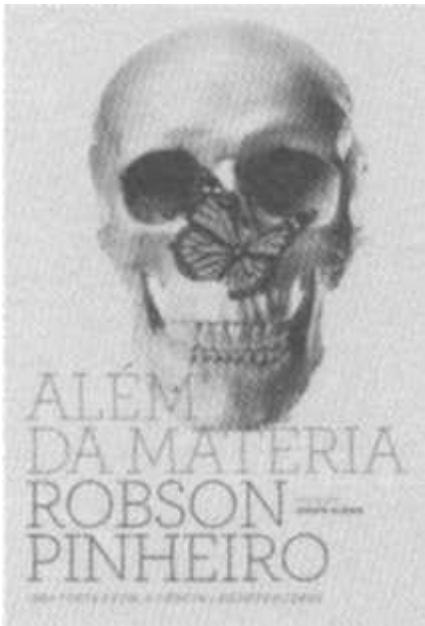
dos estados energéticos em seu bem-estar, que lhe trará maior entendimento sobre sua própria saúde. Físico nuclear e médico que viveu na Alemanha, o espírito Joseph Gleber apresenta mais uma fonte de autoconhecimento e reflexão.

#### ALÉM DA MATÉRIA

PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA E ESPIRITUALIDADE

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Joseph Gleber*

Exercitar a mente, alimentar a alma. Além da matéria é uma obra que une o conhecimento espírita à ciência contemporânea. Um tratado sobre a influência

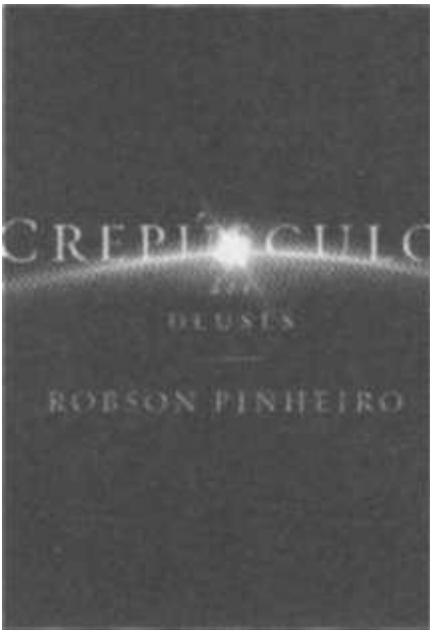


---

---

---

ISBN: 978-85-99818-09-1 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2002 • 403 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM



## O FIM DA ESCURIDÃO

### REURBANIZAÇÕES EXTRAFÍSICAS

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Os espíritos milenares que se opõem à política divina do Cordeiro – do *amai-vos uns aos outros* – enfrentam neste exato momento o fim de seu tempo na Terra. É o sinal de que o juízo se aproxima, com o desterro daquelas almas que não querem trabalhar por um mundo baseado na ética, no respeito e na fraternidade.

## CREPÚSCULO DOS DEUSES

### UM ROMANCE HISTÓRICO SOBRE A VINDA DOS HABITANTES DE CAPELA PARA A TERRA

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

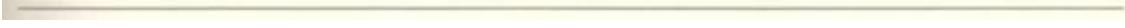
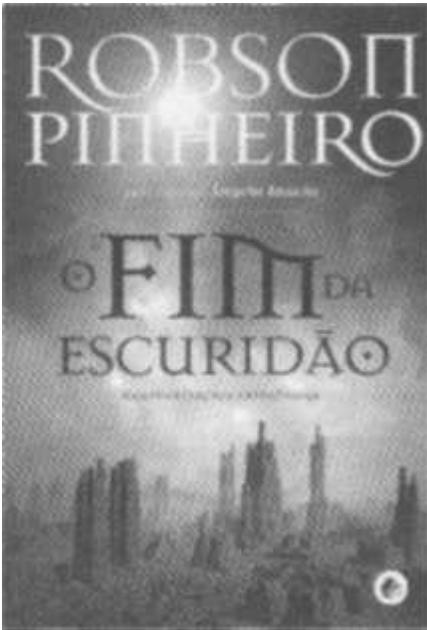
Extraterrestres em visita à Terra e a vida dos habitantes de Capela ontem e hoje. A origem dos dragões – espíritos milenares devotados ao mal –, que guarda ligação com acontecimentos que se perdem na eternidade. Um romance histórico que mistura CIA, FBI, ações terroristas e lhe coloca frente a frente com o iminente êxodo planetário: o juízo já começou.

## APOCALIPSE

### UMA INTERPRETAÇÃO ESPÍRITA DAS PROFECIAS

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Estêvão*

O livro profético como você nunca viu. O significado das profecias contidas no livro mais temido e incompreendido do Novo Testamento, analisado de acordo com a ótica otimista que as lentes da doutrina espírita proporcionam. O autor desconstrói as imagens atemorizantes das metáforas bíblicas e as decodifica.



ISBN: 978-85-99818-08-4 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2010 • 640 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

A MARCA DA BESTA | *Trilogia O Reino das Sombras, vol. 3*  
ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Se você tem coragem, olhe ao redor: chegaram os tempos do fim. Não o famigerado fim do mundo, mas o fim de um tempo — para os dragões, para o império da maldade. E o início de outro, para construir a fraternidade e a ética. Um romance, um testemunho de fé, que revela a força dos guardiões, emissários do Cordeiro que detêm a propagação do mal. Quer se juntar a esse exército? A batalha já começou.



ISBN: 978-85-87781-31-4 • AUTOCONHECIMENTO • 2008 • 676 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

SENHORES DA ESCURIDÃO | *Trilogia O Reino das Sombras, vol. 2*  
ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Das profundezas extrafísicas, surge um sistema de vida que se opõe às obras da civilização e à política do Cordeiro. Cientistas das sombras querem promover o caos social e ecológico para, em meio às guerras e à poluição, criar condições de os senhores da escuridão emergirem da subcrosta e conduzirem o destino das nações. Os guardiões têm de impedi-los, mas não sem antes investigar sua estratégia.



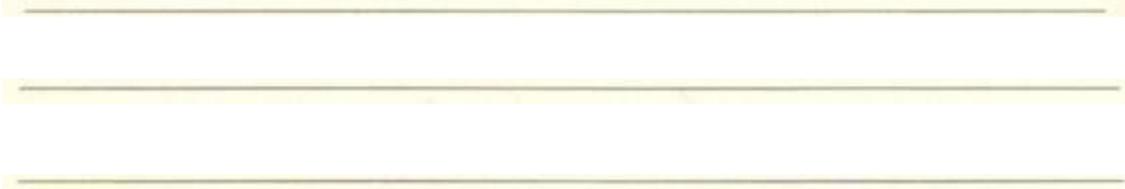
ISBN: 978-85-99818-19-0 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2006 • 502 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

LEGIÃO | *Trilogia O Reino das Sombras, vol. 1*

UM OLHAR SOBRE O REINO DAS SOMBRAS

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Veja de perto as atividades dos representantes das trevas, visitando as regiões subcrustais na companhia do autor espiritual. Sob o comando dos dragões, espíritos milenares e voltados para o mal, magos negros desenvolvem sua atividade febril, organizando investidas contra as obras da humanidade. Saiba como os guardiões enfrentam esses e outros personagens reais e ativos no mundo astral.



ISBN: 978-85-87781-17-8 • JESUS E O EVANGELHO • 2005 • 208 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM



## MULHERES DO EVANGELHO

E OUTROS PERSONAGENS TRANSFORMADOS PELO ENCONTRO COM JESUS

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Estêvão*

A saga daqueles que tiveram suas vidas transformadas pelo encontro com Jesus, contadas por quem viveu na Judeia dos tempos do Mestre. O espírito Estêvão revela detalhes de diversas histórias do Evangelho, narrando o antes, o depois e o que mais o texto bíblico omitiu a respeito da vida de personagens que cruzaram os caminhos do Rabi da Galileia.

ISBN: 978-85-99818-23-7 • AUTOCONHECIMENTO • 2012 • 368 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

## PELAS RUAS DE CALCUTÁ

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Teresa de Calcutá*

"Não são palavras delicadas nem, tampouco, a repetição daquilo que você deseja ouvir. Falo para incomodar". E é assim, presumindo inteligência no leitor, mas também acomodação, que Teresa retoma o jeito contundente e controvertido e não poupa a prática cristã de ninguém, nem a dela. Duvido que você possa terminar a leitura de *Pelas ruas de Calcutá* e permanecer o mesmo.



• 2000 • 200 PÁGS. • BROCHURA COM SOBRECAPA EM

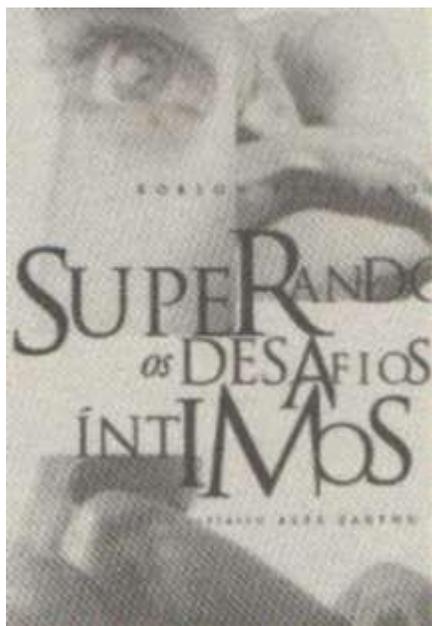
ISBN: 978-85-87781-24-6 • AUTOCONHECIMENTO  
PAPEL VEGETAL COLORIDO • 14 X 21CM

SUPERANDO OS DESAFIOS ÍNTIMOS

A NECESSIDADE DE TRANSFORMAÇÃO INTERIOR

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Alex Zarthú*

No corre-corre das cidades, a angústia e a ansiedade tornaram-se tão comuns que parecem normais, como se fossem parte da vida humana na era da informação; quem sabe um preço a pagar pelas comodidades que os antigos não tinham? A serenidade e o equilíbrio das emoções são artigos de luxo, que pertencem ao passado. Essa é a realidade que temos de engolir? É hora de superar desafios íntimos.





---

ISBN: 978-85-87781-35-2 • ROMANCE MEDIÚNICO • 1998 • 264 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

### SOB A LUZ DO LUAR

UMA MÃE NUMA JORNADA PELO MUNDO ESPIRITUAL

ROBSON PINHEIRO *pelos espíritos de sua mãe Everilda Batista*

Um clássico reeditado, agora em nova edição revista. Assim como a Lua, Everilda Batista ilumina as noites em ajuda às almas necessitadas e em desalento. Participando de caravanas espirituais de auxílio, mostra que o aprendizado é contínuo, mesmo depois desta vida. Ensina que amar e servir são, em si, as maiores recompensas da alma. E que isso é a verdadeira evolução.

ISBN: 978-85-87781-03-1 • ROMANCE MEDIÚNICO • 1995/2002 • 230 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

## CANÇÃO DA ESPERANÇA

DIÁRIO DE UM JOVEM QUE VIVEU COM AIDS

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Franklim*

O depoimento de um jovem que viveu com aids e suas descobertas ao chegar ao plano espiritual. A visita à Crosta e a atuação junto aos encarnados, inclusive num caso de implante de larvas astrais no corpo espiritual. Uma narrativa cheia de otimismo, que ajudará você a encontrar mais sentido na vida. Prefácio pelas mãos de Chico Xavier.



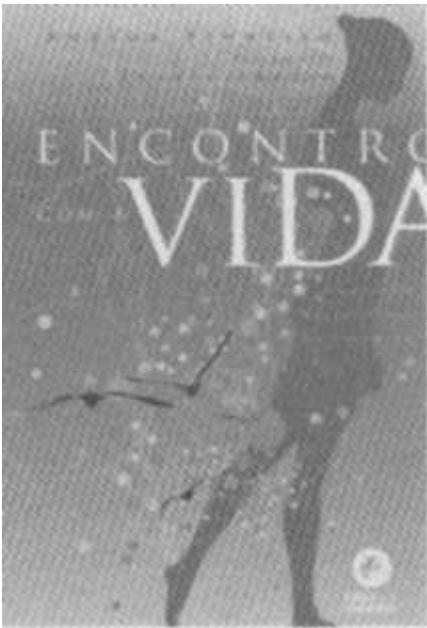
ISBN: 978-85-87781-20-8 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2001 • 278 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

## ENCONTRO COM A VIDA

UMA JOVEM. MUITAS VIDAS. UM ENCONTRO

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Ângelo Inácio*

Uma história de fé: na vida, na força de recomeçar, no poder que a oração sentida tem de ultrapassar barreiras religiosas ou de qualquer natureza. Conheça Joana Gomides, que emerge das drogas com a ajuda dos espíritos e o fervor sincero de sua mãe numa igreja evangélica.



---

---

---

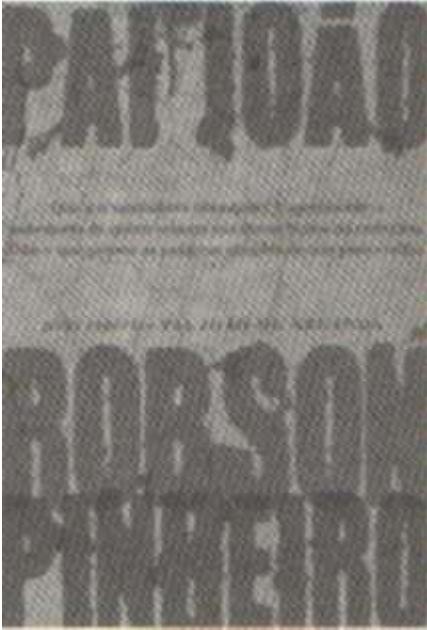
ISBN: 978-85-87781-37-6 • AUTOCONHECIMENTO • 2005 • 256 PÁGS. • BROCHURA COM CAIXA • 16 X 23CM

**PAI JOÃO**

**LIBERTAÇÃO DO CATIVEIRO DA ALMA**

**ROBSON PINHEIRO** *pelo espírito Pai João de Aruanda*

Estamos preparados para abraçar o diferente? Qual a sua disposição real para escolher a companhia daquele que não comunga os mesmos ideais que você e com ele desenvolver uma relação proveitosa e pacífica? Se sente a necessidade de empreender tais mudanças, matricule-se na escola de Pai João. E venha aprender a verdadeira fraternidade. Dão o que pensar as palavras simples de um preto-velho.



SABEDORIA DE PRETO-VELHO

REFLEXÕES PARA A LIBERTAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Pai João de Aruanda*

Ainda se escutam os tambores ecoando em sua alma; ainda se notam as marcas das correntes em seus punhos. Sinais de sabedoria de quem soube aproveitar as lições do cativo e elevar-se nas asas da fé e da esperança. Pensamentos, estórias, cantigas e conselhos na palavra simples de um pai-velho. Experimente sabedoria, experimente Pai João de Aruanda.

AUTOCONHECIMENTO • 2003 • 187 PÁGS. • BROCHURA COM ACABAMENTO EM

ISBN: 978-85-99818-05-3

ACETATO • 16 X 23CM

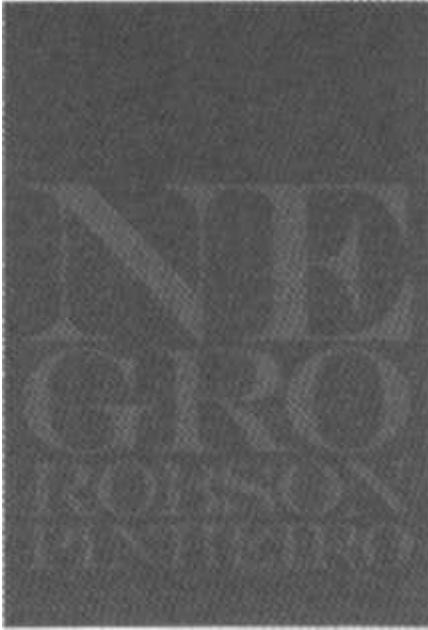


ISBN: 978-85-99818-14-5 • AUTOCONHECIMENTO • 2011 • 256 PÁGS. • CAPA DURA • 16 X 23CM

## NEGRO

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Pai João de Aruanda*

A mesma palavra para duas realidades diferentes. Negro. De um lado, a escuridão, a negação da luz e até o estigma racial. De outro, o gingado, o saber de um povo, a riqueza de uma cultura e a história de uma gente. Em Pai João, a sabedoria é negra, porque nascida do cativo; a alma é negra, porque humana – mistura de bem e mal. As palavras e as lições de um negro-velho, em branco e preto.



IS :



ISBN: 978-85-99818-07-7 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2004 • 181 PÁGS. • BROCHURA • 14 X 21CM

**FAZ PARTE DO MEU SHOW**

**A TRAJETÓRIA DE UM ARTISTA EM BUSCA DE SI MESMO**

**ROBSON PINHEIRO** *orientado pelo espírito Ângelo Inácio*

Um livro que fala de coragem, de arte, de música da alma, da alma do rock e do rock das almas. Deixe-se encantar por quem encantou multidões. Rebeldia somada a sexo, drogas e muito *rock'n'roll* identificam as pegadas de um artista que curtiu a vida do seu jeito: como podia e como sabia. Orientado pelo autor de *A marca da besta*.



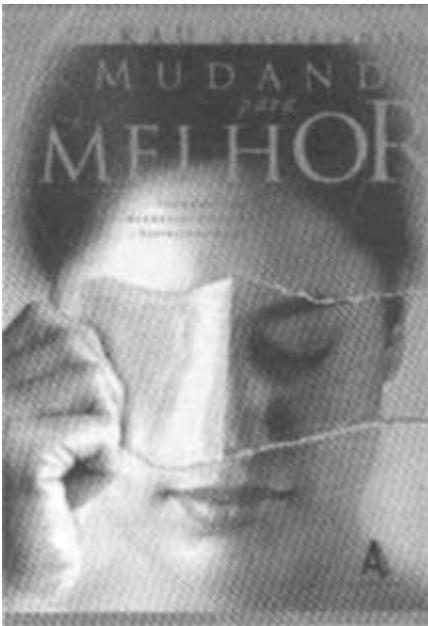
ISBN: 978-85-99818-01-5 • AUTOAJUDA • 2006 • 204 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

## MUDANDO PARA MELHOR

PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA E ESPIRITUALIDADE

KAU MASCARENHAS

Que ferramentas utilizar para promover o autodescobrimento e o desenvolvimento espiritual? Como aprender a mudar sem traumas, tirando proveito do dinamismo inerente à vida? A programação neurolinguística – PNL – é poderoso instrumento para o autoconhecimento e a transformação. Traz práticas, ilustrações, metáforas e poesias do autor, que ministra formações em PNL desde o ano 2000.



ISBN: 978-85-99818-20-6 • AUTOAJUDA • 2011 • 176 PÁGS. • CAPA FLEXIVEL • 16 X 23CM

VOCÊ COM VOCÊ

MARCOS LEÃO *pelo espírito Calunga*

Palavras dinâmicas, que orientam sem pressionar, que incitam à mudança sem engessar nem condenar, que iluminam sem cegar. Deixam o gosto de uma boa conversa entre amigos, um bate-papo recheado de humor e cheiro de coisa nova no ar. Calunga é sinônimo de irreverência, originalidade e descontração.

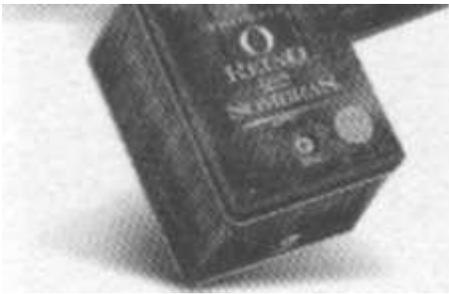


exemplares.

ISBN: 978-85-99819-15-2 • ROMANCE MEDIÚNICO • 2011 • LATA COM *LEGIÃO*, *SENHORES DA ESCURIDÃO*, *A MARCA DA BESTA* E CD CONTENDO ENTREVISTA COM O AUTOR • 16 X 23CM

**TRILOGIA O REINO DAS SOMBRAS** | Edição definitiva  
ROBSON PINHEIRO pelo espírito *Ângelo Inácio*

As sombras exercem certo fascínio, retratado no universo da ficção pela beleza e juventude eterna dos vampiros, por exemplo. Mas e na vida real? Conheça a saga dos guardiões, agentes da justiça que representam a administração planetária. Edição de luxo acondicionada em lata especial. Acompanha entrevista com Robson Pinheiro, em cd inédito, sobre a trilogia que já vendeu 200 mil



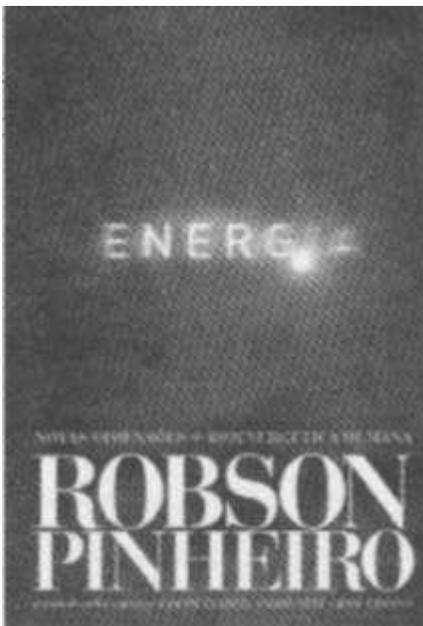
ISBN: 978-85-99818-02-2 • SAÚDE E MEDIUNIDADE • 2008 • 238 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

## ENERGIA

NOVAS DIMENSÕES DA BIOENERGÉTICA HUMANA

ROBSON PINHEIRO *sob orientação dos espíritos Joseph Cleber e André Luiz*

Numa linguagem clara e direta, o médium Robson Pinheiro faz uso de sua experiência de mais de 25 anos como terapeuta holístico para ampliar a visão acerca da saúde plena, necessariamente associada ao conhecimento da realidade energética. Anexo com exercícios práticos de revitalização energética, ilustrados passo a passo.



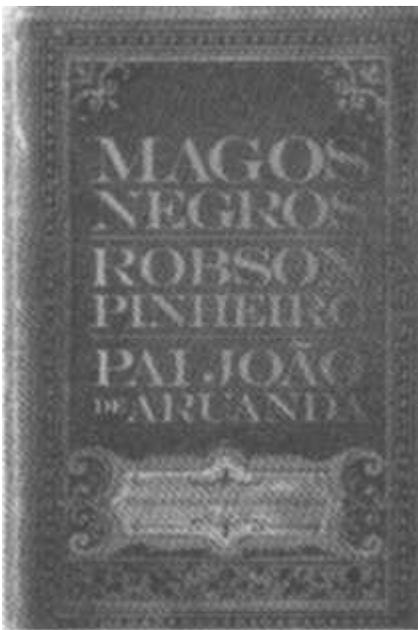
ISBN: 978-85-99818-10-7 • AUTOCONHECIMENTO • 2011 • 394 PÁGS. • CAPA DURA • 16 X 23CM

## MAGOS NEGROS

MAGIA E FEITIÇARIA SOB A ÓTICA ESPÍRITA

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Pai João de Aruanda*

O Evangelho conta que Jesus amaldiçoou uma figueira, que dias depois secou até a raiz. Por qual razão a personificação do amor teria feito isso? Você acredita em feitiçaria? – eis a pergunta comum. Mas será a pergunta certa? Pai João de Aruanda, pai-velho, ex-escravo e líder de terreiro, desvenda os mistérios da feitiçaria e da magia negra, do ponto de vista espírita.



ISBN: 978-85-99818-22-0 • AUTOCONHECIMENTO • 2004/2012 • 208 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

### OS DOIS LADOS DO ESPELHO

ROBSON PINHEIRO, *editado por Leonardo Möller*

Às vezes, o contrário pode ser certo. Questione, duvide, reflita. Amplie a visão sobre a vida e sobre sua evolução espiritual. Accite enganos, trabalhe fraquezas. Não desvie o olhar de si mesmo. Descubra seu verdadeiro reflexo, dos dois lados do espelho. Everilda Batista, pelas mãos de seu filho Robson Pinheiro. Lições da mãe e da mulher, do espírito e da serva do Senhor. Uma amiga, uma professora nos dá as mãos e nos convida a pensar.

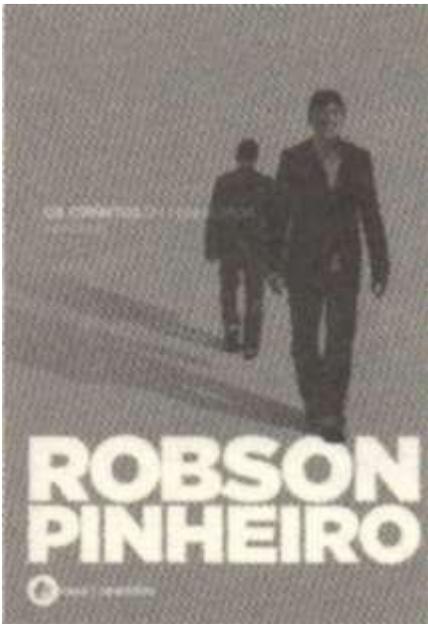


ISBN: 978-85-87781-32-1 • MEMÓRIAS • 2008 • 380 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

### OS ESPÍRITOS EM MINHA VIDA

ROBSON PINHEIRO, *editado por Leonardo Möller*

Relacionar-se com os espíritos. Isso é mediunidade, muito mais do que simples fenômenos. A trajetória de um médium e sua sintonia com os Imortais. As histórias, as experiências e os espíritos na vida de Robson Pinheiro. Inclui CD: os espíritos falam na voz de Robson Pinheiro: Joseph Gleber, José Grosso, Palminha, Pai João de Aruanda, Zezinho e Exu Veludo.

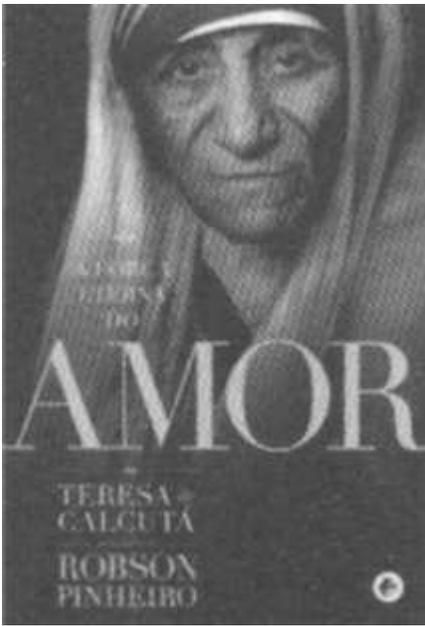


ISBN: 978-85-87781-38-3 • AUTOCONHECIMENTO • 2009 • 318 PÁGS. • BROCHURA • 16 X 23CM

### A FORÇA ETERNA DO AMOR

ROBSON PINHEIRO *pelo espírito Teresa de Calcutá*

"O senhor não daria banho em um leproso nem por um milhão de dólares? Eu também não. Só por amor se pode dar banho em um leproso." Cidadã do mundo, grande missionária, Nobel da Paz, figura inspiradora e controvertida. Desconcertante, veraz, emocionante: esta é Teresa. Se você a conhece, vai gostar de saber o que pensa; se ainda não, prepare-se, pois vai se apaixonar. Pela vida.





### **Responsabilidade Social**

A CASA DOS ESPÍRITOS nasceu, na verdade, como um braço da Sociedade Espírita Everilda Batista, instituição beneficente situada em Contagem, MG. Alicerçada nos fundamentos da doutrina espírita, expostos nos livros de Allan Kardec, a Casa de Everilda sempre teve seu foco na divulgação das idéias espíritas, apresentando-as como caminho para libertar a consciência e promover o ser humano. Romper preconceitos e tabus, renovando e transformando a visão da vida: eis a missão que a cumpre com cursos de estudo do espiritismo, palestras, tratamentos espirituais e diversas atividades, todas gratuitas e voltadas para o amparo da comunidade. Eis também os princípios que definem a linha editorial da Casa dos Espíritos. É por isso que, para nós, responsabilidade social não é uma iniciativa isolada, mas um compromisso crucial, que está no DNA da empresa. Hoje, ambas instituições integram, juntamente com a Clínica Holística Joseph Gleber e a Aruanda de Pai João, o projeto denominado Universidade do Espírito de Minas Gerais — UniSpiritus —, voltado para a educação em bases espirituais ([www.everildabatista.org.br](http://www.everildabatista.org.br)).



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



**casadosespíritos**

**Faca seu cadastro**

3

Faça seu cadastro e fique por dentro da Casa dos Espíritos. Você será informado

sobre últimos lançamentos, promoções e eventos da Editora,  
acompanhará a

agenda dos autores e muito mais.

Basta preencher este formulário e enviá-lo por fax ou correio. Se  
preferir,

acesse [www.casadosespiritos.com.br](http://www.casadosespiritos.com.br) e cadastre-se em nosso site ou  
mande um

e-mail para [editora@casadosespiritos.com.br](mailto:editora@casadosespiritos.com.br).

Aproveite este espaço para sugerir, dar toques e apontar caminhos.  
Vale até

reclamar — ou fazer um elogio! Sua contribuição será ouvida com a  
atenção que

merece.

N o m e

Logradouro.

compl.:

Bairro

Cidade

Estado

# CEP

País

Tel. ( )

Nascimento

E-mail



---

---

---

---

Você é espírita?  Sim  Não

Frequenta alguma instituição?  Sim  Não

Se quiser cadastrá-la, anote aqui os dados da instituição:

Nome \_\_\_\_\_

Logradouro \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ compl.: \_\_\_\_\_

Bairro \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_

Estado \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_ País \_\_\_\_\_

Tel. ( ) \_\_\_\_\_

E-mail \_\_\_\_\_

Se quiser fazer mais comentários,  
escreva-nos: [editora@casadosespiritos.com.br](mailto:editora@casadosespiritos.com.br)

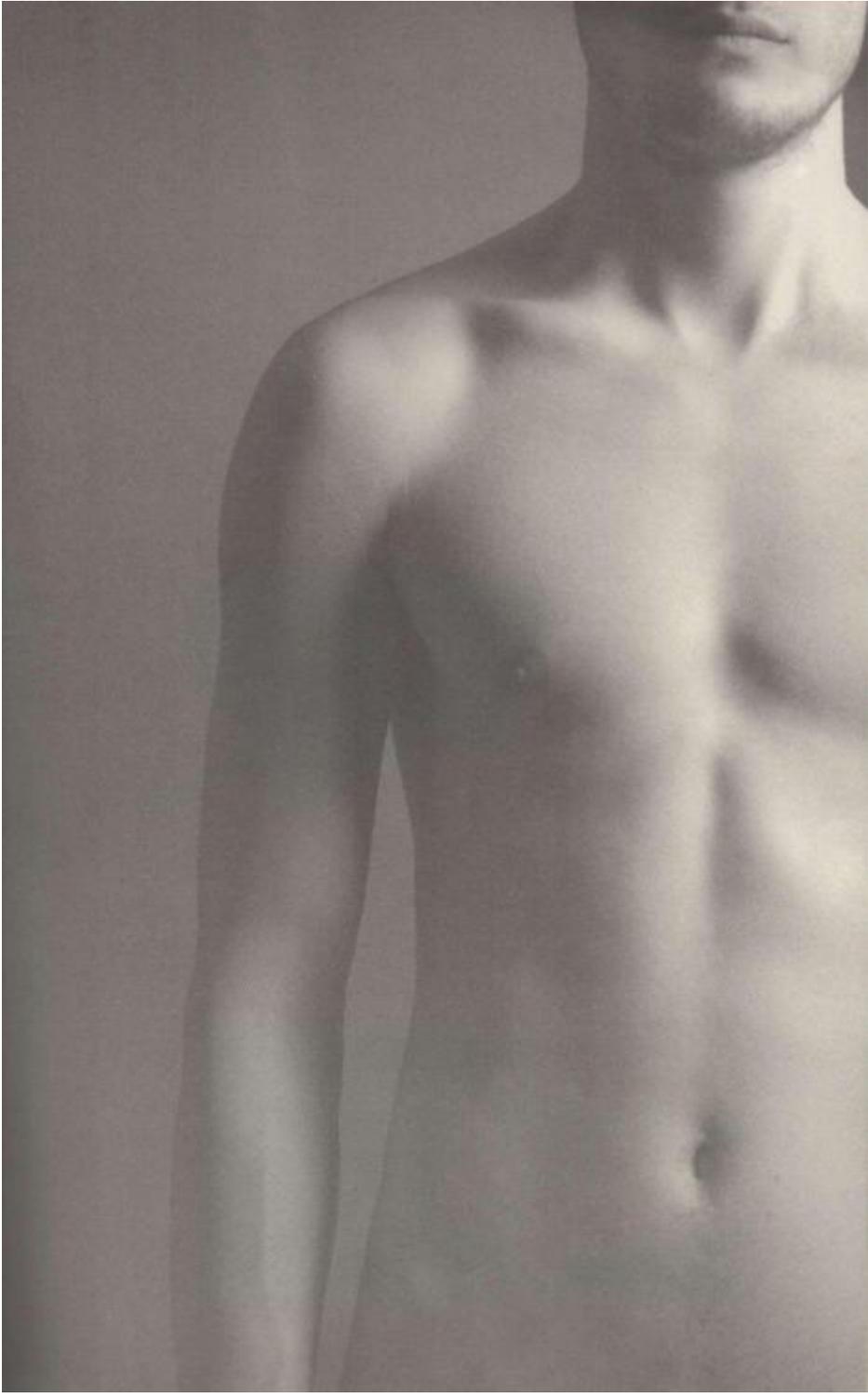
E qual avaliação faz dele?

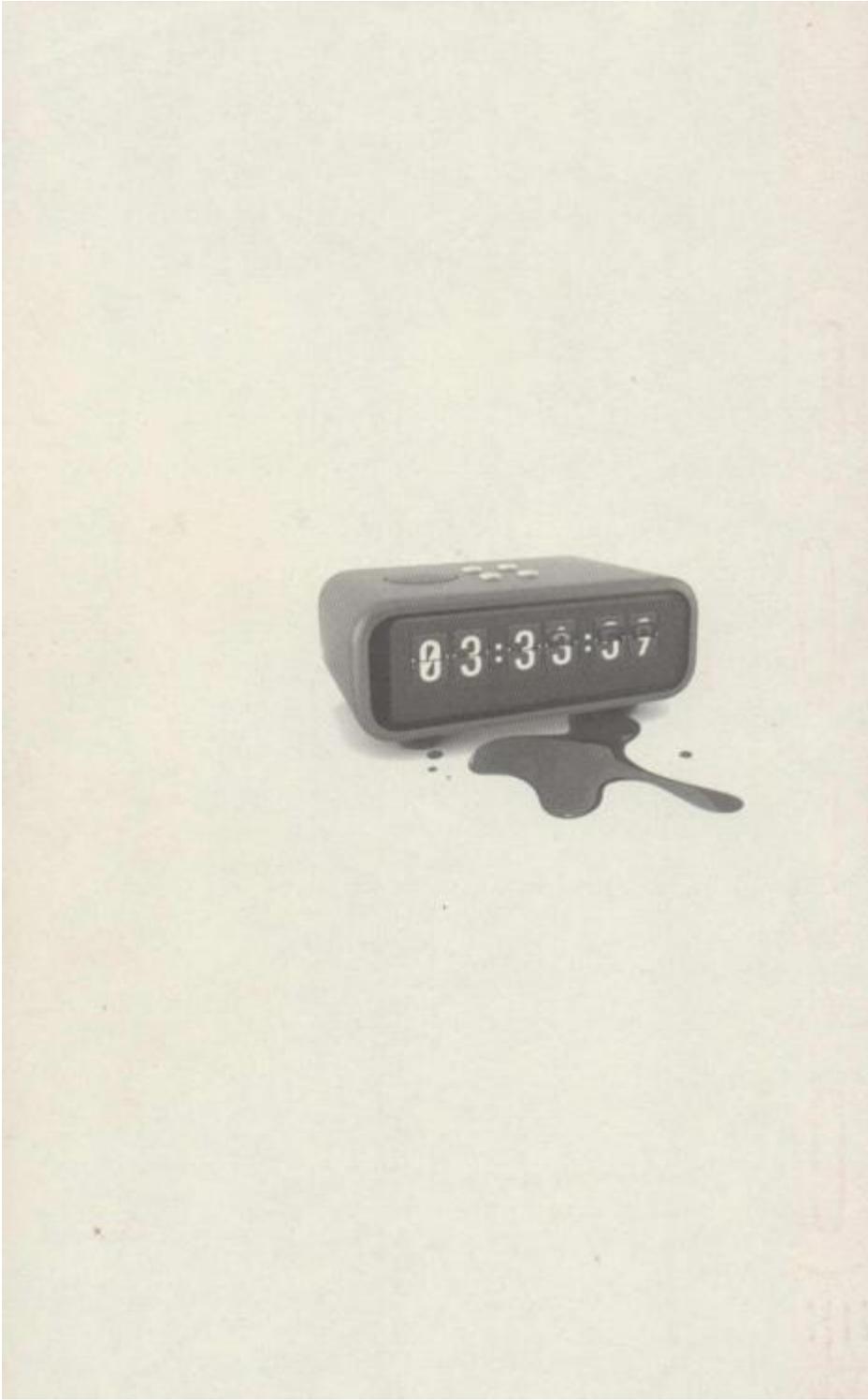
Excelente  Muito bom  Bom  Regular  Ruim

Por quê?

Qual livro você acabou de ler?







UM GRITO EM FAVOR DA LIBERDADE,  
um convite a rever valores, a assumir  
um ponto de vista diferente,  
sem preconceitos nem imposições,  
sobretudo em matéria de sexualidade.  
Este é um livro dirigido a todos  
os gêneros. Principalmente àqueles  
que estão preparados para ver  
espiritualidade em todo comportamento  
humano. É um livro escrito com coração,  
sensibilidade, respeito e cor.  
Com todas as cores do arco-íris.

---

ROBSON PINHEIRO é mineiro, filho de Everilda Batista. Em 1989, ela escreve por intermédio de Chico Xavier: "Meu filho, quero continuar meu trabalho através de suas mãos". É autor de mais de 30 livros, quase todos de caráter mediúnico. Fundou e dirige a Casa de Everilda Batista desde 1992, que integra a Universidade do Espírito de Minas Gerais. Em 2003, tornou-se Cidadão Honorário de Belo Horizonte.



ISBN 978-85-99818-24-4



9 788599 818244

casadosespíritos



# O PRÓXIMO MINUTO

# ROBSON PINHEIRO

PELO ESPÍRITO ÂNGELO INÁCIO